

M

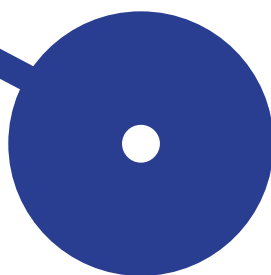
MESTRADO

PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

**"A INFLUÊNCIA DO
PATRIMÓNIO NATURAL PARA
O DESENVOLVIMENTO DA
CITÂNIA DE SANFINS: uma
proposta e contributos"**

Ernesto dos Santos Gonçalves

07/2025



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Ernesto dos Santos Gonçalves

**A Influência do Património Natural para o Desenvolvimento da
Citânia de Sanfins: Uma proposta e contributos**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Património Artes e Turismo Cultural

Orientação: Prof.^a Doutora Maria de Fátima Lambert e Prof. Doutor Pedro Rodrigues

Porto, julho de 2025

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Ernesto dos Santos Gonçalves

**A Influência do Património Natural para o Desenvolvimento da
Citânia de Sanfins: Uma proposta e contributos**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Património Artes e Turismo Cultural

Orientação: Prof.^a Doutora Maria de Fátima Lambert e Prof. Doutor Pedro Rodrigues

Porto, julho de 2025

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação representa não apenas a conclusão de um ciclo académico, mas também o reflexo do apoio, dedicação e incentivo de muitas pessoas que, de forma direta ou indireta, estiveram ao meu lado ao longo deste percurso.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha esposa Ana e ao meu filho Gonçalo, pelo carinho, paciência e força que me deram nos momentos mais exigentes desta jornada. Sem o vosso suporte e compreensão, este trabalho não teria sido possível. Um agradecimento especial à minha família – ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã Carolina e ao meu irmão – pelo amor incondicional, pelos valores transmitidos e pelo apoio constante em todas as fases da minha vida.

Quero também deixar um profundo agradecimento ao meu amigo e colega de trabalho Luís Cunha, que, como biólogo e educador ambiental, me acompanhou incansavelmente no trabalho de campo, orientando-me na identificação das espécies e partilhando comigo dezenas de expedições realizadas na Citânia de Sanfins, e todas as fotos que me cedeste. A tua dedicação e amizade foram fundamentais.

Obrigado amigo João Santos pelas fotos que me cedeste, da biodiversidade da Citânia de Sanfins, para integrar no trabalho.

Ao Senhor Vereador da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, e amigo de longa data, Dr. Júlio Morais, agradeço o apoio institucional, a confiança e a motivação que sempre me transmitiu ao longo destes dois anos de trabalho e investigação.

Aos meus orientadores, Professora Doutora Maria de Fátima Lambert e Professor Doutor Pedro Rodrigues, expresso a minha sincera gratidão pela orientação rigorosa, pelos valiosos contributos científicos e pela disponibilidade constante para a discussão e melhoria deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus colegas do Município de Paços de Ferreira que colaboraram ativamente na concretização de diversas fases desta investigação: Sofia Margarida Martins, Juliana Moura,

Dr. José Vinha, Engenheira Rute Freitas, Iolanda Silva, Sr. Aquilino Tojal, Vera Moura e tantos outros que, com generosidade e espírito de equipa, me ajudaram sempre que necessário.

Por fim, deixo um reconhecimento especial a todos os professores do primeiro ano do Mestrado, que contribuíram para aprofundar o meu pensamento crítico e reforçar a motivação com que abracei esta dissertação. Em particular, agradeço ao Dr. Sérgio Veludo, Dr. Pedro Silva e Dr. Rui Teles, pela inspiração e pelos ensinamentos que levarei para a vida.

A todos, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho explora a importância do património natural como guardião da história e cultura da Citânia de Sanfins, um dos mais importantes sítios arqueológicos da cultura castreja no Noroeste Peninsular. A citânia, fundada no século I aC e ocupando cerca de 15 a 18 hectares numa colina de afloramentos graníticos, não foi apenas uma referência cultural e arqueológica, mas também um espaço onde a biodiversidade continua a desempenhar um papel crucial na vida dos seus habitantes.

Desde as atividades económicas, como a agricultura e a gestão de recursos naturais, até a organização social, o ambiente natural influenciou significativamente o desenvolvimento da citânia e a subsistência das comunidades que ali viveram. A relação entre a fauna e a flora locais e os povos da citânia reflete-se em tradições, usos sustentáveis dos recursos e práticas de subsistência.

Este estudo/tese pretende descrever e valorizar o património natural da Citânia de Sanfins ao desenvolver ferramentas que proporcionem uma experiência imersiva e educativa aos visitantes, incluindo mapas interpretativos da biodiversidade existente, uma aplicação com vídeos em 360°, painéis interativos e mini-guias. Através desta abordagem, o objetivo é destacar como o património natural pode ser uma porta de entrada para a compreensão da história deste local, promovendo a sua preservação e turismo sustentável.

Palavras-chave: Património Natural, Biodiversidade, Citânia de Sanfins, Cultura Castreja, Ecossistemas, Sustentabilidade, Conservação da Natureza.

ABSTRACT

This work aims to ascertain the importance of natural heritage as a guardian of the history and culture of the Citânia de Sanfins, one of the most significant archaeological sites regarding Castro culture in the northwest of the Iberian Peninsula. Founded in I b.C. and occupying around 15 to 18 hectares on a hill of granite outcrops, the Citânia was not only a cultural and archaeological reference but also a space where biodiversity continues to thrive and plays a crucial role in the life and identity of its former inhabitants.

From economic activities, such as agriculture and the management of natural resources, to social organization, the natural environment significantly influenced the development of the settlement and the subsistence of the communities that lived there. The relationship between the local fauna, flora and the people living in the Citânia de Sanfins is reflected in traditions, sustainable use of resources, and subsistence practices.

This dissertation aims to enhance the natural heritage of Citânia de Sanfins by developing tools that provide visitors with an immersive and educational experience, including interpretative biodiversity maps, a mobile app with 360° video, interactive panels, and mini-guides. Through this approach, the objective is to highlight how natural heritage can serve as a gateway to understanding the site's history, promoting its preservation and sustainable tourism.

Keywords: Natural Heritage, Biodiversity, Citânia de Sanfins, Castro Culture, Ecosystems, Sustainability, Nature Conservation.

LISTA DE TABELAS/ILUSTRAÇÕES/SIGLAS

Índice de figuras

Figura 1. Integração dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável no trabalho realizado nesta dissertação de Mestrado. Fonte: https://ods.pt/ . Gerado por I. A.	20
Figura 2 e 3: Localização da Citânia de Sanfins. Mapa Portugal.....	21
Figura 4: Assentamento castrejo na Citânia de Sanfins.....	22
Figura 5: Núcleos habitacionais. Autor: Nuno Martins.....	23
Figura 6: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.....	23
Figura 7: Panorâmica geral da organização social e arquitetónica da citânia.....	28
Figura 8: Zona de influência da Citânia de Sanfins.....	29
Figura 9: Planta do levantamento arqueológico e identificação dos achados. Autor: Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja. p 579.....	32
Figura 10: Panorâmica da localização da Citânia de Sanfins, noroeste peninsular.....	36
Figura 11: Ilustração do quotidiano castrejo. Autor: Município de Paços de Ferreira.....	40
Figura 12: Utensílios de uso doméstico.....	44
Figura 13: Gravura, em suporte granítico, esculpida com pico de ferro, com cena figurativa de caça ao veado..	46
Figura 14: utensílios de moagem e presas de gado.....	47
Figura 15: Estátua do Guerreiro.....	48
Figura 16: Ferramentas agrícolas.....	48
Figura 17: Exemplar de um anzol.....	49
Figura 18. Localização das estações de observação e transecto para a catalogação.....	53
Figura 19: Ilustração da ficha de campo para identificação da flora.....	57
Figura 20: Ilustração da ficha de campo para identificação da fauna.....	57
Figura 21: Mosaico fotográfico da flora inventariada na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes.....	73
Figura 22: Mosaico da fauna inventariada na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes.....	92
Figura 23: Mosaico dos macrofungos (cogumelos) inventariados na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes.....	109

Índice de gráficos

Gráfico 1: Número de espécies identificadas na Citânia de Sanfins.....	63
Gráfico 2: Diversidade de espécies por época fenológica: Diversidade específica absoluta e percentual.....	64
Gráfico 3: Diversidade grupos taxonómicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Primavera.....	65
Gráfico 4: Diversidade grupos taxonómicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Verão.....	66
Gráfico 5: Diversidade grupos taxonómicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Outono.....	67
Gráfico 6: Diversidade grupos taxonómicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Inverno.....	68

Índice de Tabelas

Tabela 1: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Flora e Macrofungos.....	62
Tabela 2: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Fauna.....	62
Tabela 3: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico do transeto e pontos de observação da Citânia de Sanfins.....	72

GLOSSÁRIO

Afloramento granítico – Formação rochosa que emerge naturalmente do solo, composta essencialmente por granito, muito comum em zonas montanhosas do Noroeste Peninsular e determinante na arquitetura castreja.

Anfíbios – Grupo de vertebrados que inclui sapos, rãs e salamandras. São bioindicadores da qualidade ambiental e foram registadas quatro espécies na Citânia de Sanfins.

Arbustos – Plantas lenhosas de pequeno a médio porte. Na Citânia de Sanfins, espécies como giestas, tojos e urzes tiveram importância ecológica e possivelmente medicinal.

Arqueologia – Ciência que estuda sociedades humanas do passado a partir de vestígios materiais. No contexto da tese, é central para compreender o legado castrejo da Citânia.

Balneário castrejo – Estrutura de banhos existente no interior da Citânia, alimentada por uma nascente, com provável função higiénica e ritual.

Biodiversidade – Variedade de espécies de seres vivos, incluindo flora, fauna e fungos, existentes num determinado ecossistema. É elemento chave na análise do território da Citânia de Sanfins.

Cultura castreja – Conjunto de traços culturais das populações que habitaram o Noroeste da Península Ibérica na Idade do Ferro. Caracteriza-se por povoamentos fortificados e uma forte relação com a natureza.

Ecossistema – Conjunto formado por comunidades de seres vivos e o meio físico onde vivem, interagindo de forma equilibrada. A Citânia de Sanfins é um exemplo de um ecossistema resiliente.

Epigenética paisagística – Expressão que remete para a influência da herança cultural e natural na permanência de traços de ocupação humana, mesmo após grandes transformações.

Espécie autóctone – Espécie nativa de uma determinada região, que evoluiu no território em equilíbrio com os seus ecossistemas.

Fauna – Conjunto de animais que habitam uma determinada região. Foram inventariadas 75 espécies na Citânia, incluindo invertebrados, aves e mamíferos.

Flora – Conjunto de espécies vegetais existentes numa região. Na Citânia, destacam-se carvalhos, pinheiros, sobreiros, urzes e plantas herbáceas com valor alimentar ou medicinal.

Geodiversidade – Diversidade de elementos geológicos (rochas, minerais, solos, formas de relevo) de uma área. Na Citânia, o granito é o principal elemento.

Inventariação – Processo sistemático de identificação e registo de espécies presentes num local, fundamental para o estudo do património natural.

Macrofungos – Fungos visíveis a olho nu, como os cogumelos. Foram registadas duas espécies na Citânia de Sanfins.

Muralhas – Estruturas defensivas que delimitavam os povoados castrejos. A Citânia apresenta quatro linhas de muralhas construídas com blocos graníticos.

ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) – Metas globais estabelecidas pela ONU para promover sociedades mais justas, sustentáveis e inclusivas. A tese contribui para os ODS 4, 11, 13 e 15.

Património cultural – Conjunto de bens materiais e imateriais que representam a identidade histórica de um povo ou território.

Património natural – Elementos da natureza com valor ecológico, científico ou simbólico. Inclui espécies, formações geológicas e paisagens.

Placas interpretativas – Elementos visuais instalados em campo para informar os visitantes sobre o património local, utilizados como ferramenta educativa e de valorização.

Plantas medicinais – Espécies vegetais com propriedades terapêuticas, tradicionalmente usadas para tratar doenças. Algumas, como urze ou malva, ainda são encontradas na Citânia.

PR1 – Pequena Rota da Citânia de Sanfins – Trilho de pequena rota que percorre a zona arqueológica e paisagística da Citânia, integrando pontos de interesse naturais e culturais.

Répteis – Vertebrados como lagartixas, cobras ou sardões. Oito espécies foram identificadas durante a investigação de campo.

Simbiose – Relação de benefício mútuo entre dois ou mais elementos. A tese analisa a simbiose entre o património natural e o cultural da Citânia de Sanfins.

Transeto – Linha imaginária ou real definida para observação e inventário sistemático de espécies numa determinada área.

Índice

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	26
1.1. PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL	26
1.1.1. A IMPORTÂNCIA DE CONCILIAR A PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS COM A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO.....	28
1.2. CITÂNIA DE SANFINS: A HISTÓRIA, OS DADOS ARQUEOLÓGICOS E A PAISAGEM CULTURAL.....	29
Biodiversidade no território de Paços de Ferreira.....	33
Estudos anteriores sobre a biodiversidade da Citânia de Sanfins e o seu estado atual de conservação.....	34
Breve caracterização do património natural do território de Paços de Ferreira.....	36
Flora.....	37
Fauna.....	38
Usos e costumes dos povos castrejos na Citânia de Sanfins	40
A biodiversidade na zona da Citânia de Sanfins.....	43
Utilização da fauna e flora	45
Interdependência com os Castros vizinhos.....	48
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	51
2.1. METODOLOGIA PARA A INVESTIGAÇÃO E ESTUDO.....	51
Enquadramento metodológico.....	53
Equipamento utilizado para inventariação e catalogação das espécies.....	54
2.2. METODOLOGIAS PARA INVENTARIAÇÃO E AMOSTRAGEM POR GRUPO BIOLÓGICO..	57
CAPÍTULO III: RESULTADOS.....	59
3.1. O CATÁLOGO DA BIODIVERSIDADE DA CITÂNIA DE SANFINS.....	59
Estrutura da ficha de espécie do catálogo	60
Tabela das espécies, por grupo biológico, inventariadas e catalogadas, na Citânia de Sanfins.....	69
A FLORA DA CITÂNIA DE SANFINS	72
Musgos e líquenes.....	75
Fetos.....	78
Plantas herbáceas (descrição das espécies).....	81

Arbustos (descrição por espécie).....	85
Árvores.....	88
FAUNA DA CITÂNIA DE SANFINS.....	91
Invertebrados (descrição por espécie).....	93
Anfíbios.....	97
Répteis.....	100
Aves.....	103
Mamíferos.....	106
MACROFUNGOS.....	109
3.2. SIMBIOSE ENTRE NATUREZA E CULTURA.....	112
Catálogo do Património Natural e Cultural da Citânia de Sanfins.....	115
Placas Interpretativas.....	116
Conteúdos Imersivos.....	116
CAPÍTULO IV – REFLEXÃO.....	118
4.1. PATRIMÓNIO NATURAL FAZ SURGIR UMA NOVA VIDA À CITÂNIA DE SANFINS.....	118
4.2. REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO INTEGRADA DO PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL.....	121
4.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA CITÂNIA DE SANFINS, TANTO DO PONTO DE VISTA AMBIENTAL COMO CULTURAL.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
CONCLUSÃO.....	125
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS.....	138
APÊNDICE.....	166
Catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins.....	170

INTRODUÇÃO

Há perguntas que nos acompanham desde sempre, silenciosas, mas persistentes, até ao dia em que ganham forma de investigação. Esta dissertação nasce de uma dessas perguntas: como foi possível viverem na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) cerca de 3.000 pessoas entre os séculos I a.C. e I d.C.? Como encontravam alimento, água, abrigo, cura, proteção e organização social num território hoje aparentemente inóspito, exposto, sem vales férteis nem rios de grande caudal? Como, enfim, a natureza que hoje contemplamos poderá ter sustentado uma das mais importantes comunidades castrejas do Noroeste Peninsular?

O interesse por esta questão nasce da minha experiência profissional como técnico de educação ambiental no Observatório Ambiental do Município de Paços de Ferreira, aliado à minha formação em Gestão do Património. Ao longo dos anos, fui acumulando curiosidade e perguntas durante as inúmeras visitas orientadas e atividades pedagógicas realizadas na Citânia de Sanfins. Crianças, jovens, adultos, professores, turistas – todos, de alguma forma, fazem a mesma pergunta: *Como era possível viver aqui?* A ausência de vales cultiváveis, a distância de rios navegáveis e a dureza do terreno tornam a resposta um desafio. Foi precisamente esse desafio – pessoal, profissional e académico – que me levou a propor esta dissertação no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural.

Assim, proponho neste trabalho investigar a influência do património natural para o desenvolvimento da Citânia de Sanfins, com base numa hipótese principal: a biodiversidade, a geologia, a água e a paisagem da Citânia foram determinantes para o estabelecimento, manutenção e sustentabilidade da comunidade castreja que ali habitou durante mais de dois séculos. Esta hipótese procura contrariar a visão compartimentada e excessivamente centrada no ramo da arqueologia com que, durante décadas, a Citânia foi estudada – privilegiando quase exclusivamente os aspetos arquitetónicos, defensivos e políticos, em detrimento da relação profunda, simbiótica e funcional que os povos antigos mantinham com o meio natural envolvente.

Os objetivos gerais desta dissertação passam por reconhecer, inventariar e valorizar o património natural da Citânia de Sanfins como elemento estrutural da sua história e identidade. De forma mais específica, propõe-se: (1) realizar um levantamento da flora e fauna autóctones atualmente presentes na Citânia; (2) cruzar esses dados com fontes históricas, etnográficas e arqueológicas;

(3) refletir sobre a persistência ecológica do território e as suas implicações para o modo de vida castrejo; (4) propor instrumentos de divulgação e valorização que integrem natureza e cultura numa visão comum de património.

As variáveis consideradas neste estudo incluem o afloramento granítico que domina a elevação da Citânia, a composição do solo, a sua exposição solar, a existência de uma nascente de água no interior das muralhas, a vegetação autóctone (com plantas comestíveis, aromáticas, medicinais e lenhosas) e a presença de diversas espécies animais, com potencial valor alimentar, medicinal ou simbólico. Tendo por base o levantamento da biodiversidade atual – que identificou 126 espécies de flora, fauna e fungos –, a investigação parte do princípio de que estas espécies, ou as suas antecessoras ecológicas, já estariam presentes há mais de dois mil anos e foram utilizadas pelas comunidades castrejas para alimentação, cura, confecção de ferramentas, práticas rituais e estruturação do território.

Esta leitura foi feita, sempre que possível, à luz de uma visão holística da paisagem, entendida não apenas como cenário natural, mas como construção simbólica e cultural. Neste sentido, foi particularmente inspiradora a abordagem desenvolvida pela Professora Doutora Maria de Fátima Lambert, orientadora desta dissertação, investigadora e curadora com vasta obra sobre a estética da paisagem e a sua dimensão poética, política e identitária. Tal como ensinou, não se pode compreender um território apenas com os olhos do arqueólogo ou do biólogo. É necessário também escutá-lo – como paisagem de memórias, silêncio e permanência.

Ao olharmos hoje para a envolvente da Citânia de Sanfins, deparámo-nos com uma paisagem alterada, marcada pela proliferação de espécies exóticas como o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e as acácias (*Acacia spp.*), que substituíram, em grande parte, a vegetação original. Essa transformação, longe de ser apenas estética ou ambiental, é também patrimonial, pois rompe com a leitura histórica e ecológica do sítio. A paisagem original castreja, rica em carvalhos, sobreiros, urzes, giestas e outras espécies autóctones, não só oferecia recursos práticos à comunidade, como estabelecia uma relação identitária com o território. Esta tese procura, assim, reconstituir essa paisagem invisível, cruzando dados arqueológicos, botânicos e geográficos para recuperar o modo como o património natural moldou a vida, os comportamentos, os rituais e os caminhos dos povos que ali habitaram.

A investigação desenvolveu-se através de uma metodologia mista, combinando observação direta, inventariação fotográfica e científica da biodiversidade, com um acompanhamento sistemático por parte do meu colega, biólogo, análise documental, recolha bibliográfica e cruzamento de dados provenientes de fontes como a Carta Geológica de Portugal, a Carta Militar do território e diversas monografias e guias científicos. Utilizaram-se também testemunhos de campo e referências especializadas, nomeadamente nas áreas da botânica (com destaque para os trabalhos de Fernanda Botelho sobre plantas comestíveis e medicinais) e da zoologia (através de muitos guias de campo utilizados em áreas naturais como a Mata do Buçaco ou o Parque Natural de Sintra-Cascais, entre muitas mais exemplares de guias de campo).

Durante o processo, enfrentei dificuldades relevantes: a ausência de estudos prévios sobre o património natural da Citânia; a escassez de registos específicos sobre a flora e fauna castreja na região; o acesso limitado a alguns dados técnicos; e a dificuldade de interpretar sinais atuais (pegadas, fossadas, latrinas, etc.) como evidência de práticas antigas. Mas estas dificuldades transformaram-se em oportunidades: permitiram-me construir um olhar novo, interdisciplinar, cruzando ecologia, história e património. Os principais riscos e ameaças enfrentados prendem-se com a invisibilidade do tema na investigação patrimonial, com a tendência para compartimentar o património natural e o cultural, e com a falta de estratégias articuladas de valorização integrada do sítio.

A presente dissertação estrutura-se da seguinte forma: a Introdução apresenta a motivação pessoal, a pergunta de partida, a hipótese, os objetivos e a metodologia da investigação, bem como o enquadramento geral do trabalho. O Capítulo I, desenvolve o enquadramento teórico, abordando os conceitos de património natural e cultural e a importância da sua preservação conjunta, com especial destaque para a Citânia de Sanfins e o seu enquadramento histórico, arqueológico e ecológico. O Capítulo II, expõe a metodologia utilizada na investigação, incluindo as abordagens e os métodos de inventariação por grupo biológico. O Capítulo III, apresenta os resultados do trabalho de campo, nomeadamente o catálogo da biodiversidade da Citânia de

¹ Botelho F. (2022). *Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas*. Coleção Paisagens Comestíveis. Lisboa.

Sanfins e os materiais de disseminação produzidos (placas interpretativas e conteúdos imersivos). O Capítulo IV, é dedicado à reflexão, abordando a interdependência entre natureza e cultura, a importância da preservação integrada e recomendações para a valorização do local. Seguem-se as Considerações Finais, que incluem um resumo dos principais resultados, recomendações futuras e sugestões para a gestão sustentável da Citânia de Sanfins. Por fim, o trabalho encerra com as Referências bibliográficas, Anexos, Apêndices e outros dados de apoio.

Este trabalho integra-se nos princípios da Agenda 2030 da UNESCO, contribuindo, de forma direta, para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 4 – Educação de Qualidade, ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, ODS 13 – Ação Climática e ODS 15 – Proteger a Vida Terrestre. Ao reconhecer a Citânia como espaço de aprendizagem, sustentabilidade, memória ecológica e património vivo, a presente dissertação assume-se como uma proposta de contributo para um novo olhar sobre o território: um olhar que vê, compreende e cuida, na convicção de que só conhecendo o passado natural podemos construir um futuro mais justo, equilibrado e sustentável.

Contributo da dissertação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

A presente dissertação, centrada na hipótese *“A influência do património natural para o desenvolvimento da Citânia de Sanfins: uma proposta e contributos”*, insere-se num paradigma contemporâneo que reconhece a importância da sustentabilidade como pilar essencial na preservação e valorização do património. Ao longo da investigação, tornou-se evidente que a proteção do património cultural só é verdadeiramente eficaz quando aliada à conservação do património natural – especialmente em contextos como o da Citânia de Sanfins, onde ambos coexistem e se influenciam mutuamente.

Neste enquadramento, o trabalho desenvolvido contribui de forma direta para a concretização de vários Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU:

- **ODS 4 – Educação de Qualidade**
A criação de materiais pedagógicos como o catálogo (mini-guia), as placas interpretativas e os conteúdos imersivos, promove o acesso a uma educação ambiental e patrimonial de base territorial. Estes recursos fomentam a literacia ecológica e histórica, tanto em contexto escolar como no turismo educativo.
- **ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis**
A valorização integrada da Citânia de Sanfins contribui para o fortalecimento da identidade local, do turismo responsável e da gestão participada do território. As propostas apresentadas favorecem o equilíbrio entre fruição pública e preservação dos recursos, promovendo comunidades mais conscientes e resilientes.
- **ODS 13 – Ação Climática**
A conservação da vegetação nativa e a proteção dos ecossistemas envolventes são fundamentais para mitigar os efeitos das alterações climáticas. A investigação alerta para a importância da biodiversidade local como regulador natural, defensor do solo e promotor de estabilidade ecológica.
- **ODS 15 – Proteger a Vida Terrestre**
O inventário realizado, que identificou 126 espécies entre flora, fauna e macrofungos, reforça a importância da Citânia como um reservatório de biodiversidade. A proposta de gestão integrada com base na conservação natural protege habitats e reforça a ligação entre património e vida selvagem.



Figura 1. Integração dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável no trabalho realizado nesta dissertação de Mestrado. Fonte: <https://ods.pt/>. Gerado por I. A.

Este alinhamento demonstra que a valorização da Citânia de Sanfins transcende o campo académico e pode assumir-se como um modelo replicável de desenvolvimento sustentável, onde a arqueologia, a biodiversidade e a educação convergem numa visão integrada e orientada para o futuro.

Caracterização da Citânia de Sanfins

A Citânia de Sanfins está situada na freguesia de Sanfins de Ferreira, a norte no concelho de Paços de Ferreira, e ocupa uma colina de afloramentos graníticos e declives acentuados. A plataforma central encontra-se a 570 metros de altitude, marcada pelo geodésico “citânia”, com as coordenadas 41° 19' 23" N e 8° 23' 12" O.

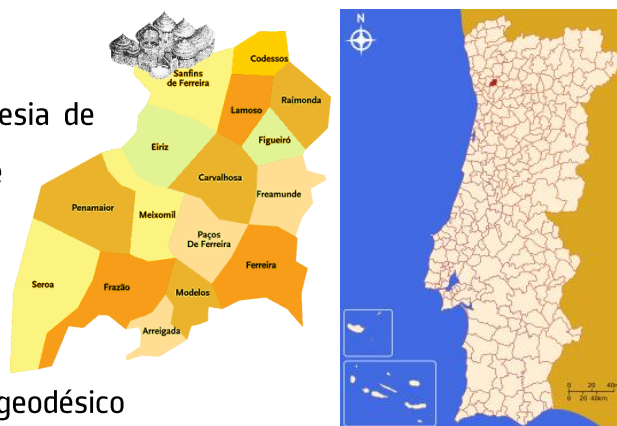


Figura 2 e 3: Localização da Citânia de Sanfins. Mapa Portugal.

A partir deste local, é possível apreciar uma vista panorâmica circular, que abrange uma área de mais de 50 km, incluindo a região de Entre-Douro-e-Minho. Dentro de um raio de 20 a 25 km, podem ser observadas as bacias dos rios Ave/Vizela e Sousa/Ferreira, com a Citânia de Briteiros a norte, Monte Mozinho a sul e o Castro de Alvarelhos a oeste. Também são visíveis as bacias do Alto Ferreira e Alto Leça, que incluem pontos como o concelho de Paços de Ferreira, Monte Córdova, Negrelos e Lustosa. Na área circundante da citânia, podem ser identificados acessos, fontes de água, cercas e locais de culto, como o Penedo das Ninfas² e a necrópole da época da romanização. Posteriormente, durante o período medieval, é edificada uma capela dedicada a São Romão³, documentada numa fase de ocupação datada da Baixa Idade Média “já sem qualquer relação de carácter cultural com a Citânia, a não ser como reconhecimento de uma ancestralidade”. (Silva, 1999)

² Silva, A. C. F. (1999) Citânia de Sanfins: museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, CM-Paços de Ferreira, p.64–65.

³ Capela de São Romão. Acedido a 01 de novembro de 2024. Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=55984>.

O professor, doutor e catedrático arqueólogo, da universidade FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Armando Coelho Ferreira da Silva, escreve na sua obra "Citânia de Sanfins: uma Capital Castreja"⁴, que "A Citânia de Sanfins é uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste Peninsular e da Proto-história europeia"⁵, demonstrando assim, e, perante os seus estudos e investigações sobre a cultura castreja no norte de Portugal, o carimbo bastião que este sítio cultural representa para a história ocidental, o desenvolvimento cultural e demográfico do país, e a identidade histórica do concelho de Paços de Ferreira, como berço de uma comunidade completamente enraizada com o seu legado e tradição.

A Citânia de Sanfins é fundada por volta do século I a.C. e ocupa cerca de 15 a 18 hectares. Embora existam indícios de ocupação desde o século V a.C., a "grande cidade" como fora também descrita, desenvolveu-se entre os séculos II e I a.C., durante o tempo dos Calaicos⁶. Estima-se que cerca de três mil pessoas tenham habitado esta citânia, com uma economia



Figura 3: Assentamento castrejo na Citânia de Sanfins.
Fonte: Google Earth. Autor Ernesto Gonçalves

focada no trabalho do ferro e uma forte vocação guerreira, enquanto atividades como a agricultura, pesca e outros ofícios eram realizadas em castros vizinhos, contudo, dependentes desta cidade.

A escolha deste local parece ter sido influenciada pelos eventos que sucederam à campanha militar de Décimo Júnio Bruto (138-136 a.C.), culminando na ocupação romana do Noroeste (29-19 a.C.), altura em que a citânia terá sido estabelecida como a capital dos povos Calaicos e Brácaros⁷, localizados na margem direita do Douro. É sugerido que a Citânia de Sanfins possa ter desempenhado um papel de capital administrativa por todo o noroeste peninsular.

⁴ Silva, A. C. F. (1998) Citânia de Sanfins: uma Capital Castreja. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

⁵ Silva, A. C. F. (1999) Citânia de Sanfins: museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, CM-Paços de Ferreira, p.5.

⁶ Povos Calaicos: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Galaicos_\(tribo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Galaicos_(tribo)).

⁷ Descrição de povos Brácaros. Acedido a 04 de novembro de 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Br%C3%A1caros>.

Foram identificados vestígios mais antigos que indicam uma ocupação pré-histórica, possivelmente datada do período calcolítico, e escavações recentes documentam que a área superior da colina foi habitada por uma pequena população entre os séculos V e III a.C., associada à unidade étnica dos *Fidueneas*, mencionada na epígrafe do "Penedo das Ninfas⁸" (Classificado como Imóvel de Interesse Público a 17 de abril de 1953), antecedendo o desenvolvimento da citânia.



Figura 4: Núcleos habitacionais. Autor: Nuno Martins

O grande aglomerado populacional da Citânia parece ter surgido através da fusão estratégica de várias comunidades vizinhas após a campanha de Décimo Júnio Bruto, tornando-se então a capital regional, que é o foco principal desta análise. Com as conquistas do Noroeste pelos exércitos de Augusto, a citânia transformou-se num castro menor, descrito como uma simples aldeia (*Kóma*) por Estrabão, restringida à plataforma protegida pela muralha central, onde ocorreu uma reorganização urbana significativa, com ênfase na metalurgia.

Durante o período das reformas flavianas (69–96 d.C.), a citânia entrou num período de declínio, com uma população cada vez mais reduzida, que se dedicava ao cultivo das terras circundantes, até o seu abandono por volta de meados do século IV d.C.



Figura 5: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Autor: Município de Paços de Ferreira

A presença de um cemitério cristão e da capela de São Romão sobre a sua necrópole evidencia uma fase da Baixa Idade Média, sem ligação direta ao passado ancestral da citânia, sendo os traços religiosos a principal evocação dessa época.

⁸ Penedo das Ninfas. Acedido a 04 de novembro. Disponível em: <https://www.cm-pacosdeferreira.pt/887/penedo-das-ninfas>.

Recentemente, o trabalho de instituições e arqueólogos como Martins Sarmiento e J. Leite de Vasconcelos, em especial o padre Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, e a continuidade deste esforço por parte de académicos da Universidade do Porto, fez da Citânia de Sanfins um dos mais importantes sítios arqueológicos da Península Ibérica.

Formulação da Tese

Poderá o património natural ter influenciado o desenvolvimento da Citânia de Sanfins ao ponto de ser considerado parte integrante do seu património cultural?

Esta interrogação orienta a presente investigação e parte do pressuposto de que o património natural não foi apenas o “cenário” da ocupação humana na Citânia de Sanfins, mas sim um fator determinante na sua escolha, evolução, permanência e, mais recentemente, na forma como é compreendida e valorizada.

A Citânia de Sanfins, localizada em Paços de Ferreira, é reconhecida como um dos mais relevantes povoados castrejos do noroeste peninsular. No entanto, a análise isolada da sua componente arqueológica não permite compreender totalmente a complexidade do lugar. O que está verdadeiramente em causa é a forma como a natureza e a cultura se entrelaçam num processo contínuo de coevolução. Neste sentido, importa questionar: de que modo os elementos naturais moldaram a ocupação humana, a arquitetura, as práticas sociais e até o imaginário simbólico das comunidades que ali viveram?

A escolha do monte para a implantação da citânia parece revelar uma criteriosa leitura da paisagem: elevação com valor estratégico, exposição solar favorável, presença de solos cultiváveis, fontes de água e abundância de flora e fauna autóctones. Esta seleção não foi aleatória, mas sim baseada numa íntima relação com os recursos naturais disponíveis. Os vestígios arqueológicos – 4 muralhas, 160 casas circulares e quadrangulares, socialcos, balneário

castrejo — estão profundamente adaptados à geografia local e demonstram um conhecimento empírico das características do meio.

Por outro lado, a permanência desta relação é visível ainda hoje. A área envolvente da Citânia de Sanfins, além de hoje em dia estar muito adulterada, devido ao imenso eucaliptal, entre outras plantas exóticas e posteriores ao período castrejo, que ali prolifera, mantém pequenos registos de áreas com vegetação autóctone, como pequenas manchas de carvalhos, sobreiros, pinheiros e outras plantas arbustivas como giestas, tojo e codessos, que não apenas reforçam a identidade visual do lugar, como também sustentam uma biodiversidade que ajuda a contar a sua história. As aves, os insetos, os vestígios de muitos outros animais, os sons naturais e os ciclos da paisagem contribuem para uma vivência sensorial do espaço, reaproximando as comunidades locais e os visitantes, das condições ambientais que outrora moldaram o quotidiano do povo castrejo, romano e medieval.

A partir desta hipótese central, a investigação para esta tese propõe-se explorar se é possível — e pertinente — considerar o património natural como um elemento ativo no processo de desenvolvimento da Citânia de Sanfins, e não apenas como um recurso passivo ou complementar. Esta perspetiva integradora convida a repensar modelos de valorização patrimonial, através de propostas que cruzem arqueologia, ecologia, turismo sustentável e educação ambiental, num esforço de conservação holística do território.

Assim, o património natural poderá ser entendido como guardião da memória histórica, e simultaneamente, como ferramenta para o futuro, reforçando a identidade, a ligação emocional e o valor educativo deste espaço único.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL

O conceito de património tem evoluído ao longo do tempo, acompanhando mudanças sociais, culturais e científicas. Tradicionalmente associado a monumentos, artefactos e locais de valor histórico ou artístico, o património passou a abranger também os elementos naturais — paisagens, espécies, ecossistemas — que têm valor intrínseco, científico, estético ou simbólico para as comunidades humanas⁹. Assim, podemos distinguir, de forma simplificada, dois grandes domínios: o património cultural e o património natural. No entanto, mais do que categorias estanques, estes domínios encontram-se frequentemente interligados e sobrepostos, sendo essencial compreender essa relação para uma abordagem mais integrada da preservação e valorização do território.

O património natural refere-se aos elementos físicos, biológicos e geológicos do ambiente natural que têm importância para a biodiversidade, para a ciência ou para a herança das populações humanas. Inclui formações geológicas, habitats, paisagens, espécies endémicas ou ameaçadas, entre outros componentes¹⁰. Por outro lado, o património cultural diz respeito às expressões materiais e imateriais da atividade humana, como monumentos, sítios arqueológicos, práticas tradicionais, línguas, saberes e rituais. Ambos os tipos de património estão reconhecidos pela UNESCO, que, desde 1972, defende a sua proteção através da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural.

A ligação entre património natural e cultural manifesta-se de diversas formas. Existem lugares onde o valor cultural emerge diretamente da relação com a natureza, como os santuários naturais, as paisagens sagradas ou os locais de ocupação humana ancestral adaptados ao meio. Outros locais destacam-se pela paisagem cultural, resultado da interação prolongada entre o ser humano

⁹Comissão Nacional da UNESCO. Acedido a 04 de abril. Disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial>

¹⁰Florestas.pt, Património Natural. Acedido a 04 de abril. Disponível em: <https://florestas.pt/saiba-mais/qual-a-dimensao-do-patrimonio-natural-de-portugal/>

e o ambiente, como sucede em muitas regiões agrícolas tradicionais, vinhedos ou aldeias de montanha.

Em Portugal, encontramos exemplos marcantes desta interligação. O Parque Arqueológico do Vale do Côa é um caso paradigmático, onde gravuras rupestres ao ar livre, datadas do Paleolítico, coexistem com um vale de grande valor paisagístico e ecológico¹¹. Outro exemplo relevante é a Paisagem Cultural de Sintra, classificada pela UNESCO, onde a arquitetura romântica dos palácios se funde com a vegetação exuberante da serra, revelando um diálogo entre cultura e natureza¹². A Ria Formosa, no Algarve, é também um exemplo de património natural com forte ligação cultural, sobretudo pelas práticas de pesca tradicional¹³.

A nível internacional, destacam-se sítios como Machu Picchu, no Peru, onde ruínas incas se integram numa paisagem montanhosa de biodiversidade excecional; ou *Uluru-Kata Tjuta*, na Austrália, um local sagrado para os povos aborígenes que combina significado espiritual com uma geologia única. Estes exemplos mostram que a separação entre natural e cultural é, muitas vezes, artificial, e que a valorização do património deve considerar a sua totalidade.

Compreender a relação entre património natural e cultural é, por isso, essencial para construir estratégias de proteção mais eficazes, sustentáveis e respeitadoras das comunidades locais. Esta visão integrada permite valorizar o território não apenas como herança do passado, mas como recurso vivo, onde a natureza e a cultura continuam a moldar-se mutuamente.

¹¹Parque Arqueológico do Vale do Côa. Acedido a 4 de abril. Disponível em: <https://arte-coa.pt/>

¹²Paisagem Cultural de Sintra. Acedido a 04 de abril. Disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/>

¹³ Ria Formosa do Algarve. Acedido a 04 de abril. Disponível em: <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-ria-formosa?locale=pt>

1.1.1. A importância de conciliar a proteção dos recursos naturais com a preservação do património arqueológico.

A conciliação entre a proteção dos recursos naturais e a preservação do património arqueológico é hoje uma prioridade no planeamento territorial e na valorização integrada do património. No caso da Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, esta articulação assume especial relevância, dado tratar-se de um sítio arqueológico, classificado como Monumento Nacional desde agosto de 1946, inserido num contexto natural rico, com ecossistemas nativos, paisagens autóctones e linhas de água que moldaram, e continuam a moldar, a identidade do lugar.

Preservar apenas as estruturas físicas da Citânia de Sanfins, como as muralhas, núcleos habitacionais, elementos e vestígios da presença romana ou o caminho medieval, sem cuidar do ambiente natural envolvente, seria amputar parte essencial da sua história. Os povos castrejos e romanos que habitaram este território escolheram este monte



*Figura 6: Panorâmica geral da organização social e arquitetónica da citânia.
Autor: Ken Williams by National Geographic.*

precisamente pelas suas condições naturais: altitude estratégica, acesso a água, solos férteis e biodiversidade abundante. O meio natural não era um mero pano de fundo, mas sim uma componente ativa da vida quotidiana, económica e simbólica dessas comunidades¹⁴.

A degradação do património natural, por exemplo, através da erosão do solo, da introdução de espécies invasoras ou da pressão turística desregulada, pode ter impacto direto na integridade das estruturas arqueológicas. Por outro lado, práticas de conservação arqueológica que

¹⁴ SILVA, AJC. (1993). Passar a palavra – Esboço para uma monografia de Eiriz. Edições Tribuna. Pág.12-13.

desconsiderem os ciclos naturais, como o corte excessivo de vegetação ou o uso de materiais agressivos, podem comprometer o equilíbrio ecológico do local.

Por isso, é essencial adotar uma abordagem interdisciplinar e colaborativa, que envolva gestores de património, arqueólogos, biólogos, ecólogos, técnicos florestais, técnicos de turismo e educadores ambientais. A Citânia de Sanfins é também um espaço de aprendizagem sobre a coexistência entre homem e natureza, e pode assumir-se como modelo de gestão integrada do património, onde a conservação da biodiversidade e a valorização arqueológica caminham lado a lado.

Proteger a paisagem natural da Citânia é, assim, proteger também a sua memória. E, ao fazê-lo, garantimos que as gerações futuras possam não só estudar a história do lugar, mas também experienciá-lo na sua plenitude – como território vivo, e não apenas como ruína do passado.

1.2. CITÂNIA DE SANFINS: A HISTÓRIA, OS DADOS ARQUEOLÓGICOS E A PAISAGEM CULTURAL.

A Citânia de Sanfins é um dos mais emblemáticos povoados proto-históricos do noroeste peninsular. Situada na freguesia de Sanfins de Ferreira, no concelho de Paços de Ferreira, a Citânia ocupa uma posição dominante sobre o vale, a cerca de 540 metros de altitude, oferecendo uma vista ampla sobre a paisagem envolvente. Este sítio arqueológico, com uma área de cerca de 15 hectares, constitui não apenas um testemunho material da ocupação humana ao longo de milénios, mas também um lugar onde o diálogo entre património cultural e natural permanece particularmente vivo.



Figura 7: Zona de influência da Citânia de Sanfins.
Autor: Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja. p 26.

A ocupação da Citânia remonta à Idade do Ferro, por volta dos séculos V a IV a.C., tal como já foi referido anteriormente, com a fixação de comunidades castrejas que desenvolveram uma organização social estruturada e uma arquitetura característica. Estes povos construíram as primeiras fortificações, habitações circulares e quadrangulares em pedra e sistemas defensivos que revelam um domínio notável da construção e uma forte ligação ao território.

Durante a romanização da Península Ibérica, a Citânia de Sanfins foi progressivamente integrada na esfera administrativa e económica do Império Romano, mantendo, no entanto, traços marcantes da cultura castreja (Silva 2007). Esta fase de ocupação romana, entre os séculos I a III d.C., traduziu-se na construção de vias empedradas, novos edifícios e objetos que refletem o contacto com o mundo romano, como ânforas, moedas e fragmentos de cerâmica de importação¹⁵.

Após a queda do Império, e ao longo da Alta Idade Média, o sítio conheceu um novo tipo de ocupação. Já sem as estruturas defensivas de outrora, é provável que o monte tenha servido de abrigo ou refúgio temporário para comunidades locais, como atestam algumas alterações nas estruturas habitacionais e a presença de necrópoles. Há ainda vestígios que indicam usos posteriores durante a Idade Média, incluindo a reutilização de pedras e a adaptação do espaço a novas dinâmicas sociopolíticas.

Segundo o arqueólogo Armando Coelho Ferreira da Silva, que coordenou escavações no local durante décadas, a Citânia de Sanfins *“revela uma continuidade de ocupação difícil de encontrar noutros povoados do mesmo género, sendo por isso uma chave de leitura fundamental para o entendimento do mundo castrejo e das transformações trazidas pela romanização”*¹⁶

O espólio arqueológico, resultantes das várias fases de escavações estão presentes no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e, os vestígios estruturais presentes no sítio da Citânia de Sanfins, que ainda hoje encontramos, embora na sua maior parte em ruína, são vastos e diversos.

¹⁵ Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Cap.II e III.

¹⁶ Silva, A. (1991). Citânia de Sanfins e a Cultura Castreja, Câmara Municipal de Paços de Ferreira. p15.

Entre os elementos mais marcantes, destacam-se:

- As muralhas: A Citânia era protegida por um sistema defensivo composto por três linhas de muralhas, com torres e portas, algumas das quais monumentalizadas, como a conhecida Porta Principal ou Porta do Sol. Estas muralhas revelam o carácter estratégico e militar do povoado, construído para resistir a ataques e controlar o território circundante.
- Os núcleos habitacionais: De planta circular ou quadrangular, construídas com muros de pedra e cobertas originalmente com materiais perecíveis (palha, colmo ou giesta e madeira), organizavam-se em “quarteirões” ou “insulae”, frequentemente delimitados por muros comuns. Algumas destas habitações possuem vestígios e marcas de pavimentos lajeados e lareiras.
- A rua empedrada: Via principal que atravessa a Citânia, ladeada por habitações e estruturas sociais, embora intervencionada em diferentes épocas que testemunha a adaptação da malha urbana às necessidades sociais e administrativas de cada época.
- A reconstituição etno-arqueológica: No local encontra-se uma habitação castreja reconstruída, de forma pedagógica, permitindo ao visitante compreender melhor a escala, os materiais e a funcionalidade dos espaços habitacionais. Relativamente a este núcleo habitacional importa referir que foi reconstruído em 1993, aquando da campanha de intervenção arqueológica do Dr. Armando Coelho Ferreira da Silva. Mais tarde este núcleo foi vandalizado por incêndio posto em 2013, e em 2022 foi restaurado o telhado de forma insuficiente pois o colmo foi colocado pelos funcionários da Junta de Freguesia de Sanfins, sem acompanhamento técnico especializado.
- A necrópole medieval, localizada no topo da Citânia, junto do atual marco geodésico, e a já desaparecida capela de São Romão que serviu durante longo período medieval, foram estruturas interpretadas como de uso cerimonial ou simbólico, relacionadas possivelmente com práticas religiosas e espirituais. Esta zona sagrada reforça a importância espiritual do local no seio das comunidades que ali assentaram.

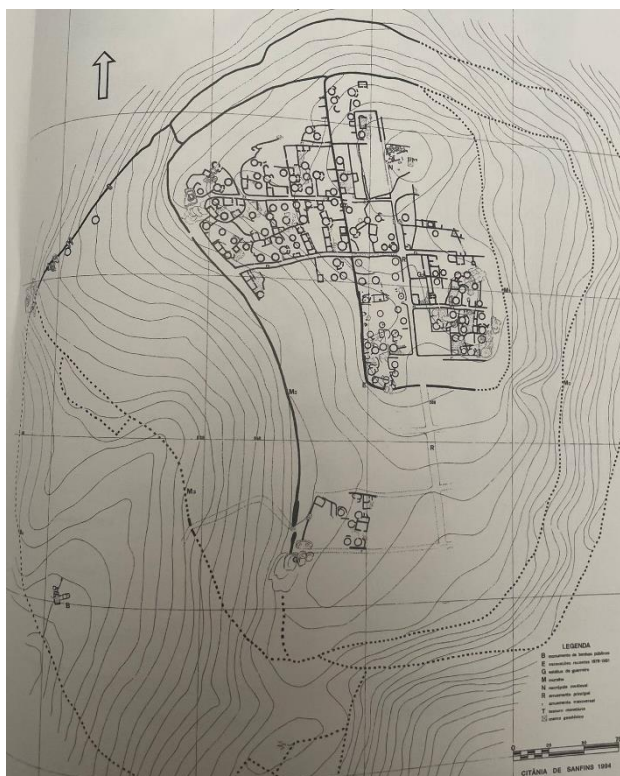
Mais do que um aglomerado de ruínas, a Citânia de Sanfins é um espaço identitário, carregado de memória e significado. A sua localização geográfica oferece uma panorâmica sobre a paisagem natural envolvente, permitindo compreender de que forma os povos antigos se apropriavam do território em função das suas necessidades de segurança, aprovisionamento e relação espiritual com a natureza¹⁷.

O local integra-se numa rede de castros do noroeste peninsular que partilham traços comuns, mas que em Sanfins adquirem um carácter singular pela extensão do povoado, pela continuidade

¹⁷ Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. p 26.

de ocupação e pela riqueza do espólio arqueológico. O Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, situado nas imediações, na antiga casa da Família dos Brasões, constitui um complemento fundamental à visita, reunindo artefactos escavados ao longo de mais de um século de investigação.

A sua importância cultural é reconhecida formalmente pela Direção-Geral do Património Cultural, sendo classificada como Imóvel de Interesse Público, Monumento Nacional desde 1946. Mas a sua relevância paisagística não é menos significativa: a vegetação autóctone, caminhos rurais, os cursos de água e a biodiversidade da serra envolvente contribuem para uma experiência de visita completa, onde natureza e cultura se fundem num todo coerente.



05

Como escreve o historiador Jorge de Alarcão, “os castros não são apenas objetos de estudo arqueológico, mas parte viva do território, e a sua leitura exige a percepção do espaço natural em que se inserem¹⁸” (Portugal Romano, 1988). Esta percepção torna-se evidente em Sanfins, onde cada pedra se liga ao solo, à flora e ao horizonte — como se o tempo, aqui, tivesse deixado marcas, mas não fronteiras.

Figura 8: Planta do levantamento arqueológico e identificação dos achados. Autor: Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja. p.579.

¹⁸ ALARCÃO, J. (1988). Portugal Romano. Lisboa: Editorial Presença.

Biodiversidade no território de Paços de Ferreira

A região onde se insere a Citânia de Sanfins é fértil em património natural, com uma flora, fauna e geologia que desempenharam papéis essenciais na vida quotidiana dos povos que habitaram o local. A flora autóctone é dominada por espécies como o carvalho-galego (*Quercus orocantabrica*), o sobreiro (*Quercus suber*), a urze (*Erica spp.*) e o tojo (*Ulex europaeus*), que não só estruturavam a paisagem, mas também forneciam materiais de construção, combustível e medicina popular tradicional. A madeira era usada para coberturas das casas, utensílios e cercas, enquanto plantas aromáticas e medicinais eram aproveitadas para curas e rituais espirituais.

A fauna local incluía javalis (*Sus scrofa*), veados (*Cervus elaphus*), pequenos mamíferos como coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) a raposa (*Vulpes vulpes*) e o texugo (*Meles meles*). Muito provavelmente, naquela altura, há dois mil anos atrás também existiria, nesta região, a lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), urso-pardo-ibérico (*Ursus arctus pyrenaicos*), cavalos (género *Equus spp.*), cabras selvagens (género *Capra spp.*), e o castor-europeu (*Castor fiber*), bem como diversas aves de rapina. Estes animais serviam de alimento, mas também forneciam peles, ossos, gorduras e óleos, e penas com valor simbólico ou utilitário. A caça era parte importante da economia de subsistência e da cultura espiritual dos povos castrejos, muitas vezes associada a rituais e mitologias, Silva (2007).

A geologia local, caracterizada por afloramentos graníticos, determinou a construção das muralhas e habitações com pedra abundante e resistente. Estes recursos naturais moldaram as escolhas dos povos antigos, demonstrando como o ambiente físico foi essencial para o desenvolvimento social, económico e cultural da Citânia de Sanfins.

Estudos anteriores sobre a biodiversidade da Citânia de Sanfins e o seu estado atual de conservação.

Por decreto nº 35817 publicado no Diário do Governo, 187 (1ª Série), de 20 de agosto de 1946, a Citânia de Sanfins foi classificada como monumento nacional. Realizadas durante o séc. XX, sondagens de carácter episódico e restrito por F. Martins Sarmiento, J. Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira, a sua escavação foi iniciada em 1944 por Eugénio Jalhay, S. J.,. No livro "*Citânia de Sanfins – Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*", publicado em 1999, (p12-13), Armando Coelho Ferreira da Silva descreve as três fases de escavações sistemáticas realizadas no Sítio da Citânia, orientadas por ordem a uma valorização simultaneamente científica e de turismo cultural, com especial preocupação a escavação de estruturas arquitetónicas:

1ª fase: 1944-1945 – direcção de Eugénio Jalhay;

1946- 1950 – direcção de Eugénio Jalhay e Afonso Paço;

1951-1968 – direcção de Afonso do Paço;

Estas escavações têm relatórios minuciosos, próprios de cada campanha, ou elaborados a propósito de um achado específico (...) infelizmente, Afonso do Paço não publicou os relatórios, tendo, porém, elaborado cerca de vinte estudos monográficos ou de carácter geral sobre diversos aspectos dos seus trabalhos. A partir de 1955, instalam-se junto destas escavações seis campos de trabalho da Mocidade Portuguesa. Em 1967-68 juntam-se o Centro de Intercâmbio e Turismo Universitário e equipas do Seminário Maior do Porto. Posteriormente, as escavações passaram a ser realizadas pela Universidade de Letras da Universidade do Porto, atribuindo uma maior cientificação da investigação arqueológica.

2ª fase: 1972- 1974 – sob direcção de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, as campanhas incidiram principalmente no estudo de um trecho do sistema defensivo e na escavação do monumento com forno.

3ª fase: 1977-1978 – sob a direcção de Armando Coelho F. da Silva e Rui M. S. Centeno foi descoberto um cemitério medieval e um edifício religioso (referente à antiga capela de S. Romão) implantando na área da acrópole, junto ao marco geodésico e nas campanhas seguintes um vasto núcleo habitacional conexo com a muralha nº1, tendo sido identificado extra-muros, no local de Bouçamonte, o sítio da necrópole dos tempos da romanização da Citânia. Nas últimas campanhas foram registadas reestruturações urbanas em função de instalações da atividade metalúrgica. Resultando uma área escavada de 15ha, com o registo de seis arruamentos, cerca de 160 construções de planta circular e quadrangular, quatro muralhas de defesa." Silva A.C.F. (1999).

Embora os estudos arqueológicos sobre a Citânia de Sanfins tenham sido abundantes e sistemáticos desde o início do século XX, os trabalhos dedicados ao património natural da área – especialmente à sua fauna e flora – foram mais escassos e, muitas vezes, pontuais. No entanto,

ao longo das últimas décadas, têm surgido alguns levantamentos ecológicos, promovidos por instituições locais, como o Observatório Ambiental do Município de Paços de Ferreira, que procuram valorizar e documentar a biodiversidade presente no território envolvente da Citânia.

Do ponto de vista florístico, os estudos indicam a predominância de vegetação autóctone, como carvalhais (género *Quercus*), urzais (*Erica spp.*), giestais (*Cytisus spp.*), entre outras espécies adaptadas a solos ácidos e à altitude da região. No entanto, estas comunidades naturais têm vindo a ser progressivamente fragmentadas devido à introdução de espécies exóticas (como o eucalipto e acácias), à pressão urbanística e à intensificação de monoculturas florestais¹⁹.

No que diz respeito à fauna, levantamentos recentes apontam para a presença de javalis, raposas, ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*), aves de rapina como o águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), Peneireiro-comum (*Falco tinnunculus*) e pequenas aves insectívoras. Estes animais desempenham um papel vital nos equilíbrios ecológicos locais, embora enfrentem ameaças crescentes devido à fragmentação de habitats, caça e alterações nos usos do solo²⁰.

Apesar destas ameaças, há atualmente uma maior consciência da necessidade de proteger este património natural. A integração de medidas de conservação e requalificação paisagística nos planos de gestão da Citânia poderá contribuir para a valorização conjunta do património arqueológico e natural.

¹⁹Moreira, Francisco & Silva, João P. (2010). *Ecologia e Conservação da Paisagem Rural Mediterrânica*. Lisboa: Escolar Editora.

²⁰Ferreira, Paulo J. (2018). *Biodiversidade e Alterações no Uso do Solo no Noroeste de Portugal*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Ciências.

Breve caracterização do património natural do território de Paços de Ferreira

Em termos orográficos ou de paisagem natural, a 530 metros de altitude, o Monte do Pilar (freguesia de Penamaior) e a Citânia de Sanfins, a 570mts de altitude (freguesia de Sanfins de Ferreira), por se localizarem nos pontos mais altos do concelho, apresentam uma paisagem geológica ativa, de composição granítica, suscitando à curiosidade panorâmica de quem visita Paços de Ferreira²¹. Através destes locais, atingimos visualmente um vasto território do Noroeste do País, que segue desde a vasta faixa da costa oceânica, ao Minho, Douro e Tâmega, Trás-os-Montes, Viseu e Aveiro. É possível numa rota de 360 graus, visualizar as Serras do Marão (Vila Real, Trás-os-Montes), Serra de Montedeiras (Marco de Canavezes), Serras do Porto (Valongo e Gondomar) até sul, a localidades de Arouca e Tarouca (Serra da Freita, distrito de Viseu).

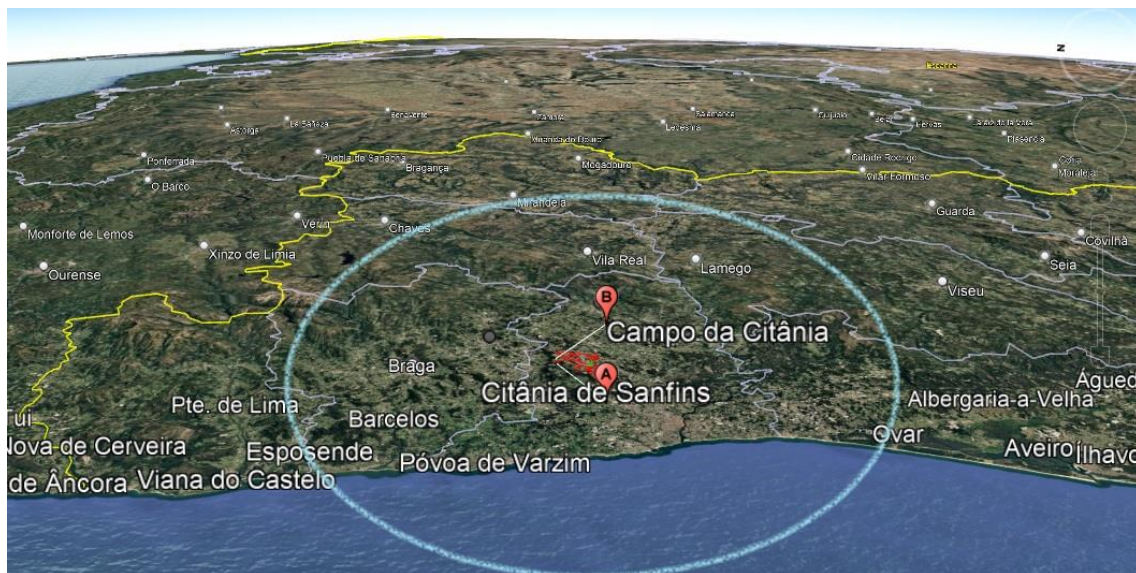


Figura 9: Panorâmica da localização da Citânia de Sanfins, noroeste peninsular.
Autor: Ernesto Gonçalves by Google Earth..

Este plano visual, oferece um conjunto de interesses e características botânicas e vestígios da presença da fauna e flora silvestre autêntica, que podem ser observados *in loco*. Ao mesmo tempo, estão considerados algumas pegadas e rastros, tanto da presença antropogénica como da ação ecológica e natural, distinguível através da observação direta durante breves caminhadas por trilhos e caminhos espalhados por todo o território. Assim, e deste modo, a paisagem reflete a

²¹ Ver anexo I Carta Geológica 9B – Guimarães.

biodiversidade e o seu ambiente (bioma), por conta da evolução e do progresso social e económico do território local ao longo do tempo.

As margens do Rio Ferreira, Ribeira de Carvalhosa e Ribeira de Eiriz, são “passadiços” naturais que convidam à prática de passeios tranquilos, pesca desportiva ou até para pequenas paragens, para vislumbre da biodiversidade local, observação de espécies florísticas e arbóreas, ou até para simples piqueniques e outros eventos de cariz social e/ou desportivo. A biodiversidade da região é interessante sob o ponto de vista biológico, com algumas espécies consideradas como residentes nesta zona, durante todo o ano ou como algumas espécies, como o caso do *Narcissus triandus*, protegido no âmbito Rede Natura 2000 e Diretiva Habitats (Diretiva 92/43/CEE)²². A orografia do terreno e o clima peculiar desta terra, destaca Paços de Ferreira de outras zonas do país quanto ao seu bioclima, dado que se trata da segunda região do país²³ com maior índice de hídrico²⁴, seguindo-se da região do Gerês. Daí, este território apresentar *à la carte* várias e variadas espécies, de interesse científico quanto turístico. Aqui, desde os montes e planaltos aos vastos vales e planícies, facilmente encontramos, em zonas de manchas mais verdes e naturais, inúmeras espécies de invertebrados, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos silvestres nativos, plantas autóctones (e exóticas) que encantam os amantes de natureza.

Flora

Por todo o território do concelho de Paços de Ferreira, são evidentes as marcas de uma humanização persistente dos espaços naturais. Ao nível da flora exótica, testemunha-se uma presença constante do eucalipto (*Eucalyptus globulus*), muitas vezes associado a espécies invasoras, tais como a acácia-mimosa (*Acacia dealbata*) e a austrália (*Acacia melanoxylon*). No entanto o espaço natural não está depauperado de espécies nativas, pelo que, ao nível arbóreo, encontrar-se-ão recantos com bosquetes de carvalho-galego (*Quercus rocantabrica*) e ponteados de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) nas pendentes mais acentuadas. O Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), pinheiro-manso (*Pinus pinea*), choupo-negro (*Populus nigra*), amieiro (*Alnus glutinosa*), salgueiro-preto (*Salix atrocinerea*), salgueiro-chorão (*Salix babylonica*) e

²²Rede Natura 2000 e Diretiva Habitats – ICNF. Acedido a 03 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.icnf.pt/conservacao/ambitointernacional/rn2000>.

²³Acedido a 02 de novembro de 2024. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/pacos-de-ferreira/pacos-de-ferreira-7073/>

²⁴Rosário R., Problema de uma adesão à CEE, Edição Cm-Paços de Ferreira, 1983, p.24

salgueiro-branco (*Salix alba*), são elementos que encontramos por todo o território. A nível do estrato arbustivo, encontramos, principalmente, nas zonas de mato, a murta (*Myrtus communis*), lentisco-bastardo (*Phillyrea angustifolia*), tojo (*Ulex europaeus*), folhado (*Viburnum tinus*), rosmaninho (*Lavandula stoechas*), gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) e giestas (*Cytisus spp.*) Em relação às plantas de pequeno porte, em áreas de manchas verdes, é possível apreciar alguns densos matagais compostos sobretudo por giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) e por urzais, de onde se destaca a queiró (*Erica spp.*). A ladear uma porção significativa do território, na zona norte do município, é-se escoltado por vários exemplares de sanguinho-de-água (*Frangula alnus*), que, em pleno verão, ponteam de vermelho a barreira verde que promovem. Pelo território, ao nível das plantas herbáceas existe uma grande diversidade, destacando-se as cilas (*Scilla verna* *Scilla monophyllos*), as avencas (*Asphodelus spp.*) e o narciso (*Narcissus triandrus*) que se torna no ex-libris de toda esta zona na sua época de floração, entre finais de fevereiro e inícios de abril. Cada espécie contribui para a magia deste cenário natural, tornando cada caminhada uma jornada de descoberta e admiração pela biodiversidade local.

Fauna

Embora a pressão antropogénica se faça sentir em todo o território de Paços de Ferreira, o visitante, caminheiro, ou o turista de natureza, conseguirá vislumbrar alguma da suntuosa biodiversidade faunística ao visitar as machas verdes locais, de interesse paisagístico ou de exploração do património natural, em diversos locais de zonas ripícolas, de montanha ou de planície. Entre as sombras das árvores, nos dias mais quentes, pousadas nas folhas dos fetos-ordinários (*Pteridium aquilinum*) e nos tojos (*Ulex europaeus*), facilmente se encontram exemplares das borboletas mais características da zona, tais como a azulinha (*Lampides boeticus*) e a malhadinha (*Pararge aegeria*), borboleta-fritilária (*Melitaea deione*), borboleta-pavão (*Aglais io*), borboleta-cauda-de-andorinha (*Papilio machaon*), e a borboleta-zebra (*Iphiclides feisthamelii*). Ainda sobre os invertebrados, a norte do município, como por exemplo, pelo recinto da Citânia de Sanfins até ao Monte do Pilar, conseguem-se facilmente avistar os gafanhotos (*Oedipoda coerulea*), que, quando imóveis sobre os muros de pedra, ficam completamente camuflados. Ainda sobre os invertebrados, junto aos três rios e ribeiros de Paços de Ferreira (Rio Ferreira, Ribeira de Carvalhosa, Ribeira de Eiriz), no Parque Urbano da cidade, assim como em outros parques do concelho, podemos encontrar a libélula-ótetrum-dos-ribeiros

(*Orthetrum coerulescens*), libélula-escarlata (*Crocothemis erythraea*), e as três espécies de libelinha-gaiteiro (*Calopteryx spp.*). Durante os meses de junho a setembro, em zonas de carvalhais mais antigos, facilmente podemos encontrar o maior escaravelho da Europa, a vacaloura ou cornéia (*Lucanus cervus*) como é localmente conhecida.

Quanto aos répteis, facilmente podemos encontrar a lagartixa-de-Bocage (*Podarcis bocagei*), a lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*), e a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*). Nas zonas ripícolas encontramos o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), a cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*) e a cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*), que são espécies de répteis inventariadas e registadas até ao momento. Em qualquer muro de pedra, nos dias de sol, é possível apreciar ainda a presença da lagartixa-lusitânica (*Podarcis lusitanicus*) e o sardão (*Timon lepidus*), que adora ficar imóvel enquanto aquece o seu corpo.

O sapo-corredor (*Epidalea calamita*) é o anfíbio mais característico, embora possamos encontrar quase todo o grupo de espécies relativas aos anfíbios tais como a rã-ibérica (*Rana iberica*), rã-verde (*Phelophylax peresi*), salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*), tritão-de-ventre-laranja, (*Lissotriton boscai*), sapo-comum (*Bufo bufo*), e sapo-de-focinho-pontiagudo, (*Discoglossus galganoi*).

Relativamente ao grupo das aves, que estão presentes em todo o território, as mais facilmente observáveis são o andorinhão-preto (*Apus apus*), o cartaxo-europeu (*Saxicola rubicola*) e os rabirruivos-pretos (*Phoenicurus ochrurus*). Em dias quentes podem ser também vistos a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e o falcão-peneireiro (*Falco tinnunculus*).

Por fim, com a mesma relevância, pelo território de Paços de Ferreira, encontra-se, com relativa expressividade, o grande grupo dos mamíferos, onde se pode destacar, como predadores, a gineta (*Genetta genetta*) e a raposa (*Vulpes vulpes*), que, aqui se alimenta sobretudo de roedores, sendo a presa principal o rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*). No entanto, o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), também utiliza na sua alimentação frutos silvestres, como amoras-das-silvas (*Rubus ulmifolius*) e os medronhos (*Arbutus unedo*). Outros mamíferos habitantes desta zona são o musaranho-de-dentes-brancos (*Crocidura russula*), o ouriço-cacheiro (*Erinaceus*

europaeus) e a toupeira-ibérica (*Talpa occidentalis*), com especial destaque para o javali (*Sus scrofa*) que faz evidenciar facilmente a sua presença através das fossadas que encontramos no chão em algumas zonas de montanha.

Usos e costumes dos povos castrejos na Citânia de Sanfins

“O castrejo associou a pecuária à agricultura, sustentando-se de carne de cabra e de bolotas, de cuja farinha fabricava o pão, bebendo água, leite, muito provavelmente de cabra, e uma espécie de cerveja, pois o vinho era raro, empregando a manteiga em vez de azeite. O maior peso do trabalho agrícola doméstico parece que recaía sobre as mulheres, praticando os homens a rapinagem e adestrando-se para a guerra mediante a prática de lutas e exercitando-se para o pugilato, a corrida, as escaramuças e as batalhas campais²⁵”.
 Carvalho J. (1956).



Figura 10: Ilustração do quotidiano castrejo. Autor: Município de Paços de Ferreira.

Tal como afirma Ferreira da Silva (2015), a influência do património natural na vida dos povos castrejos e dos povos que habitaram a Citânia de Sanfins é um tema fascinante e rico em informações. A comunidade castreja, que habitou a Citânia de Sanfins entre os séculos II a.C. e I

²⁵ Carvalho J. (1956) in A cultura castreja – sua interpretação sociológica, Revista Ocidente. p. 8.

d.C., desenvolveu uma relação harmoniosa com o ambiente explorando os recursos naturais locais de forma sustentável.

A geologia da Citânia de Sanfins é marcada por um afloramento granítico que influenciou fortemente a ocupação humana e a arquitetura do povoado. Este granito, abundante e resistente, foi o principal material utilizado na construção das casas circulares, muralhas, ruas lajeadas e outros elementos estruturais²⁶. A facilidade de extração local permitiu uma integração harmoniosa entre a paisagem natural e a edificação das estruturas, conferindo durabilidade e identidade ao sítio. Além disso, a elevação do terreno proporcionada pelo maciço granítico oferecia vantagens defensivas e visibilidade estratégica, justificando a escolha do local para a instalação de um importante núcleo castrejo e posteriormente romanizado. Considerando que as guerrilhas de ataque e de defesa neste período eram sobretudo batalhas “à paulada e à pedrada”, ficaria mais favorecido aquele, cujo o ataque/defesa, se encontrava na cota superior do afloramento. Assim a localização estratégica do assentamento traria muitas mais vantagens para os habitantes da citânia.

A presença de uma nascente de água no interior do recinto muralhado foi determinante para a construção de uma zona de banhos, balneário castrejo, evidenciando o aproveitamento dos recursos naturais pelos habitantes. Esta nascente assegurava o abastecimento de água potável e permitia práticas de higiene e rituais. Alarcão J. (1988), afirma que a construção do balneário, em granito, “*demonstra a importância da água na organização social e simbólica das comunidades castrejas*”²⁷.

Para Silva, A. C. F. (2015), a metalurgia foi uma das principais atividades económicas da comunidade castreja, e para isso, aproveitaram os recursos minerais locais, como o ferro, o cobre e o estanho. A exploração desses recursos foi feita de forma cuidadosa e planeada, garantindo a sustentabilidade da atividade ao longo do tempo, segundo afirma Sarmiento em “*Castros de Portugal*”, (2002)²⁸. A metalurgia não foi apenas uma fonte de rendimento para a comunidade, mas

²⁶ Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. p 13-84.

²⁷ ALARCÃO J (1988). — O domínio Romano em Portugal. Publicações Europa-América. Cap. II.

²⁸ Sarmiento, M. (2002). Os Castros de Portugal. Lisboa: Livros Horizonte.

também permitiu a produção de ferramentas e utensílios essenciais para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade.

Além da metalurgia, a comunidade castreja também desenvolveu atividades agrícolas e pastorícias, que permitiram a produção de alimentos e a obtenção de recursos para a sobrevivência. A agricultura foi feita de forma orgânica, utilizando técnicas de cultivo que minimizavam o impacto ambiental e garantiam a fertilidade do solo. A pastorícia, por sua vez, permitiu a obtenção de carne e produtos lácteos, que eram fundamentais para a alimentação da comunidade.

Sarmento (2002) destaca a harmonia entre a comunidade castreja, o ambiente e a natureza local como um aspeto fundamental da sua cultura e modo de vida e a relação com a natureza sendo baseada numa compreensão profunda da interdependência entre a sociedade e o ambiente. Os povos castrejos sabiam que a exploração dos recursos naturais precisava de ser feita de forma responsável e sustentável, para garantir a sobrevivência da comunidade, da natureza e, por conseguinte, do meio ambiente.

A Citânia de Sanfins é um exemplo paradigmático da harmonia entre a comunidade castreja e o património natural do território. A sua localização, numa área de abundância natural, com florestas, rios e montanhas, permitiu a comunidade desenvolver uma relação profunda com a natureza (Ferreira da Silva, 2015)²⁹. A sua arquitetura, que inclui edifícios e estruturas feitas de pedra granítica, madeira de *Quercus* (família dos carvalhos) e plantas arbustivas, como o colmo (de palha de trigo ou centeio, de plantas bravas como giestas (*Cytisus spp.*) ou urzes (*Calluna spp.* ou *Erica spp.*), ou mesmo de folhas, colocando-os em camadas sobrepostas, para que a água não entrasse. Além de ser impermeáveis, estes telhados de colmo, funcionavam como bons isolantes térmicos tanto para o frio como para o calor, e absorviam a humidade arejando o local e os núcleos habitacionais. Alguns construtores em países em desenvolvimento ainda usam telhados de colmo, geralmente construindo-os com vegetação descrita como de “baixo custo” da zona onde vivem. Assim, pelos vestígios encontrados em diversas escavações arqueológicas, chega até nós um testemunho da capacidade deste povo se adaptar ao meio e de desenvolver soluções

²⁹ Silva, A. C. F. (2015). A Citânia de Sanfins: um estudo sobre a vida quotidiana dos povos castrejos. Lisboa: Livros Horizonte.

inovadoras para os desafios que enfrentavam durante o período de subsistência e demografia (Sarmiento, 2002).

A influência do património natural na vida dos povos castrejos e dos povos que habitaram a Citânia de Sanfins, desde o séc. IV aC e os séculos consequentes, é um tema que nos permite compreender a importância da sustentabilidade e da harmonia entre a sociedade e o meio ambiente de acordo com Silva, em "*A Citânia de Sanfins: um estudo sobre a vida quotidiana dos povos castrejos*", (2015). Para Sarmiento (2002), a comunidade castreja desenvolveu atividades económicas, sociais, administrativas e de defesa que permitiram a sua sobrevivência e o desenvolvimento, sem comprometer a integridade do ambiente pois a sua relação dependia direta e indiretamente dela. Estes legados e experiências conservadas ao longo do tempo é um exemplo inspirador para a nossa época, que enfrenta desafios semelhantes em termos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

Os elementos naturais e a biodiversidade tinham, para os povos antigos da Citânia de Sanfins, uma importância que transcendia o utilitário. Animais como aves de rapina e javalis eram associados a forças espirituais ou simbólicas, e plantas como a urze ou o carvalho tinham valor ritual ou medicinal³⁰. A relação com a natureza era integrada na cosmovisão castreja, onde cada elemento possuía significado cultural, espiritual e identitário, moldando práticas de culto, proteção e ligação à terra.

A biodiversidade na zona da Citânia de Sanfins

No período de ocupação da Citânia de Sanfins, a população que habitava, segundo Silva (2007) a região tinha uma alimentação³¹ baseada principalmente em produtos locais e de fácil acesso, aproveitando a fauna, a flora e a agricultura da região e disponível pela zona envolvente da Citânia.

De acordo com Silva (1999)³² e com o documentário: "*The Celtic Legacy _ True Story Documentary Channel*", a alimentação seria composta por cereais, como trigo, painço, milho

³⁰ Documentário: *The Celtic Legacy _ True Story Documentary Channel*. Acedido a 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVzh49tfb7I>

³¹ Anexo XIV Alimentação do Período Castrejo Paços de Ferreira

³² Silva A. C. F. (1999), *Citânia de Sanfins*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Paços de Ferreira. p 23.

miúdo, cevada e centeio, consumidos sob a forma de pães ou papas. A cevada era particularmente importante, que servia como base para a produção de bebidas fermentadas (espécie de cerveja). legumes e vegetais como lentilhas, ervilhas, favas, cebolas e alho, além de plantas silvestres comestíveis como o nabo e a couve seriam base da alimentação destas comunidades³³.

Quanto à digestão de frutos como maçãs, pêras, figos e uvas, além de frutas silvestres como amoras, framboesas, a bolota (de que faziam uma espécie de pão), nozes, castanhas, pinhas e cogumelos comestíveis eram colhidos e incluídos na dieta destes povos. A carne, principal fonte de proteína e de alimento, provinha essencialmente de animais selvagens, como javalis, veados, lebres, coelhos e texugos. Além disso, criavam animais domésticos como porcos (*Sus spp.*), ovelhas (género *Ovis spp.*) e cabras (*Capra spp.*) para consumo de carne e produtos como leite e queijo. O peixe e marisco, devido à grande oportunidade costeira de Portugal, o pescado tornou-se um alimento importante, especialmente peixe de água salgada (como sardinhas e atum) e mariscos (mexilhões, ostras e ameijoas). A pesca era realizada com técnicas simples e rudimentares e chegava aos vários castros através das trocas e partilhas de bens e serviços entre povos. Os laticínios, nomeadamente o leite de cabra, vaca e ovelha era consumido fresco ou transformado em queijos e outros produtos lácteos.

Produtos derivados da caça e da pesca, além da carne, estes povos, consumiam produtos de origem animal como gordura para cozinhar e peles para vestuário.

As bebidas, como o vinho, principalmente produzido a partir da uva, era uma bebida comum, especialmente nas zonas mais desenvolvidas. Noutros assentamentos menores o vinho era uma bebida escassa e apenas consumido em épocas ou ocasiões festivas. O consumo de bebidas



Figura 11: Utensílios de uso doméstico.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

³³ Documentário: *The Celtic Legacy _ True Story Documentary Channel*. Acedido a 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVzh49tfb7I>

fermentadas, como hidromel (feito com mel e água), e uma espécie de cerveja, também era possível e muito provável que tenha servido de refresco aos castrejos. Além disso, a água, colhida das fontes naturais, era consumida diretamente ou reservada em recipientes para usar nas lides domésticas.

A preparação dos alimentos era feita com utensílios de pedra, barro e metal, com métodos de cozedura como assar, ferver ou grelhar. No Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins é possível testemunhar vestígios e fragmentos de muitas destas ferramentas e materiais utilizados para a alimentação e uso doméstico.

O pão neste período seria de preparação simples, utilizando os recursos locais disponíveis, como a bolota, o milho-miúdo, o trigo, centeio, cevada e chicória selvagem. A tecnologia para assar era rudimentar, mas eficiente o suficiente para produzir um alimento nutritivo. A textura do pão seria densa, e provavelmente usado como acompanhamento de “pratos” mais substanciais, como carnes, vegetais e laticínios. Além disso, é plausível afirmar que o pão fosse preparado de maneira diferente de acordo com as estações do ano, já que o armazenamento e a preservação dos alimentos eram considerados importantes.

Utilização da fauna e flora

A biodiversidade da região, incluindo espécies autóctones, teve um impacto significativo na alimentação, medicina e na produção de utensílios e ferramentas. O estudo da flora e fauna locais é fundamental para compreender a vida quotidiana na citânia. Segundo Costa (2010), a mestria da *“relação da fauna e da flora pelos povos castrejos e dos povos que prosseguiram por toda a área da Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, é um aspeto fundamental da sua vida quotidiana e para a cultura”*³⁴. González (2005) afirma ainda que a *“biodiversidade da região, que inclui espécies autóctones, teve um impacto significativo na alimentação, medicina e na produção de utensílios e ferramentas”*³⁵.

³⁴ Bernaldo de Quirós, F. (1995). Los Castros de la Península Ibérica. Madrid: Editorial Complutense.

³⁵ González Morales, J. M. (2005). Los Castros de la Península Ibérica. Madrid: Editorial Complutense.

A fauna local era abastada e diversa, com espécies como o javali (*Sus scrofa*), o cervo – do género *Cervus* –, (entretanto extinto nesta região), a perdiz (*Perdix perdix*) e a codorniz (*Coturnix coturnix*), que eram caçadas para fornecer carne fresca, que, também, depois de secada, serviria para consumo durante o inverno (Bernaldo de Quirós, 1995)³⁶. A caça também era utilizada para obter peles e couros, que eram utilizados para fazer roupas e mobiliário. Além disso, a caça era uma forma de



Figura 12: Gravura, em suporte granítico, esculpida com pico de ferro, com cena figurativa de caça ao veado.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

controlar a população de certas espécies silvestres, garantindo a manutenção e equilíbrio ecológico da região (Costa, 2010). Ainda sobre a caça, importa sublinhar que esta contemplava as atividades de subsistência, como é o testemunhado por alguns achados, nomeadamente por uma notável gravura rupestre (Fig. 13) representando uma cena de caça ao veado.

A flora local era igualmente abundante e diversa, com espécies como o castanheiro (*Castanea sativa*), carvalhos (*Quercus sp.*) e a oliveira (*Olea europaea*), que eram utilizadas para produzir alimentos como a castanha consumida crua ou cozinhada, o consumo da bolota através do pão e sustento animal, e a azeitona, ora como alimento, ingrediente cosmético ou luminoso, com suas múltiplas utilizações, tanto na culinária, como medicamento, unguento ou bálsamo, perfume, combustível para iluminação, lubrificante de alfaias e impermeabilizante de tecidos, etc. Alguns destes alimentos são ainda hoje considerados a base da alimentação e da cozinha mediterrânica e atlântica. Os frutos silvestres, como amoras (*Rubus ulmifolius*) e nozes (*Juglans regia*) eram recolhidas para consumo fresco ou seco para o período de inverno, tal como refere González (2005). As folhas e flores eram utilizadas para fazer infusões e decoções medicinais, enquanto as cascas e madeiras eram utilizadas para fazer ferramentas e utensílios³⁷.

³⁶ Costa, J. M. (2010). Os Castros de Portugal. Lisboa: Livros Horizonte.

³⁷ Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. p 171-374.

A produção de utensílios e ferramentas era uma das principais atividades económicas da comunidade castreja. Bernaldo de Quirós (1995) reforça a ideia de que a madeira era utilizada para fazer ferramentas como machados, facas e paus, enquanto a pedra era utilizada para fazer instrumentos musicais e ornamentos, e que a pele de animais, segundo Silva (2007), era utilizada para fazer roupas e mobiliário, a lã e o linho seriam utilizados para fazer tecidos.

Quanto à medicina, Bernaldo de Quirós (1995), afirma que esta era uma área importante na vida quotidiana da comunidade e que as plantas medicinais eram recolhidas e utilizadas para tratar doenças e ferimentos da vida mundana destes povos. A leituga, as silvas ou a oliveira, por exemplo, que eram utilizadas para fazer óleo medicinal, enquanto a salsola (*Salsola vermiculata*³⁸) era utilizada para tratar ferimentos e doenças cutâneas.

A alimentação também era uma área importante na vida quotidiana da comunidade castreja. A carne era uma fonte importante de proteínas, e era consumida fresca ou seca para consumo durante o inverno. As frutas e nozes eram apanhadas para consumo fresco ou seco para consumo durante o



Figura 13: utensílios de moagem e presas de gado.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

inverno. As plantas eram utilizadas para fazer infusões e decocções, que eram consumidas como “chá” ou utilizadas para fazer sopas e outras preparações culinárias. O leite do gado, as bolotas, milho miúdo e o centeio seriam a base da sua dieta.

A utilização da fauna e flora pelos povos castrejos e dos povos da Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, é um aspeto fundamental da sua vida quotidiana e cultura. A biodiversidade da região, que inclui espécies nativas, teve um impacto significativo na alimentação, medicina e na produção

³⁸ Propriedades medicinais da planta Salsola. Acedido em 05 de novembro 2024. Disponível em: <https://www.spnaturalogia.pt/post/salsola-uma-hal%C3%B3fita-de-futuro>. Atualmente esta planta tem a sua distribuição pelo extremo sul de Portugal continental, pela região mediterrânica. Em Portugal continental ocorre no litoral sul do território. Não há, contudo, até ao momento, indicações ou vestígios da sua presença no território da Citânia de Sanfins. O seu uso, a ser verificado poderia ocorrer através das trocas comerciais, que eventualmente existiram durante a ocupação do território.

de utensílios e ferramentas. A compreensão da utilização da fauna e flora local é fundamental para compreender a vida quotidiana na citânia e para apreciar a riqueza cultural e histórica da região.

Interdependência com os Castros vizinhos

Embora a citânia fosse um centro urbano e militar, outras atividades, como a agricultura, eram realizadas em castros dependentes. O património natural era partilhado e gerido de forma colaborativa entre várias comunidades. A interdependência entre a Citânia de Sanfins e os castros vizinhos é mais um dos aspetos fundamentais para a vida quotidiana da cultura castreja. Embora esta citânia fosse um centro urbano e militar, outras atividades, como a agricultura e a pesca, seriam realizadas em castros dependentes. Esta estrutura de dependência permitiria que as comunidades castrejas se beneficiassem mutuamente, partilhando recursos e conhecimentos³⁹.



Figura 14: Estátua do Guerreiro.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

A agricultura era uma atividade importante na vida quotidiana das comunidades castrejas. No entanto, a Citânia de Sanfins não era suficientemente grande para abrigar todas as necessidades agrícolas da comunidade. Por isso, e segundo Silva (2007), os castros dependentes eram utilizados para produzir alimentos, como cereais, legumes e frutas. Estes alimentos seriam então transportados para a citânia, onde eram armazenados e distribuídos entre a população.

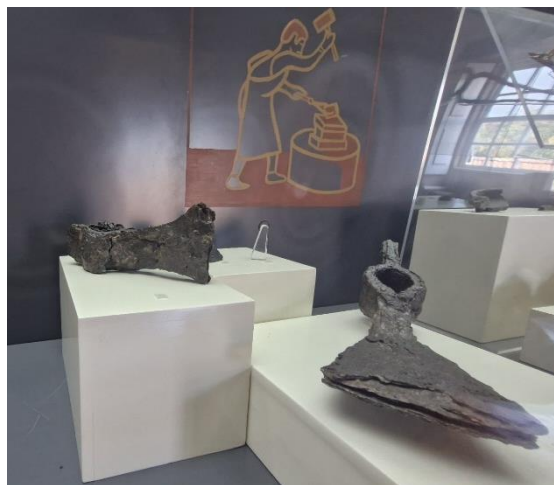


Figura 15: Ferramentas agrícolas.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

³⁹ Documentário: The Celtic Legacy _ True Story Documentary Channel. Acedido a 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVzh49tfb7I>

A pesca também era uma atividade importante na vida quotidiana das comunidades castrejas. A Citânia de Sanfins não é relativamente próxima do mar, o que tornava difícil a pesca marítima, contudo, a existência de dois ribeiros (Ribeira de Carvalhosa e Ribeira de Eiriz) e o Rio Ferreira, conhecido ainda hoje como “rio truteiro” poderiam representar a atividade piscatória da altura, de acordo com os anzóis encontrados durante as escavações arqueológicas, e depositado no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Castros dependentes seriam utilizados para “comercializar” peixe e frutos do mar, que eram então transportados, muito provavelmente, para a Citânia de Sanfins.



Figura 16: Exemplar de um anzol.
Fonte: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

Várias monografias, incluindo o documentário *The Celtic Legacy – True Story Documentary Channel* demonstram que partilha do património natural entre as comunidades castrejas era uma prática comum durante o período castrejo. Os recursos naturais, como a água, a terra e as florestas, eram partilhados e geridos de forma colaborativa entre as comunidades. Esta prática permitiria que as comunidades se beneficiassem mutuamente, partilhando os recursos e os conhecimentos.

A interdependência entre a Citânia de Sanfins e os castros vizinhos permitira o desenvolvimento da comunidade e fortalecendo-a durante o período castrejo. A partilha dos recursos naturais e a cooperação entre as comunidades permitiram que as comunidades se desenvolvessem de forma sustentável, garantindo a sobrevivência e o bem-estar da população.

Segundo o arqueólogo português, José Manuel Costa, a interdependência entre as comunidades castrejas era uma prática comum durante o período castrejo. Ele afirma que “*as comunidades beneficiavam-se mutuamente, partilhando recursos e conhecimentos, e que esta prática permitiu o desenvolvimento e o fortalecimento da comunidade*” durante o período castrejo⁴⁰.

Outro autor que defende esta ideia é o arqueólogo espanhol, Juan Manuel González Morales (2005), ele escreve que a interdependência entre as comunidades castrejas permitiu que as

⁴⁰ Costa, J. M. (2010). Os Castros de Portugal. Lisboa: Livros Horizonte.

comunidades se desenvolvessem de forma sustentável, garantindo a sobrevivência e o bem-estar da população.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

2.1. METODOLOGIA PARA A INVESTIGAÇÃO E ESTUDO

O presente trabalho teve como objetivo primário inventariar exaustivamente toda a biodiversidade presente na área arqueológica e envolvente da Citânia de Sanfins, com a finalidade de se compreender e/ou inferir sobre qual foi a influência desse mesmo património no desenvolvimento do povoamento. Assim, foi feito um estudo prévio sobre as espécies mais expectáveis e as respetivas alturas observação mais provável, na base de dados do *Biodiversity4All*, assim como através da leitura exaustiva dos guias de campo específicos para os diferentes grupos biológicos. Já o estudo de campo foi realizado através da aplicação de diferentes métodos de amostragem adaptados adequadamente a cada grupo biológico, de modo a garantir uma caracterização abrangente e fidedigna da diversidade de espécies presentes no local ao longo do período de fevereiro de 2023 a maio de 2025, com uma frequência de três saídas de campo por cada mês.

- Delimitação da Área de Estudo

A área de inventariação correspondeu à superfície definida para a Citânia de Sanfins e respetiva zona de proteção legal, de acordo com a lei que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural (Lei 107/2001 de 8 de setembro), abarcando os diferentes habitats (bosques, prados, afloramentos graníticos, charnecas, áreas com elementos arqueológicos e zonas de transição). A área de estudo está mapeada e segmentada para facilitar a distribuição e repetição das amostragens⁴¹.

- Método de seleção de transectos e pontos de observação:

A Citânia de Sanfins encerra uma orografia muito característica. Edificada num planalto, a 570 metros de altitude, é limitada a norte e nascente por uma vertente mais íngreme, enquanto que a poente e a Sul, o decaimento é menos acentuado, sendo, aliás, essa suavidade do terreno uma das

⁴¹ Ver Anexo II, do mapeamento do transecto das estações de observação da biodiversidade na Citânia de Sanfins para a investigação, inventariação e catalogação das espécies.

razões que explicam a estrada medieval em direção a Vilar de Cabras. Assim, inerentemente a este determinante fator, o solo é coberto por diferentes tipos de vegetação, e, por isso, diferentes habitats são encontrados no perímetro deste monumento. Na tentativa de abarcar o maior número de habitats diferentes, foi desenhado um transecto linear, de forma a que, também, fosse possível a passagem a todos os visitantes da Citânia, com a menor destruição possível de biodiversidade e de património. Assim, o transecto desenhado e representado na *Figura 18* é circular e atravessa habitats de charneca seca europeia, matos de zonas temperadas, floresta e charcos temporários mediterrânicos.

As estações de observação, assinalados com os núcleos *1, 2, 3, 4, 5, 6, 7* na *figura 18* cumprem a mesma regra de seleção e compreendem um conjunto de locais ótimos para se observar a biodiversidade nos vários habitats já descritos. Com a seleção deste método, foram inventariadas as 126 espécies de flora e fauna, apresentadas (no *Apêndice I*), nos vários habitats presentes na Citânia de Sanfins, nas diferentes alturas do ano. Este método conferiu o máximo de qualidade à recolha dos dados para o presente trabalho.

Enquadramento metodológico



Figura 17. Localização das estações de observação e transecto para a catalogação.
Autor: Ernesto Gonçalves, Luís Cunha e Município de Paços de Ferreira.

Estação 1: Localização por GPS 41°19'25.9"N 8°23'09.6"W

Estação 2: Localização por GPS 41°19'22.9"N 8°23'08.0"W

Estação 3: Localização por GPS 41°19'21.2"N 8°23'11.5"W

Estação 4: Localização por GPS 41°19'16.8"N 8°23'18.1"W

Estação 5: Localização por GPS 41°19'20.2"N 8°23'15.8"W

Estação 6: Localização por GPS 41°19'24.9"N 8°23'13.2"W

Estação 7: Localização por GPS 41°19'25.5"N 8°23'15.3"W

O trabalho de campo de inventariação e catalogação das espécies, de flora e fauna, na Citânia de Sanfins começou durante o mês de fevereiro de 2023, coincidindo com o início do curso de mestrado em Património Artes e Turismo Cultural, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. (ESE.IPP.). Durante os dois anos subsequentes, foram realizadas várias saídas-de-campo para recolha de amostras, análise dos achados e confirmação documental através de guias-de-campo, debates e reuniões com biólogos e outros parceiros. Registos

fotográficos e documentais foram efetuados em todos os meses do ano de 2024 e 2025, permitindo consolidar cientificamente as notas recolhidas e confirmar a presença de todos os seres vivos referenciados para o local até à data e aumentar a lista de ocorrência de espécies observadas, através de novos registos.

A Citânia de Sanfins, classificada como monumento nacional desde agosto de 1946, apresenta condições de proteção e salvaguarda do património cultural, o que permite estabelecer uma relação entre a biodiversidade e as comunidades ancestrais que assentaram neste planalto. A interseção e ligação entre a flora e fauna e as comunidades humanas que povoaram a citânia, desde os povos castrejos, romanos e medievais, é fundamental para entender a relação e interdependência da natureza com os povos, a interseção do património natural com o património cultural e social, e, os usos e costumes do povo na completa relação com a natureza. Acredito que, a maior parte das espécies catalogadas, existiam no mesmo período que as comunidades ancestrais, desde o séc. IV a.C., de acordo com os dados recolhidos e confirmados documentalmente, uma vez que se tratam de espécies nativas, que por definição são organismos que compõem os nossos ecossistemas desde a última glaciação, o que permite estabelecer a relação histórica e cultural entre a biodiversidade e a humanidade.

Assim, este estudo e a catalogação das espécies que ainda existem no sítio da Citânia de Sanfins, permitirão viajar no tempo e consentir, ainda que filosoficamente, um pensamento mais próximo sobre as comunidades que assentaram naquele local.

Equipamento utilizado para inventariação e catalogação das espécies.

- **Binóculos:** para observar e identificar espécies em campo, permitindo uma visão mais próxima e detalhada das características morfológicas das plantas e animais.
- **Telescópio:** para observar e estudar espécies em campo, especialmente aquelas que estão a uma distância maior ou são mais sensíveis à proximidade a humanos.
- **Microscópio:** para observar e estudar, de forma ampliada, as características microscópicas das plantas e animais, como a estrutura de células, tecidos e órgãos.

- **Câmara de vídeo:** para registar imagens de alta qualidade das espécies, incluindo fotos e vídeos, para fins de documentação e análise.
- **Foto-armadilhagem** - câmaras camufladas equipadas com disparo automático através de sensor de movimento; utilizadas para capturar, nas áreas selecionadas, fotos e vídeos de animais pouco conspícuos e para aumentar o esforço de amostragem em termos temporais (para um período contínuo). O uso deste equipamento permite uma melhor identificação das espécies *a posteriori*. Estas câmaras podem ser instaladas em abrigos, trilhos, encruzilhadas e outros locais de passagem fauna silvestre.
- **Sistema de georreferenciação:** um sistema que permite registar a localização exata das amostras recolhidas, incluindo coordenadas geográficas e altitude.
- **Anemómetro:** instrumento que permite medir a temperatura, humidade e outras condições ambientais, como a luz e a velocidade do vento.
- **Detetor de morcegos:** um instrumento que deteta ultrassons, o que permite identificar a ocorrência das diferentes espécies de morcegos, bem como o tipo e intensidade de atividade por unidade de área/tempo.
- **Câmara fotográfica:** para registar imagens de alta qualidade das espécies, incluindo fotos e vídeos, para fins de documentação e análise.
- **Software de análise de imagem:** <https://flypix.ai/pt> um programa que permite analisar e processar imagens de alta qualidade, incluindo a identificação de características morfológicas e a contagem de indivíduos.
- **Bibliografia de referência:** uma coleção de livros, guias-de-campo, artigos e outros materiais que permitem consultar informações sobre as espécies, incluindo descrições morfológicas, hábitos e distribuição geográfica.
- **Equipamento de campo consumível:** um conjunto de instrumentos e materiais que permitem recolher amostras e realizar observações em campo, incluindo sacos de amostras, etiquetas, etc..
- **Guia-de-campo:** vários guias-de-campo (regionais, nacionais e ibéricos) que fornecem informações sobre as espécies, incluindo descrições morfológicas, hábitos e distribuição geográfica.
- **Chave de identificação (chave-dicotómica):** uma ferramenta que fornece informações sobre as características morfológicas das espécies, incluindo descrições de plantas e animais.
- **Software de análise de dados:** <https://www.tableau.com/> e <https://www.inaturalist.org/> dois dos programas que permitem analisar e processar dados recolhidos em campo, incluindo a contagem de indivíduos e a análise de distribuição geográfica.

Materiais utilizados:

- **Armadilhas:** materiais utilizados para capturar animais para sua identificação e análises morfológicas e sanitárias dos indivíduos, tais como: armadilhas-Sherman, jaulas, aquários portáteis, caixas de papel, frascos para insetos, etc.
- **Sacos e frascos de amostras:** sacos herméticos e caixa-de-Pétri, materiais utilizados para recolher e armazenar amostras de plantas e animais, para estudar e analisar em ambiente laboratorial.
- **Etiquetas:** criação de fichas de inventário, utilizados para rotular e identificar as amostras recolhidas.
- **Fita-métrica:** para medir vestígios, amostras e espécimes em campo.
- **Folhas de campo (bloco de notas):** material utilizado para registar observações e notas em campo.
- **Papel e lápis:** materiais utilizados para registar observações e notas em campo.

Aparelhos e serviços utilizados:

- **Computador portátil:** para processar e analisar dados recolhidos em campo.
- **Serviço de internet:** um serviço que permite aceder a informações e consultar bases de dados em tempo real.

Pelo facto de, no total, terem sido identificadas na Citânia de Sanfins, mais de 60 espécies de flora, algumas dezenas de invertebrados e quase uma centena de vertebrados, esta apresentação da biodiversidade local, descreve apenas um conjunto de espécies seleccionadas pela sua relevância ecológica ou facilidade para a sua observação ou identificação por parte dos visitantes e para efeitos de dissertação académica. Deste modo, pretende-se contribuir mais eficazmente para, sob o ponto de vista da conservação do património natural, proteger espécies mais raras ou ameaçadas de extinção.

complementada por fotografia, através de saídas de campo nos momentos de maior atividade dos anfíbios e répteis, noite e dia, respetivamente.

Aves: Foram feitas amostragens visuais e auditivas em pontos fixos e transectos para registo de todas as espécies presentes. As saídas de campo ocorreram em todos os meses, desde fevereiro de 2023 a maio de 2025, e em diferentes fases do dia, na tentativa de serem obtidos os dados mais fiáveis e verosímeis.

Mamíferos: Para a deteção de mamíferos foi feita a instalação de câmaras de foto-armadilhagem complementada com a realização de percursos para identificação de indícios diretos e indiretos (pegadas, pêlo, excrementos e evidências de alimentação).

Recolha e Tratamento de Dados:

Todos os registos obtidos foram anotados em caderno de campo tomando nota dos vários parâmetros conforme a ficha de campo que segue em anexo⁴². Os dados recolhidos estão inseridos numa base de dados estruturada para a análise estatística e documental apresentada nos capítulos adiante.

Análises e Resultados:

Foi feita uma contabilização absoluta e relativa dos índices de biodiversidade e das fases de maior interesse para a observação. Este parâmetro que aqui foi introduzido, tem claramente uma vertente turística e vendável, e traduz, na fauna, a fase em que se consegue observar o animal, e na flora, a fase em que se consegue observar a floração (angiospérmicas) o desenvolvimento dos frondes (fetos) e a fase de frutificação (fungos, líquenes e musgos).

⁴² Ver anexo III, IV, V, VI, VII, e VIII. Fichas de campo utilizadas para a inventariação das espécies da Citânia de Sanfins

CAPÍTULO III: RESULTADOS

3.1. O CATÁLOGO DA BIODIVERSIDADE DA CITÂNIA DE SANFINS

A Citânia de Sanfins, localizada no concelho de Paços de Ferreira, é um testemunho vivo da interligação entre o património natural e o legado histórico, cultural e social de Portugal. Considerada “*uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste Peninsular e da Proto-história europeia*” (Silva, A. C. F. 1999). Classificada como monumento nacional desde 1946, este sítio, do antigo povoado castrejo, continua a ser refúgio para uma biodiversidade exuberante e surpreendente, com uma forte influência na vida histórica dos povos, desde o passado até à inspiração coletiva, dos dias de hoje. Entre ruínas milenares e paisagens deslumbrantes, continuam a florescer, em si, espécies únicas de flora, fauna, macrofungos (cogumelos), briófitas (musgos; *Bryophytas*, do grego *bryon* = musgo + *phyton* = planta), líquenes e *Pteridophytas* (fetos; do grego *pteris* = penas + *phyton* = planta), que transformam este local num verdadeiro tesouro natural, e convidam os visitantes para uma sessão turística sustentável de natureza.

Este trabalho tem como objetivo apresentar as espécies mais características de flora e fauna do sítio da Citânia de Sanfins, facilitando a sua descoberta e identificação em campo. Em primeiro apresentam-se as espécies de flora, por ordem de complexidade dos organismos: musgos e líquenes, fetos, plantas herbáceas, arbustos e árvores, sequencialmente. Quanto à fauna, pretende-se apresentar conforme a ordem evolutiva: invertebrados, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. A ausência de peixes é justificada pela falta deste habitat.

O inventário da biodiversidade local, convida a explorar e conhecer melhor a vida que pulsa na Citânia de Sanfins, ainda pelos dias de hoje. Este catálogo de biodiversidade resulta de uma parceria entre o trabalho metódico de investigação, inventariação e catalogação para a *Dissertação de Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural de Ernesto Gonçalves*, em parceria com a equipa de técnicos do Observatório Ambiental do Município de Paços de Ferreira (na pessoa do biólogo Luís Cunha), que contribuiu com um acompanhamento científico na

identificação da maior parte das espécies e na revisão de conteúdos. Pretende-se, com este catálogo (guia-de-campo), não apenas fornecer a promoção, a compreensão e a dinamização de instrumentos pedagógicos para a valorização e conhecimento da biodiversidade local, mas também reforçar a importância da sua preservação para as gerações futuras e para o sítio da Citânia de Sanfins.

Ao longo das próximas páginas, serão disponibilizadas informações detalhadas sobre as espécies que habitam e ocupam este território, dicas para as observar no seu ambiente natural e curiosidades que tornam cada descoberta ainda mais emocionante.

Desde as plantas autóctones que moldam a paisagem, até aos cogumelos que enriquecem o solo, passando pelos animais e plantas que vivem neste emaranhado de *micro-habitats*, desta cidade pacense, apresenta-se um catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins de modo a alimentar a vontade de realizar uma experiência imersiva para todos os que valorizam o equilíbrio entre a natureza e a história.

Quer seja um entusiasta da natureza, um estudante ou um simples curioso, este documento pretende servir de convite para olhar para a Citânia de Sanfins sob uma nova perspetiva, onde o passado e o presente se encontram com a biodiversidade deste lugar singular.

Estrutura da ficha de espécie do catálogo

As espécies incluídas nesta dissertação serão apresentadas de forma clara e organizada, utilizando uma estrutura que combina informações científicas com curiosidades acessíveis e a sua ligação histórica ao contexto da Citânia de Sanfins. Cada espécie apresentada neste guia será composta pelos seguintes elementos:

- **Nome Comum:** O nome vulgar pelo qual a espécie é conhecida no dia-a-dia, facilitando a identificação pelos leitores. Esta secção incluirá uma breve descrição sobre o uso ou reconhecimento popular da espécie na região.

Exemplo: Carvalho (uma árvore comum em florestas autóctones, reconhecida pela sua robustez e durabilidade).

- **Nome Científico:** O nome universal da espécie em latim, seguido do autor que a descreveu, garantindo precisão e identificação inequívoca.

Exemplo: *Quercus orocantabrica* (Rivas Mart., Penas, TEDíaz & Llamas. 2023)

- **Família:** A classificação da espécie dentro de um grupo botânico ou zoológico, com uma explicação simplificada das suas características principais.

Exemplo: *Fagaceae* (família de árvores e arbustos que inclui os carvalhos e castanheiros, caracterizada por frutos em bolota).

- **Descrição:** Um resumo das características principais da espécie, como morfologia, habitat, comportamento (para fauna) e o papel que desempenha no ecossistema local.

Exemplo: O carvalho-galego é uma árvore caducifólia que pode atingir 40 metros de altura, com folhas lobadas e frutos em bolotas, habitando bosques húmidos de clima temperado.

- **Curiosidades:** Informações interessantes ou invulgares sobre a espécie, como a sua utilização pelo ser humano, mitos⁴³, ou adaptações peculiares.

Exemplo: As bolotas do carvalho eram uma fonte de alimento para as populações castrejas e ainda hoje são usadas na alimentação animal.

- **Relação com o Passado e a Cultura Castreja:** Uma reflexão sobre como a espécie poderá ter sido utilizada, observada ou valorizada pelas comunidades castrejas e romanas que habitaram a Citânia. Inclui referências a práticas culturais, mitologias ou utilidades práticas.

Exemplo: O carvalho era considerado uma árvore sagrada pelos povos celtas, estando associado a rituais de fertilidade e proteção. Além disso, a sua madeira era essencial na construção de habitações e ferramentas na Citânia.

Esta abordagem permite que cada espécie seja contextualizada de forma abrangente, não apenas enquanto elemento biológico, mas também enquanto parte integrante da história e identidade do território.

⁴³ Anexo XV Lendas e Mitos da Citânia da Sanfins

Durante o período de investigação, foi realizada uma inventariação sistemática da biodiversidade presente na Citânia de Sanfins, com base em observações diretas, registos fotográficos e cruzamento de dados com bibliografia especializada. Esta recolha permitiu identificar um total de 126 espécies, distribuídas por diferentes grupos biológicos, tanto de flora e macrofungos como de fauna. Esta diversidade demonstra a riqueza ecológica e funcional do território, confirmando a presença de habitats bem preservados e de espécies com interesse ecológico, educativo e patrimonial.

Grupos de Plantas e Macrofungos	Quantidade de Espécies
Musgos e Líquenes	3
Fetos	5
Plantas Herbáceas	27
Arbustos	8
Árvores	6
Macrofungos (cogumelos)	2

Tabela 1: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Flora e Macrofungos.

Grupos de animais	Quantidade de Espécies
Invertebrados	38
Anfíbios	4
Répteis	8
Aves	18
Mamíferos	7

Tabela 2: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Fauna.

Estes números atestam a complexidade e vitalidade dos ecossistemas da Citânia de Sanfins, e sustentam a hipótese de que o património natural teve um papel crucial no assentamento e na sobrevivência das comunidades humanas que ali viveram.

Mais do que registos estatísticos, os dados obtidos através da inventariação oferecem hoje uma perspetiva holística de leitura do território, permitindo compreender como a biodiversidade, (mas também a geologia e a água), e a paisagem influenciaram profundamente o quotidiano das populações. Ao mesmo tempo, estes dados assumem-se como um recurso atual de elevado valor para o desenvolvimento de estratégias de turismo de natureza, educação patrimonial e valorização ambiental. A possibilidade de integrar a observação da fauna e flora num percurso interpretativo pelas ruínas da Citânia de Sanfins abre espaço a experiências imersivas,

sustentáveis e cientificamente fundamentadas, onde o visitante não apenas observa vestígios do passado, mas compreende como a vida – natural e humana – se organizava de forma interdependente no território. Esta visão integrada reforça o potencial da Citânia de Sanfins como um modelo de interpretação e promoção do património natural e cultural em simultâneo, ao serviço da sensibilização, da fruição pública e da construção de um futuro mais informado e sustentável.

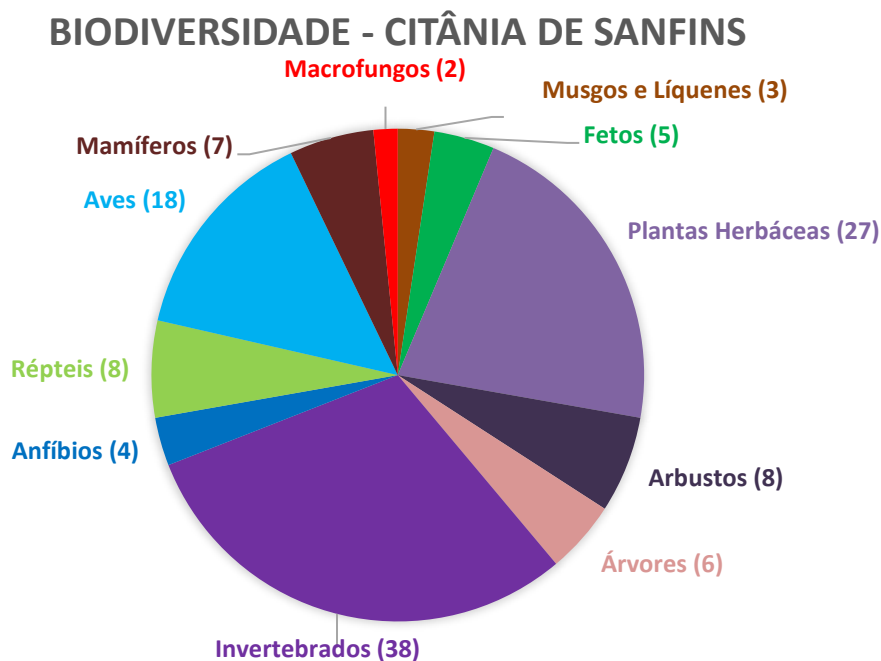


Gráfico 1: Número de espécies identificadas na Citânia de Sanfins

O Gráfico 1, representa a biodiversidade inventariada na Citânia de Sanfins para a dissertação da tese, e compila 126 espécies identificadas, com destaque para os invertebrados (38), seguidos das plantas herbáceas (27), aves (18), répteis (8), arbustos (8), mamíferos (7), fetos (5), musgos e líquenes (3), macrofungos (2) e árvores (6). Esta diversidade prova a existência de um ecossistema complexo, funcional e resiliente, que pode sustentar diferentes formas de vida ao longo do ano. A distribuição equilibrada entre fauna e flora, e a presença de espécies com interesse alimentar, medicinal, simbólico e educativo, validam a hipótese de que o património natural da Citânia de Sanfins foi um elemento estruturante para o desenvolvimento da comunidade castreja. Este gráfico é a prova empírica de que este sítio arqueológico não é apenas um espaço histórico, mas um sistema ecológico vivo.

FASE DE INTERESSE DE OBSERVAÇÃO DE ESPÉCIES (relativamente)

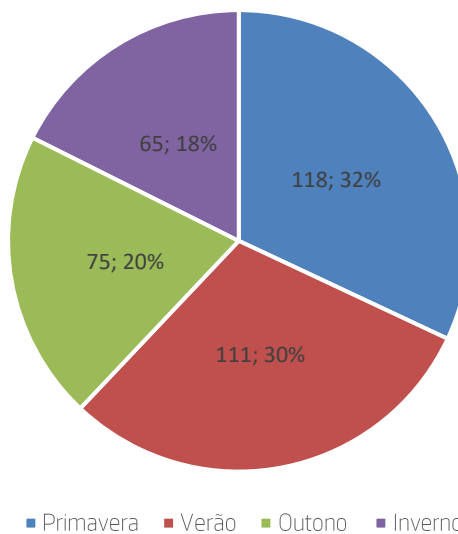


Gráfico 2: Diversidade de espécies por época fenológica: Diversidade específica absoluta e percentual

O gráfico referente à Fase de Interesse de Observação das Espécies (*Gráfico 2*), evidencia que a primavera (32%) e o verão (30%) são os momentos mais ricos em termos de diversidade visível, seguidos do outono (20%) e do inverno (18%). Esta informação torna-se, deste modo, essencial para o planeamento de atividades de turismo de natureza e educação ambiental, pois permite ajustar os períodos de visitação às fases de maior riqueza biológica. Além disso, demonstra que o território da Citânia de Sanfins tem potencial de observação e estudo durante todo o ano, com diferentes destaques em cada estação, reforçando o seu valor como espaço de aprendizagem ao ar livre, coerente com os princípios do ODS 4 – Educação de Qualidade e ODS 15 – Proteger a Vida Terrestre.

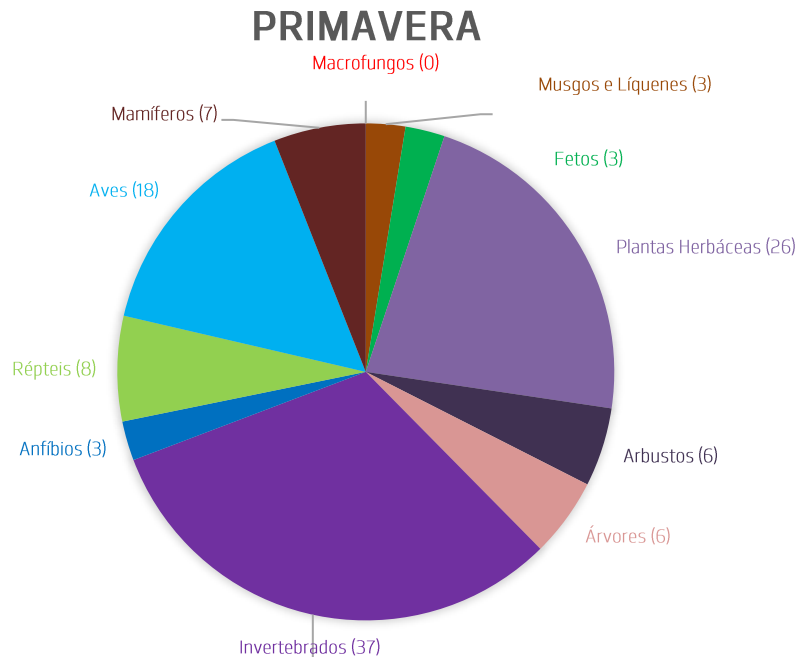


Gráfico 3: Diversidade grupos taxonômicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Primavera.

O gráfico referente à Primavera (*Gráfico 3*), confirma a importância desta estação como o pico da expressão biológica na Citânia de Sanfins. Com 27 plantas herbáceas, 18 aves, 8 répteis, 7 mamíferos, 4 anfíbios e 38 invertebrados, observa-se uma diversidade significativa, especialmente nos grupos vegetais e nos polinizadores. Esta fase é marcada pela floração intensa da maioria das espécies botânicas, como as urzes, tojos, giestas, dente-de-leão ou calêndula, além do aumento da atividade faunística. A flora em floração e a elevada mobilidade da fauna tornam esta estação a mais indicada para a observação ecológica, recolha de alimentos silvestres e práticas culturais ou espirituais ligadas ao renascimento cíclico da natureza. Para os povos castrejos, a primavera representava, provavelmente, um tempo de abundância, de fertilidade agrícola e de rituais de renovação, reforçando a sua relação com a paisagem.

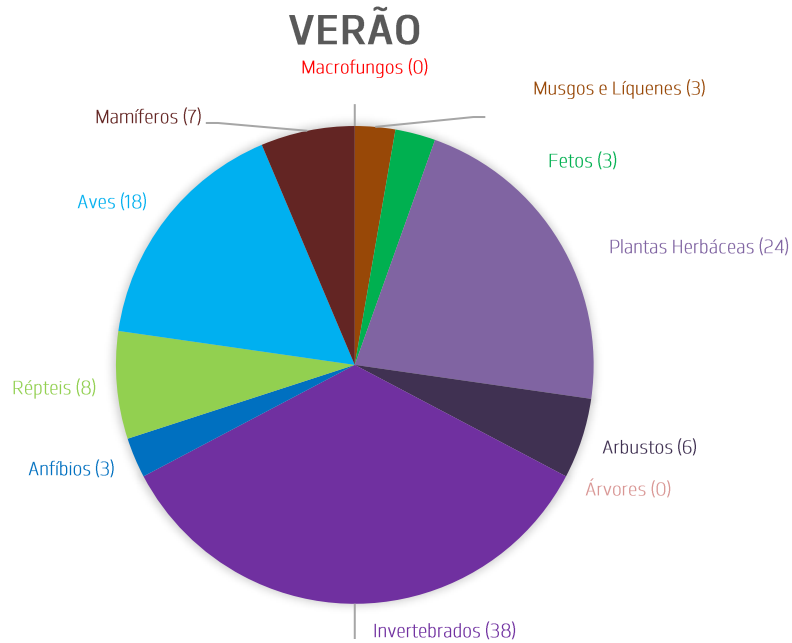


Gráfico 4: Diversidade grupos taxonómicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Verão.

No Verão (*Gráfico 4*), os dados confirmam uma manutenção da biodiversidade, com particular destaque para os 38 invertebrados e as 24 plantas herbáceas, sugerindo a persistência de polinizadores e a maturação de muitas espécies vegetais. Observam-se ainda 18 aves, 8 répteis, 7 mamíferos e 3 anfíbios, acompanhados por 6 arbustos, 3 musgos e líquenes, e 3 fetos, embora sem árvores floridas. Esta é uma época rica em recursos comestíveis e práticas económicas, como a recolha de frutos (amoras, pinhões), caça de espécies mais ativas e manutenção de áreas agrícolas. A elevada visibilidade da fauna torna esta estação propícia à atividade educativa e científica, sendo ainda coerente com a hipótese de que o verão era uma estação de forte mobilidade e exploração territorial entre os povos da Citânia.

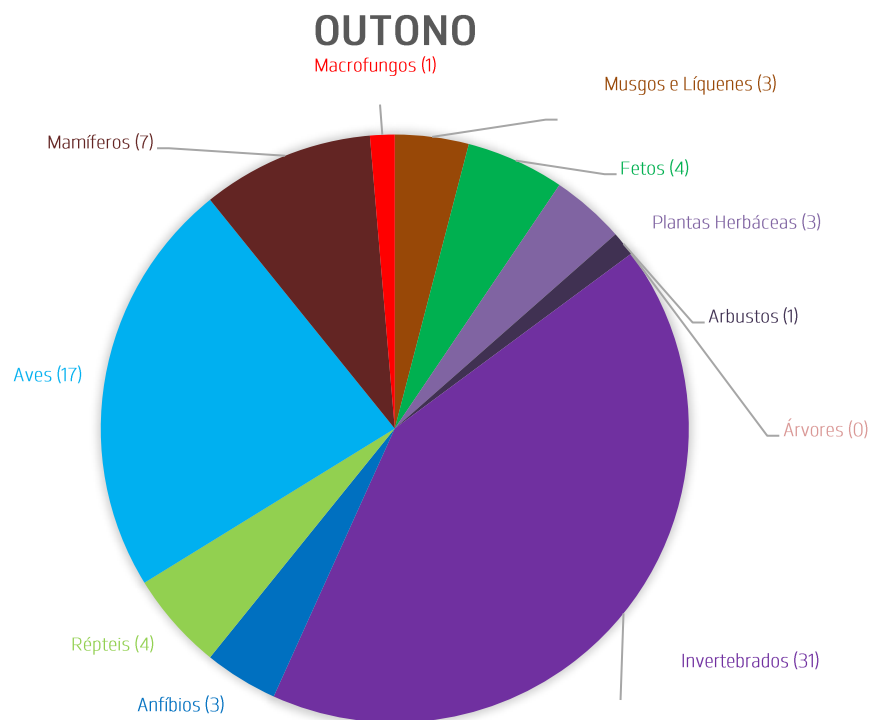


Gráfico 5: Diversidade grupos taxonômicos de animais, fungos e plantas, registada no período de Outono

O gráfico do Outono (*Gráfico 5*), apresenta uma quebra significativa na flora em floração, com apenas 3 herbáceas, 1 arbusto, 4 fetos e 3 musgos e líquenes, mas o aparecimento de 1 macrofungo e a manutenção da atividade faunística (31 invertebrados, 17 aves, 7 mamíferos, 4 répteis e 3 anfíbios) mostram que a natureza da Citânia continua a oferecer recursos mesmo em época de transição. O outono marca o tempo das colheitas finais — castanhas, bolotas — e a preparação para o inverno, podendo corresponder, no contexto castrejo, a um tempo de ritual de fecho de ciclo, conservação de alimentos e celebrações sazonais. A presença de macrofungos reforça o valor simbólico da regeneração, muito presente nas culturas antigas.

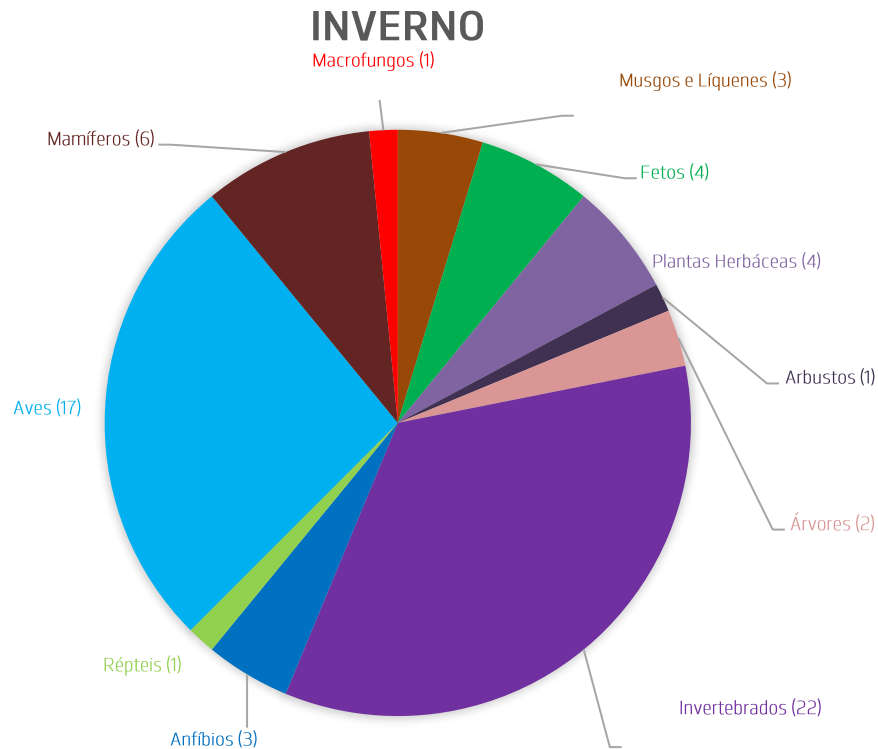


Gráfico 6: Diversidade de grupos taxonômicos de animais, fungos e plantas, registrada no período de Inverno.

Durante o Inverno, a biodiversidade reduz-se, como esperado, mas não desaparece (*Gráfico 6*). A floração de 4 plantas herbáceas, 1 arbusto, 4 fetos, 3 musgos e líquenes, 2 árvores em floração, e 1 macrofungo mantém a estrutura ecológica ativa, ainda que de forma menos visível. A fauna apresenta atividade de 22 invertebrados, 17 aves, 6 mamíferos, 3 anfíbios e apenas 1 réptil, revelando uma resiliência notável do ecossistema, mesmo nas condições mais adversas. A manutenção da avifauna e dos invertebrados, bem como a presença de macrofungos, indica a importância destes grupos para a continuidade do ciclo biológico. Para os povos antigos, o inverno seria o tempo do abrigo, da introspecção e da dependência dos recursos armazenados – um verdadeiro teste à autossuficiência e ao planejamento comunitário, sustentado pelo território.

Síntese interpretativa final dos gráficos acima apresentados

A leitura conjunta dos gráficos revela uma dinâmica ecológica contínua e adaptada ao ritmo natural das estações, o que sustenta a hipótese desta dissertação: a biodiversidade, a geologia e os recursos naturais da Citânia de Sanfins foram fatores determinantes para a escolha e sustentação do povoado castrejo durante vários séculos. A diversidade observada – tanto em

flora como em fauna – demonstra que este território fornecia, sazonalmente, os recursos necessários à sobrevivência, proteção e organização de uma comunidade numerosa e complexa. Ao mesmo tempo, estes dados mostram o enorme potencial da Citânia como destino de turismo de natureza e lugar de educação patrimonial integrada, onde o visitante pode experienciar não só a memória das pedras, mas também a vitalidade dos ecossistemas que permanecem. A observação da biodiversidade torna-se, assim, uma ferramenta complementar à leitura histórica e arqueológica, contribuindo para uma visão holística do património, como propõe a Agenda 2030 da UNESCO. Este território vivo, com memória, natureza e identidade, pode (e deve) ser promovido como um exemplo de sustentabilidade cultural e ecológica, à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Tabela das espécies, por grupo biológico, inventariadas e catalogadas, na Citânia de Sanfins⁴⁴

GRUPO	ESPÉCIE	ÉPOCA	Pág
MUSGOS	Musgo-de-rocha-seco-pulvinato (<i>Grimmia pulvinata</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	37
	Musgo-parafuso-de-parede (<i>Tortula muralis</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
LÍQUENES	<i>Lasallia pustulata</i>	Prim/Ver/Out/Inv	38
FETOS	Avenca-negra (<i>Asplenium onopteris</i> .)	Out/Inv	39
	Avencão (<i>Asplenium trichomanes</i> . subsp. <i>quadrivalens</i>)	Out/Inv	40
	Feto-ordinário (<i>Pteridium aquilinum</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Feto-pente (<i>Blechnum spicant</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	<i>Polypodium sp.</i>	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
PLANTAS HERBÁCEAS	Abrótea (<i>Asphodelus lusitanicus</i>)	Prim/Ver	42
	Arenária (<i>Arenaria montana</i>)	Prim/Ver	43
	Bico de cegonha (<i>Erodium cicutarium</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Camomila (<i>Chamemelum sp</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Dedaleira (<i>Digitalis purpúrea</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Dente-de-leão (<i>Taraxacum officinale</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Erva-de-são-roberto (<i>Geranium purpureum</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Erva-leiteira (<i>Polygala vulgaris</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Galium (<i>Galium sp.</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Jasione (<i>Jasione laevis</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Leituga (<i>Sonchus oleraceus</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Lótus ou cornichão (<i>Lotus corniculatus</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Margarida ou rapazinhas (<i>Bellis perennis</i>)	Inv/Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Margarida-do-monte (<i>Bellis sylvestris</i>)	Prim/Ver/Inv	Apêndice I
	Morango-silvestre ou morango-bravo (<i>Fragaria vesca</i>)	Prim	Apêndice I
	Narciso-bravo (<i>Narcissus triandus</i>)	Prim	Apêndice I
	Pedreiras ou arroz-dos-telhados (<i>Sedum album</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Género Ranunculus spp.	Ver	Apêndice I

⁴⁴ Ver Apêndice I. Catálogo da descrição das espécies observadas.

	Romulea-de-folhas-de-açafrão (<i>Romulea bulbocodium</i>)	Inv/Prim	Apêndice I
	Saramago (<i>Raphanus raphanistrum</i>)	Inv/Prim/Ver	Apêndice I
	Silene Dióica (<i>Silene dioica</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Silene Mosca-pega-de-nottingham (<i>Silene nutans</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Trevo-dos-prados (<i>Trifolium pratense</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Trevo-branco (<i>Trifolium repens</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Tuberária-mosqueada (<i>Tuberaria guttata</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Umbigo-de-vénus (<i>Umbilicus rupestris</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Valeriana anual (<i>Centranthus calcitrapae</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
ARBUSTOS	Codesso (<i>Adenocarpus lainzii</i>)	Ver	45
	Giesta-branca (<i>Cytisus multiflorus</i>)	Prim	46
	Maias ou Giesta-das-Serras (<i>Cytisus striatus</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Sargaço-das-Serras (<i>Halimium lasianthum</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Silva-brava (<i>Rubus ulmifolius</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Tojo-arnal (<i>Ulex europaeus</i> L. subsp. <i>latebracteatus</i>)	Inv/Prim	Apêndice I
	Torga, urze ou queiró (<i>Calluna vulgaris</i>)	Ver/Out	Apêndice I
	Urze-roxa (<i>Erica cinerea</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
ÁRVORES	Carvalho-galego (<i>Quercus orocantabrica</i>)	Prim	48
	Carvalho-negral (<i>Quercus pyrenaica</i>)	Prim	49
	Eucalipto ou eucalipto-glóbulo (<i>Eucalyptus globulus</i>)	Inv/Prim	Apêndice I
	Pinheiro-bravo (<i>Pinus pinaster</i> Aiton)	Prim	Apêndice I
	Salgueiro-negro (<i>Salix atrocinerea</i>)	Inv/Prim	Apêndice I
	Sobreiro (<i>Quercus suber</i>)	Prim	Apêndice I
INVERTEBRADOS	Abelha-do-mel, abelha-europeia ou abelha-comum (<i>Apis mellifera</i>)	Prim/Ver/Out	51
	Abelhão ou zangão (<i>Bombus terrestris</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	52
	Aranha-vespa ou cesteira-vespão (<i>Argiope bruennichi</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Besouro-capricórnio ou escaravelho-capricórnio (<i>Cerambyx cerdo</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Bicho-pau-comum (<i>Leptynia attenuata</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Borboleta-acobreada (<i>Lycaena phlaeas</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-azulinha (<i>Lampides boeticus</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-bela-dama (<i>Vanessa Cardui</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-cauda-de-andorinha (<i>Papilio machaon</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-cinzentinha (<i>Leptotes pirithous</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-cobre-de-tiro-roxo (<i>Lycaena alciphron</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-da-couve (<i>Pieris brassicae</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-das-giestas-comum (<i>Isturgia famula</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-loba (<i>Maniola Jurtina</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-malhadinha (<i>Pararge aegeria</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-maravilha (<i>Colias croceus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Borboleta-preta-comum ou árvore-grayling (<i>Hipparchia statilinus</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I
	Borboleta-raposa ou mariposa-raposa (<i>Macrothylacia rubi</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Borboleta-zebra (<i>Iphiclydes feisthamelii</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Chucha-pitos ou carocha-portuguesa (<i>Blaps lusitanica</i>)	Prim/Ver	Apêndice I
	Escaravelho-dos-3-pontos (<i>Lachnaia tristigma</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Escolopendra ou centopeia-amarela (<i>Scolopendra cingulata</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Gafanhoto de Jersey (<i>Euchorthippus elegantulus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Gafanhoto-atlantis (<i>Aiolopus strepens</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Gafanhoto-de-asa-de-faixa-ibérico (<i>Oedipoda coerulea</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I

	Gafanhoto-ocre (<i>Calliptamus barbarus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Grilo-comum ou grilo-capa-de-rei (<i>Gryllus campestris</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I	
	Grilo-de-sela-lusitânico (<i>Neocallicrania selligera</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Joaninha ou joaninha-de-sete-pintas (<i>Coccinella septempunctata</i>)	Prim/Ver	Apêndice I	
	Lesma-espanhola ou lesma-assassina (<i>Arion vulgaris</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Lesma-preta (<i>Arion ater</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Libélula-anelada Libélula anelada (<i>Cordulegaster boltonii</i>)	Prim/Ver/Out/	Apêndice I	
	Libélula-de-nervuras-vermelhas (<i>Sympetrum fonscolombii</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Louva-a-deus (<i>Mantis religiosa</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	<i>Lythria sanguinaria</i>	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Percevejo-vermelho (<i>Horvathiolus superbus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Pirilampo sp. (género <i>Lampyrini</i>)	Ver	Apêndice I	
	Tipula sp. (género <i>Tipula</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
ANFÍBIOS	Rã-verde (<i>Pelophylax perezi</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	54	
	Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo (<i>Salamandra salamandra</i>)	Out/Inv	55	
	Sapo-comum (<i>Bufo spinosus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Sapo-corredor (<i>Epidalea calamita</i>)	Prim/Ver	Apêndice I	
RÉPTEIS	Cobra-de-água-viperina (<i>Natrix maura</i>)	Prim/Ver	57	
	Cobra-rateira (<i>Malpolon monspessulanus</i>)	Prim/Ver	58	
	Fura-pastos ou cobra-de-Pernas-Tridáctila (<i>Chalcides striatus</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I	
	Lagartixa-de-bocage (<i>Podarcis bocagei</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Lagartixa-do-mato (<i>Psammodromus algirus</i>)	Prim/Ver/Out	Apêndice I	
	Lagartixa-lusitânica (<i>Podarcis lusitanicus</i> Geniez,)	Prim/Ver/Out	Apêndice I	
	Licranço (<i>Anguis fragilis</i>)	Prim/Ver	Apêndice I	
	Sardão (<i>Timon lepidus</i>)	Prim/Ver	Apêndice I	
AVES	Águia-de-asa-redonda (<i>Buteo buteo</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	60	
	Andorinhão-preto (<i>Apus apus</i>)	Prim/Ver	61	
	Cartaxo ou Cartaxo-comum (<i>Saxicola rubicola</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Chamariz ou milheirinha (<i>serinus serinus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Cia ou Escrevedeira-de-garganta-cinzenta (<i>Emberiza cia</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Coruja-do-mato ou coruja-do-mato-europeia (<i>Strix aluco</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Cotovia-dos-bosques (<i>lullula arborea</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Falcão-peneireiro (<i>Falco tinnunculus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Gaio (<i>Garrulus glandarius</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Galha (<i>Corvus corone</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Melro-preto (<i>Turdus merula</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Mocho-galego ou chio (<i>Athene noctua</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Petinha-dos-prados (<i>Anthus pratensis</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Pica-pau-malhado-grande (<i>Dendrocopos major</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Pica-pau-verde (<i>Picus sharpei</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Pisco-de-peito-ruivo (<i>Erithacus rubecula</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Rabirruivo ou Rabirruivo-preto (<i>Phoenicurus ochruros</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	Tordo-músico ou tordo-comum (<i>Turdus philomelos</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
	MAMÍFEROS	Coelho-bravo (<i>Oryctolagus cuniculus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	63
		Doninha-pequena (<i>Mustela nivalis</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	64
Javali (<i>Sus scrofa</i>)		Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	
Morcego-anão (<i>Pipistrellus pipistrellus</i>)		Prim/Ver/Out	Apêndice I	
Ouriço-cacheiro (<i>Erinaceus europeus</i>)		Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I	

	Raposa-vermelha (<i>Vulpes vulpes</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
	Rato-do-campo (<i>Apodemus sylvaticus</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	Apêndice I
MACROFUNGOS	Chifre-fedorento-comum (<i>Phallus impudicus</i>)	Out	65
	Cogumelo-de-funil-castanho (<i>Coltricia perennis</i>)	Inv	66

Tabela 3: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico do transeto e pontos de observação da Citânia de Sanfins. Total de 126 espécies. Autores: Ernesto Gonçalves e Luís Cunha.

A flora da Citânia de Sanfins

A Flora da Citânia de Sanfins apresenta-se como um grupo diverso e abundante de plantas que incluem, desde os musgos e líquenes até os fetos, passando pelo grande grupo das plantas herbáceas, arbustos e grandes árvores. No total, mais de meia centena de espécies de flora existem neste local, cada uma com as suas características únicas e importantes para a ecossistema e a cultura local.



FAUNA DA CITÂNIA DE SANFINS 2025



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura20: Mosaico fotográfico da flora inventariada na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes

As plantas da Citânia de Sanfins foram muito importantes para as populações castrejas, que as utilizavam em muitos aspetos da sua vida quotidiana. Em variadas monografias sobre a cultura castreja, é comum referir que algumas destas espécies eram utilizadas para construir os núcleos habitacionais, utilizando madeira e fibras para criar abrigos e habitações. Outras eram utilizadas para produzir tecidos e roupas, como a fibra de linho (*Linum sp.*), e outras usadas para a cestaria como as silvas (*Rubus sp.*).

Além disso, as plantas também eram utilizadas para alimentação, com espécies como a oliveira (*Olea sp.*) utilizadas para a consumo alimentar, produção de azeite, combustível e tratamentos medicinais. As propriedades medicinais das plantas eram importantes para a solução de problemas sanitários das pessoas, espécies como a salvia (*Salvia officinalis*) e a urtiga (*Urtica dioica*) sendo utilizadas para tratar doenças e ferimentos.

Surpreendentemente, algumas destas espécies, ainda hoje, são utilizadas na gastronomia e doçaria tradicional, como por exemplo, a folha de louro (*Laurus nobilis*) que é utilizada para dar sabor a pratos e doces. Além disso, também são utilizadas como remédios para tratar algumas doenças das pessoas, como por exemplo, as silvas e a salsola que é utilizada para tratar dores de cabeça e problemas de pele, tal como refere Fernanda Botelho no seu livro “Flores que se comem – Espontâneas e Cultivadas⁴⁵.

As plantas também tinham uma ligação importante com o mundo espiritual e as crenças das populações castrejas. Algumas espécies eram consideradas sagradas e eram utilizadas em rituais e cerimónias, enquanto outras eram utilizadas para proteger a família e a comunidade⁴⁶.

Neste catálogo, serão apresentadas algumas espécies de flora que existem na Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema e a cultura local. Pretende-se também explorar como as plantas poderiam ser utilizadas pelas populações castrejas. Ao longo da evolução demográfica e civilizacional da região, as plantas

⁴⁵ Botelho F. (2022). *Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas*. Coleção Paisagens Comestíveis. Lisboa.

⁴⁶ Barceló J.M.G. (2001) *The Castrejos: A Study of the Castrejo Culture in the Iberian Peninsula*. Editorial Universidad de Barcelona. (Este livro é uma obra de referência sobre a cultura castreja na Península Ibérica, e aborda temas como a agricultura, a pecuária, a artesanato e a religião dos castrejos. O autor, J. M. G. Barceló, é um especialista em arqueologia e história da Península Ibérica, e sua obra é considerada uma referência importante para o estudo da cultura castreja.)

continuaram a acompanhar os usos e costumes das pessoas, mantendo a sua importância para a cultura e identidade local.

Musgos e líquenes

A Citânia de Sanfins, Monumento Nacional desde 1946, é um sítio histórico e arqueológico de grande valor cultural, localizado no noroeste de Portugal. Além da sua importância arqueológica, a Citânia de Sanfins é também um local com um certo carisma natural. Apresenta uma variedade de habitats e espécies que merecem, e devem, ser protegidos e conservados, não só para o estabelecimento do equilíbrio do ecossistema, mas também para apreciação e usufruto cultural das gerações vindouras. Entre essas espécies, os musgos e líquenes são uma componente importante da biodiversidade local, e a sua presença é fundamental para a manutenção da saúde dos solos e da estabilidade dos ecossistemas.

Os musgos e líquenes, do grupo das briófitas (*Bryophyta*) são organismos que vivem em simbiose com outros seres vivos, como plantas e animais, e desempenham um papel crucial na formação de ecossistemas. Eles são responsáveis por fixar nutrientes no solo, produzir compostos químicos que influenciam a comunidade microbiana, e fornecer habitat para outros organismos. São estes os primeiros organismos a aparecer na escala de sucessão ecológica na transformação de rocha em solo. Além disso, os musgos e líquenes são também importantes indicadores da qualidade do ambiente, pois são sensíveis às mudanças climáticas, à poluição e à degradação do solo.

A preservação e conservação dos musgos e líquenes da Citânia de Sanfins é fundamental para a proteção do património natural local e, em tese, numa perspetiva socioeconómica para a região, para a promoção do turismo de natureza sustentável. A valorização e consciencialização para a importância dessas espécies pode contribuir para a redução do impacto humano no ambiente e para a proteção da biodiversidade local. Além disso, a presença de musgos e líquenes na Citânia de Sanfins, tornando-se numa atração turística, permite que os visitantes apreciem a beleza natural e a riqueza cultural do local.

Musgos

Musgo-de-rocha-seco-pulvinato
(*Grimmia pulvinata* (Ed.) Sm. 1807)



Nome Comum: Grimmia-almofadado-cinza ou Musgo-de-rocha-seco-pulvinato

Nome Científico: *Grimmia pulvinata*,

Família: *Grimmiaceae* (família de musgos que incluem espécies com folhas planas e estreitas)

Descrição: O *Grimmia pulvinata* é um musgo briófito que cresce em rochas secas e pedregosas, formando colónias densas e compactas. As suas folhas são lanceoladas, sendo largas e ovais na base e muito estreitas em direção à ponta. Elas podem apresentar uma tonalidade prateada perto da ponta em alguns espécimes. As suas cápsulas são ovais e se dobram para dentro das folhas quando a planta está seca e se destacam quando está húmida.

Curiosidades: Este musgo é uma espécie comum em climas temperados e pode ser encontrado em muitos locais. Está presente e pode ser encontrado facilmente na Citânia de Sanfins.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Trata-se de uma espécie pioneira, o que significa que está entre os primeiros organismos a colonizar um habitat que foi perturbado por um evento como um incêndio florestal. A sua resistência à poluição permite que colonize áreas urbanas, como telhados, muros e asfalto. Embora não haja registos diretos da presença do *Grimmia pulvinata* pelas comunidades castrejas, é provável que tenham sido observados e apreciados pela sua beleza e capacidade de sobrevivência em ambientes desafiantes.

Referências Bibliográficas e WEB:


Fotografia de Gewoon muisjesmos, Saxifraga-Ab H Baas.

Guia de Campo (2015). Cogumelos Silvestres – Dunas de Pinhal Litoral. Associação Charcos & Companhia.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/flora/briofitas/item/musgo-almofada> Última consulta: dezembro 2024.

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Líquenes

<p><i>Lasallia pustulata</i> (L.) Mérat (1821)</p>	
<p>Nome Comum: Líquene <i>Lasalia pustulata</i> Nome Científico: <i>Lasallia pustulata</i></p>	
<p>Família: <i>Graphidaceae</i> (família dos líquenes)</p>	
<p>Descrição: O líquen <i>Lasalia pustulata</i> é um líquen que cresce em forma de placas ou folhas, com uma superfície verde-azulada a castanha e uma textura lisa. Tem um tamanho variável, podendo atingir até 10 cm de comprimento e 5 cm de largura. A sua superfície é revestida por uma substância oleosa que lhe confere uma textura aveludada.</p>	
<p>Curiosidades: O líquen <i>Lasallia pustulata</i> é uma espécie comum em Portugal e pode ser encontrada em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em rochas e solo, e por ser um importante indicador da qualidade do ambiente.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos do Líquen <i>Lasallia pustulata</i> nas práticas culturais das comunidades castrejas, é provável que tenham sido considerados uma espécie importante para a medicina e a religião. Em muitas culturas, os líquenes são considerados plantas sagradas e simbólicas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB: Fotografia de http://www.mitra-nature.uevora.pt. Biodiversity4all: https://www.biodiversity4all.org/taxa/222671-Lasallia-pustulata. Última consulta: dezembro 2024. Costa, A. (2003). Líquenes <i>Lasallia pustulata</i>. In: Guia dos Líquenes de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2003.</p>	

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Fetos

O grupo dos fetos (*Pteridophytas*) é um grupo de plantas não vasculares que inclui cerca de 12.000 espécies distribuídas por todo o mundo. Embora sejam consideradas plantas inferiores, os fetos desempenham um papel importante no ecossistema, contribuindo para a formação de solo, a regulação do clima e a manutenção da biodiversidade.

A Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico localizado no noroeste de Portugal, é um local de grande importância para a compreensão da história e da cultura humana. No entanto, este sítio também é habitat para uma variedade de espécies de fetos, que se adaptaram ao clima e ao solo da região. Nesta dissertação, vamos explorar a biodiversidade de fetos presentes na Citânia de Sanfins, destacando as suas características, hábitos e importância para o ecossistema local.

Avenca-negra (*Asplenium onopteris*.
1758)



Nome Comum: Avenca-negra

Família: *Aspleniaceae* (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)

Descrição: A Avenca-negra é um feto perene que cresce em florestas, matas e áreas húmidas. As frondes são lanceoladas, estreitas e revolidas, com margens lisas e bordos serrados. Possui soros com verdadeiro indúcio, oblongos e lineares. Esporos ovóides, de castanho-escuro a negro-acastanhado.

Curiosidades: Este feto é uma espécie comum em climas temperados e pode ser encontrado em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados. Este feto possui aplicações medicinais, a extração de ácido propiónico para produção de produtos farmacológicos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Estima-se que *Asplenium onopteris* possa ter sido utilizada pelas comunidades castrejas e romanas como planta medicinal e para fins rituais, mas sem registos. Além disso, poderia ter sido utilizado como cama para os animais domésticos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Saxifraga-Ed Stikvoort.

Biodiversity4all: <https://www.biodiversity4all.org/> Última consulta: novembro 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Museu Virtual da Biodiversidade – Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/pteridofitas/asplenium-onopteris/> Última consulta: novembro 2024.

Observatório Ambiental de Paços de Ferreira: <https://observatorioambiental-pf.pt/> Última consulta novembro 2024.

Avenção (*Asplenium trichomanes* L. subsp. *quadrivalens* D. E. Meyer. 1753)



Nome Comum: Avenção

Família: *Aspleniaceae* (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)

Descrição: O avenção é um feto vivaz de rizoma curto. As frondes encontram-se dispostas num tufo denso, com pecíolos curtos, castanho-escuros, brilhantes e sem pelos. A lâmina é linear-oblonga, unipenatisseta.

Curiosidades: Esta espécie é uma subespécie do *Asplenium trichomanes* e é encontrada em climas temperados e subtropicais. É conhecido pela sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos da utilização do avenção pelas comunidades castrejas, este feto possui aplicações medicinais, através da decoção das folhas, com propriedades antitússicas e para tratamento da alopecia (queda de cabelo).

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Asplenium+trichomanes+subsp+quadrivalens> Última consulta novembro 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Museu Virtual da Biodiversidade – Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/pteridofitas/asplenium-trichomanes/> Última consulta novembro 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Plantas herbáceas (descrição das espécies)

Para este trabalho, são consideradas plantas herbáceas, todas as plantas superiores (angiospérmicas) que crescem no solo e não têm caule lenhoso, ou seja, não têm um tronco duro e resistente como os arbustos e as árvores. Elas podem ser encontradas em muitos habitats, incluindo florestas, matas, prados, campos e áreas urbanas. As plantas herbáceas são muito diversificadas e podem ser encontradas em diferentes partes do mundo, incluindo a Europa, África, Ásia, América do Norte e América do Sul.

No passado, as plantas herbáceas desempenharam um papel importante na vida das comunidades castrejas, romanas e medievais que habitaram a zona da Citânia de Sanfins.

Foram utilizadas como fonte de alimento, medicamento, tecido, cestaria e outros produtos. As plantas herbáceas também foram utilizadas para fins rituais, espirituais e religiosos, e foram consideradas sagradas por muitas culturas.

Durante a investigação de campo e catalogação das plantas herbáceas no sítio da Citânia de Sanfins, foram encontradas mais de 60 espécies diferentes. Essas plantas representam a história da região e são uma oportunidade para o presente e para o futuro.

Esta dissertação pretende criar mecanismos de proteção e salvaguarda do património local e, ao mesmo tempo, promover o turismo de natureza sustentável.

Conhecer as plantas herbáceas é fundamental para preservar e proteger o património local. Isso porque as plantas herbáceas são uma parte integrante da biodiversidade da região e desempenham um papel importante no ecossistema. Além disso, as plantas herbáceas também têm um valor cultural e histórico, e sua preservação é fundamental para a conservação da identidade cultural da região.

A proteção e salvaguarda do património local também é importante para o turismo de natureza sustentável. Compreendendo que o turismo de natureza sustentável é um tipo de turismo que se concentra em experiências naturais e culturais de contacto direto com a própria natureza, é essencial minimizar o impacto negativo que possa surgir destas atividades, que só através do

conhecimento e de uma atitude responsável e consciente será possível preservar. A preservação do património local é fundamental para que os visitantes apreciem a beleza natural e cultural da região.

Abrótea (*Asphodelus lusitanicus* Cout.
1898)



Nome Comum: Abrótea

Nome Científico: *Asphodelus lusitanicus*

Família: *Asphodelaceae* (família das asfodeláceas, que inclui plantas herbáceas e perenes, frequentemente adaptadas a solos pobres e condições áridas).

Descrição: A abrótea é uma planta herbácea perene que pode atingir até 1,5 metros de altura. Possui folhas lineares e longas que formam uma roseta basal. As suas flores, de cor branca com uma faixa central rosada nas pétalas, surgem organizadas em hastes altas e densas durante a primavera. A planta é resistente e adapta-se bem a solos pobres e pedregosos, sendo frequentemente encontrada em pastagens e clareiras de matagais.

Curiosidades: A abrótea é frequentemente associada a terrenos abandonados ou pobres, desempenhando um papel ecológico importante na regeneração de solos degradados. As suas raízes tuberosas eram utilizadas em algumas regiões da Península Ibérica para fins medicinais populares, especialmente no tratamento de problemas de pele e inflamações.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na época castreja, é possível que a abrótea fosse conhecida e utilizada pelos habitantes da Citânia de Sanfins. A planta poderia ter sido valorizada pelas suas propriedades medicinais ou como um marcador natural de terrenos baldios e áreas em repouso agrícola. O seu florescimento exuberante na primavera talvez tenha sido associado a rituais de renovação e fertilidade.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografias de Luís Cunha.

Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 31.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 57.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Arenária (*Arenaria montana* L. 1755)



Nome Comum: Arenária

Nome Científico: *Arenaria montana*

Família: *Caryophyllaceae* (família das cariofiláceas, composta por plantas herbáceas e subarbustos, muitas vezes associadas a habitats secos ou rochosos).

Descrição: Pequena planta herbácea conhecida pelas suas delicadas flores brancas e pela sua preferência por solos pedregosos e arenosos, sendo comum em áreas montanhosas e abertas. A arenária é uma planta herbácea perene, de porte rasteiro, que forma tapetes densos com até 15–30 cm de altura. As suas folhas são pequenas, ovadas e de textura carnuda. As flores, que desabrocham na primavera e no início do verão, são brancas, com cinco pétalas largas que criam um contraste delicado com os caules finos. A planta prefere solos bem drenados, frequentemente encontrados em zonas pedregosas ou arenosas de montanha.

Curiosidades: Devido à sua resistência e aspeto ornamental, a arenária é frequentemente utilizada em jardins como cobertura vegetal ou em jardins de rocha. A sua capacidade de se adaptar a ambientes extremos torna-a um exemplo de sucesso em ecossistemas adversos. Em algumas tradições populares, acreditava-se que as flores da arenária protegiam contra maus espíritos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É provável que a arenária, pela sua abundância em áreas rochosas, fizesse parte da paisagem natural que rodeava a Citânia de Sanfins. A planta pode ter sido usada como cobertura em caminhos ou como elemento decorativo natural nos espaços habitados. Além disso, a sua floração densa e resistente podia ser observada como símbolo de resiliência, algo que possivelmente ecoava na cultura castreja.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 57.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Arenaria_montana_subesp_montana. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental de Paços de Ferreira: https://observatorioambientalpf.pt/arenaria_montana/. Última consulta: agosto de 2024.

Silva, L. (1997). Flora de Portugal. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Arbustos (descrição por espécie)

Os arbustos são uma parte importante da paisagem da Citânia de Sanfins, e são encontrados em diferentes partes deste sítio. Estes pequenos arbustos têm sido uma fonte de fascínio e inspiração para muitos, e as suas características únicas e adaptações têm permitido que eles sejam bem-sucedidos e essenciais em diferentes tipos de habitats.

Os arbustos são plantas perenes que têm um caule lenhoso, mas não têm um tronco duro e resistente como as árvores. Eles podem crescer em diferentes altitudes e climas, e são encontrados em diferentes habitats, desde florestas até prados e campos.

Os arbustos têm sido uma parte importante da história e cultura da região, desde os tempos castrejos até ao presente. Eles foram utilizados para fins medicinais, culinárias e religiosos, e foram também utilizados como fonte de combustível e materiais de construção.

A Citânia de Sanfins é um local rico em biodiversidade, e os arbustos são uma parte importante desse património natural. Os seis arbustos que vamos destacar em seguida – Giesta-branca, Maias ou giesta-das-serras, Sargaço-das-serras, Tojo-arnal – são apenas alguns exemplos das muitas espécies que podem ser encontradas no local.

Os arbustos têm uma importância especial na cultura e na história da região, e são uma parte integral do património cultural da Citânia de Sanfins. Eles foram utilizados por diferentes culturas e sociedades ao longo da história, e continuam a ser uma fonte de inspiração e sustento para muitos.

<p>Codesso (<i>Adenocarpus lainzii</i> (Castrov.) Castrov. 1999)</p>	
<p>Nome Comum: Codesso Nome Científico: <i>Adenocarpus lainzii</i></p>	
<p>Família: <i>Fabaceae</i> (Família das Leguminosas)</p>	
<p>Descrição: O Codesso é um arbusto perene que cresce em solos secos e pedregosos. Tem um caule lenhoso, com uma altura máxima até 3 metros. As folhas são compostas por 3–5 folíolos lanceolados, com margens serradas e ápices agudos. O Codesso é encontrado em solos secos e pedregosos, em áreas com pouca vegetação e em prados e campos. Trata-se de um arbusto com forte presença em toda a área do sítio da Citânia de Sanfins</p>	
<p>Curiosidades: O Codesso é uma espécie endémica da Península Ibérica, importante na biodiversidade da região. É uma fonte de alimento e de abrigo para muitas espécies de animais e é também um indicador da qualidade do solo. É uma espécie pioneira desenvolvendo-se com vigor em áreas perturbadas, como por exemplo, após o corte de vegetação ou movimentação do solo.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a documentação existente seja insuficiente para comprovar que o codesso tenha servido para determinado tipo de uso, em concreto, o codesso foi provavelmente utilizado pelas comunidades castrejas e romanas como fonte de alimento e medicamento. As sementes do codesso podem ser utilizadas para fazer uma bebida fermentada, enquanto as folhas servem para fazer uma infusão medicinal.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Castroviejo, S. (1986). <i>Adenocarpus lainzii</i>. In: Castroviejo, S. (ed.), <i>Flora iberica</i>, vol. 1, pp. 123–124. Madrid: Real Jardín Botánico. Flora-On: https://flora-on.pt/#/1Adenocarpus+lainzii. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 62.</p> <p>Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Adenocarpus_lainzii. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Lainz, R. (1963). <i>Adenocarpus lainzii</i>. In: Lainz, R. (ed.), <i>Flora de la península ibérica</i>, vol. 1, pp. 123–124. Madrid: Instituto Nacional de Investigaciones Agrarias.</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/adenocarpus-lainzii. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Parque Biológico de Gaia, Orlas Naturais dos Bosques: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/habitats/item/orlas-naturais-dos-bosques. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

<p>Giesta-branca (<i>Cytisus multiflorus</i> (L'Her.) Sweet. 1826)</p>	
<p>Nome Comum: Giesta-branca Nome Científico: <i>Cytisus multiflorus</i></p>	
<p>Família: <i>Fabaceae</i> (família das leguminosas, que inclui plantas como feijões, lentilhas e ervilhas).</p>	
<p>Descrição: A giesta-branca é um arbusto comum em florestas mediterrânicas, reconhecido pela sua beleza floral e resistência a secas. O arbusto giesta-branca é uma planta perene que pode atingir até 2 metros de altura. Tem folhas compostas com 10–20 folíolos, e flores brancas ou amarelas em forma de espigas. É uma planta adaptada a solos secos e rochosos, encontrando-se frequentemente em florestas mediterrânicas.</p>	
<p>Curiosidades: A giesta-branca é uma planta muito apreciada pelas suas flores, que são utilizadas para fazer coroas e decorações. Além disso, é uma planta importante para a biodiversidade, pois serve de alimento e de abrigo para muitas espécies de insetos e pequenos mamíferos.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A giesta-branca seria, talvez, uma planta muito valorizada pelas comunidades castrejas e romanas que habitaram a Citânia. Esta planta possui diferentes tipos de aplicações medicinais, pelas suas propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e diuréticas. Tradicionalmente, ainda é usada para tratar inflamações das mucosas, como rouquidão, afonia e feridas. A sua madeira poderá ter sido utilizada para fazer ferramentas e utensílios, ou até mesmo servido como material de cobertura dos tetos das habitações e cómodos castrejos, enquanto as suas flores podem ter sido utilizadas para fazer coroas e decorações para rituais e festins. Além disso, a planta era considerada sagrada por muitas culturas anteriores, associada a rituais de fertilidade e proteção.</p>	
<p>Referências bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Cytisus+multiflorus. Última consulta: dezembro 2024 Font Quer, P. (1979). Dicionario de botánica. Barcelona: Editorial Labor. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 64. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Cytisus_multiflorus. Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/cytisus-multiflorus. Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Silva, L. (1997). Flora de Portugal. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Cytisus_multiflorus. Última consulta: dezembro 2024</p>	
<p>(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)</p>	

Árvores

A Citânia de Sanfins é um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, localizado no nordeste de Portugal. Durante a investigação de campo, foi possível inventariar cerca de 5 árvores que se encontram no local, incluindo espécies nativas e não nativas. Embora o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) não seja uma espécie nativa do local, encontra-se com alguma expressão no sítio e foi decidido incluí-lo neste catálogo para que os visitantes possam ter informações sobre esta espécie.

As árvores presentes no sítio da Citânia de Sanfins são testemunhas do passado e da história do local, desde o período castrejo até aos dias de hoje. Estas árvores não só fornecem serviços de ecossistema importantes, como a produção de oxigénio, abrigo e alimentação para muitos animais, a fixação de carbono e a proteção do solo, mas também têm um valor cultural e histórico significativo.

O património natural local é um recurso valioso para o turismo sustentável e a valorização do património natural é fundamental para a preservação e salvaguarda destes elementos arbóreos. Neste catálogo, apresentamos as árvores inventariadas no sítio da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre as suas características, serviços de ecossistema e importância para o turismo sustentável e a preservação do património natural local.

Carvalho-galego (*Quercus orocantabrica*
Rivas. 2002)



Nome Comum: Carvalho-galego

Nome Científico: *Quercus orocantabrica*

Família: *Fagaceae* (família que inclui carvalhos, castanheiros e faias, caracterizada por árvores e arbustos caducifólios ou perenifólios, com frutos em forma de bolota).

Descrição: Árvore robusta e emblemática das florestas autóctones da Península Ibérica, amplamente reconhecida pela sua madeira resistente e pela importância ecológica dos seus frutos (bolotas). O carvalho-galego é uma árvore caducifólia que pode atingir 25 a 30 metros de altura, com copa ampla e tronco robusto revestido por uma casca rugosa. As folhas são lobadas, de cor verde-escura na parte superior e mais clara na inferior, caindo no outono. As bolotas, os seus frutos, são importantes fontes de alimento para a fauna local, como javalis, veados e aves. Prefere solos profundos e bem drenados, sendo comum em bosques de clima temperado e húmido. Esta espécie é característica das regiões montanhosas do noroeste da Península Ibérica.

Curiosidades: A madeira do carvalho-galego é muito apreciada pela sua resistência e durabilidade, sendo tradicionalmente usada na construção de edifícios, móveis e barris para envelhecimento de vinhos e bebidas espirituosas. As bolotas eram um alimento básico para as populações antigas, sendo consumidas assadas ou moídas para fazer farinha. Além disso, esta árvore desempenha um papel crucial no ecossistema, contribuindo para a estabilidade dos solos, o sequestro de carbono e o suporte da biodiversidade.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O carvalho-galego era considerado sagrado pelos povos castrejos e celtas, associado a rituais de fertilidade, proteção e ligação com os deuses da natureza. As bolotas constituíam uma fonte alimentar importante, tanto para as comunidades humanas como para os seus animais. A madeira era utilizada na construção de habitações, paliçadas e ferramentas, destacando-se como um recurso essencial para a subsistência e o desenvolvimento das populações que habitavam a Citânia de Sanfins. As florestas de carvalhos também forneciam abrigo e proteção, sendo integradas no imaginário cultural destas comunidades.

Referências Bibliográficas e WEB:

Câmara Municipal de Viana do Castelo, Bioregisto: <https://ambiente.cm-viana-castelo.pt/bioregisto/quercus-robur>. Última consulta: dezembro 2024

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Costa, J. C., Neto, C., & Aguiar, C. (1999). *Carvalhais em Portugal: Ecologia e Conservação*. Lisboa: ISA Press.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Quercus_orocantabrica_x_petraea. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Fotografia de Luís Cunha.

Carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.
1805)



Nome Comum: Carvalho-negral

Nome Científico: *Quercus pyrenaica*

Família: *Fagaceae* (família que inclui árvores de grande importância ecológica e económica, como carvalhos, castanheiros e faias, reconhecidas pelos seus frutos em bolota e pela robustez das suas madeiras).

Descrição: Uma árvore resistente e de folha caduca, típica de regiões montanhosas e amplamente valorizada pela sua madeira e papel ecológico. O carvalho-negral é uma árvore caducifólia que pode atingir até 25 metros de altura, com tronco de casca grossa e fendida. As folhas são profundamente lobadas, cobertas de pelos na parte inferior e de coloração verde-escura. As bolotas amadurecem no outono, sendo uma importante fonte de alimento para a fauna local. Prefere solos ácidos e arenosos e é característico de climas mais secos e frios, adaptando-se bem a áreas montanhosas. Os bosques de carvalho-negral são ecossistemas ricos em biodiversidade, providenciando sombra e abrigo para inúmeras espécies.

Curiosidades: A madeira do carvalho-negral é usada tradicionalmente como lenha e para a produção de carvão vegetal devido à sua alta densidade. Embora menos valorizadas hoje, as bolotas eram utilizadas no passado como alimento humano (farinha e pão) e animal. Esta espécie apresenta uma grande resiliência ao fogo, rebrotando rapidamente após incêndios, o que lhe confere um papel importante na recuperação de habitats degradados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O carvalho-negral desempenhava um papel fundamental nas comunidades castrejas, tanto como fonte de madeira para construção de habitações e paliçadas, como de combustível para os fogos que aqueciam os lares. As bolotas eram uma importante reserva alimentar, processadas para produção de farinha. Os bosques de carvalhos, com o seu significado simbólico e utilitário, também forneciam abrigo, madeira e uma ligação espiritual à natureza, frequentemente representados em rituais e mitos dos povos celtas e castrejos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Costa, J. C., Aguiar, C., Capelo, J., & Neto, C. (2000). *Ecologia e Conservação dos Carvalhais em Portugal*. Lisboa: ISA Press.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Quercus+pyrenaica>. Última consulta: dezembro 2024

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 72.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Quercus_pyrenaica. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/quercus-pyrenaica>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, L. (1997). *Flora de Portugal*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quercus_pyrenaica. Última consulta: dezembro 2024

Fauna da Citânia de Sanfins

A Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, é também um habitat para uma variedade de espécies de fauna. Para esta dissertação, foram inventariadas quase uma centena de espécies, que vão desde os organismos mais simples até ao grande grupo dos mamíferos. A presença de uma fauna tão diversa é um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema deste território.



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura 21: Mosaico da fauna inventariada na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes.

A preservação do património natural da Citânia de Sanfins é fundamental para a proteção da biodiversidade e da cultura local. Além disso, a fauna da Citânia de Sanfins também tem um papel importante no turismo de natureza sustentável e consciente. A observação de animais silvestres e a apreciação da beleza natural do sítio podem ser experiências emocionantes e educativas para os visitantes.

Neste guia, vamos apresentar cada um dos grupos da fauna inventariados na Citânia de Sanfins. Vamos explorar as características de cada espécie registada e a relação que poderá ter tido para as diferentes comunidades, desde as épocas da cultura castreja, romana e medieval, até aos dias de hoje. Pretende-se destacar a importância do património natural da Citânia de Sanfins e do turismo de natureza sustentável e consciente, para a preservação e salvaguarda dos vários micro-habitats presentes neste local.

Grupos da Fauna da Citânia de Sanfins

A seguir, vamos apresentar os grupos da fauna da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema e para a cultura local.

Invertebrados (descrição por espécie)

Os invertebrados são um grupo diverso e fascinante de organismos que incluem desde os pequenos e delicados insetos até os grandes e complexos moluscos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariados e registados em saídas de campo de investigação e inventariação quase meia centena de invertebrados, que incluem, entre outros, abelhas, borboletas, grilos, gafanhotos, pirilampos, escaravelhos e besouros, alguns aracnídeos e até algumas lesmas.

Os invertebrados desempenham um papel importante no ecossistema da Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para muitas outras espécies, incluindo os vertebrados. Além disso, também contribuem para a formação e regulação do solo e do microclima local.

Neste guia, vamos apresentar os invertebrados da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características. Vamos explorar a diversidade e a complexidade deste grupo de organismos e destacar a importância para a preservação do património natural da Citânia de Sanfins.

Abelha-do-mel, abelha-europeia ou abelha-comum (*Apis mellífera* L. 1758)



Nome Comum: Abelha-do-mel ou abelha-comum

Nome Científico: *Apis mellifera*

Família: *Apidae* (família que inclui abelhas sociais e solitárias, caracterizadas pela sua importância ecológica e económica, especialmente na polinização).

Descrição: Conhecida e amplamente reconhecida pela produção de mel, cera e o seu papel vital na polinização de plantas. A abelha-do-mel é um inseto social que vive em colónias organizadas, compostas por uma rainha, operárias e zangões. Com corpo peludo e coloração amarela e preta, é adaptada para a recolha de néctar e pólen. Habita florestas, prados e áreas cultivadas, mas também é amplamente domesticada em colmeias. O seu comportamento inclui comunicação através de "danças" para indicar fontes de alimento e uma organização social altamente eficiente.

Curiosidades: Além de produzir mel, as abelhas-do-mel têm um impacto económico significativo através da polinização de culturas agrícolas. São consideradas símbolos de trabalho árduo e cooperação em várias culturas. No Egito antigo, o mel era usado como oferenda e na preservação de múmias.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As abelhas eram provavelmente observadas pelas comunidades castrejas pela sua associação com a fertilidade e a abundância dos campos. É possível que o mel e a cera tivessem utilidades práticas e simbólicas, desde a alimentação à confeção de velas e a utilização em rituais. A proximidade da Citânia de Sanfins com ecossistemas ricos pode ter favorecido a presença natural de colmeias e a interação das populações castrejas com este inseto.

Referências Bibliográficas e WEB:

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 85

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 108.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abelha-europeia>. Última consulta: dezembro 2024

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-abelha-do-mel>. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de João Santos.

Abelhão ou zangão (*Bombus terrestris* L.
1758)



Nome Comum: Abelhão ou zangão

Nome Científico: *Bombus terrestris*

Família: *Apidae* (família que inclui abelhas sociais e solitárias, com destaque para o papel crucial na polinização de diversas plantas).

Descrição: Reconhecido pelo seu tamanho robusto, coloração vibrante e o som característico emitido durante o voo. O abelhão é um inseto social de grande porte, com corpo robusto coberto de pelos densos, predominantemente pretos com faixas amarelas e uma extremidade branca no abdómen. Vive em colónias organizadas com uma rainha, operárias e machos. Encontra-se em prados, campos agrícolas, margens de florestas e jardins, sendo ativo desde a primavera até ao outono. É um dos mais eficazes polinizadores, graças ao seu comportamento de vibração enquanto recolhe pólen.

Curiosidades: O abelhão consegue voar em condições de baixa temperatura, tornando-se essencial para a polinização de plantas em climas frios ou na primavera precoce. É também conhecido pelo "*buzz pollination*" (polinização por vibração), que permite a liberação de pólen em flores com estruturas mais fechadas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os abelhões desempenhavam um papel importante nos ecossistemas que envolviam a Citânia de Sanfins, contribuindo para a polinização das plantas silvestres e cultivadas. A observação do seu comportamento pelas populações castrejas pode ter influenciado práticas agrícolas e rituais relacionados com a fertilidade dos campos. A sua presença pode ter sido associada à abundância da colheita e à saúde do ambiente circundante.

Referências Bibliográficas WEB:

Fotografia de <https://www.biodiversity4all.org/taxa/57516>.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 85

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág.109.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99133025>. Última consulta: dezembro 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/bombus-terrestris>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-abelhao-comum-4>. Última consulta: dezembro 2024

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Anfíbios

Os anfíbios apresentados para esta dissertação, aquando da inventariação e registo das espécies, ao longo do vasto período de trabalho de campo, são um grupo de animais que incluem sapos, rãs e salamandras. Eles são caracterizados pela sua capacidade de viver em ambientes húmidos e terrestres, e por possuírem uma pele nua, sensível à qualidade ambiental e que os torna em excelentes bioindicadores da qualidade dos habitats. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas, até ao momento quatro espécies de anfíbios: o sapo-corredor, a rã-verde, a salamandra-de-pintas-amarelas e o sapo-comum.

A presença destas espécies na Citânia de Sanfins é significativa, pois indica que o sítio é um habitat adequado para a sobrevivência destes animais. A nascente de água que existe no local, junto ao balneário castrejo, é fundamental para estes anfíbios, pois fornece-lhes água para a sua sobrevivência e para a sua reprodução.

O sapo-corredor, a rã-verde e a salamandra-de-pintas-amarelas são espécies comuns na região, mas a presença deles na Citânia de Sanfins é um testemunho da riqueza e da diversidade da fauna local. Estas espécies desempenham um papel importante no ecossistema, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de invertebrados.

Neste guia, vamos apresentar mais informações sobre as espécies de anfíbios da Citânia de Sanfins, incluindo suas características, os seus hábitos e a importância para a ecossistema e a cultura local.

Rã-verde (*Pelophylax perezi* López-Seoane. 1885)



Nome Comum: Rã-verde

Nome Científico: *Pelophylax perezi*

Família: *Ranidae* (família de rãs e sapos, caracterizada por animais com corpos comprimidos lateralmente e adaptação ao ambiente aquático durante a fase larval).

Descrição: A rã-verde é uma espécie de anfíbio com corpo compacto e pele verde ou castanha, com manchas mais escuras. Mede entre 6 e 10 cm de comprimento, com membros posteriores bem desenvolvidos, adaptados para a natação. A rã-verde habita zonas aquáticas de água doce, como lagoas, rios e charcos. A sua alimentação é composta principalmente por insetos aquáticos e pequenos invertebrados.

Curiosidades: A rã-verde é conhecida pela sua habilidade de saltar longas distâncias, o que a torna uma excelente nadadora. O seu canto, característico durante a época de reprodução, pode ser ouvido durante a primavera e início do verão. Também é comum a sua presença em jardins e terrenos próximos a massas de água.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As rãs, enquanto símbolo de regeneração e renovação, poderiam ter tido um significado importante para as comunidades castrejas, que possuíam um profundo respeito pelos ciclos da natureza e pela água. A presença de rãs nas suas tradições poderia ter sido associada à abundância ou à ligação com os rios e pântanos, fontes de vida e recursos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106631027>. Última consulta: dezembro 2024

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal: <https://www.icnf.pt/api/file/doc/20aa973a0c2d085b>. Última consulta: dezembro 2024

Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 127.

Santos, M. (2009). Ecologia e Conservação dos Anfíbios. Porto: Edições da Universidade do Porto.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, P. (2012). Anfíbios de Portugal: Guia de Identificação. Lisboa: Edições Universidade de Lisboa.

Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo (*Salamandra salamandra* L. 1758)



Nome Comum: Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo

Nome Científico: *Salamandra salamandra*

Família: *Salamandridae* (família de salamandras, caracterizadas por corpos alongados e com glândulas venenosas que segregam substâncias tóxicas).

Descrição: A salamandra-de-pintas-amarelas tem um corpo robusto, geralmente preto com manchas amarelas. Mede entre 15 e 25 cm e é conhecida por ser uma espécie noturna. Habita zonas húmidas e é encontrada em florestas e áreas montanhosas. A sua dieta consiste principalmente de insetos e pequenos invertebrados.

Curiosidades: O nome "salamandra-de-fogo" vem da crença popular de que ela podia sobreviver ao fogo, devido à sua pele viscosa e ao seu comportamento de se esconder em troncos de árvores queimados. Essa ideia é uma lenda, mas ajudou a consolidar o status misterioso desta espécie na cultura popular.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A salamandra, com as suas cores vibrantes e comportamentos secretos, poderia ser vista pelos castrejos como um símbolo de transformação ou proteção. O seu habitat em ambientes húmidos e escuros podia também associá-la à ligação entre o mundo visível e o invisível, um tema comum nas crenças espirituais castrejas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Costa, F. (2011). Salamandras e Seus Hábitats. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Fundação Serralves: <https://biodiversidade.serralves.pt/pt/especies/salamandra-de-pintas-amarelas>. Última consulta: dezembro 2024.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106630724>. Última consulta: dezembro 2024.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal: <https://www.icnf.pt/api/file/doc/305a7786d3bcc138>. Última consulta: dezembro 2024

Pereira, J. (2013). A Biodiversidade e as Lendas de Portugal. Porto: Edições Universitárias.

Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 59.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Répteis

Os répteis são um grupo de animais que incluem serpentes, lagartos e cobras. São caracterizados por possuírem uma pele escamosa, pela sua capacidade de viver em ambientes terrestres e, em alguns casos, em ambientes aquáticos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas várias espécies de répteis, que desempenham um papel importante no ecossistema local.

A presença de répteis na Citânia de Sanfins é significativa, pois indica que o sítio é um habitat adequado para a sobrevivência destes animais. Além disso, os répteis também são importantes componentes da cadeia alimentar, ora servindo como fonte de alimento para outros animais superiores ora como predadores de algumas outras espécies. Os répteis auxiliam e contribuem para o equilíbrio ambiental, devido ao controlo de indivíduos que vão predando em cada território.

Neste guia, vamos apresentar as espécies de répteis da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para o ecossistema local.

Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura* L.
1758)



Nome Comum: Cobra-de-água-viperina

Nome Científico: *Natrix maura*

Família: *Colubridae* (família de cobras não venenosas, com corpos delgados e adaptados a uma grande variedade de habitats).

Descrição: A cobra-de-água-viperina tem uma coloração variada, geralmente com tons de verde e cinza, e é facilmente reconhecível pelo seu corpo esguio e pela cabeça ligeiramente triangular. Mede até 1 metro de comprimento e é frequentemente encontrada em zonas aquáticas, como lagoas e rios. A sua dieta é composta principalmente por peixes e anfíbios.

Curiosidades: Apesar da sua aparência ameaçadora, a cobra-de-água-viperina não é venenosa e é inofensiva para os seres humanos. É uma excelente nadadora e caça principalmente à noite.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A cobra-de-água-viperina, por habitar águas e pântanos, poderia ser considerada pelos castrejos como um animal ligado aos ciclos de renovação e à conexão com a água como fonte de vida e energia.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, F. (2010). Reptéis e seus Habitats. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 128.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99139672>. Última consulta: dezembro 2024.

Marques, A. (2005). Cobras de Portugal. Lisboa: Instituto de Biologia.

Observatório ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/cobra-de-agua-viperina-natrix-maura/>. Última consulta: dezembro 2024

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/repteis/item/cobra-de-agua-viperina>. Última consulta: dezembro 2024

Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 189.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*
Hermann. 1804)



Nome Comum: Cobra-rateira

Nome Científico: *Malpolon monspessulanus*

Família: *Colubridae* (família de cobras não venenosas, conhecidas pela sua adaptabilidade a diferentes habitats e pela sua dieta variada).

Descrição: A cobra-rateira é uma espécie de cobra de tamanho grande, podendo atingir até 2,5 metros de comprimento. Sua coloração varia entre o verde-oliva e o castanho, com manchas mais escuras no dorso. É uma serpente de hábitos diurnos, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos, répteis e aves. A cobra-rateira é muito rápida e tem uma excelente capacidade de camuflagem no ambiente.

Curiosidades: Esta cobra é conhecida pelo seu comportamento arisco e pela maneira como se desloca rapidamente entre a vegetação. A sua capacidade de se esconder nas folhas secas e nas rochas faz com que ela passe despercebida na natureza. Além disso, apesar de não ser venenosa, a cobra-rateira é frequentemente confundida com outras espécies venenosas devido à sua aparência intimidante.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A cobra-rateira, com a sua habilidade de se esconder e o seu caráter furtivo, poderia ter sido vista pelos castrejos como um símbolo de astúcia e adaptabilidade. A sua presença nas regiões castrejas poderia ser associada à conexão com a terra e com a habilidade de navegar entre diferentes mundos – o subterrâneo e o visível, algo que poderia ter significado espiritual para os antigos habitantes.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, M. (2007). Répteis e suas Espécies. Porto: Edições Porto.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 127.

iNaturalist, By Emídio Batista in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/135289036>. Última consulta: dezembro 2024.

Observatório ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/cobra-rateira-malpolon-monspessulanus>. Última consulta: dezembro 2024

Pereira, J. (2014). Cobras e Répteis de Portugal. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 195.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Aves

As aves são um grupo de animais que incluem pássaros, que são caracterizados pelos vocalizes, penas e plumas, habilidades de voo e seus comportamentos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas mais de duas dezenas de espécies de aves, embora para este catálogo foram selecionadas apenas aquelas consideradas mais relevantes.

As aves da Citânia de Sanfins são uma mistura de espécies que vão desde os pequenos passeriformes até os grandes turdídeos, dos corvídeos às aves de rapina. Esta diversidade de espécies é um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema da região.

As aves desempenham um papel importante no ecossistema da Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de invertebrados. Além disso, as aves também são importantes componentes da cultura local, com muitas espécies sendo consideradas símbolos ou representações etnográficas.

Neste guia, vamos apresentar as espécies de aves da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos, importância para o ecossistema local, épocas de observação e relação com o passado histórico das comunidades locais.

Águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo* L.
1758)



Nome Comum: Águia-de-asa-redonda

Nome Científico: *Buteo buteo*

Família: *Accipitridae*

Descrição: A águia-de-asa-redonda é uma ave de rapina de médio porte, com envergadura que pode alcançar até 1,3 metros. O seu corpo é robusto, com plumagem castanha escura nas costas e mais clara na barriga. A cauda, característica por ser arredondada, ajuda na sua habilidade de manobra durante o voo. É uma ave predominantemente de caça, alimentando-se de pequenos mamíferos, aves e répteis.

Curiosidades: Conhecida pela sua grande habilidade de voar a grandes altitudes, a águia-de-asa-redonda usa correntes térmicas para planear longas distâncias sem esforço. É uma espécie monogâmica, formando casais para a vida inteira.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A águia-de-asa-redonda pode ter sido uma figura simbólica de poder e liberdade na cultura castreja, representando a força da natureza e a habilidade de ver e dominar grandes territórios. A sua caça, astúcia e visão aguçada poderiam ser associadas à sabedoria e ao espírito guerreiro dos castrejos.

Referências Bibliográficas e web:

Fotografia de João Santos.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 134.

Martins, R. (2012). A Fauna de Portugal: Aves. Porto: Edições da Faculdade de Ciências.


Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/aguia-de-asa-redonda-buteo-buteo>. Última consulta: dezembro de 2024.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/aves/item/buteo>. Última consulta: dezembro de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, A. (2010). Aves de Rapina em Portugal. Lisboa: Edições Universitárias.

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 108-109.

<p>Andorinhão-preto (<i>Apus apus</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Andorinhão-preto Nome Científico: <i>Apus apus</i></p>	
<p>Família: <i>Apodidae</i></p>	
<p>Descrição: O andorinhão-preto é uma ave migratória, de plumagem escura, com cerca de 16 cm de comprimento e asas longas em forma de foice. Passa grande parte da vida em voo, alimentando-se de insetos capturados no ar. É comum em áreas urbanas e zonas florestais.</p>	
<p>Curiosidades: Esta ave é conhecida pela sua habilidade de dormir em pleno voo e pela capacidade de passar meses sem pousar. A sua presença no verão europeu é um indicador da abundância de insetos.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A chegada do andorinhão-preto poderia ser vista pela comunidade castreja como um marcador das mudanças sazonais, algo fundamental para uma sociedade dependente da agricultura e dos ciclos naturais. A sua ligação ao céu e à liberdade poderia também ser interpretada simbolicamente.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Gierzwaluw, Saxifraga-Luc Hoogenstein.</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/apuapu. Última consulta: dezembro de 2024. Oliveira, J. (2007). Guia de Aves Urbanas. Porto: Universidade do Porto. Ramos, T. (2011). Aves Migratórias de Portugal. Lisboa: Edições Universitárias. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 236-237.</p>	

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Mamíferos

Os mamíferos são um grupo de animais que incluem mamíferos terrestres, como roedores, carnívoros e ungulados. Na Citânia de Sanfins, foram identificados mais de uma dezena de espécies de mamíferos, embora para este catálogo foram selecionadas apenas aquelas que são consideradas mais relevantes com o intuito de promover o conhecimento e a salvaguarda e proteção do património natural local.

Os mamíferos da Citânia de Sanfins aqui catalogados, representam a riqueza da biodiversidade de espécies que podem ser facilmente vistos pelas pessoas como um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema local.

Os mamíferos desempenham, ainda hoje, um papel fundamental na Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de outras espécies inferiores de fauna e flora. Além disso, os mamíferos também são importantes componentes da cultura local, com muitas espécies sendo consideradas símbolos ou representações culturais na região.

Neste guia, vamos apresentar espécies de mamíferos identificadas e registadas na Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema, para a cultura e para a história local. Alguns destes animais tiveram um papel importante durante os períodos castrejos, romanos e medievais e, ainda hoje, representam um importante testemunho do património natural local.

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus* L.
1758)



Nome Comum: Coelho-bravo

Nome Científico: *Oryctolagus cuniculus*

Família: *Leporidae*

Descrição: O coelho-bravo é um mamífero de pequeno porte, com cerca de 40 cm de comprimento e cauda curta. A sua pelagem é geralmente castanha ou cinza, adaptada ao ambiente de arbustos e campos. Habita em tocas, onde constrói complexos sistemas subterrâneos para proteção e reprodução. Alimenta-se principalmente de vegetação, como ervas e arbustos.

Curiosidades: Os coelhos-bravos são conhecidos pela sua habilidade de cavar e formar tocas, que funcionam como refúgio contra predadores. A sua reprodução é muito eficiente, com as fêmeas podendo gerar várias ninhadas ao longo do ano. A sua presença em grandes quantidades pode influenciar a vegetação local devido ao seu consumo.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O coelho-bravo pode ter sido uma fonte importante de alimento e peles para os castrejos. Além disso, a sua habilidade de escavar tocas pode ter sido vista como uma metáfora para os rituais de proteção e renovação. A relação com a terra e o subterrâneo também poderia refletir crenças sobre o ciclo da vida e da morte, temas recorrentes nas culturas antigas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, F. (2007). Pequenos Mamíferos e suas Estratégias de Sobrevivência. Porto: Universidade do Porto.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: <https://www.icnf.pt/api/file/doc/c3fe48dec2b89824>. Última consulta: julho de 2024.

Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/oryctolagus-cuniculus>. Última consulta: julho de 2024.

Pereira, R. (2003). Fauna Selvagem de Portugal. Lisboa: Edições Universitárias.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Doninha-pequena (*Mustela nivalis* L.
1766)



Nome Comum: Doninha-pequena

Nome Científico: *Mustela nivalis*

Família: *Mustelidae*

Descrição: A doninha-pequena é um mamífero carnívoro de pequeno porte, com cerca de 20 a 30 cm de comprimento. A sua pelagem é de cor castanha clara, com um ventre branco. A sua cauda é curta, e é conhecida pela sua agilidade e habilidade de caçar pequenos roedores e aves. Habita em terrenos florestais e agrícolas.

Curiosidades: A doninha-pequena é extremamente ágil e possui uma grande capacidade de caça, especialmente a pequenos roedores. A sua dieta varia de acordo com a disponibilidade de presas, mas é conhecida por caçar rapidamente e em espaços apertados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A doninha-pequena, com as suas habilidades de caça, poderia ter sido associada à destreza e à vigilância pelos castrejos. O seu comportamento ágil e furtivo talvez fosse relacionado a características de astúcia e eficiência, virtudes valorizadas nas sociedades antigas. Talvez as suas peles também fossem usadas por esta comunidade.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Wezel, Saxifraga-Piet Munsterman.

Almeida, P. (2008). A Vida dos Pequenos Carnívoros. Porto: Edições Universidade do Porto.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99139340>. Última consulta: agosto de 2024.

Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/mustela-nivalis>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/doninha-mustela-nivalis>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, R. (2005). Mamíferos de Portugal: Uma Visão Geral. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

(Nota: Consultar as restantes espécies no Apêndice I)

Macrofungos


Os macrofungos (cogumelos) são, também um complemento essencial à biodiversidade da Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural assente no território de Paços de Ferreira.



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura 22: Mosaico dos macrofungos (cogumelos) inventariados na Citânia de Sanfins. Montagem: Várias fontes.

Estes organismos, pertencentes ao grupo dos fungos (*Fungi*), são conhecidos pelas suas características únicas, como fonte de alimento para animais e humanos, e a sua capacidade de decomposição de matéria orgânica, tendo como umas das principais funções a devolução do carbono ao solo. A investigação dos macrofungos na Citânia de Sanfins surge com a preocupação de dar a conhecer estes espécimes para compreender melhor a sua importância nos ecossistemas locais, e para desenvolver estratégias de conservação mais eficazes. Além disso, a presença de macrofungos na Citânia de Sanfins pode também ser uma atração turística importante, permitindo que os visitantes apreciem a beleza natural e a riqueza deste reino no local.

<p>Chifre-fedorento-comum (<i>Phallus impudicus</i> L. 1753)</p>	
<p>Nome Comum: Chifre-fedorento-comum Nome Científico: <i>Phallus impudicus</i></p>	
<p>Família: <i>Phallaceae</i></p>	
<p>Descrição: O chifre-fedorento-comum é um cogumelo caracterizado pela sua forma que lembra um falo, de coloração amarelada a esbranquiçada. Emite um odor fétido que atrai insetos para ajudar na dispersão das suas esporas.</p>	
<p>Curiosidades: O cogumelo tem um ciclo de vida peculiar, sendo inicialmente uma estrutura globosa que cresce para formar um "chifre". O odor fétido é uma estratégia para atrair insetos, que ao pousarem na superfície do cogumelo, espalham as esporas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Este cogumelo poderia ter sido observado pelos castrejos devido ao seu aroma peculiar. Considerando que o conceito de fertilidade e os ciclos naturais eram essenciais na cultura castreja, é possível que este cogumelo estivesse ligado a essas ideias simbólicas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Ferreira, A. (2007). Cogumelos de Portugal: Variedades e Usos. Lisboa: Edições Científicas.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 181</p> <p>iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/102901941. Última consulta: agosto de 2024.</p> <p>Oliveira, T. (2009). O Mundo dos Fungos. Porto: Universidade do Porto.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

<p>Cogumelo-de-funil-castanho (<i>Coltricia perennis</i> (L.) Murril. 1903)</p>	
<p>Nome Comum: Cogumelo-de-funil-castanho Nome Científico: <i>Coltricia perennis</i></p>	
<p>Família: <i>Polyporaceae</i></p>	
<p>Descrição: Este cogumelo tem uma forma de funil, com uma tonalidade castanha a avermelhada e uma consistência coriácea. Cresce em troncos de árvores em decomposição e é um decompositor essencial para a saúde do ecossistema.</p>	
<p>Curiosidades: O cogumelo-de-funil-castanho desempenha um papel crucial na decomposição de madeira, ajudando a retornar os nutrientes ao solo. A sua resistência a condições adversas faz dele um cogumelo persistente, aparecendo durante todo o ano em habitats florestais.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Como decompositor, o cogumelo poderia ser associado pelos castrejos ao ciclo de renovação e regeneração da natureza. A sua função ecológica seria vista como uma representação dos processos naturais que eram essenciais para a vida e a espiritualidade castreja.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Ribeiro, F. (2006). Cogumelos e seu Papel no Ecossistema. Lisboa: Edições Universitárias. Sousa, D. (2008). Fungos: Aspectos Ecológicos e Históricos. Porto: Universidade do Porto. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/99135382 Última consulta: agosto de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

DISCUSSÃO

3.2. SIMBIOSE ENTRE NATUREZA E CULTURA

A análise desenvolvida ao longo desta investigação permite afirmar que o assentamento dos povos castrejos na Citânia de Sanfins não foi aleatório nem meramente estratégico do ponto de vista defensivo, mas profundamente condicionado pela geografia, pelos recursos naturais e pela biodiversidade do território. A presença de um afloramento granítico, dominante e facilmente trabalhável, oferecia não só defesa natural como matéria-prima abundante para a construção de muralhas, habitações, vias de circulação e estruturas públicas, como o balneário castrejo. Mas para além da pedra, o solo, a flora, a fauna e a água foram também fatores determinantes para a fixação e permanência prolongada de cerca de três mil habitantes entre os séculos I a.C. e I d.C. A nascente de água localizada dentro das muralhas, ainda hoje existente, assegurava o abastecimento essencial, sendo usada não só para fins domésticos como também para higiene, rituais e, possivelmente, para fins terapêuticos ou iniciáticos.

A vegetação envolvente da Citânia inclui uma ampla variedade de espécies comestíveis e utilitárias que continuam a existir no local: as silvas e as amoras, os pinheiros e os pinhões, os carvalhos com as bolotas, as giestas, as urzes, e uma miríade de plantas herbáceas com flor, muitas das quais com potencial culinário e medicinal. No domínio da flora medicinal, com base em fontes como os trabalhos de Fernanda Botelho⁴⁷, autora de referência em Portugal na área das plantas comestíveis e medicinais, destacam-se ainda o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), a hortelã-brava (*Mentha pulegium*), o dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) e a calêndula (*Calendula officinalis*), todas observadas no terreno e com registo de usos terapêuticos ancestrais. Estas plantas teriam contribuído decisivamente para a subsistência da população, quer na alimentação direta, quer no complemento da dieta animal e humana, quer ainda na produção de infusões e bálsamos.

⁴⁷ Botelho F. (2022). *Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas*. Coleção Paisagens Comestíveis. Lisboa.

A fauna observada hoje na envolvente da Citânia, nomeadamente javalis (*Sus scrofa*), raposas (*Vulpes vulpes*), coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus*), texugos, ouriços-cacheiros e répteis como a lagartixa-do-mato, reforça a ideia de que a caça era uma prática recorrente e fundamental para a subsistência. É razoável supor, com base em rastos e sinais ainda hoje visíveis (como fossadas⁴⁸ de javali e latrinas de coelho), que estas espécies — ainda que não confirmadas arqueologicamente — fizessem parte da dieta, fornecendo carne, gordura, peles e ossos para utensílios ou rituais. Aves como o pombo-bravo, a rola-brava, o melro-preto, a codorniz e o corvo podiam também ser utilizadas como fonte alimentar, enquanto aves de rapina como a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e o peneireiro-das-torres (*Falco naumanni*) podiam ter funções no apoio à caça ou na proteção dos espaços agrícolas. Muitos destes registos correspondem a espécies identificadas em guias de campo e áreas naturais como a Mata do Buçaco ou o Parque Natural de Sintra-Cascais, sendo ainda hoje avistadas na área envolvente da Citânia de Sanfins.

Essa escolha ancestral do povo castrejo pelo monte de Sanfins como lugar de instalação de um dos maiores povoados fortificados do noroeste peninsular torna-se ainda mais significativa quando comparada com a multiplicidade de alternativas disponíveis na região. No concelho de Paços de Ferreira existem vestígios de outros castros, nomeadamente no Monte do Pilar, no Castro de Modelos, Castro de Eiriz e em Figueiró, tal como em concelhos vizinhos como Penafiel (Castro de Monte Mozinho), Lousada (Castro de São Domingos ou o Penedo dos Castros), Felgueiras ou Paredes, onde há também indícios de povoamentos castrejos, todos com condições geomorfológicas relativamente semelhantes, como boa visibilidade, presença de afloramentos graníticos e proximidade de cursos de água. No entanto, nenhum destes sítios apresenta, com a mesma densidade e diversidade, a conjugação de fatores ecológicos e estratégicos encontrados em Sanfins. O monte onde se encontra a Citânia reúne características raras: é elevado, mas de fácil acesso; possui uma nascente dentro da área muralhada; apresenta grande abundância de flora autóctone, diversidade de habitats e uma envolvência paisagística equilibrada que oferece abrigo, recursos e defesa. O levantamento realizado ao longo da presente investigação, com base em observações de campo, mapas topográficos e consulta da Carta Geológica e da Carta Militar

⁴⁸ O termo “fossadas” de javali referem-se aos restos e marcas deixadas pelos movimentos provocados pelo focinho do javali no solo, em busca de alimento.

da região, confirma a singularidade deste espaço enquanto território de assentamento humano resiliente.

O cruzamento de todos estes dados – geológicos, botânicos, zoológicos, arqueológicos e paisagísticos – permite concluir que a Citânia de Sanfins não foi apenas escolhida pela sua posição defensiva, mas sobretudo pela sua capacidade natural de sustentar uma comunidade numerosa e estável, mesmo em tempos de cerco, isolamento ou adversidade. A presença de recursos naturais diversificados e acessíveis garantia a autonomia alimentar e medicinal da população, algo que dificilmente se encontraria com igual intensidade noutros castros da região. Esta disponibilidade imediata e multifuncional de recursos – da pedra à água, das plantas aos animais – revela-se como um fator determinante para a escolha do local e sustenta a hipótese que esta dissertação procurou explorar: **a influência decisiva do património natural para o desenvolvimento da Citânia de Sanfins**. A permanência desses elementos naturais até hoje reforça a importância de uma abordagem integrada à sua valorização, permitindo que o sítio arqueológico não seja apenas interpretado como um vestígio do passado, mas como um lugar vivo onde natureza e história se entrelaçam e sustentam mutuamente.

PRODUTOS DE DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A presente dissertação, centrada na questão sobre “a influência do património natural para o desenvolvimento da Citânia de Sanfins”, tem como um dos seus principais objetivos, não apenas a produção de conhecimento académico, mas também, a criação de propostas concretas que promovam a valorização integrada do património natural e cultural deste local. Pretende-se transformar a Citânia de Sanfins num espaço onde a história e a vida silvestre ainda coexistem atualmente, e num local onde os visitantes não só contemplam o legado arqueológico dos povos castrejos, romanos e medievais, mas também possam contemplar a natureza e a biodiversidade local.

Catálogo do Património Natural e Cultural da Citânia de Sanfins

Propõe-se a criação de um Mini-Guia ou Catálogo⁴⁹ Interpretativo do Património Natural e Cultural da Citânia de Sanfins, de carácter prático e pedagógico, dirigido a visitantes, escolas, investigadores e público em geral. Este guia incluirá:

- Descrição acessível das ruínas arqueológicas, como muralhas, núcleos habitacionais, balneário castrejo, arruamentos e zonas de culto⁵⁰;
- Listagem das 126 espécies inventariadas no local, organizadas por grupos taxonómicos (plantas, invertebrados, vertebrados, fungos, etc.), com fotografias, nomes científicos e nomes comuns⁵¹ e a relação entre espécies e povos antigos, com curiosidades sobre o uso das plantas e dos animais na vida quotidiana castreja;
- Trilhos recomendados, como o já existente PR1 – Citânia de Sanfins, com indicações para observação de espécies em pontos estratégicos⁵²;
- Mapas de biodiversidade e arqueologia, com sobreposição temática para visualização clara das áreas de maior valor ecológico e histórico⁵³;

⁴⁹ Ver Apêndice I Catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins

⁵⁰ Anexo X Citânia de Sanfins Anime

⁵¹ Ver Apêndice I Catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins

⁵² Anexo XI Final desdobrável ref^a pr1 Citânia de Sanfins

⁵³ Anexo II Transeto Metodologia Património Natural Citânia de Sanfins

- Ilustrações, gráficos e códigos QR, que permitem ligação a conteúdos digitais e vídeos explicativos.

Este mini-guia/catálogo pretende ser um instrumento de mediação cultural e ecológica, promovendo a visita qualificada e consciente, aliando a narrativa histórica à descoberta sensorial da paisagem natural.

Placas Interpretativas

Outra das propostas desta dissertação é a implementação de placas interpretativas estrategicamente localizadas ao longo do percurso PR1⁵⁴ (já existentes) e em pontos de interesse arqueológico e ecológico.

- Integrar descrições breves das ruínas próximas (ex. primeira muralha, balneário, habitações), mas também da flora e fauna circundante (ex. sobreiros, urzes, aves de rapina, lagartixas, insetos polinizadores, etc.);
- Apresentar ilustrações e códigos QR que conduzam a fichas digitais, sons da natureza, vídeos em realidade aumentada e outros recursos didáticos;
- Favorecer a ligação emocional e educativa do visitante com o território, destacando os serviços ecossistémicos e o papel da natureza no quotidiano das populações antigas através de programas educativos com as escolas, instituições e outras entidades do concelho de Paços de Ferreira, disponibilizando o serviço para a região e para todo o território nacional.

Conteúdos Imersivos

No âmbito da promoção turística e educativa da Citânia de Sanfins como um espaço de história viva e natureza ativa, propõe-se a valorização e ampliação dos conteúdos imersivos já existentes:

⁵⁴ Anexo XIII Painel_Citania_versão_final

- O vídeo 3D e de realidade virtual atualmente disponível como amostra (“*Demonstração, Citânia de Sanfins*” – [link YouTube](#)⁵⁵) deve ser integrado nos suportes informativos do local e do mini-guia/catálogo, (quando terminado);
- Criação de novos vídeos de 360°, que mostrem a biodiversidade ao longo das estações do ano, permitindo ao visitante “mergulhar” na paisagem e observar o património natural em transformação;
- Integração de códigos QR nas placas e no guia, permitindo acesso imediato a fichas de espécies, registos sonoros de aves e insetos, histórias interativas sobre os povos antigos e as suas interações com a natureza;
- Desenvolvimento de uma *App* educativa e turística no site do Município de Paços de Ferreira e no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, com trilhos georreferenciados, jogos sobre biodiversidade e arqueologia, e realidade aumentada aplicada às ruínas e ao meio envolvente.

Esta abordagem inovadora visa reposicionar a Citânia de Sanfins como um espaço de educação ambiental, património histórico e experiência sensorial, contribuindo para a dinamização cultural, científica e turística do local.

⁵⁵ Video 360° – Demonstração, Citânia de Sanfins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aBwRWOUX118>

CAPÍTULO IV – REFLEXÃO

4.1. PATRIMÓNIO NATURAL FAZ SURGIR UMA NOVA VIDA À CITÂNIA DE SANFINS

Chegado ao final deste trabalho de investigação, a reflexão que aqui proponho não se limita à constatação de que o património natural da Citânia de Sanfins foi relevante para a ocupação do território: a evidência reunida ao longo da pesquisa permite afirmar com convicção que o meio natural foi determinante, estruturante e simbiótico na vida quotidiana das comunidades que ali viveram. A Citânia de Sanfins não é apenas um sítio arqueológico monumental — é uma paisagem cultural viva, onde a pedra, a vegetação, os animais, a água e os ritmos naturais foram e continuam a ser elementos formadores de identidade, sobrevivência e espiritualidade.

Ao longo das várias expedições e observações de campo, apoiadas por dados georreferenciados, levantamento fotográfico e análise cruzada com fontes como a Carta Militar e a Carta Geológica da região, tornou-se evidente que a escolha daquele monte para a construção de um povoado fortificado não foi aleatória. O afloramento granítico, além de oferecer defesa natural e visibilidade estratégica sobre o território envolvente, fornecia matéria-prima abundante e local para a construção das muralhas, habitações, pavimentos e espaços públicos. Mas a geologia não operava isoladamente: o solo fértil, as encostas ensolaradas, a existência de uma nascente dentro da muralha, a presença de vales arborizados nas imediações e a abundância de espécies vegetais e animais moldaram um território ecologicamente rico e funcionalmente completo para sustentar uma população de cerca de três mil habitantes durante vários séculos.

O inventário da biodiversidade, elaborado com base em observação direta, acompanhamento técnico e apoio bibliográfico de autores como Fernanda Botelho (2022)⁵⁶ (na área da botânica aplicada), revela a presença de 126 espécies em diversos grupos: líquenes, musgos, fetos, plantas

⁵⁶ Botelho F. (2022). *Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas*. Coleção Paisagens Comestíveis. Lisboa.

herbáceas, arbustos, árvores, invertebrados, anfíbios, répteis, aves, mamíferos e macrofungos. Esta diversidade não é apenas quantitativa — é também funcional. Plantas como o carvalho-negral, o sobreiro, o pinheiro-bravo, a urze, a giesta, o alecrim, o tojo, o codesso, o dente-de-leão ou a hortelã-brava tinham usos múltiplos: alimentação, infusões medicinais, combustão, construção, apicultura e até rituais de proteção espiritual. Muitas destas espécies continuam hoje a existir na envolvente da Citânia, o que nos permite afirmar que existe uma continuidade ecológica e simbólica entre o território vivido no passado e o que hoje contemplamos.

Também no domínio da fauna, a presença atual de javalis, coelhos-bravos, raposas, ouriços-cacheiros, aves de rapina, corvídeos, codornizes, melros e rolas permite projetar que estas espécies, ou os seus ancestrais, desempenharam papéis importantes na subsistência e na cosmologia castreja. A caça, para além da sua função alimentar, estava certamente integrada em práticas de iniciação, demonstração de bravura, festividades sazonais e rituais associados ao ciclo da natureza. Aves como a águia-de-asa-redonda o milhafre-preto, ou a gralha e o corvo são ainda hoje observáveis na zona e teriam, possivelmente, funções simbólicas ou práticas, como a falcoaria, o aviso de aproximação de predadores ou presságios divinatórios. A presença de macrofungos, como os dois cogumelos identificados nas zonas sombrias da Citânia, remete-nos para uma compreensão ancestral dos ciclos de decomposição e regeneração, essenciais para a fertilidade do solo e possivelmente também integrados no universo alimentar ou espiritual destas comunidades.

Esta relação profunda e constante com os elementos da natureza não era meramente utilitária. Os povos castrejos, e posteriormente os romanizados e medievais, viviam em e com a natureza, numa relação de respeito, dependência e reciprocidade. A água da nascente não era apenas recurso vital — era fonte espiritual, local de purificação, símbolo de ligação entre o mundo terreno e o sagrado. O espaço natural não era apenas funcional — era sagrado, simbólico, vivido com os sentidos, com o corpo e com o mito.

Esta reflexão leva-me a reafirmar que a Citânia de Sanfins é hoje um lugar vivo, que conserva não apenas pedras e ruínas, mas também ecossistemas, práticas ancestrais, saberes tradicionais e uma paisagem que ainda pulsa. É imperioso que esta dimensão não seja esquecida nem separada das estratégias de valorização patrimonial e turística. A abordagem à Citânia deve ser integral,

sistêmica, unindo arqueologia, botânica, geologia, ecologia, história e educação. Só assim será possível transmitir às gerações futuras um lugar completo – onde a memória das pessoas se entrelaça com a memória da terra.

Acreditar que o património natural pode renovar a experiência da Citânia é acreditar que é possível devolver-lhe um novo tipo de vida: não a vida dos que ali habitaram há dois mil anos, mas a vida de quem ali vai para compreender, contemplar, aprender e cuidar. O futuro da Citânia de Sanfins depende, cada vez mais, da capacidade de olhar para ela com uma consciência ecológica e cultural ampliada, onde o passado nos ensina a viver melhor o presente e a construir um futuro mais responsável, sustentável e enraizado.

4.2. REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO INTEGRADA DO PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL

Preservar o património é preservar a nossa identidade. Contudo, ao longo de décadas, assistiu-se muitas vezes a uma separação artificial entre património natural e património cultural, como se fossem domínios distintos, geridos por lógicas diferentes e sem diálogo entre si. Hoje, essa divisão mostra-se não só desajustada, como contraproducente. O caso da Citânia de Sanfins é um exemplo claro da urgência de adotar uma abordagem integrada, onde natureza e cultura são compreendidas como expressões complementares de um mesmo território.

O património natural não é apenas o cenário onde se desenrolam as vivências humanas — ele é parte ativa da própria história. A geologia, a flora, a fauna, a água e o relevo moldaram as escolhas dos povos antigos: onde habitar, o que cultivar, como construir, que práticas espirituais adotar. Por sua vez, os vestígios culturais revelam-nos a forma como as sociedades se adaptaram, respeitaram e interagiram com o meio. Esta correlação é essencial para entender o passado e para construir estratégias sustentáveis de proteção e valorização no presente.

Preservar de forma integrada significa proteger o valor material e imaterial de um lugar, compreendendo os seus ecossistemas, os seus ritmos naturais, mas também os saberes, memórias e significados que lhe estão associados. Na Citânia de Sanfins, conservar a biodiversidade local é também preservar o ambiente que deu sentido à ocupação castreja, romana e medieval.

Esta visão integrada é, por isso, não apenas uma responsabilidade científica, mas também ética por parte de todos. Ao reconhecermos a ligação entre natureza e cultura, abrimos caminho a uma preservação mais profunda, mais fiel e mais humana. É neste cruzamento que reside o verdadeiro valor patrimonial da Citânia — e de tantos outros lugares do nosso território.

4.3. RECOMENDAÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA CITÂNIA DE SANFINS, TANTO DO PONTO DE VISTA AMBIENTAL COMO CULTURAL

Os resultados desta investigação mostram com clareza que a Citânia de Sanfins deve ser preservada como um todo integrado, onde o património natural e cultural se valoriza mutuamente. Assim, torna-se imprescindível estabelecer recomendações concretas que contribuam para a conservação deste local único, tendo em conta não apenas a sua dimensão arqueológica, mas também o ecossistema que o envolve.

Do ponto de vista ambiental, importa continuar a estudar e proteger a biodiversidade da área envolvente. As espécies nativas de flora – como os musgos, líquenes, herbáceas, arbustos e árvores – são não só importantes do ponto de vista ecológico, mas também cultural, dado que estiveram diretamente relacionadas com a vivência dos povos castrejos, romanos e medievais. É fundamental evitar a proliferação de espécies invasoras, como o caso do eucalipto, da acácia-mimososa e acácia-austrália, e reforçar a vegetação nativa, promovendo a renaturalização ecológica da paisagem. Do ponto de vista da fauna, a preservação de corredores ecológicos, a minimização do ruído e da presença humana em áreas sensíveis, e a monitorização regular das espécies é igualmente essencial para a preservação e conservação do património natural daquela zona.

No que toca à dimensão cultural, é crucial garantir a manutenção e valorização das estruturas arqueológicas e das ruínas, sem esquecer que estas se inserem num território vivo e dinâmico. A sinalética deve ser revista e enriquecida com informação que destaque não só os dados históricos, mas também os elementos naturais circundantes, ajudando os visitantes a perceberem essa singularidade. Recomenda-se ainda a criação de mais percursos interpretativos integrados, que cruzem a leitura arqueológica com a interpretação ambiental, e que sejam acessíveis a públicos diversos.

Um outro aspeto essencial é o envolvimento da comunidade local. Qualquer plano de conservação só será verdadeiramente eficaz se tiver as populações como aliadas e participantes ativas. O

Município de Paços de Ferreira, o Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, as escolas e outras entidades de Paços de Ferreira tem um papel importante na promoção e dinamização do património natural e cultural. É necessário investir em educação patrimonial e ambiental, através de oficinas, visitas escolares, ações de voluntariado e campanhas de sensibilização dirigidas a esta temática. A memória coletiva e os saberes tradicionais devem ser valorizados como parte da herança viva da Citânia.

Adicionalmente, recomenda-se a implementação de oficinas intergeracionais que cruzem oralidade e biodiversidade, permitindo a partilha de histórias, tradições e memórias associadas às espécies nativas da região, promovendo o diálogo entre os saberes populares e o conhecimento científico. Podem também ser desenvolvidos roteiros temáticos que combinem a geodiversidade (como o afloramento granítico, o tipo de solo e os recursos hídricos) com a história local, destacando de forma acessível e pedagógica as razões naturais que sustentaram o assentamento humano na Citânia de Sanfins ao longo de séculos. Outra proposta seria a valorização de objetos culturais com origem natural, como a exploração do barro para recriação de cerâmicas antigas, ou o uso de plantas tintoriais, como a urze e o tojo, em atividades artísticas ou educativas. Estas ações contribuiriam não só para enriquecer a experiência dos visitantes, como para reforçar a ligação identitária das comunidades locais ao seu território, promovendo uma apropriação mais consciente e sustentável do património. Estas propostas estão fortemente alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, nomeadamente o ODS 4 (Educação de Qualidade), o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), o ODS 13 (Ação Climática) e o ODS 15 (Proteger a Vida Terrestre), reforçando a importância de estratégias integradas de conservação, educação patrimonial e envolvimento comunitário.

Finalmente, importa refletir sobre o turismo sustentável como instrumento de valorização e não de exploração. A Citânia de Sanfins tem um enorme potencial como destino cultural e natural, mas esse potencial deve ser gerido com responsabilidade. A criação de um centro de interpretação moderno, a formação de guias locais com conhecimento transversal (património, história, arqueologia, biodiversidade) e a implementação de limites de carga turística podem garantir que a visita seja uma experiência enriquecedora, sem comprometer a integridade do sítio e a sua ecologia. Neste contexto, é essencial afirmar a Citânia de Sanfins enquanto *paisagem educativa*, ou seja, um espaço híbrido que cruza a leitura cultural com a sensibilidade ambiental, onde o

visitante possa aprender com o território e não apenas sobre ele. Esta abordagem permite valorizar a paisagem como um pergaminho de temporalidades – ecológicas, sociais e espirituais – e promove uma vivência imersiva em que a história, a natureza e a educação do património se interligam. Promover a Citânia como *laboratório vivo* de aprendizagem ao ar livre é também uma forma de garantir a sua preservação futura, estimulando o respeito, o conhecimento e o envolvimento ativo dos públicos que a frequentam.

A conservação integrada da Citânia de Sanfins exige, por isso, uma visão holística e interdisciplinar, onde arqueólogos, biólogos, gestores do território, educadores e cidadãos trabalhem em conjunto. Só assim será possível garantir que este lugar, pleno de história e natureza, continue vivo – não apenas como testemunho do passado, mas como inspiração para um futuro mais equilibrado entre o Homem e o seu meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou compreender a influência do património natural no desenvolvimento e manutenção da Citânia de Sanfins, enquanto um dos mais relevantes povoados castrejos do Noroeste Peninsular. Situada estrategicamente no topo de uma elevação granítica, a cerca de 570 metros de altitude, a Citânia integra uma rede de castros vizinhos (como o Castro do Monte Padrão, o Castro de Monte Mozinho e o Castro das Eiras), que formavam uma malha territorial articulada, com pontos de vigilância e defesa, trocas de bens (comerciais) e uma comunhão simbólica entre as comunidades. Esta localização permite, ao povoado da Citânia de Sanfins, um certo domínio visual sobre vastos territórios e proximidade relativa a linhas de água como o rio Ferreira, o rio Sousa e o rio Leça, e à costa atlântica que se situa relativamente próxima, importantes não só como fontes de abastecimento, mas também como vias de comunicação e suporte de biodiversidade.

A hipótese aqui desenvolvida sustenta que o património natural — entendido na sua dimensão geológica, biológica, hidrológica, simbólica e patrimonial — foi um elemento estruturante da vida castreja. Ao longo da investigação, foi possível demonstrar que a flora e a fauna da Citânia de Sanfins não só são indicadoras que poderiam garantir sustento alimentar e medicinal da população, como também estavam profundamente enraizadas nas suas práticas quotidianas, crenças e modos de organização. A caça a javalis, veados, coelhos ou aves, a recolha de frutos, sementes, tubérculos, folhas comestíveis e cogumelos, e o uso de plantas com propriedades medicinais (como a urze, o tojo, o poejo ou a giesta) sugerem uma compreensão profunda do território e das suas potencialidades.

O espólio arqueológico hoje conservado no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins constitui uma prova material dessa ligação indissociável entre natureza e cultura. Mós de moagem de origem pétreia, punhais, anzóis, fivelas, cerâmicas e objetos relacionados com a tecelagem e o vestuário (com base em linho e lã, provenientes da domesticação de plantas e animais) comprovam a utilização intensiva e inteligente dos recursos naturais disponíveis. A gravura exposta no museu, que representa uma cena de caça, reforça o papel simbólico e ritual da fauna

na cosmogonia castreja. A indumentária era feita a partir de peles, lã e fibras naturais —recolhidas ou cultivadas no próprio território.

As atividades de educação ambiental que realizei nos últimos dois anos, como técnico do Observatório Ambiental de Paços de Ferreira, foram fundamentais para alimentar as perguntas que nortearam esta investigação. A curiosidade expressa pelas crianças, jovens e adultos durante as visitas guiadas à Citânia — sobre como viviam, como se curavam, do que se alimentavam os castrejos — motivou o desejo de encontrar respostas cientificamente fundamentadas, através do levantamento e análise da biodiversidade ainda presente no local.

A inventariação de 126 espécies de flora, fauna e macrofungos oferece uma base real para comparar e refletir sobre as continuidades e ruturas entre o ecossistema atual e o de há dois mil anos. A ausência de espécies outrora comuns no território ibérico, como o lobo, o urso-pardo, o castor, o veado ou os cavalos selvagens, bem como a presença resiliente de espécies como o tojo, o codesso, o carvalho, abre espaço para uma reflexão crítica e até filosófica: como era possível a sobrevivência de cerca de 3.000 pessoas durante mais de dois séculos naquele território aparentemente inóspito? E que lições podemos retirar hoje dessa simbiose entre homem e natureza?

Através desta dissertação, foi possível perceber que a paisagem da Citânia era uma paisagem viva, espiritual e funcional. Os elementos naturais — o Sol, a água, a terra, os ciclos de vida e morte — eram celebrados em rituais, cultos e práticas do quotidiano. A nascente de água no interior das muralhas da Citânia de Sanfins, ligada ao balneário castrejo, pode ter tido não apenas um papel utilitário, mas também simbólico, associado à purificação e à espiritualidade. A escolha do local para construção das muralhas, o posicionamento das casas, o aproveitamento da exposição solar e o uso de plantas tintoriais ou resinosas (com funções protetoras e rituais) revelam uma ocupação planeada, adaptada e sensível ao meio.

A principal conclusão desta investigação é que o património natural foi — e continua a ser — uma peça-chave para entender a identidade, sustentabilidade e continuidade da Citânia de Sanfins. Este património, muitas vezes ocultado pelos discursos arqueológicos centrados nas ruínas de

pedra e nos objetos, deve ser reconhecido também como memória ecológica, como testemunho da relação profunda entre os seres humanos e o seu ambiente.

Apesar do caminho trilhado, esta investigação enfrentou algumas limitações, nomeadamente a escassez de fontes sobre a fauna e flora específicas do período castrejo, a dificuldade de datar com precisão o uso de determinadas espécies e a ausência de estudos arqueobotânicos detalhados sobre o território da Citânia. Contudo, essas dificuldades foram também oportunidades: permitiram um olhar interdisciplinar, onde a biologia, a arqueologia, a história, a geografia e a educação ambiental dialogam para construir uma leitura mais rica e completa da história local.

Finalmente, esta dissertação pretende ser também um contributo para a valorização pedagógica e turística da Citânia de Sanfins. Os produtos desenvolvidos e em vias de desenvolvimento – como o catálogo da biodiversidade, os roteiros interpretativos e os conteúdos digitais – procuram fazer da Citânia uma paisagem educativa mais imersiva, onde os visitantes, estudantes e investigadores possam ver, sentir, aprender e cuidar. A ligação ao património deverá ser vista de forma holística e nunca de forma isolada – e com o compromisso ético de proteger o que nos foi legado.

Estas propostas alinham-se diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, em especial com os ODS 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), 13 (Ação climática) e 15 (Proteger a vida terrestre), bem como com o ODS 4 (Educação de qualidade). A preservação da Citânia de Sanfins – com a sua riqueza ambiental e valor histórico – pode tornar-se um exemplo de como um património milenar se articula com os desafios do presente, de modo a promover modelos de desenvolvimento mais justos, inclusivos e ecológicos.

Por fim, a Citânia de Sanfins emerge deste estudo não apenas como um vestígio do passado, mas como uma plataforma viva para a construção do futuro – um lugar onde é possível aprender com os ciclos da natureza, respeitar a memória do território e ensaiar formas mais justas, sustentáveis e integradas de habitar e cuidar o mundo. Acreditamos que só reconhecendo esta teia entre biodiversidade, cultura, memória e território poderemos garantir que a Citânia continue a ser, não

um lugar arqueológico morto, mas um espaço de aprendizagem ativa, de inspiração coletiva e de sustentabilidade viva. É este o legado que esta dissertação procura honrar e projetar.

Este trabalho representou, para mim, muito mais do que uma investigação acadêmica: foi um percurso de descoberta, paixão e de relação próxima com o sítio da Citânia de Sanfins. A motivação que me guiou desde o início – compreender como seria possível viver naquele lugar – transformou-se numa aprendizagem profunda sobre a relação entre natureza, a história e a cultura, entre paisagem e memória, entre o passado e o presente. Todo o conhecimento adquirido ao longo deste processo permitirá agora dar uma nova roupagem às atividades de educação ambiental que realizo com a comunidade. A Citânia de Sanfins deixa de ser apenas um espaço de ruínas e vestígios arqueológicos para se afirmar como uma paisagem viva, onde a biodiversidade conta histórias, os ecossistemas dialogam com a história e a natureza ganha voz como protagonista da identidade local. A partir de agora, cada visita, cada oficina e cada percurso interpretativo será também um ato de ligação entre gerações, um convite à escuta do território e uma celebração da herança castreja em toda a sua plenitude – cultural, ecológica e humana.

Tal como escreveu E.O. Wilson, "*A história da terra e da humanidade está escrita na paisagem. Quem souber lê-la, compreenderá que a natureza não é apenas o cenário da vida, mas a sua origem, sustento e memória.*" Que a Citânia de Sanfins continue a ser esse lugar onde a paisagem nos fala, a biodiversidade nos ensina e o passado nos transforma.

REFERÊNCIAS

Webgrafia:

Câmara Municipal de Viana do Castelo, Bioregisto: <https://ambiente.cm-viana-castelo.pt/bioregisto/quercus-robur>.

CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos: <https://www.cibio.up.pt/en/media/podarcis-lusitanicus-uma-nova-especie-para-a-herpetofauna-portuguesa>. Última consulta: dezembro 2024.

Documentário: The Celtic Legacy _ True Story Documentary Channel. Acedido a 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVzh49tfb7I>

Fundação Calouste Gulbenkian, Jardim GulbenKian: <https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/tojo>.

Fundação Serralves, Flora no Parque: <https://sig.serralves.pt/pt/flora/detalhe.php?id=343>.

iNaturalist, *By* Emídio Batista *in* Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/83755175>.

iNaturalist, *By* João Santos *in* Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80859923>.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal: <https://www.icnf.pt/api/file/doc/ebb19e6ffe0b18ec>.

Invasoras.pt: <https://invasoras.pt/pt/planta-invasora/eucalyptus-globulus>.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/iphiclides-feisthamelii>. Última consulta: setembro 2024

NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Lycaena-alciphron/15586/0>

Parque Arqueológico do Vale do Côa. Acedido a 4 de abril. Disponível em: <https://arte-coa.pt/>

Parque Biológico de Gaia, Orlas Naturais dos Bosques: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/habitats/item/orlas-naturais-dos-bosques>. Última consulta: agosto 2024

Wikipédia.es: https://es.wikipedia.org/wiki/Blaps_lusitanica.

Bibliografia:

Alarcão, J. (1988). *O domínio romano em Portugal*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda.

ALARCÃO, J. (1988). Portugal Romano. Lisboa: Editorial Presença

Allen, O. N., & Allen, E. K. (1981). *The Leguminosae: A Source Book of Characteristics, Uses, and Nodulation*. Madison: University of Wisconsin Press

Almeida, J. (2005). *Aves Canto e Comportamento*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Almeida, P. (2008). *A Vida dos Pequenos Carnívoros*. Porto: Edições Universidade do Porto.

Almeida, P. (2012). *Insectos e Suas Ameaças: A Vida nas Zonas Secas*. Porto: Editora da Faculdade de Ciências.

Almeida, R. (2008). *Guia de Biodiversidade de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Almeida, R. (2012). *O Mundo dos Pirlampos: Bioluminescência e Cultura*. Porto: Edições Científicas.

Almeida, S. (2013). *O Mundo dos Louva-a-Deus*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra.

Botelho F. (2022). *Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas*. Coleção Paisagens Comestíveis. Lisboa.

Carvalho, J. (2007). *Insectos de Portugal: Ecologia e Identificação*. Lisboa: Editora da Universidade de Lisboa.

Carvalho, J. (2009). *Entomologia Aplicada: Percevejos e outros insetos*. Lisboa: Edições Técnicas.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Cortinhas, J. (2007). *A Citânia de Sanfins: subsídios para a compreensão de um povoado fortificado do Noroeste Peninsular*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Costa, A. (2008). *Entomologia e Fauna de Pastagens da Península Ibérica*. Lisboa: Editora Ciências Naturais.

Costa, A. (2012). *Artrópodes de Portugal: Identificação e Ecologia*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Costa, F. (2007). *Pequenos Mamíferos e suas Estratégias de Sobrevivência*. Porto: Universidade do Porto.

Costa, F. (2010). *Reptéis e seus Habitats*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Costa, F. (2011). *Salamandras e Seus Hábitats*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Costa, F. (2013). *A Fauna de Águas Dulces de Portugal*. Porto: Universidade do Porto.

Costa, J. (2008). *Lagartos e Serpentes de Portugal*. Lisboa: Edições Universitárias.

Costa, M. (2007). *Reptéis e suas Espécies*. Porto: Edições Porto.

Costa, M. (2012). *A Fauna Artrópode da Região Mediterrânica*. Porto: Associação de Estudos Ecológicos.

Cunha, M. (2015). *Espécies Invasoras em Portugal*. Lisboa: ICNF.

FERREIRA DA SILVA, Armando Coelho (1991). *A Citânia de Sanfins e a Cultura Castreja*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Ferreira, M. (2011). *A Cultura Castreja e a Fauna de Territórios Naturais*. Porto: Edições Universitárias.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Gomes, M. V. (2001). *Património arqueológico e desenvolvimento sustentável: reflexões em torno da paisagem cultural*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4(2), 37–52.

Gonçalves, V. S. (1997). *Do povoado fortificado pré-romano ao castro romanizado: a transição e o impacto da romanização no Noroeste Peninsular*. *Arqueologia e História*, 48, 45–64.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Henriques, M. H. (2010). *Geodiversidade, geoconservação e geoturismo*. CEGOT – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território.

Lainz, R. (1963). *Adenocarpus lainzii*. In: Lainz, R. (ed.), *Flora de la península ibérica*, vol. 1, pp. 123–124. Madrid: Instituto Nacional de Investigaciones Agrarias.

Lima, A. (2014). *Insetos e Biodiversidade em Portugal*. Porto: Edições Universitárias.

Lima, C. (2008). *As Aves de Campo e Pastagens*. Lisboa: Edições Científicas.

Lima, F. (2010). *A Biodiversidade dos Gafanhotos na Península Ibérica*. Coimbra: Universidade de Coimbra Press.

Lima, R. (2010). *Grilos e Criadores de Som: A Fauna dos Campos e Pastagens da Península Ibérica*. Coimbra: Editora Científica.

Lopes, J. (2011). *Invertebrados de Portugal: Guia de campo*. Porto: Edições Universidade do Porto.

Lopes, M. (2010). *Reptéis de Portugal: Uma Abordagem Ecológica*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Marques, A. (2005). *Cobras de Portugal*. Lisboa: Instituto de Biologia.

Martins, L. (2014). *Aves Noturnas e Seus Habitats*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Martins, L. (2020). *Paisagens culturais e naturais: desafios para a conservação integrada*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD.

Oliveira, J. (2007). *A Fauna de Portugal: Guia de Campo*. Coimbra: Edições da Universidade de Coimbra.

Oliveira, J. (2007). *Guia de Aves Urbanas*. Porto: Universidade do Porto.

Oliveira, M. (2010). *Invertebrados Predadores de Portugal*. Lisboa: Editora de Ciências Naturais.

Oliveira, S. (2009). *Libélulas de Portugal: Guia de Identificação*. Lisboa: Edições Universitárias.

ONU – Organização das Nações Unidas. (2015). *Transformando o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. <https://sdgs.un.org/2030agenda>

Pereira, A. (2012). *A Fauna da Península Ibérica: Insetos e a Sua Relação com o Homem*. Porto: Universidade do Porto.

- Pereira, A. (2016). *Guias de Campo: Libélulas de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, D. (2009). *Gafanhotos e Saltadores: Características e Hábitos*. Coimbra: Instituto de Zoologia.
- Pereira, F. (2008). *Percevejos e Outros Insetos de Portugal*. Lisboa: Ed. Científicas.
- Pereira, F. (2010). *Gafanhotos e Grilos de Portugal*. Porto: Instituto de Investigação Zoológica.
- Pereira, J. (2006). *Reptéis e Répteis de Portugal: Guia Ilustrado*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.
- Pereira, J. (2008). *A Entomologia e a Cultura Popular*. Porto: Instituto de Ciências Biológicas.
- Pereira, J. (2011). *A Fauna de Portugal: Aves Raras e Comuns*. Porto: Universidade do Porto.
- Pereira, J. (2012). *Moluscos e Invertebrados: Identificação e Conservação*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Pereira, J. (2013). *A Biodiversidade e as Lendas de Portugal*. Porto: Edições Universitárias.
- Pereira, J. (2014). *Cobras e Reptéis de Portugal*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.
- Pereira, J. (2015). *Gafanhotos e a Fauna dos Campos da Península Ibérica*. Lisboa: Editora Universitária.
- Pereira, M. (2013). *Insetos e Seus Hábitos: Do Campo às Pastagens*. Porto: Instituto de Estudos Ecológicos.
- Pereira, M. (2015). *Fauna e Flora Aquáticas: Guia Completo*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Pereira, R. (2003). *Fauna Selvagem de Portugal*. Lisboa: Edições Universitárias.

- Pimentel, R. (2012). *Insetos de Portugal: Um Guia Completo*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.
- Pinto, F. (2010). *A Fauna Subterrânea: Reptéis e Invertebrados*. Porto: Universidade do Porto.
- Pinto, M. (2013). *Reptéis e Seus Hábitats*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Pinto, P. (2004). *Escaravelhos e outros Besouros de Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Ramos, T. (2011). *Aves Migratórias de Portugal*. Lisboa: Edições Universitárias.
- Ribeiro, A. (2002). *Insectos de Portugal: Guia de campo*. Lisboa: Editora de Ciências Naturais.
- Ribeiro, A., & Teixeira, C. (2019). *Biodiversidade, património natural e educação ambiental: práticas e estratégias*. Porto Editora.
- Ribeiro, F. (2006). *Cogumelos e seu Papel no Ecossistema*. Lisboa: Edições Universitárias.
- Rodrigues, M. (2014). *Ecologia dos Insetos Aquáticos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, T. (2014). *Grilos e Outras Espécies do Ecossistema Mediterrânico*. Lisboa: Edições Científicas da Universidade de Lisboa.
- Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). *Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia*. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp.
- Santos, F. (2009). *Entomologia de Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Santos, M. (2009). *Ecologia e Conservação dos Anfíbios*. Porto: Edições da Universidade do Porto.
- Santos, M. (2015). *Fauna de Solo e Seus Papéis Ecológicos*. Porto: Universidade do Porto.
- Santos, R. (2010). *Aves de Portugal*. Porto: Edições da Universidade do Porto.

Santos, R. M. (2013). *Insetos Benéficos da Agricultura Tradicional*. Lisboa: Instituto de Estudos Rurais.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, A. (2005). *Fauna de Solo e Invertebrados*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade.

Silva, A. (2012). *Répteis de Portugal: Guia de Identificação*. Lisboa: Instituto de Ciências Biológicas.

Silva, A. C. (1986). *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Universidade do Porto.

Silva, D. (2011). *A Biodiversidade dos Campos Secos e da Vegetação Mediterrânica*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Silva, E. (2015). *Fauna e Biodiversidade de Pastagens*. Lisboa: Instituto Nacional de Ecologia.

Silva, J. (2011). *Entomologia em Portugal: Guia de Campo*. Porto: Edições Universidade do Porto.

Silva, J. (2014). *O Mundo das Libélulas*. Porto: Ed. da Universidade do Porto.

SILVA, José Manuel (2003). *Arqueologia e Território no Noroeste Peninsular*. Porto: Campo das Letras.

Silva, L. (2006). *Guia de Fauna de Solo e Invertebrados*. Porto: Universidade do Porto.

Silva, L. (2010). *Insetos e Biodiversidade Aquática*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

Silva, M. (2006). *Biodiversidade de Insetos Luminosos*. Lisboa: Ed. Ambiente e Natureza.

Silva, M. (2009). *Fauna Ibérica: Répteis e Anfíbios*. Porto: Edições Porto.

Silva, M. (2011). *Fauna Insecta de Portugal: Gafanhotos e Relacionamento Ecológico*. Lisboa: Instituto da Biodiversidade.

Silva, M. (2011). *Vida e Cultura nas Comunidades Castrejas*. Coimbra: Edições Académicas.

Silva, P. & Oliveira, T. (2018). *Guia de Moluscos Terrestres*. Porto: Universidade do Porto.

Silva, P. (2010). *Insectos de Portugal: Identificação e Ecologia*. Lisboa: Edições Universidade de Lisboa.

Silva, P. (2012). *Anfíbios de Portugal: Guia de Identificação*. Lisboa: Edições Universidade de Lisboa.

Silva, P. (2012). *Insetos e Ecossistemas: O Papel dos Grilos nas Comunidades Agrícolas*. Lisboa: Instituto de Estudos Ecológicos.

Silva, R. (2005). *Mamíferos de Portugal: Uma Visão Geral*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

Sousa, A. et al. (2017). *Biodiversidade e Conservação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sousa, D. (2008). *Fungos: Aspectos Ecológicos e Históricos*. Porto: Universidade do Porto.

ANEXOS

- Mapas, fotografias, fichas de campo, dados recolhidos, etc.

Anexo II – Transeto Metodologia Património Natural Citânia de Sanfins

CITÂNIA DE SANFINS

Situada no concelho da Póvoa de Varzim, a Citânia de Sanfins é um povoado fortificado da Idade do Ferro, um dos mais ricos testemunhos da cultura castreja do noroeste peninsular. Entre os séculos I a.C. e I d.C. foi um local central para os povos galaicos da margem direita do rio Douro. Com o domínio romano perde essa centralidade, acabando por ser abandonado no séc. IV.

Located in the municipality of Póvoa de Varzim, Citânia de Sanfins is an Iron Age fortified settlement, one of the richest examples of Castro culture in the north-west of the Iberian Peninsula. Between the 1st century BC and the 1st century AD, it was a central place for the Galician peoples on the right bank of the River Douro. With Roman rule, it lost its centrality and was abandoned in the 4th century.

- Serviços**
- Estacionamento**
- Miadação**
- Percurso de visita**
- Você está aqui**

Mais informação
Press information

2020

Ficha de Campo para Identificação da Flora

Local: _____, Paços de Ferreira. **Data:** ____/____/____

Nome do Observador: _____

Condições Meteorológicas:

Período do dia: ____ h; Temperatura: ____ °C; Humidade: ____ %

1. Identificação da Flora. Espécie (nº de série da foto – [fl+nº]):

- Nome Comum: _____
- Nome Científico: _____
- Descrição (altura, tipo de folha, cor das flores, etc.): _____

- Localização Específica: _____
- Estado de Conservação: _____
Abundante Comum Rara

**2. Observações Gerais
Comentários e Reflexões do Observador:**

Interações e Impactos Humanos. Tipo de Impacto:

Ficha de Campo para Identificação da Geologia

Local: _____, Paços de Ferreira. **Data:** ____/____/____

Nome do Observador: _____

Condições Meteorológicas:

Período do dia: _____ h; Temperatura: _____ °C; Humidade: _____ %

1. Identificação da Geologia. Tipo de Rocha/Formação (nº de série da foto – [ge+nº]):

- Nome: _____
- Descrição (cor, textura, composição, etc.): _____

- Observações Adicionais: _____

- Localização Específica: _____

2. Observações Gerais

Comentários e Reflexões do Observador:

Interações e Impactos Humanos. Tipo de Impacto:

Ficha de Campo para Identificação de Outros Elementos Naturais

Local: _____, Paços de Ferreira. **Data:** ____/____/____

Nome do Observador: _____

Condições Meteorológicas:

Período do dia: ____ h; Temperatura: ____ °C; Humidade: ____ %

1. Identificação de Outros Elementos Naturais (nº de série da foto – [ou+nº])
Elemento: _____

- Descrição: _____

Observações Adicionais:

- Localização Específica: _____

2. Observações Gerais

Comentários e Reflexões do Observador:

Interações e Impactos Humanos. Tipo de Impacto:

Anexo VII – Ficha de Campo Património Natural Sanfins (exemplo)

Ficha de Campo para Identificação do Património Natural

Local: _____, Paços de Ferreira

Data: ___/___/___

Nome do Observador: _____

Condições Meteorológicas:

- Período do dia: _____ h
- Temperatura: _____ °C
- Humidade: _____ %

1. Identificação da Flora

Espécie (nº de série da foto – [fl+nº]):

- Nome Comum: _____
- Nome Científico: _____
- Descrição (altura, tipo de folha, cor das flores, etc.):

- Localização Específica: _____
- Estado de Conservação:
 - Abundante
 - Comum
 - Rara
- Observações Adicionais:

2. Identificação da Fauna

Espécie (nº de série da foto – [fa+nº]):

- Nome Comum: _____
- Nome Científico: _____
- Descrição (tamanho, cor, comportamento, etc.):

- Localização Específica: _____
- Estado de Conservação:
 - Abundante
 - Comum
 - Rara
- Observações Adicionais:

3. Identificação da Geologia

Tipo de Rocha/Formação (nº de série da foto – [ge+nº]):

- Descrição (cor, textura, composição, etc.): _____
- Localização Específica: _____
- Observações Adicionais: _____

4. Identificação de Outros Elementos Naturais (nº de série da foto – [ou+nº])

Elemento: _____

- Descrição: _____
- Localização Específica: _____
- Observações Adicionais: _____

5. Interações e Impactos Humanos

Tipo de Impacto:

- Descrição: _____
- Localização Específica: _____
- Possíveis Causas: _____
- Observações Adicionais: _____

6. Outras Fotografias, Esquemas e Enquadramentos

Fotografia/Esquema nº: _____

- Descrição: _____
- Localização Específica: _____
- Observações Adicionais: _____

7. Observações Gerais

Comentários e Reflexões do Observador:

- _____

Esta ficha de campo fornece um formato detalhado e estruturado para a identificação e documentação do património natural na Citânia de Sanfins.

Anexo VIII – Inquérito de Avaliação das Atividades de Educação Ambiental e Exploração do Património Natural

1.1. Classifica o teu nível de conhecimento sobre o tema da atividade após a participação:

- Nenhum
- Básico
- Intermédio
- Avançado

1.2. O que aprendeste com esta atividade? Indica três pontos principais.

- 1: _____
- 2: _____
- 3: _____

1.3. Consideras que a atividade te ajudou a entender melhor a importância da conservação do património natural?

- Sim
- Não
- Talvez

2. Avaliação da Atividade

2.1. Como avalias o tema abordado na atividade?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau

2.2. Como avalias o desempenho do monitor?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau

2.3. Como avalias o espaço onde a atividade foi realizada?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau

2.4. Como avalias o tempo destinado para a atividade?

- Adequado
- Muito curto
- Muito longo

Inquérito de Avaliação das Atividades de Educação Ambiental e Exploração do Património Natural

Parte 1: Antes da Atividade

1. Conhecimentos e Expectativas

1.1. Classifica o teu nível de conhecimento sobre o tema da atividade:

- Nenhum
- Básico
- Intermediário
- Avançado

1.2. O que esperas aprender com esta atividade?

- Conceitos básicos sobre o tema
- Técnicas práticas de conservação
- Informação específica sobre fauna/flora local
- Outros: _____

1.3. Alguma vez participaste em atividades semelhantes? Se sim, quais?

- Sim
- Não
- Se sim, quais: _____

2. Expectativas em Relação à Atividade

2.1. Quais são as tuas expectativas em relação a esta atividade?

- Aprender novos conceitos
- Melhorar conhecimentos existentes
- Socializar com outros participantes
- Divertir-me enquanto aprendo
- Outros: _____

2.2. Em que áreas específicas estás mais interessado?

- Fauna
- Flora
- Geologia
- História do local
- Outros: _____

Parte 2: Depois da Atividade

1. Avaliação do Conhecimento Adquirido

2.5. Como avalias as ferramentas e materiais utilizados na atividade?

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Mau

3. Satisfação Geral

3.1. Ficaste satisfeito com a atividade no geral?

- Muito Satisfeito
- Satisfeito
- Indiferente
- Insatisfeito

3.2. Recomendarias esta atividade a outras pessoas?

- Sim
- Não
- Talvez

3.3. Sugestões para melhorar futuras atividades:

- _____

Nota para os Participantes

A tua opinião é muito importante para nós. Agradecemos o teu tempo e colaboração para preencher este inquérito, que nos ajudará a melhorar continuamente as nossas atividades de educação ambiental e exploração do património natural.

Fim do Inquérito

Cada ponto tem respostas possíveis, facilitando tanto a participação quanto a análise dos resultados.

PR1
PFR

TRILHO CITÂNIA DE SANFINS

CITÂNIA DE SANFINS
A cidade de Sanfins possui uma história rica e fascinante, marcada por eventos históricos e culturais que moldaram sua identidade. O Trilho Citânia de Sanfins é um percurso que permite aos visitantes explorar a beleza natural e a herança cultural desta cidade.

PR1
PFR

Ficha Técnica
Localização e região: Fragmento do Distrito de Terras de Sanfins, Município de Sanfins, Estado de Pernambuco.
Período de elaboração: Fevereiro de 2024.
Elaborado por: Equipe do Projeto de Recreação de Sanfins.
Coordenador: [Nome do Coordenador].
Tipo de percurso: Percurso recreativo.
Distância: 10,5 km.
Altitude Máxima: 270 metros.
Duração: 2h 30min.
Cores de dificuldade: Verde (fácil), Amarelo (intermediária), Vermelho (difícil).
Espec. de manutenção: Não há.

LEGENDA
1. Caminho principal
2. Caminho alternativo
3. Caminho de acesso
4. Caminho de serviço
5. Caminho de drenagem
6. Caminho de drenagem
7. Caminho de drenagem
8. Caminho de drenagem
9. Caminho de drenagem
10. Caminho de drenagem

CONDIÇÕES DE USO
Este mapa é uma ferramenta de orientação e não garante a segurança do usuário. O usuário é responsável por sua própria segurança e deve sempre seguir as regras de trânsito e as normas de segurança locais. Este mapa é uma ferramenta de orientação e não garante a segurança do usuário. O usuário é responsável por sua própria segurança e deve sempre seguir as regras de trânsito e as normas de segurança locais.

PR1
PFR

TRILHO CITÂNIA DE SANFINS

CITÂNIA DE SANFINS
A cidade de Sanfins possui uma história rica e fascinante, marcada por eventos históricos e culturais que moldaram sua identidade. O Trilho Citânia de Sanfins é um percurso que permite aos visitantes explorar a beleza natural e a herança cultural desta cidade.

PR1
PFR

Ficha Técnica
Localização e região: Fragmento do Distrito de Terras de Sanfins, Município de Sanfins, Estado de Pernambuco.
Período de elaboração: Fevereiro de 2024.
Elaborado por: Equipe do Projeto de Recreação de Sanfins.
Coordenador: [Nome do Coordenador].
Tipo de percurso: Percurso recreativo.
Distância: 10,5 km.
Altitude Máxima: 270 metros.
Duração: 2h 30min.
Cores de dificuldade: Verde (fácil), Amarelo (intermediária), Vermelho (difícil).
Espec. de manutenção: Não há.

LEGENDA
1. Caminho principal
2. Caminho alternativo
3. Caminho de acesso
4. Caminho de serviço
5. Caminho de drenagem
6. Caminho de drenagem
7. Caminho de drenagem
8. Caminho de drenagem
9. Caminho de drenagem
10. Caminho de drenagem

CONDIÇÕES DE USO
Este mapa é uma ferramenta de orientação e não garante a segurança do usuário. O usuário é responsável por sua própria segurança e deve sempre seguir as regras de trânsito e as normas de segurança locais. Este mapa é uma ferramenta de orientação e não garante a segurança do usuário. O usuário é responsável por sua própria segurança e deve sempre seguir as regras de trânsito e as normas de segurança locais.

de um para o outro, muda o "ESTÁ AQUI"

Anexo XIII – Painel de visitante Citania de Sanfins

CITÂNIA DE SANFINS

Situada no concelho de Póvoa do Varzim, a Citânia de Sanfins é um povoado fortificado da Idade do Ferro um dos mais ricos testemunhos da cultura castreja do noroeste peninsular. Entre os séculos I a.C. e I d.C. foi um local central para os povos galegos da margem direita do rio Douro. A sua importância é atestada por essa centralidade, esbarrado por ser abandonado no séc. IV.

Located in the municipality of Póvoa do Varzim, Citânia de Sanfins is an Iron Age fortified settlement one of the richest examples of Castro culture in the Northwest of the Iberian Peninsula. Between the 1st century BC and the 1st century AD, it was a central place for the Galician peoples on the right bank of the River Douro. With Roman rule, its centrality and was abandoned in the 4th century.

Serviço
 Car park

Estacionamento
 Visiting route

Museário
 Visiting route

Percurso de visita
 Visiting route

Visar está aqui
 Visiting route

Mais informação
 Here information

2020

ANO EUROPEU DA CULTURA
 EUROPEAN YEAR OF CULTURE

Anexo XIV – Alimentação do Período Castrejo Paços de Ferreira

Alimentação durante o período castrejo

No período de ocupação da Citânia de Sanfins, a população que habitava a região tinha uma alimentação baseada principalmente em produtos locais e de fácil acesso, aproveitando a fauna, a flora e a agricultura¹.

A alimentação era composta por:

Cereais: como trigo, painço, milho miúdo, cevada e centeio, consumidos sob a forma de pães ou papas. A **cevada** era particularmente importante, pois também servia como base para a produção de bebidas fermentadas (espécie de cerveja)

Legumes e Vegetais: como lentilhas, ervilhas, favas, cebolas e alho, além de plantas silvestres comestíveis como o nabo e a couve.

Frutas: como maçãs, peras, figos e uvas, além de frutas silvestres como amoras, framboesas, a bolota (de que faziam uma espécie de pão), nozes, castanhas, pinhas e cogumelos comestíveis.

Carne: de animais selvagens, como javalis, veados e lebres. Além disso, criavam animais domésticos como porcos, ovelhas e cabras para consumo de carne e produtos como leite e queijo.

Peixe e Marisco: Como Portugal tem uma longa costa, o pescado era um alimento importante, especialmente peixe de água salgada (como sardinhas e atum) e mariscos (mexilhões, ostras e ameijoas). A pesca era realizada com técnicas simples.

Laticínios: O leite de cabra, vaca e ovelha era consumido fresco ou transformado em queijos e outros produtos lácteos.

Produtos derivados da caça e da pesca: Além da carne, esses povos consumiam produtos de origem animal como gordura para cozinhar e peles para vestuário.

Bebidas: O vinho, principalmente produzido a partir da uva, era uma bebida comum, especialmente nas zonas mais desenvolvidas. O consumo de bebidas fermentadas, como hidromel (feito com mel e água), e uma espécie de cerveja, também era possível. Além disso, a água, principalmente de fontes naturais, era consumida diretamente.

¹ Informação recolhida em sede do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Cedido pela técnica de arqueologia e museologia Vera Moura, do Município de Paços de Ferreira. Por não ter conseguido referência à autoria deste documento, remeto a responsabilidade para o técnico mencionado acima.

A preparação dos alimentos era feita com utensílios de pedra, barro e metal, com métodos de cozimento como assar, ferver ou grelhar.

O pão neste período seria de preparação simples, utilizando os recursos locais disponíveis. A tecnologia para assar era rudimentar, mas eficiente o suficiente para produzir um alimento nutritivo. A textura do pão seria densa, e ele provavelmente era usado como acompanhamento de pratos mais substanciais, como carnes, vegetais e laticínios. Além disso, é possível que o pão fosse preparado de maneira diferente de acordo com as estações do ano, já que o armazenamento e a preservação dos alimentos eram considerações importantes.

Características do Pão:

Farinha: trigo, centeio, cevada, milho, bolota

Fermento: Não se sabe ao certo se já usavam fermento para fazer o pão crescer. A fermentação poderia ocorrer de forma natural, aproveitando-se de leveduras presentes no ambiente ou nos próprios grãos.

Assar: em fornos de barro ou colocado diretamente nas brasas ou assado sobre pedras quentes.

Possível Receita

Ingredientes:

- 2 xícaras de farinha de trigo, centeio ou cevada (ou uma mistura desses cereais)
- 1/2 colher de chá de sal
- 1/2 xícara de água (aproximadamente, pode variar)
- 1 colher de sopa de azeite ou gordura animal (opcional, dependendo do acesso a animais)
- Sementes ou ervas silvestres (como tomilho, alecrim ou orégãos) – opcional

Preparação:

1. Misture a farinha com o sal e, se desejar, acrescente as ervas ou sementes.
2. Coloque a farinha em uma tigela e adicione a água aos poucos. Misture bem até formar uma massa. A quantidade de água pode variar, dependendo da absorção da farinha.

3. Amasse a mistura até que a massa fique homogênea e não muito pegajosa. Se a massa ficar muito seca, adicione mais água aos poucos.
4. Modele a massa em forma de bola ou de pequenos pães achatados, que seriam mais fáceis de assar.
5. Num forno de barro ou em um buraco escavado no chão com pedras quentes, asse os pães até que fiquem dourados e crocantes por fora. Isso pode levar de 30 minutos a uma hora, dependendo da temperatura e do tipo de forno.
6. Deixe arrefecer um pouco antes de servir. Esse pão seria consumido junto a outros alimentos como legumes, queijo, carne ou peixe, ou até mesmo sozinho como parte de uma refeição simples.

Outra possível receita:

Farinha: trigo, centeio, cevada, milho, bolota

Fermento: Não se sabe ao certo se já usavam fermento para fazer o pão crescer. A fermentação poderia ocorrer de forma natural, aproveitando-se de leveduras presentes no ambiente ou nos próprios grãos.

Assar: em fornos de barro ou colocado diretamente nas brasas ou assado sobre pedras quentes

Possível receita de pão castrejo:

Ingredientes:

- 2 xícaras de farinha de trigo, centeio ou cevada (ou uma mistura desses cereais)
- 1/2 colher de chá de sal
- 1/2 xícara de água (aproximadamente, pode variar)
- 1 colher de sopa de azeite ou gordura animal (opcional, dependendo do acesso a animais)
- Sementes ou ervas silvestres (como tomilho, alecrim ou orégãos) – opcional

Preparação:

1. Misture a farinha com o sal e, se desejar, acrescente as ervas ou sementes.
2. Coloque a farinha em uma tigela e adicione a água aos poucos. Misture bem até formar uma massa. A quantidade de água pode variar, dependendo da absorção da farinha.
3. Amasse a mistura até que a massa fique homogênea e não muito pegajosa. Se a massa ficar muito seca, adicione mais água aos poucos.
4. Modele a massa em forma de bola ou de pequenos pães achatados, que seriam mais fáceis de assar.
5. Num forno de barro ou em um buraco escavado no chão com pedras quentes, asse os pães até que fiquem dourados e crocantes por fora. Isso pode levar de 30 minutos a uma hora, dependendo da temperatura e do tipo de forno.

6. Deixe arrefecer um pouco antes de servir. Esse pão seria consumido junto a outros alimentos como legumes, queijo, carne ou peixe, ou até mesmo sozinho como parte de uma refeição simples.

Anexo XV – Lendas e Mitos da Citânia da Sanfins

Índice

O Penedo do Sino	2
Penedo do Bem e do Mal	3
A Fonte das Grades.....	3
Lenda da Fonte da Moira	3
O Penedo Vazado	4
O Penedo Rebolão.....	5
Os Três Sapinhos do Hortal	5
A Estrada Subterrânea.....	6
O Martelão da Citânia	6
O Picoto do Pai	6
A lenda do “Penedo da Mulher Morta”	7

O Penedo do Sino

"A curta distância da Citânia, para os lados de Bustelo, viveu em recuados tempos um humilde guardador de gado que tinha na sua companhia uma única filha. Do rebanho de ovelhas e cabras talhavam, sabe Deus como, o pão de cada dia. A filha do cabaneiro, catorze anos mal contados, soltava de manhã cedo o sue rebanho pelas ladeiras mais mimosas da serra. Enquanto o pai atimava outros trabalhos, a pastorinha era rainha de todo aquele ermo, ora sentada nas conchas dos penedos, ora a correr atrás de uma avezinha das alturas. Regressava ao se casebre do penedo sino, avisada pelo sol, a esconder-se para as bandas do mar. Numa fresca manhã, quando se dispunha a abalar, mais uma vez, com as suas "mecas", viu sobre o penedo do sino – pedra enorme que servia de vedação à corte – um sardão verdiscado, de olhos vivos e brilhantes. Embora as ovelhas se atropelassem em busca da saída e a pastora estivesse muito próxima, o sardão mostrou-se calmo.

Dia a dia, a pegureira deu em espreitar o penedo; o sardão lá estava muito sereno. E, talvez devido a essa quietude, a cachopa passou a chegar-lhe leite duma cabrinha branquinha que aparecera abandonada na Citânia. Porém, certa manhã, a rapariga, vendo faltar o leite na sua linda cabrinha branca, murmurou com tristeza, junto do penedo do sino: – Ai, pobre bichinho! Não sei o que há-de ser de ti... Ante o espanto da pastorinha, no dia seguinte, em vez do sardão, estava sentado no pedregulho um formoso mancebo, que logo assim falou: – Escuta, menina. Não tenhas medo! Eu fora transformado em sardão. Tu quebraste-me o encanto. Merece uma lembrança a tua bondade e a tua coragem.

Durante noventa dias deste-me leite dessa cabrinha que certa ocasião recolheste. Boquiaberta e trémula, a pastora não tinha forças para gritar e fugir. O simpático moiro, sorridente, acrescentou: – Eu vou partir já. Não fales nisto a teu pai. O segredo de tudo será a tua felicidade. Assim que estiver a salvo, no meio dos meus parentes, a cabrinha branca voltará a ter leite. Esta é a certeza de que nada de mau me aconteceu. Ouve por fim: Deixo-te este talismã de ventura. Guarda-o muito bem, e, ao fim de três meses, tempo da minha viagem, põe-no sobre este penedo que é a arca dos meus tesouros. O talismã mudará para chave. Abrirás o penedo neste ponto que vou beijar. E que Alá te proteja, meu anjo! Dito isto, o moiro, parecendo ter asas nos pés encaminhou-se para o alto da Citânia e nunca mais foi visto. A bondosa pastorinha, dentro em pouco, ficou rica e sedutora. Casou com um abastado lavrador de Sanfins. Já muito velhinha, dava gosto ouvi-la contar a lenda da sua juventude.

Outra variante da mesma lenda: Perto da fonte das grades, era costume aparecer um bonito sardão. Por várias vezes correu atrás de uma rapariguita que levava à serra as suas ovelhas. Um dia, o sardão falou como gente e pediu beijos à mocinha. Ela, muito assustada, deitou em correria a caminho da aldeia. Na revolta do carreiro, ainda desconfiada, olhou para trás, e, no sítio do sardão, viu um esbelto mancebo.

Era certamente um mouro encantado, porque tão depressa se viu como desapareceu...

O Penedo do Sino

"A curta distância da Citânia, para os lados de Bustelo, viveu em recuados tempos um humilde guardador de gado que tinha na sua companhia uma única filha. Do rebanho de ovelhas e cabras talhavam, sabe Deus como, o pão de cada dia. A filha do cabaneiro, catorze anos mal contados, soltava de manhã cedo o sue rebanho pelas ladeiras mais mimosas da serra. Enquanto o pai atimava outros trabalhos, a pastorinha era rainha de todo aquele ermo, ora sentada nas conchas dos penedos, ora a correr atrás de uma avezinha das alturas. Regressava ao se casebre do penedo sino, avisada pelo sol, a esconder-se para as bandas do mar. Numa fresca manhã, quando se dispunha a abalar, mais uma vez, com as suas "mecas", viu sobre o penedo do sino – pedra enorme que servia de vedação à corte – um sardão verdiscado, de olhos vivos e brilhantes. Embora as ovelhas se atropelassem em busca da saída e a pastora estivesse muito próxima, o sardão mostrou-se calmo.

Dia a dia, a pegureira deu em espreitar o penedo; o sardão lá estava muito sereno. E, talvez devido a essa quietude, a cachopa passou a chegar-lhe leite duma cabrinha branquinha que aparecera abandonada na Citânia. Porém, certa manhã, a rapariga, vendo faltar o leite na sua linda cabrinha branca, murmurou com tristeza, junto do penedo do sino: – Ai, pobre bichinho! Não sei o que há-de ser de ti... Ante o espanto da pastorinha, no dia seguinte, em vez do sardão, estava sentado no pedregulho um formoso mancebo, que logo assim falou: – Escuta, menina. Não tenhas medo! Eu fora transformado em sardão. Tu quebraste-me o encanto. Merece uma lembrança a tua bondade e a tua coragem.

Durante noventa dias deste-me leite dessa cabrinha que certa ocasião recolheste. Boquiaberta e trémula, a pastora não tinha forças para gritar e fugir. O simpático moiro, sorridente, acrescentou: – Eu vou partir já. Não fales nisto a teu pai. O segredo de tudo será a tua felicidade. Assim que estiver a salvo, no meio dos meus parentes, a cabrinha branca voltará a ter leite. Esta é a certeza de que nada de mau me aconteceu. Ouve por fim: Deixo-te este talismã de ventura. Guarda-o muito bem, e, ao fim de três meses, tempo da minha viagem, põe-no sobre este penedo que é a arca dos meus tesouros. O talismã mudará para chave. Abrirás o penedo neste ponto que vou beijar. E que Alá te proteja, meu anjo! Dito isto, o moiro, parecendo ter asas nos pés encaminhou-se para o alto da Citânia e nunca mais foi visto. A bondosa pastorinha, dentro em pouco, ficou rica e sedutora. Casou com um abastado lavrador de Sanfins. Já muito velhinha, dava gosto ouvi-la contar a lenda da sua juventude.

Outra variante da mesma lenda: Perto da fonte das grades, era costume aparecer um bonito sardão. Por várias vezes correu atrás de uma rapariguita que levava à serra as suas ovelhas. Um dia, o sardão falou como gente e pediu beijos à mocinha. Ela, muito assustada, deitou em correria a caminho da aldeia. Na revolta do carreiro, ainda desconfiada, olhou para trás, e, no sítio do sardão, viu um esbelto mancebo.

Era certamente um mouro encantado, porque tão depressa se viu como desapareceu...

Como era de supor, a lavadeira não ficou contente, e, entre as suas palavras de maldição, prometeu que *nunca mais ninguém chegaria a regar com água daquela fonte...*

O castigo não tardou... Dias depois, o rapaz voltou de novo à presa, abriu o buraco, rego além, até aos lameiros de Bouça-Monte, à espera da água que soltara. Mas a vingança da moira... Lá na funda, o mocetão esperou muito tempo mas água ... de grilo! Desesperou-se. Resolveu então voltar à presa e, à medida que ia seguindo o rego, mais se admirava por ver que este estava simplesmente orvalhado. Porém, o seu espanto foi maior ao reparar que a presa tinha pouca água e a que ainda escorria logo ali perto se esperava por uma fisga do lajedo! Sem saber o que fazer, o moço camponês olhou em redor, falou sozinho e repetiu muito devagar algumas palavras da moira - *...nunca mais ninguém regará com esta água...nem erva...* é curioso que ainda hoje, como naqueles tempos, a água da fonte da moira não tem aproveitamento... pois desaparece a poucos passos da nascente."

O Penedo Vazado

"Já se passaram alguns séculos quando isto teria acontecido... Um humilde lavrador de Eiriz partira com o gado para as *bandas* da Citânia. Vigianço a vaca, as chibas e as ovelhas, por lá ficava até à hora da merenda. Acontecera, porém, que a turina, em certas ocasiões, desaparecia por artes do mafarrico e o pobre homem, se não dava em doido, pouco faltava. O mais engraçado é que, apenas ele se zangasse e praguejasse, logo a vaca, sossegada e farta, lá vinha por entre as tojeiras e giestas do penedo vazado. Que havia feitiços, por ali, havia!.. Quem lhe tirava do miolo ver a "pinta", bem na frente dos olhos, sumir pelo chão abaixo? – Vem cá, toma!.. Estrenoquelho assim!.. Resmungava o lapónio, persignando-se dezenas de vezes. Mas daí nasceu uma ideia: agarrar-se ao rabo da vaca e não a largar mais, ainda que lhe custasse a vida. – Não há como a gente ver como estas coisas são.. Agarrou-se imediatamente à cauda da turina e ela, aos pulos medonhos, em corrida desordenada, fez o lavrador suar e tressuar. Mais teimoso ainda, apertava com quantas forças tinha o rabicho diro e peludo. Num salto violento, o animal afocinho por um silvado e enfiou por longo corredor muito escuro, levando o dono ora aos trambolhões ora de rastos. Mil voltas deram. Foram parar a lindo palácio. O chão era coberto de ricos tapetes e do teto pendiam pingentes de oiro e de cristal. É claro que o receio de perder a vaca ou ali ficar estarecido impediam o lavrador de recolher parte daqueles maravilhosos tesouros. Passados escasso segundos, apareceu uma velha muito feia e magra. No seu largo vestido de seda preta, causava medo. Vinha com uma escudela tirar leite à vaca. Esta ficou quietinha assim que a viu. Os olhos pequeninos da velha e os cabelos brancos encrespados completavam aquela horrível feitiçaria, que o era com certeza... Vá lá que não reparara ela, ao menos, no nobre viajante que a vaca tinha arrastado!.. Se o visse, não sei o que seria... Cheia a vasilha, a vaca largou em nova corrida por luras de breu. Todas as riquezas lá ficaram ao fundo daquela mina *do penedo vazado*, pelos tempos fora... O bom do lavrador, assim que se viu são e salvo correu atarantado pelas bouças que se estendem para vilar e não quis mais saber da

turina. Conta-se, a propósito, que, ainda hoje, em noites de luar, a vaca aparece a pastar na meia encosta da Citânia... mas agora vigiada atentamente por uma encantadora donzela que vive à certa no tal palácio encantado...

O Penedo Rebolão

"No monte da Citânia, houve, em tempos muitos antigos, um penedo, polido e redondo como bunho de mar, e, por vezes, tão leve que nem fio de lã.

Este penedo era o encanto e a perdição dos rapazinhos que olhavam pelo gado lá por aquelas encostas. Chamavam-lhe o penedo rebolão. Grande segredo estava atado àquela pedra. Retirada do seu lugar, parecia que tinha mafarrico. Dava gosto, pasmava-se vê-la rebolar em várias direções, voltando ao lugar donde a tinham retirado. O penedo era desta maneira o brinquedo acostumado dos pequenos pastores. Punham-na a rolar, equilibravam-se em cima dela. A pedra parecia saber brincar com eles sem nunca os ferir ou esmoucar. Isto sucedia hoje e amanhã, até que, numa bela tarde, um lavrador de Negrelos, que vinha das bandas de Eiris, carrou o penedo sem pedir licença aos rapazes. Estes esperavam que a pedra voltasse para trás. Mas o carro lá se foi com o Rebolão emriba. Ao chegar à ponte de Negrelos, o lavrador jogou o penedo ao rio. Das águas revoltas ergueu-se uma jovem encantadora. O lapónio, ainda apalermado com o que via, pode ouvir: -Quebraste-me o encanto. Há muito que isto devia acontecer. Adeus, que me vou para a minha terra. Ninguém mais dera notícia daquela formosa mourinha.

Os Três Sapinhos do Hortal

"Durante as guerras dos "afonsinhos", um dos soldados portugueses, Frutuoso das Donas, tivera a sorte de ser levado por um grupo de mouros para o norte de África.

Muito maltratado, o preso suspirava hora a hora: - Ai, terra de Eiris, terra de Eiris, que não te torno a ver! A filha dum chefe mouro, ouvindo, certa ocasião, as palavras de infortúnio do pobre homem, correu até junto do pai a contar-lhe que o cristão metido na masmorra era de Eiris!... O bravo chefe mouro, nesse tempo tolhido por rui cegueira, ficou radiante e imediatamente mandou conduzir o escravo à sua presença. - Disse-me a minha filha que és de Eiris... - Saiba, senhor, que sim. - Conta-me então como é a igreja da tua terra- pediu o mouro. O Frutuoso deu os melhores sinais. Sobressaltado, o altivo chefe prosseguiu: - E conheces a Citânia? A lameira do Redundo? E as lajes de Celeirô? - Como os meus dedos, senhor. E nunca reparaste nas ervas abróteas que crescem ao pé da Pedra Furada? ... Insistiu o cego, agitando no seu tamborete. Frutuoso falou mais á vontade e do grande benefício dessas ervas no tratamento da cegueira. O antigo guerreiro mouro conversou demoradamente com o nosso homem e por fim chamou a

filha para lhe abrir um cofre que tinha à sua direita. Dele mandou retirar um par de sapatos com fivelas reluzentes. Entregando-os ao cativo, disse-lhe: - Aqui tens estes sapatos. Vais a Portugal e à terra de Eiris, mas só os calçarás assim que chegares a Celeiró. Aí pisarás as ervas que te falei até as solarias ficarem bem tintas de verde. Depois, mete-os outra vez no saquitol e na vinda passa pela Cancela do Hortal, onde encontrarás três sapinhos com uma pinta branca na cabeça e os recolherás neste estojo. Se mos trouxeres, seremos todos muito felizes. Ao cabo de longos meses, Frutuoso das Donas, depois de ter cumprido com habilidade tão arriscada tarefa, pois um dos nossos reis trazia seus exércitos pelo Alentejo, paria satisfeito para a Mauritânia. Recebido entre festejos e honras, o mouro apressou-se a esfregar os olhos com os dedos que já haviam tocado as solas dos sapatos coçados nas ervas abróteas. Como por milagre, recuperou a vista. Maravilhado, entusiasmado, pegou nos três sapinhos, soltou-os em sagrada bandeja de família e ali, com espanto geral, se transformaram em esbeltos e fortes mancebos. Frutuoso quis fugir, mas, reparando nas vigias, ficou-se com medo. O chefe mouro disse-lhe então que os três mancebos tinham ficado encantados um dia que se viu atacado pelos cristãos numa viagem à Citânia. Em recompensa de tão bons serviços, Frutuoso das Donas pôde regressar rico e salvo à sua casa de Viso, de Eiris, usando os trajes moiriscos e contando suas aventuras."

A Estrada Subterrânea

A Citânia tinha uma estrada ou mina subterrânea «por onde os mouros levavam os cavalos a beber ao rio Vizela».

O Martelão da Citânia

"Corre também a lenda de que os «mouros» da Citânia eram tão forçantes que lançaram pelo ar o martelão grande quando lho pediram emprestado os pedreiros que construíram a capela do Senhor do Padrão (Monte Córdova) e o Mosteiro de Roriz. Os artífices de Roriz, agradecidos pelo auxílio do marretão, lavraram nos modilhões que sustentam o coro a cabeça de um homem e de uma mulher da gente da Citânia.

O Picoto do Pai

"Mais chegado a nós este conto, mas igualmente preso ao lendário da Citânia: O filho, vendo o pai velho e gasto, resolvia levá-lo ao Picoto, numa cárcova da Citânia, onde o deixaria com manta

esburacada e um pouco de comida num caco da cozinha. As garras da morte e as aves de rapina faziam o resto. – Já sei aonde me levas – teria dito o ancião. Por aqui passei com meu derreado pai... E, num dia que não vem longe, aquele mocito que lá tens em casa há-de fazer-te o mesmo. Foi pena não o trouxesses para ficar a conhecer o caminho...Um clarão de bondade e de amor a si próprio iluminou o cérebro rude do filho. E, meia volta arriba, o velho regressava ao preguiçoso para descansar mansamente durante alguns invernos. O gárrulo do neto aproveitou a lição. O Picoto do Pai caiu em abandono, mas é recordado através da lenda como relembração daquele dia distante em que raiou um Sol novo para aquecer a velhice.

FONTE: Etnografia de Paços de Ferreira. Professor Vieira Dinis

A lenda do “Penedo da Mulher Morta”

No período em que os povos da Citânia desceram para os vales, houve um grupo familiar que se fixou na parte mais elevada do vale que, mais tarde, passou a ser designado de Vilar.

Havia um árduo trabalho a fazer. Desde logo, era preciso construir a habitação para todos, fabricar as terras para a agricultura e criar uma grande represa de água para regar tanto terreno.

Todos participavam nessas tarefas. Bem, todos não! A irmã do chefe familiar, solteira e alguns anos mais velha do que ele, não queria nada com esses trabalhos. O que lhe dava grande alegria era apascentar o gado, tal como fazia quando ainda se encontravam na Citânia.

A sua zona predileta, para o pastoreio, era constituída pelos vales situados a Oeste da Citânia, essencialmente, por três razões: tinha muito pasto; era próximo de casa; e continha um singular penedo, onde ela gostava muito de estar e de meditar.

Ela tratava muito bem os “seus” animais (bovinos, ovinos e caprinos) e eles, que não queriam outra pastora, estavam bem ensinados. Às horas do pôr do sol, regressavam sempre a casa, geralmente conduzidos pela pastora, ou mesmo sozinhos, nas situações em que ela precisava de regressar mais cedo.

Com o passar dos anos, os familiares começaram a sugerir à senhora que passasse as tarefas de cuidar do gado aos sobrinhos, mas ela dizia que nem queria falar sobre isso.

Até que um dia, já muito para além do pôr do sol, os familiares aperceberam-se que nem a pastora nem o gado tinham regressado. Algo de muito grave tinha de ter acontecido, concluíram, tanto mais que não se ouvia qualquer som que pudesse ser proveniente da pastora ou dos animais.

Constituíram um pequeno grupo e, como a noite estava escura como breu, com a ajuda de archotes, foram indagar a estranha situação.

O chefe do grupo familiar, como conhecia algumas das preferências da irmã, direcionou a procura, em primeiro lugar, para os lados da Citânia.

Encontraram a explicação do sucedido cerca de duas horas depois, quando se aproximaram de um penedo, poucos metros a Sul do principal caminho de acesso à Citânia, e viram um cenário tão incrível como arrepiante. Junto ao penedo, já sem vida, encontrava-se a senhora, enquanto, formando uma meia-lua, estavam todos os animais a velar o corpo.

Tristes, mas conformados, e em autêntica procissão, levaram o corpo da bondosa senhora para casa.

E, passados tantos anos, a quinta existente na parte mais elevada do vale de Vilar é designada, em alusão à inicial grande represa, por Quinta da Lagoa e o icónico penedo desta estória é conhecido pelo "Penedo da Mulher Morta".

Sanfins de Ferreira, agosto de 2022 (retocado em agosto de 2023 e de 2024).

Albano Pereira.

APÊNDICE

Apêndice I Catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins

Apêndice I – Dissertação: A influencia do Património Natural para o desenvolvimento da Citânia de Sanfins: uma proposta e contributos

Catálogo da Biodiversidade da Citânia de Sanfins

Ernesto Gonçalves

Julho 2025

Índice de figuras

<u>Figura 1. Mosaico da flora inventariada na Citânia de Sanfins.....</u>	<u>176</u>
<u>Figura 2. Mosaico da fauna inventariada na Citânia de Sanfins.....</u>	<u>231</u>
<u>Figura 3. Mosaico dos macrofungos inventariados na Citânia de Sanfins.....</u>	<u>313</u>

Índice de tabelas

<u>Tabela 1: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Flora e Macrofungos</u>	<u>316</u>
<u>Tabela 2: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Fauna.....</u>	<u>316</u>

Índice de gráficos

<u>Gráfico 1: Quantidade de espécies identificadas na Citânia de Sanfins</u>	<u>317</u>
<u>Gráfico 2: Fase de floração e de observação das espécies, por período</u>	<u>317</u>
<u>Gráfico 3 Período de observação por grupo de espécies durante a primavera</u>	<u>318</u>
<u>Gráfico 4 Período de observação por grupo de espécies durante o verão</u>	<u>319</u>
<u>Gráfico 5: Período de observação por grupo de espécies durante o outono</u>	<u>320</u>
<u>Gráfico 6 Período de observação por grupo de espécies durante o inverno</u>	<u>321</u>

Índice

<u>Inventário da biodiversidade da Citânia de Sanfins</u>	170
<u>O catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins</u>	Erro! Marcador não definido.
<u>Estrutura da ficha de espécie deste catálogo</u>	171
<u>Tabela das espécies, por grupo, inventariadas e catalogadas, na Citânia de Sanfins</u>	172
<u>A flora da Citânia de Sanfins</u>	175
<u>Musgos e líquenes (descrição das espécies)</u>	177
<u>Fetos (descrição das espécies)</u>	181
<u>Plantas herbáceas (descrição das espécies)</u>	186
<u>Arbustos (descrição por espécie)</u>	214
<u>Árvores (descrição por espécie)</u>	223
<u>Fauna da Citânia de Sanfins</u>	230
<u>Invertebrados (descrição por espécie)</u>	232
<u>Anfíbios (descrição por espécie)</u>	271
<u>Répteis (descrição por espécie)</u>	276
<u>Aves (descrição por espécie)</u>	285
<u>Mamíferos (descrição por espécie)</u>	304
<u>Macrofungos (descrição por espécie)</u>	312
<u>Períodos de Observação e Floração das espécies inventariadas</u>	316

Catálogo da biodiversidade da Citânia de Sanfins

A Citânia de Sanfins, localizada no concelho de Paços de Ferreira, é um testemunho vivo da interligação entre o património natural e o legado histórico, cultural e social de Portugal. Considerada “*uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste Peninsular e da Proto-história europeia*” (Silva, A. C. F. 1999). Classificada como monumento nacional desde 1946, este sítio, do antigo povoado castrejo, continua a ser refúgio para uma biodiversidade exuberante e surpreendente, com uma forte influência na vida histórica dos povos, desde o passado até à inspiração coletiva, dos dias de hoje. Entre ruínas milenares e paisagens deslumbrantes, continuam a florescer, em si, espécies únicas de flora, fauna, macrofungos (cogumelos), briófitas (musgos; *Bryophytas*, do grego *bryon* = musgo + *phyton* = planta), líquenes e *Pteridophytas* (fetos; do grego *pterus* = penas + *phyton* = planta), que transformam este local num verdadeiro tesouro natural, e convidam os visitantes para uma sessão turística sustentável de natureza.

Este trabalho tem como objetivo apresentar as espécies mais características de flora e fauna do sítio da Citânia de Sanfins, facilitando a sua descoberta e identificação em campo. Em primeiro apresentam-se as espécies de flora, por ordem de complexidade dos organismos: musgos e líquenes, fetos, plantas herbáceas, arbustos e árvores, sequencialmente. Quanto à fauna, pretende-se apresentar conforme a ordem evolutiva: invertebrados, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. A ausência de peixes é justificada pela falta deste habitat.

O inventário da biodiversidade local, convida a explorar e conhecer melhor a vida que pulsa na Citânia de Sanfins, ainda pelos dias de hoje. Este catálogo de biodiversidade resulta de uma parceria entre o trabalho metódico de investigação, inventariação e catalogação para a *Dissertação de Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural de Ernesto Gonçalves*, em parceria com a equipa de técnicos do Observatório Ambiental do Município de Paços de Ferreira (na pessoa do biólogo Luís Cunha), que contribuiu com um acompanhamento científico na identificação da maior parte das espécies e na total revisão de conteúdos. Pretende-se, com este catálogo (guia-de-campo), não apenas fornecer a promoção, a compreensão e a dinamização de instrumentos pedagógicos para a valorização e conhecimento da biodiversidade local, mas também reforçar a importância da sua preservação para as gerações futuras e para o sítio da Citânia de Sanfins.

Ao longo das próximas páginas, serão disponibilizadas informações detalhadas sobre as espécies que habitam e ocupam este território, dicas para as observar no seu ambiente natural e curiosidades que tornam cada descoberta ainda mais emocionante.

Desde as plantas autóctones que moldam a paisagem, até aos cogumelos que enriquecem o solo, passando pelos animais e plantas que vivem neste emaranhado de *micro-habitats*, desta cidade pacense, apresenta-se um catálogo da biodiversidade da citânia de Sanfins de modo a alimentar a vontade de realizar uma experiência imersiva para todos os que valorizam o equilíbrio entre a natureza e a história.

Quer seja um entusiasta da natureza, um estudante ou um simples curioso, este documento pretende servir de convite para olhar para a Citânia de Sanfins sob uma nova perspetiva, onde o passado e o presente se encontram com a biodiversidade deste lugar singular.

Estrutura da ficha de espécie deste catálogo

As espécies incluídas nesta dissertação serão apresentadas de forma clara e organizada, utilizando uma estrutura que combina informações científicas com curiosidades acessíveis e a sua ligação histórica ao contexto da Citânia de Sanfins. Cada espécie apresentada neste guia será composta pelos seguintes elementos:

- **Nome Comum:** O nome vulgar pelo qual a espécie é conhecida no dia-a-dia, facilitando a identificação pelos leitores. Esta secção incluirá uma breve descrição sobre o uso ou reconhecimento popular da espécie na região.

Exemplo: Carvalho (uma árvore comum em florestas autóctones, reconhecida pela sua robustez e durabilidade).

- **Nome Científico:** O nome universal da espécie em latim, seguido do autor que a descreveu, garantindo precisão e identificação inequívoca.

Exemplo: *Quercus orocantabrica* (Rivas Mart., Penas, TEDíaz & Llamas. 2023)

- **Família:** A classificação da espécie dentro de um grupo botânico ou zoológico, com uma explicação simplificada das suas características principais.

Exemplo: *Fagaceae* (família de árvores e arbustos que inclui os carvalhos e castanheiros, caracterizada por frutos em bolota).

- **Descrição:** Um resumo das características principais da espécie, como morfologia, habitat, comportamento (para fauna) e o papel que desempenha no ecossistema local.

Exemplo: O carvalho-galego é uma árvore caducifólia que pode atingir 40 metros de altura, com folhas lobadas e frutos em bolotas, habitando bosques húmidos de clima temperado.

- **Curiosidades:** Informações interessantes ou invulgares sobre a espécie, como a sua utilização pelo ser humano, mitos, ou adaptações peculiares.

Exemplo: As bolotas do carvalho eram uma fonte de alimento para as populações castrejas e ainda hoje são usadas na alimentação animal.

- **Relação com o Passado e a Cultura Castreja:** Uma reflexão sobre como a espécie poderá ter sido utilizada, observada ou valorizada pelas comunidades castrejas e romanas que habitaram a Citânia. Inclui referências a práticas culturais, mitologias ou utilidades práticas.

Exemplo: O carvalho era considerado uma árvore sagrada pelos povos celtas, estando associado a rituais de fertilidade e proteção. Além disso, a sua madeira era essencial na construção de habitações e ferramentas na Citânia.

Esta abordagem permite que cada espécie seja contextualizada de forma abrangente, não apenas enquanto elemento biológico, mas também enquanto parte integrante da história e identidade do território.

Tabela das espécies, por grupo, inventariadas e catalogadas, na Citânia de Sanfins

GRUPO	ESPÉCIE	ÉPOCA	Pág.	
MUSGOS	Musgo-de-rocha-seco-pulvinato (<i>Grimmia pulvinata</i>)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Musgo-parafuso-de-parede (<i>Tortula muralis</i>)	Prim/Ver/Out/Inv		
LÍQUENES	<i>Lasallia pustulata</i>	Prim/Ver/Out/Inv		
FETOS	Avenca-negra (<i>Asplenium onopteris</i>)	Out/Inv		
	Avenção (<i>Asplenium trichomanes</i> L. subsp. <i>quadrivalens</i> D. E. Meyer)	Out/Inv		
	Feto-ordinário (<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn)	Prim/Ver		
	Feto-pente (<i>Blechnum spicant</i> (L.) Roth)	Prim/Ver/Out/Inv		
	<i>Polypodium</i> sp.	Prim/Ver/Out/Inv		
PLANTAS HERBÁCEAS	Abrótea (<i>Asphodelus lusitanicus</i> Cout.)	Prim/Ver		
	Arenária (<i>Arenaria montana</i> L.)	Prim/Ver		
	Bico de cegonha (<i>Erodium cicutarium</i> (L.) L'Hér. ex Aiton)	Prim/Ver		
	Camomila (<i>Chamemelum</i> sp L.)	Prim/Ver		
	Dedaleira (<i>Digitalis purpúrea</i> L.)	Prim/Ver		
	Dente-de-leão (<i>Taraxacum officinale</i>) (L.) Weber ex F.H.Wigg.	Prim/Ver		
	Erva-de-são-roberto (<i>Geranium purpureum</i> L.)	Prim/Ver		
	Erva-leiteira (<i>Polygala vulgaris</i> L.)	Prim/Ver		
	Galium (<i>Galium</i> sp. L.)	Prim/Ver		
	Jasione (<i>Jasione laevis</i> Lam.)	Prim/Ver		
	Leituga (<i>Sonchus oleraceus</i> L.)	Prim/Ver/Out		
	Lótus ou cornichão (<i>Lotus corniculatus</i> L.)	Prim/Ver		
	Margarida ou rapazinhos (<i>Bellis perennis</i> L.)	Inv/Prim/Ver/Out		
	Margarida-do-monte (<i>Bellis sylvestris</i> Cirillo)	Prim/Ver/Inv		
	Morango-silvestre ou morango-bravo (<i>Fragaria vesca</i> L.)	Prim		
	Narciso-bravo (<i>Narcissus triandus</i> L.)	Prim		
	Pedreiras ou arroz-dos-telhados (<i>Sedum album</i> L.)	Prim/Ver		
	Género Ranunculus spp.	Ver		
	Romulea-de-folhas-de-açafrão (<i>Romulea bulbocodium</i> L.)	Inv/Prim		
	Saramago (<i>Raphanus raphanistrum</i> L.)	Inv/Prim/Ver		
	Silene Dióica (<i>Silene dioica</i> (L.) Clairv.	Prim/Ver		
	Silene Mosca-pega-de-nottingham (<i>Silene nutans</i> L.)	Prim/Ver		
	Trevo-dos-prados (<i>Trifolium pratense</i> L.)	Prim/Ver/Out		
	Trevo-branco (<i>Trifolium repens</i> L.)	Prim/Ver		
	Tuberária-mosqueada (<i>Tuberaria guttata</i> (L.) Fourr.)	Prim/Ver		
	Umbigo-de-vénus (<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy)	Prim/Ver		
	Valeriana anual (<i>Centranthus calcitrapae</i> (L.) Dufr.)	Prim/Ver		
	ARBUSTOS	Codesso (<i>Adenocarpus lainzii</i> (Castrov.) Castrov)	Ver	
		Giesta-branca (<i>Cytisus multiflorus</i> (L'Her.) Sweet)	Prim	
		Maias ou Giesta-das-Serras (<i>Cytisus striatus</i> (Hill) Rothm.)	Prim/Ver	
		Sargaço-das-Serras (<i>Halimium lasianthum</i> (Lam.) Spach)	Prim/Ver	
		Silva-brava (<i>Rubus ulmifolius</i> Schott)	Prim/Ver	

	Tojo-arnal (<i>Ulex europaeus</i> L. subsp. <i>latebracteatus</i> (Mariz) Rothm)	Inv/Prim	
	Torga, urze ou queiró (<i>Calluna vulgaris</i> L.)	Ver/Out	
	Urze-roxa (<i>Erica cinerea</i> L.)	Prim/Ver	
ÁRVORES	Carvalho-galego (<i>Quercus orocantabrica</i> Rivas)	Prim	
	Carvalho-negral (<i>Quercus pyrenaica</i> Willd.)	Prim	
	Eucalipto ou eucalipto-glóbulo (<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.)	Inv/Prim	
	Pinheiro-bravo (<i>Pinus pinaster</i> Aiton)	Prim	
	Salgueiro-negro (<i>Salix Atrocinerea</i> Brot.)	Inv/Prim	
	Sobreiro (<i>Quercus suber</i> L.)	Prim	
INVERTEBRADOS	Abelha-do-mel, abelha-europeia ou abelha-comum (<i>Apis mellifera</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Abelhão ou zangão (<i>Bombus terrestris</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Aranha-vespa ou cesteira-vespão (<i>Argiope bruennichi</i> Scopoli)	Prim/Ver	
	Besouro-capricórnio ou escaravelho-capricórnio (<i>Cerambyx cerdo</i> L.)	Prim/Ver	
	Bicho-pau-comum (<i>Leptynia attenuata</i> Painel)	Prim/Ver	
	Borboleta-acobreada (<i>Lycaena phlaeas</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-azulinha (<i>Lampides boeticus</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-bela-dama (<i>Vanessa Cardui</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-cauda-de-andorinha (<i>Papilio machaon</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-cinzentinha (<i>Leptotes pirithous</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-cobre-de-tiro-roxo (<i>Lycaena alciphron</i> Rottemburg)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-da-couve (<i>Pieris brassicae</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-das-giestas-comum (<i>Isturgia famula</i> Esper.)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-loba (<i>Maniola Jurtina</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-malhadinha (<i>Pararge aegeria</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-maravilha (<i>Colias croceus</i> Fourcroy)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Borboleta-preta-comum ou árvore-grayling (<i>Hipparchia statilinus</i> Hufnagel)	Prim/Ver/Out	
	Borboleta-raposa ou mariposa-raposa (<i>Macrothylacia rubi</i> L.)	Prim/Ver	
	Borboleta-zebra (<i>Iphiclides feisthamelii</i> Duponchel)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Chucha-pitos ou carocha-portuguesa (<i>Blaps lusitanica</i> Herbst)	Prim/Ver	
	Escaravelho-dos-3-pontos (<i>Lachnaia tristigma</i> Lacordaire)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Escolopendra ou centopeia-amarela (<i>Scolopendra cingulata</i> Latreille)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Gafanhoto de Jersey (<i>Euchorthippus elegantulus</i> Fourcroy)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Gafanhoto-atlantis (<i>Aiolopus strepens</i> Latreille)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Gafanhoto-de-asa-de-faixa-ibérico (<i>Oedipoda coerulea</i> Saussure)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Gafanhoto-ocre (<i>Calliptamus barbarus</i> Costa)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Grilo-comum ou grilo-capa-de-rei (<i>Gryllus campestris</i> L.)	Prim/Ver/Out	
	Grilo-de-sela-lusitânico (<i>Neocallicrania selligera</i> Pfau)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Joaninha ou joaninha-de-sete-pintas (<i>Coccinella septempunctata</i> L.)	Prim/Ver	
	Lesma-espanhola ou lesma-assassina (<i>Arion vulgaris</i> (Moquin-Tandon, 1855))	Prim/Ver/Out/Inv	
	Lesma-preta (<i>Arion ater</i>)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Libélula-anelada Libélula anelada (<i>Cordulegaster boltonii</i> Donavan)	Prim/Ver/Out/	
	Libélula-de-nervuras-vermelhas (<i>Sympetrum fonscolombii</i> Selys)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Louva-a-deus (<i>Mantis religiosa</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv	
	<i>Lythria sanguinaria</i> , Duponchel	Prim/Ver/Out/Inv	
	Percevejo-vermelho (<i>Horvathiolus superbus</i> Pollich)	Prim/Ver/Out/Inv	
	Pirilampo sp. (género <i>Lampyrin</i>)	Ver	

	Tipula sp. (género <i>Tipula</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
ANFÍBIOS	Rã-verde (<i>Pelophylax perezi</i> López-Seoane)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo (<i>Salamandra salamandra</i> L.)	Out/Inv		
	Sapo-comum (<i>Bufo spinosus</i> Daudin)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Sapo-corredor (<i>Epidalea calamita</i> Laurenti)	Prim/Ver		
RÉPTEIS	Cobra-de-água-viperina (<i>Natrix maura</i> L.)	Prim/Ver		
	Cobra-rateira (<i>Malpolon monspessulanus</i> Hermann)	Prim/Ver		
	Fura-pastos ou cobra-de-Pernas-Tridáctila (<i>Chalcides striatus</i> Cuvier)	Prim/Ver/Out		
	Lagartixa-de-bocage (<i>Podarcis bocagei</i> Lopez-Seroane)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Lagartixa-do-mato (<i>Psammotromus algirus</i> L.)	Prim/Ver/Out		
	Lagartixa-lusitânica (<i>Podarcis lusitanicus</i> Geniez, Sa-Sousa, Guillaume, Cluchier e Croché)	Prim/Ver/Out		
	Licranço (<i>Anguis fragilis</i> L.)	Prim/Ver		
	Sardão (<i>Timon lepidus</i> Daudin)	Prim/Ver		
AVES	Águia-de-asa-redonda (<i>Buteo buteo</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Andorinhão-preto (<i>Apus apus</i> L.)	Prim/Ver		
	Cartaxo ou Cartaxo-comum (<i>Saxicola rubicola</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Chamariz ou milheirinha (<i>serinus serinus</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Cia ou Escrevedeira-de-garganta-cinzenta (<i>Emberiza cia</i> Carolus Linnaeus)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Coruja-do-mato ou coruja-do-mato-europeia (<i>Strix aluco</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Cotovia-dos-bosques (<i>Jullula arborea</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Falcão-peneireiro (<i>Falco tinnunculus</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Gaio (<i>Garrulus glandarius</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Gralha (<i>Corvus corone</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Melro-preto (<i>Turdus merula</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Mocho-galego ou chio (<i>Athene noctua</i> Scopoli)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Petinha-dos-prados (<i>Anthus pratensis</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Pica-pau-malhado-grande (<i>Dendrocopos major</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Pica-pau-verde (<i>Picus sharpei</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Pisco-de-peito-ruivo (<i>Erithacus rubecula</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Rabirruivo ou Rabirruivo-preto (<i>Phoenicurus ochruros</i> Gmelin)	Prim/Ver/Out/Inv		
	Tordo-músico ou tordo-comum (<i>Turdus philomelos</i> Brehm)	Prim/Ver/Out/Inv		
	MAMÍFEROS	Coelho-bravo (<i>Oryctolagus cuniculus</i> L.)	Prim/Ver/Out/Inv	
Doninha-pequena (<i>Mustela nivalis</i> L.)		Prim/Ver/Out/Inv		
Javali (<i>Sus scrofa</i> L.)		Prim/Ver/Out/Inv		
Morcego-anão (<i>Pipistrellus pipistrellus</i> Schreber)		Prim/Ver/Out		
Ouriço-cacheiro (<i>Erinaceus europeus</i> L.)		Prim/Ver/Out/Inv		
Raposa-vermelha (<i>Vulpes vulpes</i> L.)		Prim/Ver/Out/Inv		
Rato-do-campo (<i>Apodemus sylvaticus</i> L.)		Prim/Ver/Out/Inv		
MACROFUNGOS	Chifre-fedorento-comum <i>Phallus impudicus</i> L.	Out		
	Cogumelo-de-funil-castanho (<i>Coltricia perennis</i> L.)	Inv		

A flora da Citânia de Sanfins

A Flora da Citânia de Sanfins apresenta-se como um grupo diverso e abundante de plantas que incluem, desde os musgos e líquenes até os fetos, passando pelo grande grupo das plantas herbáceas, arbustos e grandes árvores. No total, mais de meia centena de espécies de flora existem neste local, cada uma com as suas características únicas e importantes para a ecossistema e a cultura local.

As plantas da Citânia de Sanfins foram muito importantes para as populações castrejas, que as utilizavam em muitos aspetos da sua vida quotidiana. Em variadas monografias sobre a cultura castreja, é comum referir que algumas destas espécies eram utilizadas para construir os núcleos habitacionais, utilizando madeira e fibras para criar abrigos e habitações. Outras eram utilizadas para produzir tecidos e roupas, como a fibra de linho (*Linum sp.*), e outras usadas para a cestaria como as silvas (*Rubus sp.*).

Além disso, as plantas também eram utilizadas para alimentação, com espécies como a oliveira (*olea sp.*) utilizadas para a consumo alimentar, produção de azeite, combustível e tratamentos medicinais. As propriedades medicinais das plantas eram importantes para a solução de problemas sanitários das pessoas, espécies como a *Salvia officinalis* (salvia) e a *Urtica dioica* (urtiga) sendo utilizadas para tratar doenças e ferimentos.

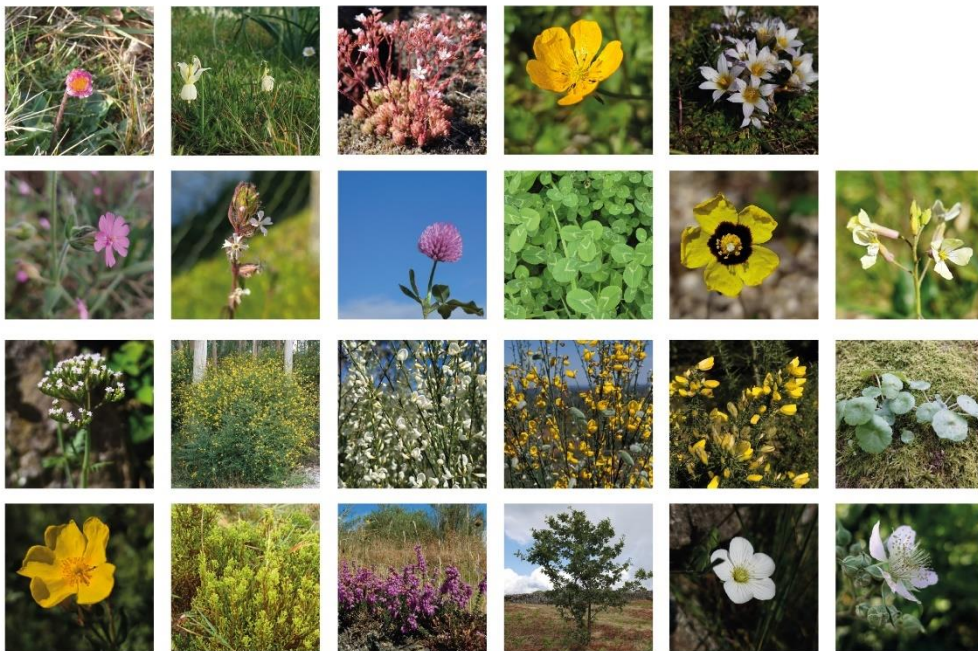
Surpreendentemente, algumas destas espécies, ainda hoje, são utilizadas na gastronomia e doçaria tradicional, como por exemplo, a folha de louro (*Laurus nobilis*) que é utilizada para dar sabor a pratos e doces. Além disso, também são utilizadas como remédios para tratar algumas doenças das pessoas, como por exemplo, as silvas e a salsola que é utilizada para tratar dores de cabeça e problemas de pele.

As plantas também tinham uma ligação importante com o mundo espiritual e as crenças das populações castrejas. Algumas espécies eram consideradas sagradas e eram utilizadas em rituais e cerimónias, enquanto outras eram utilizadas para proteger a família e a comunidade⁵⁷.

⁵⁷ Barceló J.M.G. (2001) The Castrejos: A Study of the Castrejo Culture in the Iberian Peninsula. Editorial Universidad de Barcelona. (Este livro é uma obra de referência sobre a cultura castreja na Península Ibérica, e aborda temas como a agricultura, a pecuária, a artesanato e a religião dos castrejos. O autor, J. M. G. Barceló, é um especialista em arqueologia e história da Península Ibérica, e sua obra é considerada uma referência importante para o estudo da cultura castreja.)



FAUNA DA CITÂNIA DE SANFINS 2025



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura 23. Mosaico da flora inventariada na Citânia de Sanfins.

Neste catálogo, serão apresentadas algumas espécies de flora que existem na Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema e a cultura local. Pretende-se também explorar como as plantas poderiam ser utilizadas pelas populações castrejas. Ao longo da evolução demográfica e civilizacional da região, as plantas continuaram a acompanhar os usos e costumes das pessoas, mantendo a sua importância para a cultura e identidade local.


Musgos e líquenes (descrição das espécies)

A Citânia de Sanfins é um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, localizado no noroeste de Portugal. Além da sua importância arqueológica, a Citânia de Sanfins é também um local com um certo carisma natural. Apresenta uma variedade de habitats e espécies que merecem, e devem, ser protegidos e conservados, não só para o estabelecimento do equilíbrio do ecossistema, mas também para apreciação e usufruto cultural das gerações vindouras. Entre essas espécies, os musgos e líquenes são uma componente importante da biodiversidade local, e a sua presença é fundamental para a manutenção da saúde dos solos e da estabilidade dos ecossistemas.

Os musgos e líquenes, do grupo das briófitas (*Bryophyta*) são organismos que vivem em simbiose com outros seres vivos, como plantas e animais, e desempenham um papel crucial na formação de ecossistemas. Eles são responsáveis por fixar nutrientes no solo, produzir compostos químicos que influenciam a comunidade microbiana, e fornecer habitat para outros organismos. Além disso, os musgos e líquenes são também importantes indicadores da qualidade do ambiente, pois são sensíveis às mudanças climáticas, à poluição e à degradação do solo.

A preservação e conservação dos musgos e líquenes da Citânia de Sanfins é fundamental para a proteção do património natural local e, em tese, numa perspetiva socioeconómica para a região, para a promoção do turismo de natureza sustentável. A valorização e consciencialização para a importância dessas espécies pode contribuir para a redução do impacto humano no ambiente e para a proteção da biodiversidade local. Além disso, a presença de musgos e líquenes na Citânia de Sanfins, tornando-se numa atração turística, permite que os visitantes apreciem a beleza natural e a riqueza cultural do local.

Musgos

<p>Musgo-de-rocha-seco-pulvinato (<i>Grimmia pulvinata</i> (Ed.) Sm. 1807)</p>	
<p>Nome Comum: Grimmia-almofadado-cinza ou Musgo-de-rocha-seco-pulvinato Nome Científico: <i>Grimmia pulvinata</i></p>	
<p>Família: <i>Grimmiaceae</i> (família de musgos que incluem espécies com folhas planas e estreitas)</p>	
<p>Descrição: O <i>Grimmia pulvinata</i> é um musgo briófito que cresce em rochas secas e pedregosas, formando colónias densas e compactas. As suas folhas são lanceoladas, sendo largas e ovais na base e muito estreitas em direção à ponta. Elas podem apresentar uma tonalidade prateada perto da ponta em alguns espécimes. As suas cápsulas são ovais e se dobram para dentro das folhas quando a planta está seca e se destacam quando está húmida.</p>	
<p>Curiosidades: Este musgo é uma espécie comum em climas temperados e pode ser encontrado em muitos locais. Está presente e pode ser encontrado facilmente na Citânia de Sanfins.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Trata-se de uma espécie pioneira, o que significa que está entre os primeiros organismos a colonizar um habitat que foi perturbado por um evento como um incêndio florestal. A sua resistência à poluição permite que colonize áreas urbanas, como telhados, muros e asfalto. Embora não haja registos diretos da presença do <i>Grimmia pulvinata</i> pelas comunidades castrejas, é provável que tenham sido observados e apreciados pela sua beleza e capacidade de sobrevivência em ambientes desafiantes.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Guia de Campo (2015). Cogumelos Silvestres – Dunas de Pinhal Litoral. Associação Charcos & Companhia. Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/flora/briofitas/item/musgo-almofada Última consulta: dezembro 2024.</p> <p>Fotografia de Gewoon muisjesmos, Saxifraga-Ab H Baas.</p>	

Musgo-parafuso-de-parede (*Tortula muralis*
Hedw. 1801)



Nome Comum: Musgo-parafuso-de-parede

Nome Científico: *Tortula muralis*

Família: *Pottiaceae* (família de musgos que incluem espécies com folhas lanceoladas e estreitas)

Descrição: O *Tortula muralis* é um musgo briófito que cresce em paredes, rochas e edifícios, formando colônias densas e compactas. As folhas são lanceoladas, estreitas e revolvadas, com margens quase lisas.

Curiosidades: Este musgo é uma espécie comum em climas temperados e pode ser encontrado em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em superfícies verticais e horizontais.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A distribuição de *T. muralis* é considerada cosmopolita, o que significa que é amplamente distribuída por todo o planeta e pode ser encontrada numa vasta variedade de condições ambientais. Embora não haja registos diretos da utilização do *Tortula muralis* pelas comunidades castrejas, é provável que tenham sido observados e apreciados pela sua capacidade de sobrevivência em ambientes desafiantes e pela sua beleza.


Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gewoon muisjesmos, Saxifraga-Ab H Baas

Guia de Campo (2015). Cogumelos Silvestres – Dunas de Pinhal Litoral. Associação Charcos & Companhia.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/flora/briofitas/item/musgo-parafuso-das-paredes> Última consulta: dezembro de 2024.

Líquenes

<p><i>Lasallia pustulata</i> (L.) Mérat (1821)</p>	
<p>Nome Comum: Líquene <i>Lasallia pustulata</i> Nome Científico: <i>Lasallia pustulata</i></p>	
<p>Família: <i>Graphidaceae</i> (família dos líquenes)</p>	
<p>Descrição: O líquen <i>Lasallia pustulata</i> é um líquen que cresce em forma de placas ou folhas, com uma superfície verde-azulada a castanha e uma textura lisa. Tem um tamanho variável, podendo atingir até 10 cm de comprimento e 5 cm de largura. A sua superfície é revestida por uma substância oleosa que lhe confere uma textura aveludada.</p>	
<p>Curiosidades: O líquen <i>Lasallia pustulata</i> é uma espécie comum em Portugal e pode ser encontrada em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em rochas e solo, e por ser um importante indicador da qualidade do ambiente.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos do Líquen <i>Lasallia pustulata</i> nas práticas culturais das comunidades castrejas, é provável que tenham sido considerados uma espécie importante para a medicina e a religião. Em muitas culturas, os líquenes são considerados plantas sagradas e simbólicas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB: Biodiversity4all: https://www.biodiversity4all.org/taxa/222671-Lasallia-pustulata Última consulta: dezembro 2024. Costa, A. (2003). Líquenes <i>Lasallia pustulata</i>. In: Guia dos Líquenes de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2003. Fotografia de http://www.mitra-nature.uevora.pt</p>	

Fetos (descrição das espécies)

O grupo dos fetos (*Pteridophytas*) é um grupo de plantas não vasculares que inclui cerca de 12.000 espécies distribuídas por todo o mundo. Embora sejam consideradas plantas inferiores, os fetos desempenham um papel importante no ecossistema, contribuindo para a formação de solo, a regulação do clima e a manutenção da biodiversidade.

A Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico localizado no noroeste de Portugal, é um local de grande importância para a compreensão da história e da cultura humana. No entanto, este sítio também é habitat para uma variedade de espécies de fetos, que se adaptaram ao clima e ao solo da região. Nesta dissertação, vamos explorar a biodiversidade de fetos presentes na Citânia de Sanfins, destacando as suas características, hábitos e importância para o ecossistema local.

<p>Avenca-negra (<i>Asplenium onopteris</i>, 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Avenca-negra</p>	
<p>Família: <i>Aspleniaceae</i> (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)</p>	
<p>Descrição: A Avenca-negra é um feto perene que cresce em florestas, matas e áreas húmidas. As frondes são lanceoladas, estreitas e revolvidas, com margens lisas e bordos serrados. Possui soros com verdadeiro indúcio, oblongos e lineares. Esporos ovóides, de castanho-escuro a negro-acastanhado.</p>	
<p>Curiosidades: Este feto é uma espécie comum em climas temperados e pode ser encontrado em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados. Este feto possui aplicações medicinais, a extração de ácido propiónico para produção de produtos farmacológicos.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Estima-se que <i>Asplenium onopteris</i> possa ter sido utilizada pelas comunidades castrejas e romanas como planta medicinal e para fins rituais, mas sem registos. Além disso, poderia ter sido utilizado como cama para os animais domésticos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Saxifraga-Ed Stikvoort.</p> <p>Biodiversity4all: https://www.biodiversity4all.org/ Última consulta: novembro 2024. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã. Museu Virtual da Biodiversidade – Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/pteridofitas/asplenium-onopteris/ Última consulta: novembro 2024. Observatório Ambiental de Paços de Ferreira: https://observatorioambiental-pf.pt/ Última consulta novembro 2024.</p>	

Avenção (*Asplenium trichomanes* L. subsp. *quadrivalens* D. E. Meyer. 1753)



Nome Comum: Avenção

Família: *Aspleniaceae* (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)

Descrição: O avenção é um feto vivaz de rizoma curto. As frondes encontram-se dispostas num tufo denso, com pecíolos curtos, castanho-escuros, brilhantes e sem pelos. A lâmina é linear-oblonga, unipenatisseta.

Curiosidades: Esta espécie é uma subespécie do *Asplenium trichomanes* e é encontrada em climas temperados e subtropicais. É conhecido pela sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos da utilização do avenção pelas comunidades castrejas, este feto possui aplicações medicinais, através da decocção das folhas, com propriedades antitússicas e para tratamento da alopecia (queda de cabelo).

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha


Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Asplenium+trichomanes+subsp+quadrivalens> Última consulta novembro 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Museu Virtual da Biodiversidade – Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/pteridofitas/asplenium-trichomanes/> Última consulta novembro 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

<p>Feto-ordinário (<i>Pteridium aquilinum</i>(L.) Kuhn. 1879)</p>	
<p>Nome Comum: Feto-ordinário Família: <i>Dennstaedtiaceae</i> (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)</p>	
<p>Descrição: Planta rizomatosa, bipenada, com frondes de aspeto coriáceo. Os folíolos são lobados e sua parte ventral mostra coleções de esporos acastanhados arranjados linearmente. Os caules subterrâneos (rizomas) apresentam pelos avermelhados. A largura da planta é de 60-120 cm e a altura de 60-180 cm.</p>	
<p>Curiosidades: Esta espécie é uma das mais comuns de fetos em Portugal e pode ser encontrada em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido por sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados. As suas folhas são usadas no tratamento de reumatismo, doenças venosas e dores de costas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos da utilização do feto-ordinário pelas comunidades castrejas, é provável que tenham servido de cama ou base para as cortes dos animais para aquecimento dos mesmos e para produção de composto orgânico para a agricultura.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Adelaarsvaren, Saxifraga-Jan van der Straaten.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva. Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Pteridium_aquilinum_subesp_aquilinum Última consulta novembro 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Feto-pente (*Blechnum spicant* (L.) Roth. 1794)



Nome Comum: Feto-pente

Família: *Blechnaceae* (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)

Descrição: O feto-pente é um feto perene que cresce em florestas, matas e áreas sombrias e húmidas. Terófito perene rizomatoso, com rizoma oblíquo a ereto, recoberto por escamas. As frondes têm entre 15 a 50 cm de comprimento, persistentes e coreáceas, formando fascículos separados de estruturas férteis e estéreis. O pecíolo é marcadamente mais curto que o limbo.

Curiosidades: Esta espécie é uma das mais comuns de fetos em Portugal e pode ser encontrada em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. É conhecido pela sua capacidade de crescer em ambientes húmidos e sombreados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos da utilização do feto-pente pelas comunidades castrejas, é provável que tenham sido observados e apreciados pela sua beleza e capacidade de sobrevivência em ambientes desafiantes.

Referências Bibliográficas e WEB:

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Blechnum> Última consulta: março 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva.

Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Blechnum_spicant_subesp_spicant_var_spicant Última consulta: março 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Fotografia de João Santos.

Polypodium sp.



Nome Comum: Polipódio, feto, feta.

Família: *Polypodiaceae* (família de fetos que incluem espécies com frondes lanceoladas e estreitas)

Descrição: Habita em fendas de rochas, taludes, troncos de árvores, muros e por vezes no coberto de matas e pinhais. Nativa e frequente em quase todo o país. É uma planta herbácea de folhagem alongada e triangular sem flores. Reproduz-se através de esporos amarelos que são libertados na primavera. Produz esporos durante todo o ano.

Curiosidades: Esta espécie é uma das mais comuns de fetos em Portugal e pode ser encontrada em muitos locais, incluindo a Citânia de Sanfins. O polipódio é usado desde a Antiguidade no tratamento de várias doenças como a hepatite, a icterícia, indigestão e outras doenças

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registos diretos da utilização do Polipódio pelas comunidades castrejas, é provável que tenham sido observados, apreciados ou até mesmo usados para tratamento de doenças como amigdalite, dores de cabeça, pedras nos rins e na vesícula, porque ainda hoje é usado na medicina tradicional transmitida de geração em geração.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Brede eikvaren, Saxifraga-Jan Jansen.

Biodiversity4all: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/52680-Polypodium> Última consulta: setembro 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada.

Guia para a identificação das Pteridófitas (fetos e afins) da Serra da Lousã (2005). Paulo Silveira, Rafael Marques, Helena Silva.

Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro. Baldios Lousã.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/flora/herbaceas/item/polipodio> Última consulta: setembro de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia. En: <https://en.wikipedia.org/wiki/Polypodium> Última consulta: setembro 2024.

Plantas herbáceas (descrição das espécies)

Para este trabalho, são consideradas plantas herbáceas, todas as plantas superiores (angiospérmicas) que crescem no solo e não têm caule lenhoso, ou seja, não têm um tronco duro e resistente como os arbustos e as árvores. Elas podem ser encontradas em muitos habitats, incluindo florestas, matas, prados, campos e áreas urbanas. As plantas herbáceas são muito diversificadas e podem ser encontradas em diferentes partes do mundo, incluindo a Europa, África, Ásia, América do Norte e América do Sul.

No passado, as plantas herbáceas desempenharam um papel importante na vida das comunidades castrejas, romanas e medievais que habitaram a zona da Citânia de Sanfins.

Foram utilizadas como fonte de alimento, medicamento, tecido, cestaria e outros produtos. As plantas herbáceas também foram utilizadas para fins rituais, espirituais e religiosos, e foram consideradas sagradas por muitas culturas.

Durante a investigação de campo e catalogação das plantas herbáceas no sítio da Citânia de Sanfins, foram encontradas mais de 60 espécies diferentes. Essas plantas representam a história da região e são uma oportunidade para o presente e para o futuro.

Esta dissertação pretende criar mecanismos de proteção e salvaguarda do património local e, ao mesmo tempo, promover o turismo de natureza sustentável.

Conhecer as plantas herbáceas é fundamental para preservar e proteger o património local. Isso porque as plantas herbáceas são uma parte integrante da biodiversidade da região e desempenham um papel importante no ecossistema. Além disso, as plantas herbáceas também têm um valor cultural e histórico, e sua preservação é fundamental para a conservação da identidade cultural da região.

A proteção e salvaguarda do património local também é importante para o turismo de natureza sustentável. Compreendendo que o turismo de natureza sustentável é um tipo de turismo que se concentra em experiências naturais e culturais de contacto direto com a própria natureza, é essencial minimizar o impacto negativo que possa surgir destas atividades, que só através do conhecimento e de uma atitude responsável e consciente será possível preservar. A preservação do património local é fundamental para que os visitantes apreciem a beleza natural e cultural da região.

Abrótea (*Asphodelus lusitanicus* Cout. 1898)



Nome Comum: Abrótea

Nome Científico: *Asphodelus lusitanicus*

Família: *Asphodelaceae* (família das asfodeláceas, que inclui plantas herbáceas e perenes, frequentemente adaptadas a solos pobres e condições áridas).

Descrição: A abrótea é uma planta herbácea perene que pode atingir até 1,5 metros de altura. Possui folhas lineares e longas que formam uma roseta basal. As suas flores, de cor branca com uma faixa central rosada nas pétalas, surgem organizadas em hastes altas e densas durante a primavera. A planta é resistente e adapta-se bem a solos pobres e pedregosos, sendo frequentemente encontrada em pastagens e clareiras de matagais.

Curiosidades: A abrótea é frequentemente associada a terrenos abandonados ou pobres, desempenhando um papel ecológico importante na regeneração de solos degradados. As suas raízes tuberosas eram utilizadas em algumas regiões da Península Ibérica para fins medicinais populares, especialmente no tratamento de problemas de pele e inflamações.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na época castreja, é possível que a abrótea fosse conhecida e utilizada pelos habitantes da Citânia de Sanfins. A planta poderia ter sido valorizada pelas suas propriedades medicinais ou como um marcador natural de terrenos baldios e áreas em repouso agrícola. O seu florescimento exuberante na primavera talvez tenha sido associado a rituais de renovação e fertilidade.

Referências Bibliográficas e WEB:

Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 31.

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 57.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Fotografia de Luís Cunha.

Arenária (*Arenaria montana* L. 1755)



Nome Comum: Arenária

Nome Científico: *Arenaria montana*

Família: *Caryophyllaceae* (família das cariofiláceas, composta por plantas herbáceas e subarbustos, muitas vezes associadas a habitats secos ou rochosos).

Descrição: Pequena planta herbácea conhecida pelas suas delicadas flores brancas e pela sua preferência por solos pedregosos e arenosos, sendo comum em áreas montanhosas e abertas. A arenária é uma planta herbácea perene, de porte rasteiro, que forma tapetes densos com até 15–30 cm de altura. As suas folhas são pequenas, ovadas e de textura carnuda. As flores, que desabrocham na primavera e no início do verão, são brancas, com cinco pétalas largas que criam um contraste delicado com os caules finos. A planta prefere solos bem drenados, frequentemente encontrados em zonas pedregosas ou arenosas de montanha.

Curiosidades: Devido à sua resistência e aspeto ornamental, a arenária é frequentemente utilizada em jardins como cobertura vegetal ou em jardins de rocha. A sua capacidade de se adaptar a ambientes extremos torna-a um exemplo de sucesso em ecossistemas adversos. Em algumas tradições populares, acreditava-se que as flores da arenária protegiam contra maus espíritos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É provável que a arenária, pela sua abundância em áreas rochosas, fizesse parte da paisagem natural que rodeava a Citânia de Sanfins. A planta pode ter sido usada como cobertura em caminhos ou como elemento decorativo natural nos espaços habitados. Além disso, a sua floração densa e resistente podia ser observada como símbolo de resiliência, algo que possivelmente ecoava na cultura castreja.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 57.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Arenaria_montana_subesp_montana. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental de Paços de Ferreira: https://observatorioambientalpf.pt/arenaria_montana/. Última consulta: agosto de 2024.

Silva, L. (1997). Flora de Portugal. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

<p>Bico-de-cegonha (<i>Erodium cicutarium</i> (L.) L'Hér. ex Aiton, 1789)</p>	
<p>Nome Comum: Bico-de-Cegonha Nome Científico: <i>Erodium cicutarium</i></p>	
<p>Família: <i>Geraniaceae</i> (família dos gerânios, caracterizada por plantas herbáceas ou subarborescentes com folhas frequentemente aromáticas e frutos alongados).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea comum em terrenos cultivados, baldios e margens de caminhos, conhecida pelo formato peculiar dos seus frutos, que lembram o bico de uma cegonha. O bico-de-cegonha é uma planta herbácea anual ou bienal, de porte rasteiro ou ligeiramente ereto, podendo atingir até 40 cm de altura. Apresenta folhas pinadas com lóbulos profundamente recortados, e flores pequenas, de cor rosada ou lilás, com cinco pétalas. Os frutos são longos e finos, com uma forma característica que dá nome à planta. Ocupa campos agrícolas, terrenos perturbados e zonas com solos arenosos ou argilosos, adaptando-se bem a condições secas e pobres.</p>	
<p>Curiosidades: O bico-de-cegonha é uma planta comestível, cujas folhas jovens são consumidas em saladas ou cozinhadas em algumas culturas tradicionais. É também conhecida pelas suas propriedades medicinais, sendo usada em infusões para tratar inflamações e feridas superficiais. Os frutos possuem um mecanismo curioso de dispersão: enrolam-se em espiral e enterram-se no solo, ajudando na germinação.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É provável que o bico-de-cegonha tenha sido utilizado pelas comunidades castrejas como planta alimentar ou medicinal. A sua presença em solos perturbados pode ter marcado zonas de cultivo ou áreas habitadas. A dispersão única dos seus frutos pode ter inspirado curiosidade e ligação simbólica à fertilidade e renovação, elementos centrais em muitas culturas da Idade do Ferro.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB: Fotografia de Luís Cunha. Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Erodium_cicutarium_subesp_cicutarium Última consulta: agosto de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Camomila (*Chamaemelum sp.*L.)



Nome Comum: Camomila

Nome Científico: *Chamaemelum sp.*

Família: *Asteraceae* (família das compostas, que inclui plantas com flores organizadas em capítulos, como margaridas, girassóis e dente-de-leão).

Descrição: Planta herbácea aromática amplamente conhecida pelas suas flores semelhantes a margaridas e pelas propriedades medicinais calmantes e digestivas. A camomila é uma planta herbácea anual ou perene, de pequeno porte, geralmente não ultrapassando os 30 cm de altura. Possui folhas finamente divididas e um aroma característico. As flores apresentam pétalas brancas e um disco central amarelo, florescendo principalmente na primavera e verão. É comum em terrenos cultivados, baldios e margens de caminhos, adaptando-se bem a solos arenosos ou ligeiramente calcários.

Curiosidades: A camomila é amplamente utilizada em fitoterapia, especialmente na preparação de infusões para aliviar problemas digestivos, reduzir ansiedade e promover o sono. Além disso, o seu óleo essencial possui propriedades anti-inflamatórias e antissépticas. Em várias culturas, as flores de camomila são associadas a rituais de purificação e proteção, sendo usadas em banhos e defumações.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas podem ter reconhecido as propriedades medicinais e aromáticas da camomila, utilizando-a em tratamentos para problemas gastrointestinais ou como planta ritual em cerimónias de purificação. A presença da planta nos arredores da Citânia de Sanfins pode também indicar áreas de pastoreio ou de cultivo, onde a camomila prospera. O seu uso medicinal liga-se à sabedoria tradicional transmitida ao longo de gerações.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Biodiversity4all: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/72044-Chamaemelum> Última consulta: agosto 2024.


Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 75.

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

<p>Dedaleira (<i>Digitalis purpúrea</i> L. 1753)</p>	
<p>Nome Comum: Dedaleira Nome Científico: <i>Digitalis purpurea</i></p>	
<p>Família: <i>Plantaginaceae</i> (família das plantagináceas, que inclui plantas herbáceas e arbustivas, muitas vezes associadas a habitats diversificados e de interesse medicinal).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea ou subarborescente, conhecida pelas suas flores em forma de dedal e pela sua utilização medicinal, embora seja altamente tóxica. A dedaleira é uma planta bienal que pode atingir até 1,5 metros de altura. No primeiro ano, desenvolve uma roseta de folhas basais e, no segundo, uma haste floral alta, adornada com flores tubulares pendentes de cor rosada ou purpúrea, frequentemente com manchas internas mais escuras. Habita clareiras de bosques, margens de caminhos e áreas montanhosas com solos ácidos e bem drenados. Floresce entre a primavera e o início do verão, destacando-se pela sua beleza ornamental.</p>	
<p>Curiosidades: Apesar da sua toxicidade, a dedaleira é uma planta fundamental na farmacologia moderna, sendo a fonte de compostos como a digitoxina e a digoxina, utilizados no tratamento de doenças cardíacas. Na cultura popular, a planta era associada a mitos e lendas: acreditava-se que as suas flores eram usadas por fadas ou duendes como dedais.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As propriedades medicinais da dedaleira podem ter sido conhecidas pelas comunidades castrejas, que possivelmente a utilizavam com cautela em práticas curativas. A sua presença na paisagem da Citânia de Sanfins talvez inspirasse reverência, tanto pela sua beleza quanto pelos riscos associados à sua toxicidade. A associação da planta a mitos e crenças pode refletir uma ligação espiritual com a natureza, característica das comunidades castrejas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Observatório Ambiental de Paços de Ferreira: https://observatorioambiental-pf.pt/digitalis_purpurea/. Última consulta: agosto 2024. Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/steps4life/steps4life-biodiversidade/steps4life-flora/item/dedaleira. Última consulta agosto 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

<p>Dente-de-leão (<i>Taraxacum officinale</i>) (L.) Weber ex F.H.Wigg. 1780</p>	
<p>Nome Comum: Dente-de-leão Nome Científico: <i>Taraxacum officinale</i></p>	
<p>Família: <i>Asteraceae</i> (família das compostas, caracterizada por plantas com flores organizadas em capítulos, muitas vezes de importância ecológica e medicinal).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea facilmente reconhecida pelas suas flores amarelas brilhantes e pelas características “bolas” de sementes que se dispersam com o vento, sendo comum em prados e terrenos perturbados. O dente-de-leão é uma planta herbácea perene, com folhas basais profundamente recortadas que formam uma roseta. A sua haste floral, sem folhas, pode atingir até 30 cm de altura, culminando numa inflorescência amarela composta por numerosas flores pequenas. Após a floração, as sementes formam estruturas globosas com pappus (pêlos sedosos) que facilitam a dispersão pelo vento. A planta é extremamente adaptável, crescendo em solos pobres, margens de caminhos, pastagens e até em áreas urbanas.</p>	
<p>Curiosidades: O dente-de-leão tem múltiplos usos medicinais e alimentares. As folhas jovens são comestíveis, sendo utilizadas em saladas e infusões para fins depurativos. A raiz é tradicionalmente usada para estimular o fígado e os processos digestivos. Além disso, na cultura popular, as suas sementes são sopradas para fazer desejos, reforçando a ligação entre a planta e a simbologia de esperança e renovação.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O dente-de-leão, pela sua abundância e resistência, pode ter sido utilizado pelas comunidades castrejas para fins medicinais e como alimento em tempos de escassez. A planta também poderia ser associada a crenças simbólicas relacionadas com renovação e ciclos naturais, valores intrínsecos às sociedades agrárias da Idade do Ferro. A sua presença ao redor da Citânia de Sanfins reflete o equilíbrio entre a vida humana e os recursos espontaneamente oferecidos pela natureza.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 97.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/taraxacum-officinale/ Última consulta: agosto 2024</p> <p>Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/flora/item/dente-de-leao Última consulta: agosto 2024.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

<p>Erva-de-São-Roberto (<i>Geranium purpureum</i> L. 1851)</p>	
<p>Nome Comum: Erva-de-São-Roberto Nome Científico: <i>Geranium purpureum</i></p>	
<p>Família: <i>Geraniaceae</i> (família dos gerânios, que inclui plantas herbáceas e subarborescentes com folhas frequentemente aromáticas e flores com cinco pétalas).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea conhecida pela sua capacidade de adaptação a diferentes ambientes e pelas propriedades medicinais associadas a curas tradicionais. A erva-de-São-Roberto é uma planta herbácea anual ou bienal que pode atingir entre 10 e 50 cm de altura. Apresenta caules finos, muitas vezes avermelhados, e folhas profundamente recortadas que exalam um odor característico quando esmagadas. As suas flores são pequenas, de cor rosa-púrpura, com cinco pétalas, e os frutos alongados possuem um formato que lembra o bico de uma ave. Prefere ambientes húmidos e semi-sombreados, sendo comum em margens de caminhos, muros e áreas florestais perturbadas.</p>	
<p>Curiosidades: A erva-de-São-Roberto foi amplamente utilizada na medicina popular como adstringente e anti-inflamatória, sendo aplicada no tratamento de feridas, hemorragias e problemas digestivos. Em algumas tradições, era considerada uma planta protetora, colocada nas portas das casas para afastar maus espíritos. A planta também é conhecida por atrair polinizadores, desempenhando um papel importante na biodiversidade local.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas provavelmente utilizavam a erva-de-São-Roberto devido às suas propriedades medicinais, empregando-a para tratar feridas ou aliviar problemas internos. A planta, pela sua capacidade de crescer em ambientes perturbados, pode ter estado presente em áreas habitadas da Citânia de Sanfins, sendo colhida para usos práticos ou simbólicos. O seu nome sugere uma posterior associação cristã, mas é provável que já tivesse valor cultural e medicinal antes desse período.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/#1Geranium+robertianum. Última consulta: dezembro 2024 Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 41. Jardim Botânico da UTAD: https://www.jb.utad.pt/especie/Geranium_robertianum_subesp_purpureum. Última consulta: dezembro 2024 Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/geranium_purpureum. Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Erva-leiteira (*Polygala vulgaris* L. 1753)



Nome Comum: Erva-leiteira

Nome Científico: *Polygala vulgaris*

Família: *Polygalaceae* (família das poligaláceas, que inclui plantas herbáceas e subarborescentes, com flores características, muitas vezes com pétalas modificadas e associadas a habitats de solos secos e ácidos).

Descrição: A erva-leiteira é uma planta perene que pode atingir entre 10 a 40 cm de altura. As suas folhas são pequenas, lineares, opostas, e a planta desenvolve inflorescências compostas por flores de cor roxa ou lilás, com pétalas em forma de asa, tipicamente agrupadas em espigas. Ela cresce principalmente em solos ácidos e bem drenados, sendo comum em pastagens, margens de bosques e áreas abertas de clima temperado.

Curiosidades: A erva-leiteira é tradicionalmente utilizada para estimular a produção de leite nas mulheres após o parto, sendo empregada em infusões ou cataplasmas. Na medicina popular, também era usada para tratar problemas respiratórios e como anti-inflamatória. O nome "erva-leiteira" deriva dessa propriedade lactogénica atribuída à planta. Além disso, é conhecida pelo seu valor ornamental, atraindo polinizadores, como abelhas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a erva-leiteira seja mais associada a períodos posteriores, é possível que as comunidades castrejas também tivessem conhecimento das suas propriedades medicinais, especialmente no que diz respeito à saúde feminina e à promoção da lactação. A planta poderia ser valorizada não apenas pela sua utilidade prática, mas também como parte do saber tradicional de cura transmitido de geração em geração.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gewone vleugeltjesbloem, Saxifraga-Willem van Kruisbergen.

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Polygala+vulgaris>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Polygala_vulgaris_subesp_vulgaris. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Galium (*Galium* sp. L.)



Nome Comum: Galium, gálio.

Nome Científico: *Galium* sp.

Família: *Rubiaceae* (família das rubiáceas, que inclui plantas herbáceas, arbustos e árvores, caracterizadas por flores pequenas e de cinco pétalas, frequentemente com folhas em verticilos).

Descrição: O género *Galium* inclui diversas espécies herbáceas, geralmente de pequeno porte, que se distribuem amplamente por regiões temperadas. As plantas do género apresentam folhas opostas ou em verticilos, e flores pequenas, geralmente de cor branca ou amarela, agrupadas em inflorescências. Muitas espécies têm caules quadrangulares, frequentemente pegajosos ao toque, e crescem em habitats como pastagens, bosques, margens de rios e terrenos calcários ou arenosos. A floração ocorre geralmente na primavera e no verão.

Curiosidades: Algumas espécies de *Galium* são tradicionalmente usadas para fazer infusões e chás, particularmente pelas suas propriedades calmantes e diuréticas. As raízes de algumas espécies também foram usadas para tinturar tecidos, devido à presença de compostos como o ácido galiótico. Em várias culturas, as plantas deste género eram usadas como "planta de cama", sendo colocadas nos colchões para ajudar a aliviar dores musculares e artrite. É popularmente conhecida, também, como agarra-saias, por possuir tricomas em forma de gancho que se fixam facilmente em superfícies rugosas, tais como tecidos ou pelos de animais.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas podem ter utilizado o *Galium* devido às suas propriedades medicinais, especialmente para tratar dores musculares e doenças respiratórias. A presença de algumas espécies de *Galium* nas imediações da Citânia de Sanfins sugere que a planta poderia ser usada no quotidiano para fins terapêuticos, assim como em rituais ou práticas tradicionais. A associação com a tranquilidade e o alívio de dores poderia ter conferido à planta um simbolismo de cura e proteção.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Galium>. Última consulta: dezembro 2024

Jardim Botânico da UTAD: <https://jb.utad.pt/genero/Galium>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia.en: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Galium>. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Kleefkruid, Saxifraga-Ed Stikvoort

<p>Jasione (<i>Jasione laevis</i> Lam. 1779)</p>	
<p>Nome Comum: Jasione Nome Científico: <i>Jasione laevis</i></p>	
<p>Família: <i>Campanulaceae</i> (família das campanuláceas, que inclui plantas herbáceas com flores em forma de campânula, frequentemente atraentes para polinizadores como abelhas).</p>	
<p>Descrição: A jasione é uma planta herbácea perene que pode atingir entre 30 e 60 cm de altura. Apresenta folhas simples, lanceoladas e de margens ligeiramente dentadas. As suas flores são agrupadas em inflorescências globosas, com pétalas de cor azulada ou lilás, e são muito atrativas para insetos polinizadores. A planta é comum em pastagens e prados secos, preferindo solos calcários e bem drenados. A floração ocorre no verão, com as flores formando cabeças arredondadas que se destacam na paisagem.</p>	
<p>Curiosidades: A jasione é conhecida por atrair uma grande diversidade de polinizadores, incluindo abelhas e borboletas, sendo uma excelente fonte de néctar. Embora seja mais apreciada como planta ornamental, também possui um uso tradicional na medicina popular, sendo utilizada em infusões para tratar problemas digestivos e respiratórios. A planta também é chamada de "flor de campo" em algumas regiões, devido ao seu habitat natural.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É possível que as comunidades castrejas tenham conhecido a jasione, especialmente devido à sua presença em áreas de pastagem e prados, ambientes comuns nas cercanias da Citânia de Sanfins. A planta poderia ser valorizada não apenas pela sua utilidade ornamental, mas também pela sua função ecológica, atraindo polinizadores essenciais para a biodiversidade local. Em contextos mais simbólicos, a sua beleza poderia ter associado a jasione a práticas culturais relacionadas com a natureza e a fertilidade.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/jasione_laevis_subesp_leavis. Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Wikipédia.en: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jasione_laevis. Última consulta: dezembro 2024</p>	

Leituga (*Sonchus oleraceus* L. 1753)



Nome Comum: Leituga, serralha.

Nome Científico: *Sonchus oleraceus*

Família: *Asteraceae* (família das compostas, que inclui uma grande diversidade de plantas com flores agrupadas em capítulos, como o girassol e a margarida).

Descrição: Planta herbácea de folhas comestíveis, comumente encontrada em terrenos agrícolas e margens de caminhos. O nome "leituga" está associado ao uso das suas folhas jovens em saladas ou como vegetal de cozinha. A leituga é uma planta herbácea anual, que pode atingir mais de 1 metro de altura. Apresenta folhas grandes, lobadas e de cor verde intensa, que se assemelham às folhas da alface, e flores amarelas dispostas em capítulos. A planta tem um caule oco e exala um látex branco quando cortada. É comum em áreas cultivadas, campos, jardins, e nas margens de caminhos e terrenos perturbados. A floração ocorre no verão, e as suas sementes, pequenas e leves, são facilmente dispersas pelo vento.

Curiosidades: Tradicionalmente usada pelos agricultores na alimentação de coelhos. As folhas jovens do *Sonchus oleraceus* são comestíveis e, embora geralmente não cultivadas em grande escala, podem ser consumidas em saladas ou sopas, sendo também utilizadas em algumas medicinais tradicionais para aliviar problemas digestivos. O nome "leituga" reflete a sua semelhança com a alface (*Lactuca sativa*), e em algumas culturas é ainda usada como remédio popular contra tosse e constipações.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É possível que as comunidades castrejas tenham utilizado o *Sonchus oleraceus* devido às suas folhas comestíveis e propriedades medicinais. A planta pode ter sido uma das muitas espécies de vegetais selvagens que as populações castrejas aproveitavam para complementar a sua dieta, especialmente em tempos de escassez ou no contexto de uma alimentação mais simples e baseada em recursos naturais disponíveis. A presença da leituga nas proximidades da Citânia de Sanfins sugere que ela poderia ter sido uma planta útil, tanto no consumo diário quanto em práticas de cura populares.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Sonchus+oleraceus>. Última consulta: dezembro 2024

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 47.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Sonchus_oleraceus. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Sonchus_oleraceus. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Gewone melkdistel, Saxifraga-Jan van der Straaten

Lótus ou cornichão (*Lotus corniculatus* L. 1753)



Nome Comum: Lótus ou cornichão

Nome Científico: *Lotus corniculatus*

Família: *Fabaceae* (família das leguminosas, que inclui plantas com vagens, muitas das quais têm a capacidade de fixar azoto no solo, o que ajuda na fertilidade do terreno).

Descrição: Planta leguminosa comum em prados, campos e margens de caminhos, conhecida pelas suas flores amarelas e pela sua utilização como forragem para animais. O cornichão é uma planta herbácea perene, que pode atingir entre 20 a 60 cm de altura. As suas folhas são compostas, com folíolos ovais e suaves, e a planta desenvolve flores pequenas, de cor amarela brilhante, dispostas em inflorescências em racemo. Os frutos são vagens curtas e com sementes, e a planta prefere solos secos e bem drenados, sendo comum em prados, pastagens e áreas perturbadas. A floração ocorre principalmente na primavera e no verão.

Curiosidades: O *Lotus corniculatus* é amplamente utilizado como forragem para animais, como gado e ovelhas, devido ao seu valor nutritivo. Além disso, a planta tem sido historicamente utilizada para melhorar a qualidade do solo, devido à sua capacidade de fixar azoto, o que beneficia outras plantas no seu entorno. A sua flor amarela também é uma das primeiras a florescer na primavera, tornando-se uma importante fonte de néctar para os polinizadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas provavelmente usaram o cornichão como forragem para o gado, especialmente em áreas agrícolas e pastoris. O seu papel como planta forrageira teria sido essencial na alimentação do gado, fundamental para a economia castreja, que dependia da produção de leite, carne e outros produtos derivados dos animais. Além disso, o valor do *Lotus corniculatus* no contexto de práticas agrícolas sustentáveis e na fertilização do solo através da fixação de azoto poderia ter sido reconhecido, mesmo que de forma intuitiva, pelas comunidades que viveram na Citânia de Sanfins.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gewone rolklaver, Saxifraga-Willem van Kruijsbergen.

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Lotus+corniculatus>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Lotus_corniculatus_subesp_corniculatus. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lotus_corniculatus. Última consulta: dezembro 2024

Margarida ou rapazinhos (*Bellis perennis* L. 1753)



Nome Comum: Margarida ou rapazinhos

Nome Científico: *Bellis perennis*

Família: *Asteraceae* (família das compostas, que inclui uma vasta gama de plantas com flores agrupadas em capítulos, como girassóis, margaridas e crisântemos).

Descrição: A margarida é uma planta herbácea perene que pode atingir entre 10 a 30 cm de altura. Conhecida pelas suas flores simples e atraentes, com pétalas brancas e um centro amarelo, frequentemente associada a jardins e prados. Possui folhas lanceoladas, verdes e com margens dentadas, enquanto as flores são caracteristicamente compostas por pétalas brancas (às vezes com tonalidades rosadas) e um disco central amarelo. A planta prefere solos bem drenados e cresce em pastagens, prados e até em jardins. A floração ocorre principalmente na primavera e no início do verão, sendo um símbolo comum de renovação e frescura.

Curiosidades: A margarida é uma das flores mais comuns na paisagem europeia e tem sido associada a diversos simbolismos, como pureza, amor e simplicidade. Em algumas culturas, as suas pétalas eram usadas em remédios populares para aliviar tosse e problemas respiratórios. Além disso, a margarida também tem um valor ornamental muito apreciado, sendo amplamente cultivada em jardins. O nome "rapazinhos" refere-se ao seu uso como símbolo de afeto, especialmente entre os mais jovens, que costumavam brincar com a planta, retirando pétalas enquanto recitavam frases como "ele gosta de mim, ele não gosta de mim".

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja evidências diretas de que as comunidades castrejas utilizassem a margarida de forma sistemática, é provável que as flores de *Bellis perennis* fossem valorizadas pela sua beleza e pelas suas propriedades curativas. A simplicidade e a abundância desta planta poderiam tê-la tornado um símbolo popular de renovação e de ligação com a natureza, sendo possível que fosse usada em rituais simbólicos, talvez associados à fertilidade ou à saúde.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Saxifraga-Ed Stikvoort

Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 161.

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Bellis+perennis>. Última consulta: dezembro 2024

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Bellis_perennis. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/bellis-perennis>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Margarida-do-monte (*Bellis sylvestris* Cirillo
1792)



Nome Comum: Margarida-do-monte

Nome Científico: *Bellis sylvestris*

Família: *Asteraceae* (família das compostas, que inclui diversas plantas herbáceas com flores agrupadas em capítulos, como girassóis, margaridas e crisântemos).

Descrição: Planta herbácea perene, conhecida pelas suas flores semelhantes às da margarida comum, mas com um ambiente mais selvagem, sendo comum em zonas de prados e pastagens. A margarida-do-monte é uma planta herbácea perene, de crescimento baixo, que geralmente não ultrapassa os 20 cm de altura. As suas folhas são estreitas e rosetas, enquanto as flores apresentam pétalas brancas e um disco central amarelo, semelhantes às da margarida comum, mas com uma forma mais compacta. É uma planta que prefere ambientes secos e bem drenados, frequentemente encontrada em pastagens e clareiras de florestas, especialmente em áreas de solos calcários. A floração ocorre na primavera e no início do verão.

Curiosidades: A *Bellis sylvestris* é menos comum em jardins, mas é bastante apreciada em prados naturais e paisagens selvagens. Em algumas regiões, as flores são usadas em medicina popular para tratar problemas respiratórios e como antisséptico natural. A planta também é conhecida por atrair polinizadores, como abelhas e borboletas, devido ao néctar abundante. Embora seja muito semelhante à margarida comum (*Bellis perennis*), a margarida-do-monte é mais adaptada a ambientes naturais e menos cultivados.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas podem ter conhecido a margarida-do-monte pela sua presença em zonas de pastagem e terrenos naturais. Apesar de não haver registos específicos sobre o uso desta planta, é possível que ela fosse valorizada pela sua beleza e utilidade medicinal. Assim como outras plantas com propriedades terapêuticas, a *Bellis sylvestris* poderia ter sido empregada em rituais de cura ou em práticas quotidianas, especialmente no tratamento de doenças respiratórias ou como parte de remédios populares. Além disso, a sua presença em pastagens pode ter associado a planta à fertilidade da terra e à prosperidade das colheitas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Bellis+sylvestris>. Última consulta: dezembro 2024

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Bellis_sylvestris. Última consulta: dezembro 2024

Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/bellis_sylvestris. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Bellis_sylvestris. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de João Santos.

Morango-silvestre ou morango-bravo (*Fragaria vesca* L. 1753)



Nome Comum: Morango-silvestre ou morango-bravo

Nome Científico: *Fragaria vesca*

Família: *Rosaceae* (família das rosáceas, que inclui plantas com frutos geralmente comestíveis, como maçãs, pêras, e morangos, além de flores ornamentais como as rosas).

Descrição: Planta herbácea perene, com “frutos” pequenos e saborosos, encontrada em ambientes naturais como bosques, clareiras e margens de caminhos. O morango-silvestre cresce até cerca de 20 cm de altura. Suas folhas são trifoliadas, de cor verde escura, com margens serrilhadas. As flores são pequenas, brancas ou rosadas, e aparecem na primavera, seguidas pelos frutos vermelhos e doces, característicos da planta. O morango-silvestre prefere solos bem drenados e está frequentemente presente em bosques, clareiras, prados e margens de caminhos. Os frutos são menores do que os morangos cultivados, mas são igualmente saborosos e nutritivos.

Curiosidades: O *Fragaria vesca* é conhecido pelos seus frutos de sabor doce e ligeiramente ácido, sendo consumido diretamente ou utilizado em preparações como compotas, geleias e sobremesas. Em algumas culturas, as folhas e frutos também têm sido utilizados na medicina tradicional para tratar doenças como problemas digestivos e inflamações. A planta é rica em vitamina C, o que a torna benéfica para a saúde. A colheita do morango-silvestre é uma atividade comum em várias regiões, principalmente nas florestas e campos onde cresce de forma espontânea.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É provável que as comunidades castrejas tenham valorizado o morango-silvestre pela sua fruta comestível e as propriedades nutritivas. Além de ser consumido diretamente, o morango-silvestre poderia ter sido utilizado em rituais ou em práticas simbólicas associadas à fertilidade da terra e à abundância. As frutas, apreciadas pelo seu sabor natural, podem ter sido colhidas em festivais ou ocasiões especiais, sendo uma das fontes de alimento disponível nas florestas e áreas ao redor da Citânia de Sanfins.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Fragaria> Última consulta: novembro 2024

Jardim Botânico da UTAD: <https://jb.utad.pt/especie/Fragaria-vesca-subesp-vesca> Última consulta: novembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Morango-silvestre>. Última consulta: novembro 2024

Fotografia de João Santos.

<p>Narciso-bravo (<i>Narcissus triandus</i> L. 1762)</p>	
<p>Nome Comum: Narciso-bravo Nome Científico: <i>Narcissus triandus</i></p>	
<p>Família: <i>Amaryllidaceae</i> (família das amarilidáceas, que inclui plantas bulbosas com flores grandes e coloridas, como narcisos, <i>amaryllis</i> e cebolas ornamentais).</p>	
<p>Descrição: Planta bulbosa perene, conhecida pela sua flor amarela ou branca e pelo seu perfume suave, que cresce espontaneamente em campos e prados. O narciso-bravo é uma planta bulbosa que pode atingir entre 20 a 40 cm de altura. As suas folhas são lineares, estreitas e de cor verde, enquanto as flores, apresentam uma estrutura característica com pétalas brancas ou amareladas, frequentemente com uma tonalidade mais intensa no centro. O cálice da flor é tubular e amarelado. O narciso-bravo prefere solos bem drenados e cresce em prados, clareiras e zonas de pastagem. Embora seja uma planta resistente ao frio, também pode ser encontrada em regiões de clima temperado. A floração ocorre geralmente entre março e abril, anunciando a chegada da primavera.</p>	
<p>Curiosidades: O narciso-bravo é altamente apreciado na jardinagem e nas culturas europeias, não só pela sua beleza, mas também pelo seu perfume. Em algumas tradições populares, o narciso era visto como um símbolo de renascimento e prosperidade, já que floresce no início da primavera. Embora as suas flores sejam venenosas se ingeridas, elas são amplamente utilizadas em decoração e em rituais ligados à estação das flores. Em várias culturas, o narciso também é associado ao amor não correspondido, devido à sua origem na mitologia grega, com o mito de Narciso.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o narciso-bravo não tenha uma relação direta documentada com as práticas das comunidades castrejas, a sua presença na natureza poderia tê-lo tornado uma planta valorizada pelas suas flores decorativas e o seu simbolismo associado à renovação e à fertilidade. Numa cultura que valorizava a conexão com o ciclo da natureza e da terra, o narciso poderia ter sido usado em rituais ligados à primavera, ao renascimento da natureza e à celebração da fertilidade, em festivais ou em celebrações sazonais.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Narcissus+triandus. Última consulta: dezembro 2024 Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 44. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Narcissus_triandus. Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/narcissus-triandus. Última consulta: dezembro 2024 Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p>	

Pedreiras ou arroz-dos-telhados (*Sedum album* L. 1753)



Nome Comum: Pedreiras ou arroz-dos-telhados

Nome Científico: *Sedum album*

Família: *Crassulaceae* (família das crassuláceas, que inclui plantas suculentas adaptadas a ambientes áridos, caracterizadas por folhas carnudas que armazenam água e flores atrativas para insetos polinizadores).

Descrição: Planta suculenta comum em zonas rochosas e telhados antigos, conhecida pela sua capacidade de sobreviver em condições extremas e pela sua aparência ornamental. O *Sedum album* é uma planta perene de pequeno porte, geralmente com 5 a 20 cm de altura. As suas folhas são carnudas, cilíndricas e de cor verde-clara a avermelhada, dependendo das condições de exposição ao sol. Durante o verão, a planta produz pequenas flores brancas estreladas, agrupadas em inflorescências. O arroz-dos-telhados é amplamente encontrado em terrenos rochosos, muros de pedra e telhados antigos, onde forma densos tapetes vegetativos. Esta planta é extremamente resistente à seca e à pobreza dos solos, sendo capaz de prosperar em locais onde outras espécies não conseguem sobreviver.

Curiosidades: O *Sedum album* é frequentemente utilizado em coberturas verdes e jardins de baixa manutenção devido à sua capacidade de armazenar água nas folhas e resistir a condições climáticas extremas. A planta também é comestível, sendo ocasionalmente usada em saladas devido ao seu sabor ligeiramente ácido. Na medicina tradicional, foi usada para tratar queimaduras, feridas e picadas de insetos. Além disso, a sua presença em telhados antigos e muros conferia uma camada de isolamento natural, protegendo as estruturas do calor intenso.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A planta *Sedum album* seria certamente familiar às comunidades castrejas, devido à sua abundância em habitats rochosos e à sua resistência em condições áridas. Poderia ter sido utilizada em práticas medicinais, como remédio para pequenas feridas ou queimaduras, dadas as suas propriedades calmantes e regeneradoras. A sua capacidade de crescimento em locais inóspitos poderia também simbolizar para os castrejos a perseverança e a força em enfrentar adversidades. É provável que o arroz-dos-telhados tenha sido observado a crescer nas construções da Citânia de Sanfins, reforçando a relação entre a arquitetura castreja e a biodiversidade local.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Sedum+album>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Sedum_album. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Smith, G. F., & Figueiredo, E. (2015). Crassulaceae of the Iberian Peninsula. Lisboa: Botanical Institute of Iberia.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sedum_album. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Luís Cunha.

Ranunculus spp.



Nome Comum: Ranúnculo

Nome Científico: *Ranunculus spp.*

Família: *Ranunculaceae*

Descrição: Os ranúnculos são plantas herbáceas que podem variar de espécies anuais a perenes, com folhas geralmente recortadas e flores vistosas de cores amarelas cintilantes, brancas ou, ocasionalmente, laranja. Estas plantas crescem em habitats variados, como prados húmidos, margens de rios e áreas montanhosas. Algumas espécies têm caules eretos, enquanto outras apresentam hábitos rastejantes.

Curiosidades: O nome "*Ranunculus*" deriva do latim e significa "pequena rã", provavelmente devido à preferência por habitats húmidos semelhantes aos destes anfíbios. Algumas espécies de ranúnculo são conhecidas por serem tóxicas, especialmente para o gado, se ingeridas em grandes quantidades. Apesar disso, os ranúnculos desempenham um papel importante na ecologia local, sendo fonte de alimento para insetos polinizadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, as plantas com flores brilhantes como os ranúnculos poderiam ter sido associadas a rituais de fertilidade ou celebrações da natureza. A sua presença em áreas húmidas era provavelmente observada como um indicador da saúde dos recursos hídricos, fundamentais para a agricultura e para a vida quotidiana nos castros.

Referências Bibliográficas e WEB:


Fotografia de Luís Cunha.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Ranunculus> Última consulta: dezembro 2024

Jardim Botânico da UTAD: <https://jb.utad.pt/genero/Ranunculus> Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ranunculaceae> Última consulta: dezembro 2024.

<p>Romulea-de-folhas-de-açafrão (<i>Romulea bulbocodium</i> L. 1818)</p>	
<p>Nome Comum: Romulea-de-folhas-de-açafrão Nome Científico: <i>Romulea bulbocodium</i></p>	
<p>Família: <i>Iridaceae</i> (família das iridáceas, que inclui plantas com flores vistosas e bulbosas, como as íris e os crocus, que são comuns em zonas temperadas).</p>	
<p>Descrição: Planta bulbosa de flores atraentes, com folhas finas e longas, que floresce no início da primavera e é encontrada em campos e prados secos. Pode atingir entre 10 a 30 cm de altura. As suas folhas são finas e lanceoladas, semelhantes às do açafreão (<i>Crocus sp.</i>), o que lhe dá o nome comum. As flores surgem na primavera e podem ser de cor amarela, roxa ou branca, com pétalas delicadas e grandes em relação ao tamanho da planta. A flor possui uma estrutura em forma de estrela, com um centro amarelo e pétalas que se abrem em formato radial. O habitat ideal para esta planta são campos secos, prados e clareiras, frequentemente em solos arenosos e bem drenados. A romulea-de-folhas-de-açafrão floresce tipicamente entre fevereiro e abril.</p>	
<p>Curiosidades: A <i>Romulea bulbocodium</i> é uma planta de crescimento rápido e uma das primeiras a florescer na primavera. A sua flor vibrante é um sinal da renovação da natureza após o inverno, atraindo polinizadores como abelhas e borboletas. Apesar de pequena, a flor da romulea-de-folhas-de-açafrão é bastante ornamental e tem sido usada em jardins de flores silvestres. A planta é também apreciada pela sua capacidade de resistir à seca durante a maior parte do ano, pois entra em dormência no verão, tal como muitas outras plantas bulbosas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não existam referências diretas à <i>Romulea bulbocodium</i> nas práticas da cultura castreja, a presença desta planta nas áreas que correspondiam à Citânia de Sanfins provavelmente teria sido observada pelas comunidades locais. A sua floração precoce e a aparência das suas flores poderiam tê-la tornado uma planta simbólica associada ao renascimento da terra e aos ciclos da natureza, importantes para os castrejos na sua ligação com a agricultura e a celebração da primavera. As flores também podem ter sido admiradas pela sua beleza, sendo possivelmente incluídas em decorações ou rituais ligados à fertilidade e à renovação.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Romulea+bulbocodium. Última consulta: novembro 2024 Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Romulea_bulbocodium_var_bulbocodium. Última consulta: novembro 2024 Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Romulea_bulbocodium. Última consulta: novembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p>	

<p>Saramago (<i>Raphanus raphanistrum</i> L. 1753)</p>	
<p>Nome Comum: Saramago Nome Científico: <i>Raphanus raphanistrum</i></p>	
<p>Família: <i>Brassicaceae</i> (família das crucíferas, que inclui plantas como couve, brócolos, mostarda e rabanete, caracterizadas por flores em forma de cruz e frutos em vagem).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea da família das crucíferas, conhecida pelo seu sabor picante e pela sua floração vistosa, comumente encontrada em terrenos cultivados ou margens de caminhos. O saramago é uma planta anual ou bienal, que pode atingir entre 30 a 60 cm de altura. As suas folhas são lobadas e de bordos dentados, e a planta desenvolve flores pequenas, geralmente de cor roxa ou branca, com quatro pétalas dispostas em forma de cruz. O fruto é uma vagem alongada que contém sementes pequenas e arredondadas. A planta cresce em solos bem drenados e é frequentemente encontrada em campos cultivados, margens de estradas e terrenos baldios. O saramago é resistente à seca e adapta-se bem a diferentes tipos de solo, sendo por vezes considerado uma planta invasora.</p>	
<p>Curiosidades: O saramago é o antepassado selvagem do rabanete cultivado (<i>Raphanus sativus</i>), sendo uma planta comestível cujas folhas e raízes têm um sabor picante, muito semelhante ao do rabanete. As sementes também podem ser consumidas e têm propriedades nutricionais. Na medicina popular, o saramago foi utilizado para tratar problemas digestivos e melhorar a circulação sanguínea. Além disso, é uma planta melífera, atraindo abelhas e outros polinizadores com as suas flores coloridas. O saramago pode ser utilizado em saladas e outras preparações culinárias, mas o seu sabor forte torna-o menos comum em comparação com o rabanete cultivado.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o saramago não tenha uma relação direta documentada com a cultura castreja, é possível que as suas propriedades comestíveis e medicinais tivessem sido conhecidas pelas comunidades castrejas. A planta pode ter sido usada como um condimento ou mesmo para fins terapêuticos, dada a sua utilização em remédios populares posteriores. As sementes e as raízes do saramago poderiam ter sido aproveitadas na alimentação, especialmente em épocas de escassez, e as suas flores poderiam ter atraído a atenção das comunidades para os ciclos naturais de polinização, possivelmente associadas à prática agrícola da época.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Raphanus Última consulta: novembro 2024 Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Raphanus_raphanistrum_subesp_raphanistrum Última consulta: novembro 2024 Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Raphanus_raphanistrum Última consulta: novembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p>	

Silene dioica (*Silene dioica* (L.) Clairv. 1811)



Nome Comum: Silene-dióica

Nome Científico: *Silene dioica*

Família: *Caryophyllaceae* (família das cariofiláceas, que inclui plantas herbáceas e subarbutivas, geralmente com flores vistosas e adaptadas a uma ampla variedade de habitats).


Descrição: Planta herbácea conhecida pelas suas flores rosadas e pela sua presença em prados e clareiras, sendo uma espécie comum em zonas de clima temperado. A *Silene dioica* é uma planta perene que pode atingir entre 30 a 90 cm de altura. As suas folhas são ovais e opostas, enquanto as flores, de cor rosada ou avermelhada, têm cinco pétalas e surgem em hastes eretas durante a primavera e o verão. A planta é dioica, ou seja, apresenta flores masculinas e femininas em indivíduos diferentes. Habita preferencialmente prados húmidos, margens de rios e clareiras de bosques, sendo uma espécie característica de solos bem drenados e ricos em matéria orgânica.

Curiosidades: A *Silene dioica* é uma planta muito atrativa para polinizadores, como abelhas e borboletas, desempenhando um papel importante na manutenção da biodiversidade local. Em algumas culturas, as flores desta planta eram usadas como corante natural devido à sua tonalidade vibrante. A espécie tem um elevado valor ornamental e é por vezes cultivada em jardins pela beleza das suas flores. O seu nome genérico, *Silene*, refere-se ao personagem mitológico Sileno, companheiro de Dionísio, frequentemente representado com uma barriga inflada, possivelmente em alusão à forma do cálice das flores de algumas espécies deste género.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A *Silene dioica* teria sido familiar às comunidades castrejas devido à sua presença em áreas abertas e margens de rios nas proximidades da Citânia de Sanfins. Embora não existam registos diretos do uso desta planta pelas populações castrejas, é possível que as suas flores vibrantes fossem utilizadas em práticas decorativas ou em rituais, dada a tendência destas comunidades para atribuir significados simbólicos a elementos naturais. A planta, com as suas flores separadas por género, poderia também ter inspirado crenças relacionadas com a dualidade ou complementaridade, conceitos comuns em várias culturas antigas.

Referências Bibliográficas e WEB:

- Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 217. Fotografia de Luís Cunha.
- Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.
- Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Silene+dioica>. Última consulta: novembro 2024
- Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.
- Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Silene_dioica. Última consulta: novembro 2024
- Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.
- Tutin, T. G., et al. (1964–1980). Flora Europaea. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silene_dioica. Última consulta: novembro 2024

<p>Silene, mosca-pega-de-nottingham (<i>Silene nutans</i> L. 1753)</p>	
<p>Nome Comum: Mosca-pega-de-Nottingham ou silene. Nome Científico: <i>Silene nutans</i></p>	
<p>Família: <i>Caryophyllaceae</i> (família das caryofliáceas, que inclui plantas herbáceas com flores geralmente vistosas, como as silenes e os cravos, muitas das quais são encontradas em campos e prados).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea conhecida pela sua flor vistosa e por ser comumente encontrada em prados e campos secos, com flores pendentes que atraem polinizadores. <i>Silene nutans</i> é uma planta perene que pode atingir entre 30 a 60 cm de altura. As suas folhas são lanceoladas e opostas, com uma ligeira pilosidade nas superfícies. As flores, que surgem na primavera e no início do verão, são de cor rosa claro a branca, com pétalas em forma de estrela e um centro distinto. As flores pendem de longos pedúnculos e abrem-se ao anoitecer, exalando um aroma doce que atrai polinizadores, como abelhas e borboletas. A planta cresce em solos secos e bem drenados, especialmente em prados, campos e clareiras. O fruto é uma cápsula que contém várias sementes pequenas.</p>	
<p>Curiosidades: A mosca-pega-de-Nottingham é uma planta que tem uma floração noturna, o que significa que as suas flores se abrem ao entardecer e liberam um aroma doce para atrair polinizadores noturnos, como borboletas-noturnas e traças. A planta é também conhecida pela sua capacidade de se adaptar a solos empobrecidos e secos, sendo uma excelente opção para jardins de baixo consumo de água. O nome popular "mosca-pega-de-Nottingham" provém do seu uso histórico em algumas regiões como planta ornamental e pela sua conexão com tradições locais.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não existam referências diretas sobre a <i>Silene nutans</i> nas práticas culturais castrejas, a presença desta planta na flora local poderia ter sido observada pelas comunidades castrejas. A sua floração noturna e a atração de polinizadores poderiam ser associadas à simbologia de ciclos naturais e agrícolas, temas importantes na cultura castreja. Além disso, sendo uma planta robusta e resistente a solos secos, poderia ter sido valorizada como planta ornamental ou medicinal. Em algumas culturas antigas, plantas como a silene eram também utilizadas em rituais de fertilidade e renovação, dado o seu simbolismo de vida e crescimento.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 217. Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Silene+nutans+subsp+nutans. Última consulta: dezembro 2024 Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 58. Jardim Botânico da UTAD: https://jbutad.pt/especie/Silene_nutans_subesp_nutans. Última consulta: dezembro 2024 Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silene_nutans. Última consulta: dezembro 2024</p>	

Trevo-dos-prados (*Trifolium pratense* L. 1753)



Nome Comum: Trevo-dos-prados

Nome Científico: *Trifolium pratense*

Família: *Fabaceae* (família das leguminosas, que inclui plantas como feijões, ervilhas e trevos, caracterizadas pela capacidade de fixar azoto no solo e pela formação de flores em forma de papoilas).

Descrição: Planta herbácea comum em prados, campos e áreas cultivadas, conhecida pelos seus frutos comestíveis e pela importância na alimentação de animais de pasto. É uma planta perene que pode atingir até 80 cm de altura. Possui folhas trifoliadas (compostas por três folíolos) com marcas claras que as tornam facilmente reconhecíveis. As flores são pequenas, de cor rosa a roxa, agrupadas em inflorescências em forma de cabeça esférica. A planta cresce em solos férteis e bem drenados, sendo muito comum em prados, campos de pastagem e áreas agrícolas. É uma planta melífera, atraindo polinizadores como abelhas. O fruto é uma vagem que contém várias sementes pequenas.

Curiosidades: O trevo-dos-prados é amplamente utilizado na alimentação animal, sendo uma importante planta forrageira em pastagens. As suas flores são ricas em néctar e, por isso, são uma excelente fonte de mel. Para os seres humanos, o trevo tem sido utilizado em remédios tradicionais para aliviar problemas respiratórios e circulatórios, devido às suas propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes. As suas folhas também são comestíveis, podendo ser utilizadas em saladas ou como complemento alimentar. Além disso, o trevo-dos-prados tem um papel importante na agricultura sustentável, pois ajuda a fixar o azoto no solo, melhorando a fertilidade do terreno.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: É possível que o trevo-dos-prados tenha sido utilizado pelas comunidades castrejas, especialmente em práticas agrícolas. Sendo uma planta de fácil cultivo e com um papel importante na alimentação do gado, o trevo poderia ter sido cultivado nas áreas de pastagem, sendo utilizado para melhorar a fertilidade do solo e como alimento para os animais. A sua utilização como remédio popular também pode ter sido conhecida pelas comunidades castrejas, que tinham um vasto conhecimento das plantas medicinais locais. A presença do trevo pelo sítio da Citânia de Sanfins, bem como na paisagem, poderia também ter um simbolismo de prosperidade e saúde, associado à boa colheita e ao bem-estar das comunidades.

Referências Bibliográficas e WEB:

- Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 223.
- Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.
- Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Trifolium+pratense+subsp+pratense> Última consulta: dezembro 2024
- Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.
- Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 50.
- Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Trifolium_pratense_subesp_pratense_var_pratense Última consulta: dezembro 2024
- Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.
- Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Trifolium_pratense Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de João Santos.

Trevo-branco (*Trifolium repens* L. 1753)



Nome Comum: Trevo-branco

Nome Científico: *Trifolium repens*

Família: *Fabaceae* (família das leguminosas, que inclui espécies conhecidas pela sua capacidade de fixar azoto no solo através de uma relação simbiótica com bactérias do género *Rhizobium*).

Descrição: Uma planta herbácea rasteira, facilmente reconhecida pelas suas folhas trifoliadas e flores brancas, muito comum em prados e pastagens. O trevo-branco é uma planta herbácea perene que forma um denso tapete vegetal rasteiro, com caules que se enraízam nos nós. As suas folhas trifoliadas apresentam frequentemente marcas claras em forma de "V". As flores, de cor branca a levemente rosada, estão dispostas em capítulos arredondados e florescem entre a primavera e o final do verão. Esta planta é extremamente adaptável e prefere solos bem drenados e ricos em nutrientes, sendo frequentemente encontrada em prados, margens de caminhos e pastagens. Além disso, o trevo-branco é uma excelente fonte de forragem para o gado.

Curiosidades: O trevo-branco é amplamente cultivado como planta forrageira devido ao seu alto valor nutritivo e à capacidade de enriquecer o solo com azoto. É também associado à boa sorte na sua variante rara de quatro folhas. Em várias culturas, o trevo simboliza a fé, a esperança, o amor e a sorte. A planta é frequentemente usada em jardins para cobertura do solo devido à sua capacidade de prevenir a erosão e melhorar a fertilidade do solo. Além disso, as suas flores são muito atrativas para abelhas e outros polinizadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O trevo-branco, com a sua presença comum em pastagens e áreas abertas, teria sido uma planta familiar às comunidades castrejas. A sua capacidade de enriquecer o solo e de servir como alimento para o gado pode ter sido valorizada na gestão das práticas agrícolas e de criação de animais. Além disso, o simbolismo associado às folhas do trevo poderia ter desempenhado um papel em rituais ou crenças locais, sobretudo na vertente de ligação à fertilidade da terra e à prosperidade da comunidade.

Referências Bibliográficas e WEB:

Allen, O. N., & Allen, E. K. (1981). *The Leguminosae: A Source Book of Characteristics, Uses, and Nodulation*. Madison: University of Wisconsin Press.

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Trifolium+repens> Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 51.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Trifolium_repens_var_repens. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Trifolium_repens. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de João Santos.

Tuberária-mosqueada (*Tuberaria guttata* (L.)
Fourr. 1868)



Nome Comum: Tuberária-mosqueada

Nome Científico: *Tuberaria guttata*

Família: *Cistaceae* (família das cistáceas, que inclui plantas como as tuberárias e o sargaço-das-serras, caracterizadas por flores grandes e vistosas, frequentemente com propriedades adaptadas a solos secos e áridos).

Descrição: Planta herbácea comum em solos secos e pedregosos, conhecida pelas suas flores vibrantes e pela capacidade de se adaptar a ambientes áridos. A tuberária-mosqueada é uma planta que pode atingir entre 30 a 60 cm de altura. Apresenta folhas opostas, lanceoladas e de margens inteiras. As flores, que surgem no final da primavera e início do verão, são de cor amarela, com manchas vermelhas ou laranja na base das pétalas, o que confere à planta o seu nome "mosqueada". A planta cresce preferencialmente em solos secos e pedregosos, sendo comum em áreas de vegetação mediterrânica e regiões de clima quente e seco. Os frutos são cápsulas que contêm sementes pequenas e muitas vezes são dispersos pelo vento.

Curiosidades: A tuberária-mosqueada é uma planta resistente à seca, adaptada a solos pobres e pedregosos, e pode ser encontrada em muitas áreas de Portugal, particularmente em regiões mediterrânicas. As suas flores são bastante apreciadas pela sua cor vibrante e pelo seu papel na atração de polinizadores, como abelhas e borboletas. A planta também tem propriedades ornamentais e é utilizada em jardins de baixo consumo de água devido à sua capacidade de sobreviver em condições áridas. Embora não seja amplamente conhecida no uso medicinal, a sua família (*Cistaceae*) é composta por várias plantas com propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A tuberária-mosqueada, como parte da flora nativa, poderia ter sido conhecida pelas comunidades castrejas, principalmente devido à sua capacidade de resistir a ambientes áridos, o que a tornaria útil em práticas agrícolas ou como planta ornamental. As comunidades castrejas, que habitavam regiões de solos secos e clima quente, provavelmente utilizavam plantas como a tuberária para fins simbólicos, talvez associando-a a rituais de resistência e fertilidade, características importantes na sua visão do mundo. A atração de polinizadores e o uso de plantas ornamentais também podem ter tido um significado cultural ou religioso nas suas comunidades.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Xolantha+guttata>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jbutad.pt/especie/Tuberaria_guttata. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/tuberaria-guttata>. Última consulta: dezembro 2024

Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tuberaria_guttata. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Luís Cunha.

<p>Umbigo-de-vénus (<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy 1948)</p>	
<p>Nome Comum: Umbigo-de-vénus Nome Científico: <i>Umbilicus rupestris</i></p>	
<p>Família: <i>Crassulaceae</i> (família das crassuláceas, que inclui plantas suculentas e resistentes à seca, como as <i>sedums</i> e os <i>jade</i>, caracterizadas por folhas carnosas que armazenam água).</p>	
<p>Descrição: Planta herbácea suculenta, comum em paredes rochosas e fendas de rocha, conhecida pelo seu formato peculiar e pelas suas propriedades medicinais. O umbigo-de-vénus é uma planta suculenta que cresce até cerca de 30 cm de altura. As suas folhas são grandes, arredondadas e espessas, com um formato que lembra um umbigo, daí o seu nome comum. As folhas formam uma roseta basal e são de cor verde-escura, com margens finamente dentadas. As flores são pequenas, de cor verde-amarelada, e surgem no verão, dispostas em inflorescências em forma de racemo. A planta é comum em habitats rochosos, como muros, paredes de pedra e fendas de rocha, onde as condições de secura são prevalentes. O umbigo-de-vénus é uma planta resistente e adapta-se bem a locais com pouca terra e expostos ao sol direto.</p>	
<p>Curiosidades: O umbigo-de-vénus é uma planta comestível, cujas folhas jovens podem ser consumidas em saladas ou utilizadas em infusões. Na medicina popular, as folhas eram usadas para tratar feridas e para aliviar problemas digestivos. A planta tem uma enorme capacidade de adaptação a ambientes secos e rochosos, o que a torna ideal para jardins de baixo consumo de água e para as zonas mais áridas. É também uma planta que se reproduz com facilidade, propagando-se por sementes e por fragmentação das folhas. Embora não seja amplamente cultivada, o umbigo-de-vénus tem um apelo estético devido à sua forma peculiar e ao seu crescimento vistoso nas fendas de rochas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O umbigo-de-vénus poderia ter sido utilizado pelas comunidades castrejas em práticas medicinais, dada a sua presença em terrenos rochosos e de difícil acesso. A planta, com as suas propriedades cicatrizantes e digestivas, poderia ter sido parte do conhecimento tradicional utilizado pelas comunidades para tratar feridas e problemas gástricos. Além disso, o seu formato peculiar, lembrando um umbigo, poderia ter algum simbolismo associado à fertilidade ou ao renascimento nas crenças das comunidades castrejas, com plantas de formas únicas frequentemente sendo associadas a aspetos simbólicos ou espirituais. Como planta resistente, poderia também ter tido uma associação com a adaptação e a sobrevivência em ambientes adversos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. ... Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Umbilicus+rupestris. Última consulta: dezembro 2024 Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 52. Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/umbigo-de-venus. Última consulta: dezembro 2024 Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/steps4life/steps4life-biodiversidade/steps4life-flora/item/umbigos-de-venus. Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbilicus_rupestris. Última consulta: dezembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p>	

Valeriana anual (*Centranthus calcitrapae* (L.) Dufur.
1811)



Nome Comum: Valeriana Anual

Nome Científico: *Centranthus calcitrapae*

Família: *Valerianaceae* (família das valerianas, que inclui plantas herbáceas perenes ou anuais, geralmente com flores pequenas agrupadas em inflorescências, adaptadas a terrenos secos ou rochosos).

Descrição: Planta herbácea, comum em áreas de cultivo abandonado, terras rochosas e regiões de clima temperado, conhecida pelas suas flores rosadas e pela sua resistência a solos secos. A valeriana anual é uma planta que pode atingir até 60 cm de altura. As suas folhas são lanceoladas e de margens dentadas, dispostas ao longo do caule. As flores, que surgem durante a primavera e o verão, são pequenas e de cor rosada ou vermelha, reunidas em inflorescências que formam cachos no topo do caule. A planta é encontrada principalmente em solos secos, rochosos e em zonas de vegetação mediterrânica, sendo uma espécie que prefere áreas de cultivo abandonado, margens de estradas e terrenos de difícil acesso. A valeriana anual é resistente a períodos de seca, o que a torna uma espécie adaptada a ambientes áridos e expostos ao sol direto.

Curiosidades: As flores da valeriana anual são muito atraentes para polinizadores como abelhas e borboletas, tornando-a uma planta valiosa para a biodiversidade local. Além de ser ornamental, a planta possui propriedades medicinais, sendo tradicionalmente usada para tratar distúrbios do sistema nervoso, como ansiedade e insónia, devido às suas qualidades calmantes. Embora não seja tão conhecida como outras espécies do género *Centranthus*, a valeriana anual tem sido valorizada em algumas culturas pelo seu uso em chás e infusões. É uma planta de fácil cultivo, apreciada em jardins pela sua capacidade de florescer em solo seco e a sua resistência à seca.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A valeriana anual, como muitas plantas com propriedades medicinais, pode ter sido conhecida pelas comunidades castrejas, especialmente pelo seu uso potencial em práticas terapêuticas. A capacidade da planta para crescer em solos áridos e em locais difíceis poderia tê-la tornado útil para as comunidades castrejas, que frequentemente enfrentavam desafios agrícolas em terrenos menos férteis. As propriedades calmantes da valeriana poderiam ter sido aproveitadas em rituais relacionados com o descanso ou com práticas curativas. Além disso, a planta, sendo uma flor atraente para polinizadores, poderia ter simbolizado no contexto castrejo a relação com a natureza e a fertilidade, temas comuns nas crenças de povos que valorizavam o equilíbrio com o ambiente natural.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/#1Centranthus+calcitrapae>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Centranthus_calcitrapae_subesp_calcitrapae. Última consulta: dezembro 2024

Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centranthus_calcitrapae. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Luís Cunha.

Arbustos (descrição por espécie)

Os arbustos são uma parte importante da paisagem da Citânia de Sanfins, e são encontrados em diferentes partes deste sítio. Estes pequenos arbustos têm sido uma fonte de fascínio e inspiração para muitos, e as suas características únicas e adaptações têm permitido que eles sejam bem-sucedidos e essenciais em diferentes tipos de habitats.

Os arbustos são plantas perenes que têm um caule lenhoso, mas não têm um tronco duro e resistente como as árvores. Eles podem crescer em diferentes altitudes e climas, e são encontrados em diferentes habitats, desde florestas até prados e campos.

Os arbustos têm sido uma parte importante da história e cultura da região, desde os tempos castrejos até ao presente. Eles foram utilizados para fins medicinais, culinárias e religiosos, e foram também utilizados como fonte de combustível e materiais de construção.

A Citânia de Sanfins é um local rico em biodiversidade, e os arbustos são uma parte importante desse património natural. Os seis arbustos que vamos destacar em seguida - Giesta-branca, Maias ou giesta-das-serras, Sargaço-das-serras, Tojo-arnal - são apenas alguns exemplos das muitas espécies que podem ser encontradas no local.

Os arbustos têm uma importância especial na cultura e na história da região, e são uma parte integral do património cultural da Citânia de Sanfins. Eles foram utilizados por diferentes culturas e sociedades ao longo da história, e continuam a ser uma fonte de inspiração e sustento para muitos.

<p>Codesso (<i>Adenocarpus lainzii</i> (Castrov.) Castrov. 1999)</p>	
<p>Nome Comum: Codesso Nome Científico: <i>Adenocarpus lainzii</i></p>	
<p>Família: <i>Fabaceae</i> (Família das Leguminosas)</p>	
<p>Descrição: O Codesso é um arbusto perene que cresce em solos secos e pedregosos. Tem um caule lenhoso, com uma altura máxima até 3 metros. As folhas são compostas por 3-5 folíolos lanceolados, com margens serradas e ápices agudos. O Codesso é encontrado em solos secos e pedregosos, em áreas com pouca vegetação e em prados e campos. Trata-se de um arbusto com forte presença em toda a área do sítio da Citânia de Sanfins</p>	
<p>Curiosidades: O Codesso é uma espécie endémica da Península Ibérica, importante na biodiversidade da região. É uma fonte de alimento e de abrigo para muitas espécies de animais e é também um indicador da qualidade do solo. É uma espécie pioneira desenvolvendo-se com vigor em áreas perturbadas, como por exemplo, após o corte de vegetação ou movimentação do solo.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a documentação existente seja insuficiente para comprovar que o codesso tenha servido para determinado tipo de uso, em concreto, o codesso foi provavelmente utilizado pelas comunidades castrejas e romanas como fonte de alimento e medicamento. As sementes do codesso podem ser utilizadas para fazer uma bebida fermentada, enquanto as folhas servem para fazer uma infusão medicinal.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Castroviejo, S. (1986). <i>Adenocarpus lainzii</i>. In: Castroviejo, S. (ed.), <i>Flora iberica</i>, vol. 1, pp. 123-124. Madrid: Real Jardín Botánico. Flora-On: https://flora-on.pt/#/1Adenocarpus+lainzii Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 62.</p> <p>Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Adenocarpus_lainzii Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Lainz, R. (1963). <i>Adenocarpus lainzii</i>. In: Lainz, R. (ed.), <i>Flora de la península ibérica</i>, vol. 1, pp. 123-124. Madrid: Instituto Nacional de Investigaciones Agrarias.</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/adenocarpus-lainzii. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Parque Biológico de Gaia, Orlas Naturais dos Bosques: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/habitats/item/orlas-naturais-dos-bosques. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Giesta-branca (*Cytisus multiflorus* (L'Her.) Sweet.
1826)



Nome Comum: Giesta-branca

Nome Científico: *Cytisus multiflorus*

Família: *Fabaceae* (família das leguminosas, que inclui plantas como feijões, lentilhas e ervilhas).

Descrição: A giesta-branca é um arbusto comum em florestas mediterrânicas, reconhecido pela sua beleza floral e resistência a secas. O arbusto giesta-branca é uma planta perene que pode atingir até 2 metros de altura. Tem folhas compostas com 10–20 folíolos, e flores brancas ou amarelas em forma de espigas. É uma planta adaptada a solos secos e rochosos, encontrando-se frequentemente em florestas mediterrânicas.

Curiosidades: A giesta-branca é uma planta muito apreciada pelas suas flores, que são utilizadas para fazer coroas e decorações. Além disso, é uma planta importante para a biodiversidade, pois serve de alimento e de abrigo para muitas espécies de insetos e pequenos mamíferos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A giesta-branca seria, talvez, uma planta muito valorizada pelas comunidades castrejas e romanas que habitaram a Citânia. Esta planta possui diferentes tipos de aplicações medicinais, pelas suas propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e diuréticas. Tradicionalmente, ainda é usada para tratar inflamações das mucosas, como rouquidão, afonia e feridas. A sua madeira poderá ter sido utilizada para fazer ferramentas e utensílios, ou até mesmo servido como material de cobertura dos tetos das habitações e cómodos castrejos, enquanto as suas flores podem ter sido utilizadas para fazer coroas e decorações para rituais e festins. Além disso, a planta era considerada sagrada por muitas culturas anteriores, associada a rituais de fertilidade e proteção.

Referências bibliográficas e WEB:

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Cytisus+multiflorus>. Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Dicionario de botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 64.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Cytisus_multiflorus. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/cytisus-multiflorus>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, L. (1997). Flora de Portugal. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Wikipédia en: https://en.wikipedia.org/wiki/Cytisus_multiflorus. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Luís Cunha.

<p>Maias ou Giesta-das-Serras (<i>Cytisus striatus</i> (Hill) Rothm. 1944)</p>	
<p>Nome Comum: Maias ou Giesta-das-Serras Nome Científico: <i>Cytisus striatus</i></p>	
<p>Família: <i>Fabaceae</i> (família das leguminosas, que inclui arbustos e árvores capazes de fixar azoto no solo, contribuindo para a fertilidade e a regeneração de ecossistemas).</p>	
<p>Descrição: Planta arbustiva conhecida pela sua floração amarela exuberante na primavera, frequentemente utilizada em celebrações tradicionais e para delimitação de terrenos. A giesta-das-serras é um arbusto perene que pode atingir um pouco mais de 2 metros de altura. Os seus ramos são densos e eretos, com folhas simples ou trifoliadas, de cor verde-acinzentada. A floração ocorre na primavera, quando a planta se cobre de flores amarelas intensamente perfumadas. É comum em solos pobres e ácidos, adaptando-se bem a áreas montanhosas, matagais e margens de caminhos. A planta desempenha um papel ecológico importante, protegendo o solo da erosão e servindo como abrigo e fonte de alimento para várias espécies de insetos e aves.</p>	
<p>Curiosidades: As flores da giesta-das-serras, conhecidas como maias, são tradicionalmente utilizadas no Dia das Maias (1 de maio), sendo penduradas nas portas e janelas para afastar maus espíritos e trazer prosperidade. Além disso, a planta era amplamente usada no passado como combustível e na construção de vedações e tetos de habitações rudimentares devido à sua madeira resistente. Em algumas regiões, os ramos secos eram usados para confeccionar vassouras rústicas, conhecidos como barriscos. A giesta é também apreciada pelas abelhas, sendo uma excelente fonte de néctar.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As comunidades castrejas certamente valorizaram a giesta-das-serras como recurso natural. A sua madeira poderia ter sido usada na construção de habitações e ferramentas, e os ramos para combustíveis ou vedações. As flores amarelas, associadas a celebrações de primavera, poderiam ter desempenhado um papel simbólico em rituais de fertilidade e renovação, reforçando a ligação das comunidades castrejas à natureza e aos ciclos da terra. A resistência da planta a solos pobres e encostas íngremes reflete a resiliência destas populações em ambientes difíceis.</p>	
<p>Referências bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). <i>Flora Iberica</i>. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Cytisus+striatus. Última consulta: dezembro 2024 Font Quer, P. (1979). <i>Diccionario de Botánica</i>. Barcelona: Editorial Labor. Font Quer, P. (1979). <i>Diccionario de botánica</i>. Barcelona: Editorial Labor. Jardim Botânico da UTAD: https://jbutad.pt/especie/Cytisus_striatus. Última consulta: dezembro 2024 Pereira, H. M., Domingos, T., & Vicente, L. (2013). <i>Ecossistemas e Bem-estar Humano em Portugal: Avaliação para o Millennium Ecosystem Assessment</i>. Lisboa: Escolar Editora. Silva, L. (1997). <i>Flora de Portugal</i>. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Silva, L. (1997). <i>Flora de Portugal</i>. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Wikipédia: https://en.wikipedia.org/wiki/Cytisus_striatus. Última consulta: dezembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Saxifraga-Piet Zomerdijk.</p>	

<p>Sargaço-das-Serras (<i>Halimium lasianthum</i> (Lam.) Spach. 1836)</p>	
<p>Nome Comum: Sargaço-das-Serras Nome Científico: <i>Halimium lasianthum</i></p>	
<p>Família: <i>Cistaceae</i> (família dos sargaços, que inclui plantas como o sargaço-das-serras e o sargaço-marinho).</p>	
<p>Descrição: O sargaço-das-serras é um arbusto comum em florestas mediterrânicas e montanhosas, reconhecido pela sua beleza floral e resistência a secas. O arbusto sargaço-das-serras é uma planta perene que pode atingir até 2 metros de altura. Tem folhas simples e lanceoladas, e flores amarelas ou brancas em forma de cálices. É uma planta adaptada a solos secos e rochosos, que pode ser encontrada pela vasta área que envolve a Citânia de Sanfins.</p>	
<p>Curiosidades: O sargaço-das-serras é uma planta muito apreciada pelas suas flores, que são utilizadas para fazer coroas e decorações. Além disso, é uma planta importante para a biodiversidade, pois é um importante alimento para muitas espécies de insetos e pequenos mamíferos.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Provavelmente, o sargaço-das-serras era uma planta muito valorizada pelas comunidades castrejas e romanas que habitaram a Citânia. A sua madeira era utilizada para fazer ferramentas e utensílios e outros materiais para o quotidiano das pessoas. As suas flores poderiam ter sido utilizadas para fazer coroas e decorações para rituais e festividades. Além disso, a planta era considerada sagrada por muitas culturas anteriores, associada a rituais de fertilidade e proteção.</p>	
<p>Referências bibliográficas e WEB:</p> <p>Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Halimium+lasianthum+subsp+lasianthum. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Font Quer, P. (1979). Dicionario de botánica. Barcelona: Editorial Labor.</p> <p>Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Halimium_lasianthum_subesp_lasianthum. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p> <p>Silva, L. (1997). Flora de Portugal. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.</p> <p>Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Halimium_lasianthum_subsp_lasianthum. Última consulta: dezembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p>	

<p>Silva-brava (<i>Rubus ulmifolius</i> Schott. 1818)</p>	
<p>Nome Comum: Silva-brava Nome Científico: <i>Rubus ulmifolius</i></p>	
<p>Família: <i>Rosaceae</i> (família das rosáceas, que inclui plantas como as framboesas, morangos e espinheiros, caracterizadas por flores com cinco pétalas e frutos, frequentemente comestíveis, em forma de drupas ou agregados).</p>	
<p>Descrição: Planta espinhosa comum em matos e margens de caminhos, reconhecido pelos seus frutos comestíveis e pelas suas propriedades medicinais. <i>Rubus ulmifolius</i> pode atingir entre 1 a 3 metros de altura. As suas folhas são grandes, alternadas e com bordos serrilhados, apresentando um formato semelhante ao da ulmeira, o que justifica o epíteto específico "<i>ulmifolius</i>". As flores surgem na primavera e são pequenas, brancas ou rosadas, dispostas em inflorescências compostas. O fruto é uma amora, de cor vermelha, que amadurece no final do verão e início do outono. A planta cresce em terrenos húmidos e bem drenados, sendo comum em matos, margens de caminhos, clareiras e bosques. Apresenta espinhos afiados nas hastes e ramos.</p>	
<p>Curiosidades: A silva-brava é bem conhecida pelos seus frutos comestíveis, as amoras, que são apreciadas frescas, em compotas ou em diversas preparações culinárias. Além disso, as folhas e raízes da planta têm propriedades medicinais, sendo utilizadas na medicina popular para tratar problemas digestivos, inflamações e doenças da pele. A planta também é importante para a biodiversidade local, servindo de alimento para várias espécies de aves e mamíferos, bem como abrigo para pequenos animais. Os espinhos da planta, embora possam ser incómodos para quem os manuseia, desempenham um papel importante na proteção da planta contra herbívoros.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A silva-brava pode ter tido um papel importante nas práticas alimentares e medicinais das comunidades castrejas. As amoras provavelmente eram consumidas frescas ou processadas para conservas, sendo uma fonte importante de vitaminas e nutrientes durante os meses de verão e outono. Além disso, as folhas e raízes poderiam ter sido usadas em infusões ou pomadas para tratar doenças comuns, como infecções ou inflamações. O arbusto espinhoso, que forma sebes naturais, também poderia ter servido como proteção para os campos agrícolas ou para delimitar propriedades, um uso prático que teria sido valorizado pelas comunidades castrejas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 57. Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 45. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Rubus_ulmifolius_var_ulmifolius Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/rubus-ulmifolius Última consulta: dezembro 2024 Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Tojo-arnal (*Ulex europaeus* L. subsp. *latebracteatus* (Mariz) Rothm. 1941)



Nome Comum: Tojo-arnal

Nome Científico: *Ulex europaeus*

Família: *Fabaceae* (família das leguminosas, conhecida pela sua capacidade de fixar azoto no solo, o que contribui para a regeneração de ecossistemas em áreas degradadas).

Descrição: Arbusto espinhoso, amplamente reconhecido pelas suas flores amarelas intensas, que marcam a paisagem das serras e matos portugueses. O tojo-arnal é uma planta perene, densamente ramificado, que pode atingir até 2 metros de altura. As folhas jovens são pequenas e transformam-se rapidamente em espinhos rígidos, uma adaptação para reduzir a perda de água. As flores amarelas, perfumadas, surgem predominantemente na primavera, mas podem aparecer durante quase todo o ano em condições favoráveis. A planta prefere solos pobres, ácidos e bem drenados, sendo comum em matos, clareiras de bosques e encostas rochosas. É resistente a condições adversas, como secas prolongadas e pastoreio.

Curiosidades: O tojo-arnal é uma planta típica das paisagens atlânticas, frequentemente associada ao ciclo tradicional da agricultura em Portugal. Os seus ramos eram usados como forragem para animais e como combustível nas lareiras. Os espinhos do tojo foram também usados para criar barreiras naturais, protegendo culturas e delimitações de terrenos. Apesar de ser resistente e invasivo em algumas regiões, desempenha um papel ecológico importante como abrigo para a fauna, especialmente aves, e como fonte de néctar para polinizadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Nas comunidades castrejas, o tojo-arnal teria sido um recurso multifuncional. A sua madeira e ramos secos eram provavelmente usados para alimentar fogueiras e confeccionar utensílios rústicos. A planta também poderia servir como barreira natural para proteger as áreas agrícolas e os animais dos predadores. Além disso, a floração do tojo, tão marcante na paisagem, poderia estar ligada a crenças de renovação ou ciclos naturais, refletindo a forte ligação das populações castrejas ao ambiente que as rodeava.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gaspeldoorn, Saxifraga-Jan van der Straaten.

Botelho F. (2022). Flores que se comem, Espontâneas e Cultivadas. Coleção Paisagens Comestíveis. Dinalivro. Lisboa. Pág. 221

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Ulex+europaeus> Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Fundação Calouste Gulbenkian, Jardim Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/tojo> Última consulta: dezembro 2024

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 65.

Porto, D., & Carvalho, L. (2004). *Plantas e Paisagens de Portugal*. Porto: Afrontamento.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, L. (1997). *Flora de Portugal*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ulex_europaeus Última consulta: dezembro 2024

<p>Torga, urze ou queiró (<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull 1808)</p>	
<p>Nome Comum: Torga, urze, queiró Nome Científico: <i>Calluna vulgaris</i></p>	
<p>Família: <i>Ericaceae</i> (família das ericáceas, que inclui plantas como as urzes, mirtilos e azáleas, que habitam tipicamente solos ácidos e podem ser arbustos ou pequenas árvores).</p>	
<p>Descrição: Planta comum em terrenos ácidos e turfos, muito característica da paisagem de matos e charnecas, especialmente no norte e centro de Portugal. A torga, ou urze, é um arbusto perene que pode atingir até 1 metro de altura. As suas folhas são pequenas, estreitas e escamas, adaptadas à resistência em ambientes secos e frios. As flores, que aparecem no final do verão e início do outono, são pequenas, de cor rosada a violeta, dispostas em inflorescências em forma de espiga. A planta é adaptada a solos pobres e ácidos, crescendo frequentemente em áreas de charnecas e matos, especialmente em regiões de clima temperado e montanhoso. A urze é conhecida por formar grandes extensões de matos, especialmente em áreas de montanha, sendo uma planta resistente à seca e ao frio. O seu fruto é uma cápsula que contém pequenas sementes.</p>	
<p>Curiosidades: A urze tem uma grande importância na medicina popular, sendo utilizada em infusões e preparações para aliviar problemas respiratórios e digestivos. Além disso, as suas flores são melíferas, o que significa que são uma excelente fonte de néctar para as abelhas. O mel produzido a partir da urze é muito apreciado devido ao seu sabor único e forte. A urze também tem um valor cultural significativo, sendo utilizada para confeccionar cestos, vassouras e até colchões. Historicamente, a urze foi usada para criar biomassa, sendo que as suas fibras são bastante resistentes.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A urze provavelmente desempenhou um papel importante na vida das comunidades castrejas, tanto do ponto de vista prático quanto simbólico. A sua madeira era utilizada para fazer ferramentas e utensílios, e as suas fibras poderiam ser empregadas na confecção de objetos utilitários, como cestos e vassouras. As flores poderiam também ter sido utilizadas para fins ornamentais ou para rituais, dado o seu simbolismo de renovação e resistência. No contexto agrícola, a urze também poderia ser um indicativo de terrenos pouco cultiváveis, mas que serviam de pastagem ou de recursos para a medicina tradicional.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.</p> <p>Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 38.</p> <p>Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Calluna_vulgaris. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermas/calluna-vulgaris. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p> <p>Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Calluna_vulgaris. Última consulta: dezembro 2024</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

Urze-roxa (*Erica cinerea* L. 1753)



Nome Comum: Urze-roxa

Nome Científico: *Erica cinerea*

Família: *Ericaceae* (família das ericáceas, que inclui plantas como as urzes, mirtilos e azáleas, com adaptações a solos ácidos e condições climáticas severas, frequentemente encontradas em áreas de clima mediterrânico e temperado).

Descrição: Planta característica de áreas de mato e terrenos ácidos, reconhecida pelas suas flores coloridas e pela sua adaptação a ambientes secos e pobres em nutrientes. A urze-roxa é um pequeno arbusto perene que atinge até 60 cm de altura. As suas folhas são pequenas, estreitas e dispostas em espiral, com uma textura espessa e coriácea, o que permite à planta resistir à desidratação. As flores, que surgem no verão, são pequenas e de cor rosa a roxa, dispostas em inflorescências em forma de racemo. Esta planta é encontrada tipicamente em solos ácidos, secos e rochosos, sendo uma das espécies mais comuns em matos mediterrânicos e regiões montanhosas. A urze-roxa é adaptada a condições de pobreza nutricional e é capaz de sobreviver em terrenos difíceis, formando densos tapetes de vegetação que oferecem abrigo a várias espécies de insetos e pequenos animais.

Curiosidades: A urze-roxa é uma planta melífera, ou seja, as suas flores são uma excelente fonte de néctar para as abelhas, o que a torna uma importante planta no ecossistema para a produção de mel. Além disso, a urze tem propriedades ornamentais, sendo muito apreciada em jardins de plantas de baixo consumo de água. Na medicina tradicional, algumas espécies do género *Erica* têm sido utilizadas para tratar problemas respiratórios e urinários, embora a urze-roxa não seja amplamente estudada para fins medicinais. A planta também é valorizada em práticas de jardinagem, especialmente em áreas de paisagens naturais ou em jardins de estilo mediterrânico.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A urze-roxa, sendo uma planta comum em terrenos rochosos e de clima mediterrânico e montanhoso, teria sido certamente conhecida pelas comunidades castrejas. Embora não haja documentação direta sobre o uso da urze-roxa especificamente, plantas do género *Erica* eram provavelmente valorizadas pelas suas propriedades adaptativas e simbólicas. Na cultura castreja, a urze pode ter sido associada a práticas agrícolas ou utilizadas em rituais, como muitas outras plantas com flores vibrantes e resistentes. Em ambientes difíceis, onde o solo era pobre e o clima era severo, as plantas como a urze-roxa poderiam simbolizar resistência e renovação, conceitos importantes nas crenças das comunidades castrejas. Além disso, as suas propriedades como planta melífera e como fonte de abrigo para a fauna local provavelmente contribuíam para o seu valor ecológico e cultural.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). Flora Iberica. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Erica+cinerea> Última consulta: dezembro 2024

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 40.

Jardim Botânico da UTAD: https://jbutad.pt/especie/Erica_cinerea Última consulta: dezembro 2024

Rivas-Martínez, S. (2011). Biogeografía y Ecología de la Flora de España. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Erica_cinerea Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Rode dophei, Saxifraga-Ed Stikvoort.

Árvores (descrição por espécie)

A Citânia de Sanfins é um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, localizado no nordeste de Portugal. Durante a investigação de campo, foi possível inventariar cerca de 5 árvores que se encontram no local, incluindo espécies nativas e não nativas. Embora o eucalipto (*Eucalyptus globulus*) não seja uma espécie nativa do local, encontra-se com alguma expressão no sítio e foi decidido incluí-lo neste catálogo para que os visitantes possam ter informações sobre esta espécie.

As árvores presentes no sítio da Citânia de Sanfins são testemunhas do passado e da história do local, desde o período castrejo até aos dias de hoje. Estas árvores não só fornecem serviços de ecossistema importantes, como a produção de oxigénio, abrigo e alimentação para muitos animais, a fixação de carbono e a proteção do solo, mas também têm um valor cultural e histórico significativo.

O património natural local é um recurso valioso para o turismo sustentável e a valorização do património natural é fundamental para a preservação e salvaguarda destes elementos arbóreos. Neste catálogo, apresentamos as árvores inventariadas no sítio da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre as suas características, serviços de ecossistema e importância para o turismo sustentável e a preservação do património natural local.

Carvalho-galego (*Quercus orocantabrica* Rivas.
2002)



Nome Comum: Carvalho-galego

Nome Científico: *Quercus orocantabrica*

Família: *Fagaceae* (família que inclui carvalhos, castanheiros e faias, caracterizada por árvores e arbustos caducifólios ou perenifólios, com frutos em forma de bolota).

Descrição: Árvore robusta e emblemática das florestas autóctones da Península Ibérica, amplamente reconhecida pela sua madeira resistente e pela importância ecológica dos seus frutos (bolotas). O carvalho-galego é uma árvore caducifólia que pode atingir 25 a 30 metros de altura, com copa ampla e tronco robusto revestido por uma casca rugosa. As folhas são lobadas, de cor verde-escura na parte superior e mais clara na inferior, caindo no outono. As bolotas, os seus frutos, são importantes fontes de alimento para a fauna local, como javalis, veados e aves. Prefere solos profundos e bem drenados, sendo comum em bosques de clima temperado e húmido. Esta espécie é característica das regiões montanhosas do noroeste da Península Ibérica.

Curiosidades: A madeira do carvalho-galego é muito apreciada pela sua resistência e durabilidade, sendo tradicionalmente usada na construção de edifícios, móveis e barris para envelhecimento de vinhos e bebidas espirituosas. As bolotas eram um alimento básico para as populações antigas, sendo consumidas assadas ou moídas para fazer farinha. Além disso, esta árvore desempenha um papel crucial no ecossistema, contribuindo para a estabilidade dos solos, o sequestro de carbono e o suporte da biodiversidade.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O carvalho-galego era considerado sagrado pelos povos castrejos e celtas, associado a rituais de fertilidade, proteção e ligação com os deuses da natureza. As bolotas constituíam uma fonte alimentar importante, tanto para as comunidades humanas como para os seus animais. A madeira era utilizada na construção de habitações, paliçadas e ferramentas, destacando-se como um recurso essencial para a subsistência e o desenvolvimento das populações que habitavam a Citânia de Sanfins. As florestas de carvalhos também forneciam abrigo e proteção, sendo integradas no imaginário cultural destas comunidades.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Câmara Municipal de Viana do Castelo, Bioregisto: <https://ambiente.cm-viana-castelo.pt/bioregisto/quercus-robur>. Última consulta: dezembro 2024

Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Costa, J. C., Neto, C., & Aguiar, C. (1999). *Carvalhais em Portugal: Ecologia e Conservação*. Lisboa: ISA Press.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Jardim Botânico da UTAD: <https://jbutad.pt/especie/Quercus-orocantabrica-x-petraea>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

<p>Carvalho-negral (<i>Quercus pyrenaica</i> Willd. 1805)</p>	
<p>Nome Comum: Carvalho-negral Nome Científico: <i>Quercus pyrenaica</i></p>	
<p>Família: <i>Fagaceae</i> (família que inclui árvores de grande importância ecológica e económica, como carvalhos, castanheiros e faias, reconhecidas pelos seus frutos em bolota e pela robustez das suas madeiras).</p>	
<p>Descrição: Uma árvore resistente e de folha caduca, típica de regiões montanhosas e amplamente valorizada pela sua madeira e papel ecológico. O carvalho-negral é uma árvore caducifólia que pode atingir até 25 metros de altura, com tronco de casca grossa e fendida. As folhas são profundamente lobadas, cobertas de pelos na parte inferior e de coloração verde-escura. As bolotas amadurecem no outono, sendo uma importante fonte de alimento para a fauna local. Prefere solos ácidos e arenosos e é característico de climas mais secos e frios, adaptando-se bem a áreas montanhosas. Os bosques de carvalho-negral são ecossistemas ricos em biodiversidade, providenciando sombra e abrigo para inúmeras espécies.</p>	
<p>Curiosidades: A madeira do carvalho-negral é usada tradicionalmente como lenha e para a produção de carvão vegetal devido à sua alta densidade. Embora menos valorizadas hoje, as bolotas eram utilizadas no passado como alimento humano (farinha e pão) e animal. Esta espécie apresenta uma grande resiliência ao fogo, rebrotando rapidamente após incêndios, o que lhe confere um papel importante na recuperação de habitats degradados.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O carvalho-negral desempenhava um papel fundamental nas comunidades castrejas, tanto como fonte de madeira para construção de habitações e paliçadas, como de combustível para os fogos que aqueciam os lares. As bolotas eram uma importante reserva alimentar, processadas para produção de farinha. Os bosques de carvalhos, com o seu significado simbólico e utilitário, também forneciam abrigo, madeira e uma ligação espiritual à natureza, frequentemente representados em rituais e mitos dos povos celtas e castrejos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986-2021). <i>Flora Iberica</i>. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Costa, J. C., Aguiar, C., Capelo, J., & Neto, C. (2000). <i>Ecologia e Conservação dos Carvalhais em Portugal</i>. Lisboa: ISA Press. Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Quercus+pyrenaica Última consulta: dezembro 2024 Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 72. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Quercus_pyrenaica Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/quercus-pyrenaica Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Silva, L. (1997). <i>Flora de Portugal</i>. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quercus_pyrenaica Última consulta: dezembro 2024</p>	

<p>Eucalipto ou eucalipto-glóbulo (<i>Eucalyptus globulus</i> Labill. 1800)</p>	
<p>Nome Comum: Eucalipto ou Eucalipto-glóbulo Nome Científico: <i>Eucalyptus globulus</i></p>	
<p>Família: Myrtaceae (família de plantas que inclui árvores e arbustos aromáticos, frequentemente encontrados em climas tropicais e subtropicais).</p>	
<p>Descrição: Uma árvore amplamente reconhecida pela sua altura impressionante, crescimento rápido e aroma característico, que domina a paisagem em muitas regiões portuguesas. O eucalipto-glóbulo é uma árvore perenifólia que pode atingir alturas superiores a 50 metros. Apresenta um tronco alto, reto e revestido por uma casca lisa que descama em grandes faixas (localmente chamadas de tonas). As folhas jovens são ovais e opostas, enquanto as folhas maduras são lanceoladas e alternas, ambas com um aroma intenso devido à presença de óleos essenciais. As flores, pouco vistosas, produzem cápsulas lenhosas que libertam sementes minúsculas. Originário da Austrália, o eucalipto foi introduzido em Portugal no século XIX e é cultivado principalmente para produção de papel e celulose.</p>	
<p>Curiosidades: O eucalipto é conhecido pelo seu rápido crescimento e capacidade de regeneração após cortes ou incêndios (pirófito), mas também é alvo de controvérsia devido ao impacto ambiental em áreas onde substitui a vegetação nativa. Os óleos essenciais extraídos das folhas são usados na medicina tradicional e na aromaterapia. Além disso, o eucalipto tem um efeito alelopático, dificultando o crescimento de outras plantas nas proximidades.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o eucalipto não seja nativo nem presente na época castreja, a sua introdução alterou significativamente o panorama das florestas autóctones portuguesas, que outrora eram dominadas por carvalhais e matos diversificados. A madeira e os óleos essenciais do eucalipto, hoje amplamente utilizados, destacam-se como recursos que poderiam ter sido explorados pelas comunidades castrejas se esta espécie tivesse existido na sua época.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). <i>Flora Iberica</i>. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC. Font Quer, P. (1979). <i>Diccionario de botánica</i>. Barcelona: Editorial Labor. Fundação Serralves, Flora no Parque: https://sig.serralves.pt/pt/flora/detalhe.php?id=343. Última consulta: dezembro 2024 Invasoras.pt: https://invasoras.pt/pt/planta-invasora/eucalyptus-globulus. Última consulta: dezembro 2024 Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Eucalyptus_globulus. Última consulta: dezembro 2024 Pereira, H., & Tomé, M. (2004). <i>Eucalypts in Portugal: Forest Growth and Management</i>. Lisboa: ISA Press. Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Silva, L. (1997). <i>Flora de Portugal</i>. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.</p>	

<p>Pinheiro-bravo (<i>Pinus pinaster</i> Aiton. 1910)</p>	
<p>Nome Comum: Pinheiro-bravo Nome Científico: <i>Pinus pinaster</i></p>	
<p>Família: <i>Pinaceae</i> (família de árvores e arbustos coníferos, incluindo pinheiros, abetos e cedros, caracterizada pela produção de sementes em cones e folhas em forma de agulha).</p>	
<p>Descrição: Árvore emblemática das florestas portuguesas, reconhecida pela sua resiliência e importância económica. O pinheiro-bravo é uma árvore perenifólia que pode atingir alturas entre 20 e 30 metros. Apresenta um tronco reto com casca grossa e fendida de coloração castanho-avermelhada, que funciona como proteção contra incêndios. As folhas são aciculares (agulhas), dispostas em pares, e os cones ovóides amadurecem ao longo de dois anos, libertando sementes aladas (pinhões). O pinheiro-bravo adapta-se a diversos tipos de solo, sendo predominante em regiões de clima mediterrânico e atlântico. É uma espécie pioneira em áreas degradadas e é frequentemente cultivada para a produção de madeira, resina e papel.</p>	
<p>Curiosidades: A resina do pinheiro-bravo foi amplamente explorada em Portugal durante o século XX para a produção de terebintina e colofónia, usadas em várias indústrias. A madeira, versátil e resistente, é utilizada na construção civil, carpintaria e fabricação de móveis. Além disso, os pinheiros são frequentemente associados a paisagens costeiras, desempenhando um papel importante na estabilização de dunas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o pinheiro-bravo não fosse uma das espécies dominantes no período castrejo, é provável que fosse conhecido e aproveitado pelas comunidades da Citânia de Sanfins para lenha, construção e produção de resinas. O seu papel como árvore pioneira em solos degradados pode ter contribuído para a regeneração natural em áreas de uso intensivo pelos castrejos. A presença de pinheiros também teria reforçado a ligação espiritual destas comunidades à natureza, sendo as florestas frequentemente associadas a rituais e mitos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). <i>Flora Iberica</i>. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.</p> <p>Fernandes, P., & Botelho, H. (2003). <i>Pinus pinaster em Portugal: Maneio e Incêndios Florestais</i>. Lisboa: ISA Press.</p> <p>Flora-On: https://flora-on.pt/?q=Pinus+pinaster. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Font Quer, P. (1979). <i>Diccionario de Botánica</i>. Barcelona: Editorial Labor.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 80.</p> <p>Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Pinus_pinaster. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/gimnospermas/pinus-pinaster. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/steps4life/steps4life-biodiversidade/steps4life-flora/item/pinheiro-bravo. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p>	

<p>Salgueiro negro (<i>Salix Atrocinerea</i> Brot. 1804)</p>	
<p>Nome Comum: Salgueiro-negro Nome Científico: <i>Salix atrocinerea</i></p>	
<p>Família: <i>Salicaceae</i></p>	
<p>Descrição: O salgueiro-negro é uma árvore de porte médio, podendo atingir até 15 metros de altura. É comum em zonas húmidas e margens de rios, com folhas ovais e casca escura, fissurada. As suas flores, organizadas em amentos, são importantes para a reprodução da planta e para a alimentação de insetos polinizadores.</p>	
<p>Curiosidades: Esta espécie tem sido tradicionalmente utilizada para produção de cestos devido à flexibilidade dos seus ramos. Além disso, a sua casca é rica em salicina, um composto precursor do ácido acetilsalicílico, base da aspirina.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos podem ter utilizado o salgueiro-negro para fins utilitários, como a construção de cestos ou outros utensílios. A ligação simbólica com a água, elemento vital e frequentemente associado a rituais, pode ter conferido a esta árvore um significado espiritual importante.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e Web:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Luís Cunha.</p> <p>Costa, A. (2009). Árvores e Arbustos de Portugal. Lisboa: Edições Científicas. Fundação Calouste Gulbenkian, Jardins da Gulbenkian: https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/salgueiro Última consulta: dezembro de 2024. Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Salix_atrocinerea Última consulta: dezembro de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Silva, P. (2012). Plantas Ribeirinhas e sua Importância. Porto: Universidade do Porto.</p>	

Sobreiro (*Quercus suber* L. 1753)



Nome Comum: Sobreiro

Nome Científico: *Quercus suber*

Família: *Fagaceae* (família que inclui carvalhos, castanheiros e faias, espécies de grande valor ecológico e económico, com frutos em bolota e madeira resistente).

Descrição: Uma árvore emblemática da paisagem mediterrânica, conhecida pela produção de cortiça, um recurso único e sustentável. O sobreiro é uma árvore perenifólia que pode atingir 20 metros de altura, com uma copa ampla e arredondada. O seu tronco é revestido por uma espessa camada de cortiça, que o protege de incêndios e condições climáticas extremas. As folhas são coriáceas, com margens ligeiramente onduladas e verde-escuras na parte superior. Os frutos, as bolotas, amadurecem no outono e são uma importante fonte de alimento para a fauna silvestre. O sobreiro prefere solos ácidos e bem drenados, sendo típico de áreas mediterrânicas de clima quente e seco.

Curiosidades: A cortiça é o recurso mais distintivo do sobreiro, sendo Portugal o principal produtor mundial. A extração da cortiça, realizada a cada 9 a 12 anos, não prejudica a árvore e constitui um exemplo de sustentabilidade. Os montados de sobreiro são ecossistemas de elevado valor ecológico e económico, protegendo o solo da erosão, regulando o ciclo da água e abrigando uma biodiversidade rica, incluindo espécies ameaçadas como o lince-ibérico.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O sobreiro era uma árvore de grande importância para as comunidades castrejas, que utilizavam a madeira para construção e as bolotas como alimento, tanto para consumo direto como para alimentação animal. Embora a extração de cortiça não estivesse documentada nesse período, é provável que os castrejos já reconhecessem a utilidade da casca como material isolante ou protetor. Além disso, os bosques de sobreiros eram locais simbólicos, possivelmente associados a práticas espirituais e mitológicas dos povos celtas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Castroviejo, S. (coord.) (1986–2021). *Flora Iberica*. Madrid: Real Jardín Botánico, CSIC.

Flora-On: <https://flora-on.pt/?q=Quercus+suber>. Última consulta: dezembro 2024

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 84.

Jardim Botânico da UTAD: https://jb.utad.pt/especie/Quercus_suber. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/plantas/angiospermicas/quercus-suber>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobreiro>. Última consulta: dezembro 2024

Fotografia de Luís Cunha.

Fauna da Citânia de Sanfins

A Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, é também um habitat para uma variedade de espécies de fauna. Para esta dissertação, foram inventariadas quase uma centena de espécies, que vão desde os organismos mais simples até ao grande grupo dos mamíferos. A presença de uma fauna tão diversa é um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema deste território.

A preservação do património natural da Citânia de Sanfins é fundamental para a proteção da biodiversidade e da cultura local. Além disso, a fauna da Citânia de Sanfins também tem um papel importante no turismo de natureza sustentável e consciente. A observação de animais silvestres e a apreciação da beleza natural do sítio podem ser experiências emocionantes e educativas para os visitantes.

Neste guia, vamos apresentar cada um dos grupos da fauna inventariados na Citânia de Sanfins. Vamos explorar as características de cada espécie registada e a relação que poderá ter tido para as diferentes comunidades, desde as épocas da cultura castreja, romana e medieval, até aos dias de hoje. Pretende-se destacar a importância do património natural da Citânia de Sanfins e do turismo de natureza sustentável e consciente, para a preservação e salvaguarda dos vários micro-habitats presentes neste local.



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura 24. Mosaico da fauna inventariada na Citânia de Sanfins.

Grupos da Fauna da Citânia de Sanfins

A seguir, vamos apresentar os grupos da fauna da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema e para a cultura local.

Invertebrados (descrição por espécie)

Os invertebrados são um grupo diverso e fascinante de organismos que incluem desde os pequenos e delicados insetos até os grandes e complexos moluscos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariados e registados em saídas de campo de investigação e inventariação quase meia centena de invertebrados, que incluem, entre outros, abelhas, borboletas, grilos, gafanhotos, pirlampos, escaravelhos e besouros, alguns aracnídeos e até algumas lesmas.

Os invertebrados desempenham um papel importante no ecossistema da Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para muitas outras espécies, incluindo os vertebrados. Além disso, também contribuem para a formação e regulação do solo e do microclima local.

Neste guia, vamos apresentar os invertebrados da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características. Vamos explorar a diversidade e a complexidade deste grupo de organismos e destacar a importância para a preservação do património natural da Citânia de Sanfins.

Abelha-do-mel, abelha-europeia ou abelha-comum (*Apis mellifera* L. 1758)



Nome Comum: Abelha-do-mel ou abelha-comum

Nome Científico: *Apis mellifera*

Família: *Apidae* (família que inclui abelhas sociais e solitárias, caracterizadas pela sua importância ecológica e económica, especialmente na polinização).

Descrição: Conhecida e amplamente reconhecida pela produção de mel, cera e o seu papel vital na polinização de plantas. A abelha-do-mel é um inseto social que vive em colónias organizadas, compostas por uma rainha, operárias e zangões. Com corpo peludo e coloração amarela e preta, é adaptada para a recolha de néctar e pólen. Habita florestas, prados e áreas cultivadas, mas também é amplamente domesticada em colmeias. O seu comportamento inclui comunicação através de "danças" para indicar fontes de alimento e uma organização social altamente eficiente.

Curiosidades: Além de produzir mel, as abelhas-do-mel têm um impacto económico significativo através da polinização de culturas agrícolas. São consideradas símbolos de trabalho árduo e cooperação em várias culturas. No Egito antigo, o mel era usado como oferenda e na preservação de múmias.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As abelhas eram provavelmente observadas pelas comunidades castrejas pela sua associação com a fertilidade e a abundância dos campos. É possível que o mel e a cera tivessem utilidades práticas e simbólicas, desde a alimentação à confecção de velas e a utilização em rituais. A proximidade da Citânia de Sanfins com ecossistemas ricos pode ter favorecido a presença natural de colmeias e a interação das populações castrejas com este inseto.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 85

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 108.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abelha-europeia> Última consulta: dezembro 2024

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-abelha-do-mel>. Última consulta: dezembro 2024

Abelhão ou zangão (*Bombus terrestris* L. 1758)



Nome Comum: Abelhão ou zangão

Nome Científico: *Bombus terrestris*

Família: *Apidae* (família que inclui abelhas sociais e solitárias, com destaque para o papel crucial na polinização de diversas plantas).

Descrição: Reconhecido pelo seu tamanho robusto, coloração vibrante e o som característico emitido durante o voo. O abelhão é um inseto social de grande porte, com corpo robusto coberto de pelos densos, predominantemente pretos com faixas amarelas e uma extremidade branca no abdómen. Vive em colónias organizadas com uma rainha, operárias e machos. Encontra-se em prados, campos agrícolas, margens de florestas e jardins, sendo ativo desde a primavera até ao outono. É um dos mais eficazes polinizadores, graças ao seu comportamento de vibração enquanto recolhe pólen.

Curiosidades: O abelhão consegue voar em condições de baixa temperatura, tornando-se essencial para a polinização de plantas em climas frios ou na primavera precoce. É também conhecido pelo "buzz pollination" (polinização por vibração), que permite a liberação de pólen em flores com estruturas mais fechadas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os abelhões desempenhavam um papel importante nos ecossistemas que envolviam a Citânia de Sanfins, contribuindo para a polinização das plantas silvestres e cultivadas. A observação do seu comportamento pelas populações castrejas pode ter influenciado práticas agrícolas e rituais relacionados com a fertilidade dos campos. A sua presença pode ter sido associada à abundância da colheita e à saúde do ambiente circundante.

Referências Bibliográficas WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 85

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 109.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99133025>. Última consulta: dezembro 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/bombus-terrestris>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-abelhao-comum-4>. Última consulta: dezembro 2024

Aranha-vespa ou cesteira-vespão (*Argiope bruennichi* Scopoli 1772)



Nome Comum: Aranha-vespa ou cesteira-vespão

Nome Científico: *Argiope bruennichi*

Família: *Araneidae* (família das aranhas tecelãs, caracterizada pela construção de teias orbiculares simétricas usadas para capturar presas).

Descrição: Conhecida pelas suas cores vibrantes que se assemelham às de uma vespa, o que lhe confere uma aparência única e marcante. A aranha-vespa é facilmente identificável pelo seu abdómen com riscas alternadas de amarelo, preto e branco, que lembram uma vespa. Tem patas longas com faixas pretas e castanhas. É comum em pradarias, campos e habitats de vegetação rasteira, onde constrói teias orbiculares com uma estrutura central reforçada chamada *stabilimentum* (decoração da teia em ziguezague). Alimenta-se de insetos capturados na sua teia, incluindo gafanhotos e moscas.

Curiosidades: O padrão de cores da aranha-vespa serve tanto para dissuadir predadores como para camuflagem em ambientes floridos. É inofensiva para os humanos, apesar de sua aparência intimidante. O *stabilimentum* da teia, uma faixa espessa de seda, pode ajudar a atrair presas ou a fortalecer a estrutura da teia.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não se saiba se a aranha-vespa tinha uma conotação simbólica específica para as comunidades castrejas, a sua presença nos campos ao redor da Citânia sugere uma relação indireta com a biodiversidade local. As teias podem ter sido observadas como parte do ciclo natural, possivelmente inspirando mitos ou crenças relacionadas à teia como símbolo de conexão e persistência.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 104


Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/57628221> Última consulta: dezembro 2024.

Roberts, M. J. (1995). *Collins Field Guide to Spiders of Britain and Northern Europe*. HarperCollins.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Argiope_bruennichi Última consulta: dezembro 2024.

<p>Besouro-capricórnio ou escaravelho-capricórnio (<i>Cerambyx cerdo</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Besouro-capricórnio ou escaravelho-capricórnio Nome Científico: <i>Cerambyx cerdo</i></p>	
<p>Família: <i>Cerambycidae</i> (família de besouros de grande porte, caracterizados por antenas longas e uma alimentação predominantemente em madeira de árvores vivas ou mortas).</p>	
<p>Descrição: Um besouro de grande porte, conhecido pelas suas antenas longas e curvadas, que se assemelham a chifres de caprinos. O besouro-capricórnio é um inseto de corpo robusto e comprido, podendo atingir até 6 cm de comprimento. A coloração é geralmente preta, com algumas variações de castanho ou amarelado, e possui antenas longas, que podem ultrapassar o comprimento do corpo. Este besouro é encontrado principalmente em florestas e áreas de vegetação arbórea, onde as suas larvas se alimentam da madeira de árvores decíduas, como carvalhos, sobreiros e faias. A fase adulta é relativamente ativa, alimentando-se de folhas e flores.</p>	
<p>Curiosidades: As larvas do besouro-capricórnio são altamente destrutivas para as árvores, podendo causar danos significativos ao tronco e galhos. Apesar disso, o besouro tem um papel importante na decomposição da madeira morta, contribuindo para o ciclo de nutrientes no ecossistema. A sua presença é muitas vezes associada a habitats antigos e bem preservados.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O <i>Cerambyx cerdo</i> provavelmente fazia parte da fauna observada pelas comunidades castrejas na Citânia de Sanfins, especialmente em bosques de carvalho e sobreiro, que eram essenciais para a vida quotidiana dessas populações. A madeira dessas árvores era usada para construção e confecção de ferramentas, e a presença deste besouro pode ter sido um indicativo da saúde do ecossistema florestal. Além disso, pode ter sido parte do imaginário popular relacionado com o ciclo de vida das árvores e da natureza.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Chinery, M. (2007). <i>Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa</i>. Lisboa: Texto Editores. Font Quer, P. (1979). <i>Diccionario de Botánica</i>. Barcelona: Editorial Labor. Instituto da Conservação da Natureza e Florestas: https://www.icnf.pt/api/file/doc/9a929da55f1d5eac. Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/cerambyx-cerdo. Última consulta: dezembro 2024 Silva A.C.F. (2007). <i>A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal</i>. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerambyx_cerdo. Última consulta: dezembro 2024</p>	

Bicho-pau-comum (*Leptynia attenuata* Painei.
1890)



Nome Comum: Bicho-pau-comum

Nome Científico: *Leptynia attenuata*

Família: *Phasmatidae* (família dos insetos conhecidos como "bichos-pau", caracterizados pela sua forma alongada e capacidade de camuflagem que imita galhos ou folhas).

Descrição: Conhecido pela sua habilidade notável de se camuflar em vegetação, o bicho-pau-comum é um dos insetos mais fascinantes devido à sua semelhança com galhos ou folhas secas. O bicho-pau-comum é um inseto de corpo longo e estreito, com coloração castanho ou verde, que se assemelha a um ramo ou folha seca, permitindo-lhe esconder-se eficazmente de predadores. Pode atingir cerca de 10 cm de comprimento. É herbívoro, alimentando-se principalmente de plantas rasteiras e arbustos. A sua habilidade de camuflagem é uma adaptação crucial para a sua sobrevivência, tornando-o praticamente invisível em ambientes naturais.

Curiosidades: Este inseto é um mestre da camuflagem (mimetismo), usando a sua forma e cor para se disfarçar entre a vegetação, tornando-se quase impossível de detetar. O bicho-pau-comum também pode, quando se sente ameaçado, imitar movimentos de um ramo sendo movido pelo vento, para confundir ainda mais os predadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o bicho-pau-comum não tenha uma associação direta documentada com as comunidades castrejas, é possível que este inseto tenha sido observado pelas populações da Citânia de Sanfins devido à sua presença nos ecossistemas naturais. A sua capacidade de camuflagem poderia ter sido interpretada como uma característica simbólica de proteção ou furtividade. Além disso, o uso de plantas e vegetação como fontes de alimento pode ter relacionado o bicho-pau-comum com os hábitos alimentares e observacionais das culturas locais.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luis-Ferreira.com. Autor: *unknown*.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Leptynia_attenuata Última consulta: dezembro 2024

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-bicho-pau>. Última consulta: dezembro 2024

Borboleta-acobreada (*Lycaena phlaeas* L. 1761)



Nome Comum: Borboleta-acobreada

Nome Científico: *Lycaena phlaeas*

Família: *Lycaenidae* (família de borboletas conhecidas pelas suas cores vibrantes e o dimorfismo sexual, com machos e fêmeas apresentando diferenças de coloração).

Descrição: Pequena borboleta facilmente reconhecível pelas suas cores brilhantes e metálicas, particularmente no tom de cobre que cobre as suas asas. A borboleta-acobreada é uma espécie pequena, com uma envergadura de 2,5 a 3 cm. As suas asas possuem uma tonalidade metálica de cobre, com bordas negras e manchas laranjas. As fêmeas podem apresentar uma coloração mais opaca, mas igualmente brilhante. Esta borboleta é comum em prados, campos e áreas com vegetação rasteira, onde se alimenta principalmente de néctar de flores, sendo uma excelente polinizadora. As larvas alimentam-se de plantas da família das leguminosas.

Curiosidades: A borboleta-acobreada é uma das espécies de borboletas mais comuns na Europa, e sua presença indica frequentemente habitats bem conservados e biodiversos. Ela é também um bom exemplo de dimorfismo sexual em borboletas, já que os machos são mais coloridos e atraentes, enquanto as fêmeas possuem uma aparência mais discreta.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a borboleta-acobreada não tenha uma ligação direta conhecida com os povos castrejos, a sua presença nos campos e prados ao redor da Citânia de Sanfins pode ter sido observada pelas comunidades antigas, possivelmente associando-a a ideias de transformação e renovação. A polinização das plantas alimentícias e medicinais, através da ação desta borboleta, pode ter sido vista como parte de um ciclo natural fundamental para a prosperidade das colheitas e da saúde local.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80860989>. Última consulta: dezembro 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/lycaena-phlaeas>. Última consulta: dezembro 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lycaena_phlaeas. Última consulta: dezembro 2024.

Borboleta-azulinha (*Lampides boeticus* L. 1767)



Nome Comum: Borboleta-azulinha

Nome Científico: *Lampides boeticus*

Família: *Lycaenidae* (família de borboletas cujas espécies são frequentemente pequenas e vibrantes, com uma grande diversidade de cores e padrões nas suas asas).

Descrição: Uma pequena borboleta conhecida pelas suas asas de cor azul vibrante, com um toque de elegância e graça, que se tornam visíveis quando em voo. A borboleta-azulinha é uma espécie de borboleta pequena, com uma envergadura de 2 a 3 cm. As asas do macho são de um azul brilhante, enquanto as fêmeas apresentam uma coloração mais opaca, de tom cinza-amarelado, com algumas manchas alaranjadas nas margens. É encontrada frequentemente em campos, jardins e áreas com vegetação rasteira, onde se alimenta do néctar de diversas flores. As suas larvas se alimentam principalmente de plantas da família das leguminosas, como o trevo.

Curiosidades: Esta borboleta é muito ativa durante o verão, sendo facilmente avistada devido à sua cor azul vibrante, que chama a atenção enquanto voa sobre flores. As suas larvas desenvolvem-se em simbiose com algumas formigas, que as protegem em troca de secreções açucaradas produzidas pelas larvas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a borboleta-azulinha não tenha uma ligação direta conhecida com as comunidades castrejas, sua presença nos campos da Citânia de Sanfins poderia ter sido observada como um sinal da saúde dos ecossistemas naturais, refletindo a relação estreita entre as culturas antigas e a natureza. A borboleta, com a sua beleza e processo de transformação, poderia ser simbolicamente associada a temas de renovação e ciclos naturais. Além disso, a relação das larvas com as formigas pode ter sido interpretada como um exemplo de simbiose, que pode ter influenciado crenças sobre a interdependência no ambiente natural.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/lampides-boeticus>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampides_boeticus. Última consulta: dezembro 2024

Borboleta-bela-dama (*Vanessa Cardui* L. 1758)



Nome Comum: Borboleta-bela-dama

Nome Científico: *Vanessa cardui*

Família: *Nymphalidae* (família de borboletas caracterizadas por um voo elegante e asas largas, com padrões complexos e cores vivas).

Descrição: Uma das borboletas mais conhecidas e amplamente distribuídas, famosa pelas suas cores vibrantes e padrões intrincados nas asas. A borboleta-bela-dama é de tamanho médio, com uma envergadura de 5 a 6 cm. As suas asas têm uma combinação de laranja, preto e branco, com manchas escuras e listras que criam padrões complexos e atraentes. As fêmeas têm asas mais opacas, mas a coloração e os padrões permanecem semelhantes aos dos machos. Esta espécie é migratória e pode ser encontrada em diversas áreas, incluindo prados, campos e jardins. Alimenta-se principalmente de néctar de flores, especialmente de plantas como a urtiga e o cardo.

Curiosidades: A borboleta-bela-dama é uma espécie migratória, conhecida por realizar longas migrações entre a Europa e África, especialmente durante os meses mais frios. Este comportamento migratório é uma adaptação ao clima, permitindo-lhe escapar do inverno rigoroso e garantir a sobrevivência. Além disso, é uma das borboletas mais amplamente distribuídas no mundo, presente em diversos continentes.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja uma associação direta documentada entre a borboleta-bela-dama e as comunidades castrejas, a sua presença na região poderia ter sido notada pelas populações da Citânia de Sanfins, possivelmente simbolizando a mudança e os ciclos da natureza. A migração e a transformação da borboleta poderiam ser associadas à renovação da vida e à adaptação ao ambiente, conceitos que eram importantes para as comunidades antigas que dependiam do equilíbrio com a natureza. Além disso, a borboleta poderia ter sido vista como um símbolo de beleza efémera, refletindo os aspetos fugazes da vida.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

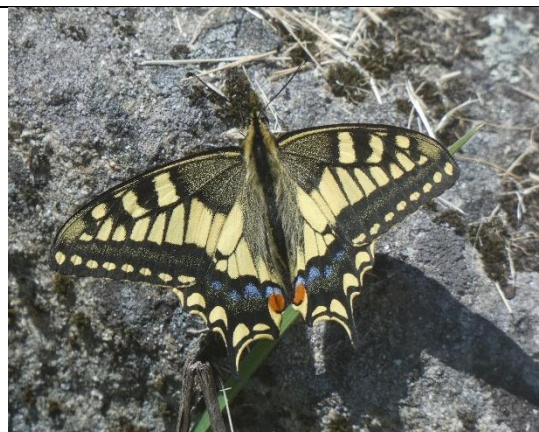
iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/130810493>. Última consulta: dezembro 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/vanessa-cardui/>. Última consulta: dezembro 2024.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/steps4life/steps4life-biodiversidade/steps4life-fauna/item/vanessa-cardui>. Última consulta: dezembro 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Borboleta-cauda-de-andorinha (*Papilio machaon* L. 1758)



Nome Comum: Borboleta-cauda-de-andorinha

Nome Científico: *Papilio machaon*

Família: *Papilionidae* (família de borboletas grandes e coloridas, caracterizadas pela presença de caudas nas suas asas posteriores e padrões de cores vibrantes).

Descrição: Uma das borboletas mais majestosas da fauna europeia, reconhecida pelo seu tamanho impressionante e pelas suas caudas longas que lembram as penas de uma andorinha. A borboleta-cauda-de-andorinha é de grande porte, com uma envergadura de 5 a 6 cm. As suas asas são de um amarelo brilhante com padrões negros e uma linha azulada perto da borda das asas, com caudas longas e elegantes nas asas posteriores. Estas caudas, que se assemelham a penas de andorinha, são uma das características distintivas desta espécie. A borboleta é encontrada em áreas abertas, como prados e jardins, e alimenta-se de néctar de flores. As larvas têm uma coloração verde e alimentam-se mais comumente de plantas como a cenoura e a salsa.

Curiosidades: A borboleta-cauda-de-andorinha é uma das borboletas mais antigas e amplamente distribuídas no mundo. As suas caudas são uma adaptação evolutiva que pode desviar predadores, como aves, atacando as extremidades das asas, ao invés do corpo. A espécie é também notável pelas suas migrações, movendo-se entre várias regiões em busca de alimento e condições ideais para a reprodução.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja uma referência direta à borboleta-cauda-de-andorinha na cultura castreja, as suas características impressionantes, como as longas caudas, poderiam ter sido associadas a mitos de transformação ou mensagens sobre a mudança e adaptação aos ciclos naturais. Em muitas culturas antigas, as borboletas eram vistas como símbolos de alma, transformação e renascimento, temas que se alinham com as crenças espirituais e culturais dos povos castrejos que habitaram a Citânia de Sanfins.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.
Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 67
iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80859363>. Última consulta: dezembro 2024
Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/papilio-machaon>. Última consulta: dezembro 2024
Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/insetos/item/cauda-de-andorinha>. Última consulta: dezembro 2024
Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Borboleta-cinzentinha (*Leptotes pirithous* L.
1767)



Nome Comum: Borboleta-cinzentinha

Nome Científico: *Leptotes pirithous*

Família: *Lycaenidae* (família de borboletas pequenas e coloridas, muitas vezes com padrões intrincados nas asas e uma relação simbiótica com formigas).

Descrição: Uma pequena borboleta discreta, mas charmosa, facilmente reconhecível pelo seu tom cinza-azulado e pelos padrões delicados das suas asas. A borboleta-cinzentinha é uma espécie pequena, com uma envergadura de 2 a 3 cm. As suas asas possuem uma cor predominante cinza-azulada, com uma linha de manchas negras nas bordas e algumas pequenas marcas claras na parte superior. A parte inferior das asas é mais pálida, com uma coloração que se assemelha a uma mistura de cinza e branco. A borboleta pode ser vista frequentemente em áreas abertas, como campos e jardins, onde se alimenta do néctar de flores como o trevo. As suas larvas alimentam-se de leguminosas e formam uma relação simbiótica com formigas, que as protegem em troca de secreções açucaradas.

Curiosidades: A borboleta-cinzentinha é uma espécie de voo rápido e ágil, com um comportamento que a torna difícil de observar, embora seja bastante comum em áreas abertas. Como muitas outras borboletas da família *Lycaenidae*, a sua larva desenvolve uma relação simbiótica com formigas, que a protegem de predadores. Esta interação, na qual a larva secreta uma substância açucarada que atrai as formigas, é um exemplo fascinante de mutualismo na natureza.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a borboleta-cinzentinha não tenha uma associação direta conhecida com as comunidades castrejas, a sua presença na Citânia de Sanfins poderia ser vista como um símbolo da relação harmoniosa e interdependente entre as diversas formas de vida no ecossistema. A simbiose entre a larva da borboleta e as formigas poderia ter sido observada pelas comunidades antigas como uma metáfora para a cooperação e os ciclos naturais. Como muitas outras borboletas, poderia também ter sido considerada um símbolo de transformação e renovação, conceitos importantes nas crenças espirituais dos povos castrejos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80862363>. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: [https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-](https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/leptotes-pirithous)

[especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/leptotes-pirithous](https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/leptotes-pirithous). Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

Borboleta-cobre-de-tiro-roxo (*Lycaena alciphron*
Rottemburg, 1775)



Nome Comum: Borboleta-cobre-de-tiro-roxo

Nome Científico: *Lycaena alciphron*

Família: *Lycaenidae* (família de borboletas pequenas, frequentemente com cores brilhantes e padrões intrincados, muitas vezes associadas a relações simbióticas com formigas).

Descrição: Uma borboleta de pequena dimensão, com cores metálicas e vibrantes, que se destaca pela sua coloração dourada e bronzada, tornando-se uma das espécies mais atraentes entre as pequenas borboletas. A borboleta-cobre-de-tiro-roxo apresenta uma envergadura de 2,5 a 3 cm e é facilmente reconhecível pelas suas asas metálicas, com um tom dourado ou cobre na parte superior, e com um padrão de manchas laranja e azuis nas bordas. A parte inferior das asas tem uma coloração pálida com pequenas manchas que a ajudam a se camuflar. As fêmeas possuem uma coloração um pouco mais opaca, mas mantêm as características padrões da espécie. A borboleta pode ser encontrada em campos, prados e zonas abertas, onde se alimenta principalmente do néctar de flores, como trevos e outras plantas de pequeno porte. As suas larvas se alimentam de plantas da família das leguminosas.

Curiosidades: A borboleta-cobre-de-tiro-roxo é uma das borboletas mais coloridas da sua família, destacando-se pelas cores metálicas que variam conforme a incidência de luz. Além disso, como muitas outras borboletas da família *Lycaenidae*, as suas larvas têm uma relação simbiótica com formigas, que protegem as larvas em troca de secreções açucaradas. Este comportamento é um exemplo notável de mutualismo, onde ambas as espécies se beneficiam mutuamente.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não exista uma referência direta conhecida à borboleta-cobre-de-tiro-roxo nas práticas culturais castrejas, a sua presença poderia ser interpretada como um símbolo da interação entre diferentes elementos do ecossistema, um conceito importante para as sociedades antigas que valorizavam o equilíbrio natural. A coloração metálica da borboleta poderia também ter sido vista como um símbolo de beleza efémera e de transformação, temas que eram comuns nas mitologias e simbolismos das comunidades castrejas. As relações simbióticas que a borboleta mantém com as formigas poderiam ter sido observadas como um exemplo de cooperação e harmonia entre as diferentes espécies.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Rui Andrade by Naturdata.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Lycaena-alciphron/15586/0>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lycaena_alciphron. Última consulta: dezembro 2024

Borboleta-da-couve (*Pieris brassicae* L. 1758)



Nome Comum: Borboleta-da-couve

Nome Científico: *Pieris brassicae*

Família: *Pieridae* (família de borboletas brancas e amarelas, caracterizadas pela presença de padrões simples e cores claras nas asas, com muitas espécies associadas a plantas de interesse agrícola).

Descrição: Uma borboleta comum em jardins e campos cultivados, facilmente reconhecível pela sua coloração branca e pelos padrões negros nas asas, sendo um dos insetos mais visíveis em épocas quentes. A borboleta-da-couve é uma espécie de grande porte, com uma envergadura de 5 a 6 cm. As suas asas são predominantemente brancas, com manchas negras distintas nas asas anteriores, e uma borda preta nas asas posteriores. As fêmeas possuem uma coloração mais pálida do que os machos. Esta borboleta é comum em prados, jardins e áreas cultivadas, alimentando-se do néctar de diversas flores, embora as suas larvas se alimentem principalmente de plantas da família das *Brassicaceae*, como couve, nabo e mostarda. A borboleta-da-couve é bastante visível durante os meses mais quentes do ano.

Curiosidades: A borboleta-da-couve é conhecida pelo seu comportamento migratório em algumas regiões e pela sua relação estreita com plantas cultivadas, como as couves. As suas larvas são consideradas pragas agrícolas, pois podem danificar as culturas de *Brassicaceae*. Esta espécie tem uma impressionante habilidade de camuflagem quando ainda é larva, adaptando-se ao seu ambiente ao se esconder entre as folhas das plantas hospedeiras.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora a borboleta-da-couve não tenha uma referência direta específica na cultura castreja, a sua presença na Citânia de Sanfins poderia ter sido observada como uma indicadora de saúde e fertilidade das terras agrícolas, já que a espécie está intimamente associada a culturas como a couve. As práticas agrícolas dos castrejos poderiam ter incluído o cultivo de plantas semelhantes às *Brassicaceae*, e a borboleta poderia ter sido vista como parte do ciclo agrícola. Além disso, a sua transformação da larva para a borboleta poderia ser simbolicamente ligada a temas de renovação e ciclos naturais, temas recorrentes nas crenças espirituais dos povos castrejos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 68

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.


Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 102.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora [Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora](https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodos/insectos/pieris-brassicae):

<https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodos/insectos/pieris-brassicae>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

<p>Borboleta-das-giestas-comum (<i>Isturgia famula</i> Esper. 1787)</p>	
<p>Nome Comum: Borboleta-das-giestas-comum Nome Científico: <i>Isturgia famula</i></p>	
<p>Família: <i>Geometridae</i> (família de traças conhecida pela forma peculiar como as larvas se movimentam, lembrando "medição", e pela diversidade de padrões nas asas dos adultos).</p>	
<p>Descrição: A Borboleta-das-giestas-comum é uma traça (borboleta-noturna) de médio porte com asas dianteiras de padrão variado que combina tons castanhos e cinzentos. As asas posteriores são mais discretas, com uma coloração acinzentada uniforme. Encontra-se geralmente em zonas abertas, com vegetação arbustiva ou florestas esparsas. As larvas são polípagas e alimentam-se de várias plantas herbáceas e arbustivas, contribuindo para a regulação natural das comunidades vegetais.</p>	
<p>Curiosidades: Embora discreta à primeira vista, esta espécie desempenha um papel importante nos ecossistemas, servindo de presa para diversos predadores como aves e morcegos. Durante o período noturno, os adultos são frequentemente atraídos por luzes artificiais, comportamento comum em traças.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A presença de traças como a borboleta-das-giestas-comum nas paisagens da Citânia de Sanfins indica a riqueza de habitats e a coexistência de fauna e flora diversificada no território. As larvas, ao interagir com a vegetação autóctone, podem ter influenciado o manejo das áreas agrícolas pelas populações castrejas, que observavam os ciclos naturais para maximizar a produção e preservar os recursos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e Web:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 39</p> <p>Font Quer, P. (1979). Dicionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.</p> <p>iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations?nelat=41.3372232&nelng=-8.3568946&subview=map&swlat=41.3080545&swlng=-8.399800899999999&taxon_id=321980. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p>Waring, P., & Townsend, M. (2009). Field Guide to the Moths of Great Britain and Ireland. London: British Wildlife Publishing.</p> <p>Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Isturgia_famula. Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Wilder.pt – Revista-online: https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-borboleta-isturgia-famula. Última consulta: dezembro 2024</p>	

Borboleta-loba (*Maniola Jurtina* L. 1758)



Nome Comum: Borboleta-loba

Nome Científico: *Maniola jurtina*

Família: *Nymphalidae* (família de borboletas de médio a grande porte, caracterizadas pela presença de padrões de cores em forma de olhos ou manchas nas suas asas, e uma ampla distribuição em áreas de campo e floresta).

Descrição: Uma borboleta de médio porte, comum em áreas abertas e campos, destacando-se pelo tom castanho das suas asas e pelas manchas características que lembram os olhos de um lobo, razão pela qual é chamada "lobo". A borboleta-lobo é uma espécie de envergadura média, variando entre 4 a 5 cm. As asas anteriores são castanhas com uma mancha circular de cor amarela pálida e uma borda escura. As asas posteriores são de uma cor castanha mais uniforme. A parte inferior das asas é de um tom amarelado com pequenas manchas que imitam a cor da vegetação, ajudando a borboleta a camuflar-se. As larvas alimentam-se de gramíneas e podem ser encontradas em campos, pastagens e áreas abertas, onde a borboleta adulta voa durante os meses quentes, alimentando-se de néctar das flores.

Curiosidades: A borboleta-lobo é conhecida pelo seu voo tranquilo e relativamente lento, que a torna facilmente visível. As manchas nas suas asas, que se assemelham a olhos, servem como uma estratégia de defesa contra predadores, confundindo-os. É uma espécie que pode ser observada com frequência em áreas de pastagem e jardins, sendo particularmente ativa durante os meses de verão. A borboleta também é conhecida por ser uma excelente polinizadora.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, as borboletas poderiam ter sido associadas a simbolismos ligados à mudança e à transformação, conceitos profundos na espiritualidade das antigas comunidades. A borboleta-lobo, com suas características de camuflagem e as manchas em forma de olhos, poderia ser vista como um símbolo de proteção ou disfarce, refletindo a ideia de estar vigilante e atento aos ciclos naturais. Além disso, a presença de gramíneas e plantas que servem de alimento para as suas larvas poderia indicar práticas agrícolas de cultivo de pastagens ou outras plantas de uso alimentar, comuns entre as populações castrejas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80859088>. Última consulta: setembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/maniola-jurtina>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

Borboleta-malhadinha (*Pararge aegeria*.
Fabricius 1775)



Nome Comum: Borboleta-malhadinha

Nome Científico: *Pararge aegeria*

Família: *Nymphalidae* (família que inclui muitas espécies de borboletas de médio porte, frequentemente associadas a áreas de sombra, com padrões de cores que as ajudam a se camuflar).

Descrição: Uma borboleta de porte médio, facilmente reconhecível pelas manchas ocre e amarelas nas suas asas, comum em bosques e jardins sombreados. A borboleta-malhadinha é uma espécie de envergadura média, variando entre 3,5 a 4,5 cm. As asas anteriores são castanhas, com manchas brancas e laranjas, enquanto as asas posteriores são mais claras e com uma borda escura. A parte inferior das asas é de um tom castanho com manchas claras, proporcionando uma excelente camuflagem quando a borboleta está em repouso sobre o solo ou vegetação. A borboleta pode ser encontrada em florestas, jardins sombreados e áreas de vegetação densa, onde se alimenta de néctar das flores. As suas larvas alimentam-se de plantas como gramíneas e outras plantas herbáceas.

Curiosidades: A borboleta-malhadinha é uma das espécies mais comuns de borboletas em áreas sombreadas e é facilmente reconhecível pelo seu comportamento tranquilo e voos baixos. A sua habilidade de se camuflar, especialmente quando está em repouso, permite-lhe escapar de predadores. A sua presença é muitas vezes um bom indicador da saúde dos ecossistemas florestais, já que ela depende de áreas com vegetação densa e sombria.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A borboleta-malhadinha, como muitas outras espécies de borboletas, poderia ter sido simbolicamente associada à transformação e renovação nas culturas castrejas. A sua habilidade de se camuflar poderia ser vista como uma metáfora para a adaptação ao ambiente e à preservação no contexto natural e humano. Em sociedades antigas, a borboleta, com a sua transformação da lagarta em adulto, representava um ciclo de vida e renovação, o que poderia estar alinhado com crenças espirituais sobre a regeneração da natureza e a continuidade das gerações. Além disso, as plantas que servem de alimento para as suas larvas poderiam estar presentes nas áreas agrícolas ou nas proximidades das aldeias castrejas, sendo indicativas de uma relação com a flora local.

Referências Bibliográficas e WEB:

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 100.

Museu virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/pararge-aegeria>. Última consulta: setembro 2024

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/insetos/item/borboleta-malhadinha>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

Borboleta-maravilha (*Colias croceus* Fourcroy, 1785)



Nome Comum: Borboleta-maravilha

Nome Científico: *Colias croceus*

Família: *Pieridae* (família de borboletas geralmente associadas a plantas crucíferas, que inclui espécies de cores vivas e padrões complexos, como a borboleta-maravilha).

Descrição: Uma borboleta de cores vibrantes, frequentemente observada em áreas de pastagens e jardins floridos, famosa pela sua coloração amarela intensa e padrões negros. A borboleta-maravilha tem uma envergadura de 3 a 4 cm e é facilmente reconhecível pela sua cor amarela brilhante nas asas, com manchas alaranjadas e uma borda preta nas asas anteriores. As asas posteriores possuem um tom mais claro com um ponto negro. A sua larva alimenta-se principalmente de plantas da família das leguminosas e é uma espécie que prefere habitats abertos, como pastagens e jardins. A borboleta-maravilha pode ser vista frequentemente durante a primavera e o verão, em zonas de vegetação rasteira.

Curiosidades: A borboleta-maravilha é uma polinizadora importante, ajudando na fertilização de várias plantas que são alimentícias e medicinais. A sua cor vibrante é usada para atrair parceiros durante o período de acasalamento. Além disso, a sua presença é um bom indicador da saúde do ecossistema, pois as borboletas são sensíveis às mudanças no ambiente.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A borboleta-maravilha, com as suas cores vibrantes, poderia simbolizar a vitalidade da natureza e a beleza dos ciclos de renovação e transformação. A sua presença nas áreas abertas poderia estar associada à valorização dos campos cultivados e da agricultura, práticas fundamentais para as comunidades castrejas. A borboleta, como muitas outras espécies, também poderia ter sido vista como um símbolo de fertilidade e renovação, refletindo a importância dos ciclos naturais para as culturas antigas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 101.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80864289>. Última consulta: setembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/colias-croceus>. Última consulta: setembro 2024

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/insetos/item/maravilha>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

Borboleta-preta-comum ou árvore-grayling
(*Hipparchia statilinus* Hufnagel, 1766)



Nome Comum: Borboleta-preta-comum ou árvore-grayling

Nome Científico: *Hipparchia statilinus*

Família: *Nymphalidae* (família de borboletas amplamente distribuída, com espécies frequentemente adaptadas a habitats rochosos ou secos, como é o caso da borboleta-preta-comum).

Descrição: Uma borboleta de cores discretas, com asas predominantemente castanhas e padrões ocre, que se camufla facilmente em ambientes naturais, especialmente em áreas de florestas secas e rochosas. Esta borboleta tem uma envergadura de 3 a 4 cm e apresenta asas de cor castanho-escuro com padrões mais claros, típicos da camuflagem em terrenos rochosos ou de vegetação seca. As asas posteriores possuem uma linha de pontos brancos, que são uma característica distintiva da espécie. A borboleta-preta-comum prefere áreas de matos, campos secos e até florestas, onde se alimenta do néctar das flores e das plantas do género gramínea.

Curiosidades: A borboleta-preta-comum é conhecida pela sua habilidade de se camuflar perfeitamente com o ambiente, tornando-se quase invisível quando repousa sobre o solo ou entre a vegetação. Esta habilidade de camuflagem torna-a menos visível para os predadores, uma adaptação crucial para a sua sobrevivência.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A camuflagem da borboleta-preta-comum pode ter sido simbólica nas culturas antigas, representando a harmonia com o ambiente natural e a habilidade de se adaptar aos desafios da vida. Em sociedades castrejas, que dependiam de sua habilidade de se esconder e sobreviver num ambiente selvagem, tal símbolo poderia estar relacionado à proteção e à preservação do meio ambiente natural. A borboleta também poderia representar a renovação cíclica, associada aos rituais e crenças espirituais sobre os ciclos da vida e da natureza.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/130806886>. Última consulta: setembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/hipparchia-statilinus>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hipparchia_statilinus. Última consulta: setembro 2024

Borboleta-raposa ou mariposa-raposa
(*Macrothylacia rubi* L. 1758)



Nome Comum: Borboleta-raposa ou mariposa-raposa

Nome Científico: *Macrothylacia rubi*

Família: *Lasiocampidae* (família de mariposas e borboletas caracterizadas por seu tamanho relativamente grande e hábitos de voo noturnos, com espécies como a borboleta-raposa associadas a habitats florestais).

Descrição: Uma borboleta de grande porte, com asas alaranjadas e padrões que lembram uma raposa, reconhecida pela sua aparência robusta e a sua capacidade de voar longas distâncias. A borboleta-raposa possui uma envergadura de 4 a 5 cm, com asas frontais alaranjadas e uma borda marrom escura, apresentando um padrão de manchas que remete à pelagem de uma raposa. As asas posteriores são escuras com marcas de tonalidade marrom. É uma espécie noturna, frequentemente encontrada em jardins, florestas e áreas de vegetação densa. A lagarta alimenta-se principalmente de plantas de folhas largas, como framboesas e groselheiras.

Curiosidades: A borboleta-raposa é conhecida pela sua capacidade de voo longo e pela atração por luzes à noite, o que a torna visível em muitas zonas de jardins e campos. Esta espécie também possui um ciclo de vida interessante, passando por estágios de metamorfose que incluem uma fase de lagarta peluda antes de se tornar uma adulta voadora.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, a borboleta-raposa poderia ser vista como um símbolo de transformação, representando as fases de mudança e renovação do ciclo de vida. Como um inseto noturno, também poderia estar ligada a rituais ou crenças associadas à noite e ao mundo espiritual, que muitas vezes eram interpretados como lugares de mistério e reflexão. Além disso, a sua aparência notável poderia tê-la tornado uma figura de importância simbólica, associada à força e à resistência da natureza.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99135720>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Macrothylacia_rubi. Última consulta: setembro 2024

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-lagarta-da-borboleta-macrothylacia-rubi>. Última consulta: setembro 2024

Borboleta-zebra (*Iphiclides feisthamelii*
Duponchel. 1832)



Nome Comum: Borboleta-zebra

Nome Científico: *Iphiclides feisthamelii*

Família: *Papilionidae* (família das borboletas grandes e coloridas, frequentemente associadas a habitats de campos e jardins, e conhecidas por sua longevidade e grande envergadura).

Descrição: Uma borboleta de padrão distintivo em preto e branco, com uma envergadura média e características visíveis que lembram uma zebra. A borboleta-zebra tem uma envergadura de 6 a 7 cm, com asas anteriores de um padrão de tiras pretas e brancas, enquanto as asas posteriores apresentam uma linha de manchas azuis. A cor e o padrão das suas asas tornam-na uma das borboletas mais reconhecíveis em áreas de vegetação de campo aberto e clareiras florestais. A lagarta da borboleta-zebra alimenta-se principalmente de plantas como as de famílias de oliveiras e rosáceas.

Curiosidades: A borboleta-zebra é uma das espécies de borboletas que se distingue pela sua longevidade, com adultos podendo viver por várias semanas, ao contrário de outras borboletas que vivem apenas por alguns dias. A sua coloração forte e visível pode funcionar como um mecanismo de defesa, desencorajando predadores de se aproximarem. Além disso, esta espécie é uma excelente polinizadora, desempenhando um papel essencial na biodiversidade dos ecossistemas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, a borboleta-zebra poderia ter sido vista como um símbolo de dualidade e equilíbrio, com suas cores contrastantes representando a interação entre os opostos na natureza. As comunidades castrejas, que tinham uma conexão profunda com a terra e seus ciclos, poderiam ter associado a borboleta-zebra à fertilidade e à renovação, um tema recorrente nas suas práticas culturais e rituais. Sua presença também poderia ter sido relacionada à ideia de transformação, um conceito importante nas crenças espirituais do povo castrejo.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). Diccionario de Botánica. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/80859923>. Última consulta: setembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/iphiclides-feisthamelii>. Última consulta: setembro 2024

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/insetos/item/flamula>. Última consulta: setembro 2024

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Chucha-pitos ou carocha-portuguesa (*Blaps lusitanica* Herbst 1799)



Nome Comum: Chucha-pitos ou carocha-portuguesa

Nome Científico: *Blaps lusitanica*

Família: *Tenebrionidae* (família de besouros caracterizados por corpos cilíndricos e resistentes, muitas vezes encontrados em habitats secos e terrenos pedregosos).

Descrição: Um inseto de aparência robusta e cor escura, facilmente encontrado em zonas de campos secos e florestas. A chucha-pitos é um besouro de tamanho médio, com cerca de 3 a 4 cm de comprimento. Seu corpo é de coloração escura, geralmente preta ou castanha, e apresenta uma forma robusta e ligeiramente ovalada. O besouro é noturno e geralmente se alimenta de matéria vegetal em decomposição e outros resíduos orgânicos. As suas pernas são adaptadas para a movimentação rápida e o seu comportamento é geralmente discreto.

Curiosidades: A chucha-pitos é uma espécie resistente, capaz de sobreviver em condições ambientais adversas, como terrenos secos e rochosos. Sua coloração escura ajuda-a a camuflar-se no solo ou em troncos de árvores mortos, onde se esconde durante o dia. Além disso, é conhecida por ser um excelente decompositor, ajudando a reciclar matéria orgânica no ecossistema.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, a chucha-pitos poderia simbolizar resistência e adaptabilidade, características importantes para as populações que habitavam zonas de clima rigoroso e terrenos difíceis. Devido ao seu comportamento discreto, poderia ser associada à sabedoria oculta e ao conhecimento da terra, conceitos que os povos castrejos valorizavam em suas práticas espirituais e rituais de conexão com a natureza. A sua utilidade como decompositora também poderia estar ligada ao ciclo de vida e renovação da terra, temas centrais na cultura rural castreja.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de *Naturdata.com*.

Almeida, J. (2001). *Os Besouros de Portugal*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Costa, M. (2008). *Fauna Portuguesa: Identificação e Ecologia*. Porto: Universidade do Porto.

iNaturalist, By Emídio Batista in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/83755175>. Última consulta: setembro 2024

NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Blaps-lusitanica/38402/0>. Última consulta: dezembro 2024

Ribeiro, A. (2002). *Insectos de Portugal: Guia de campo*. Lisboa: Editora de Ciências Naturais.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia.es: https://es.wikipedia.org/wiki/Blaps_lusitanica. Última consulta: setembro 2024

Escaravelho-dos-3-pontos (*Lachnaia tristigma*
Lacordaire. 1848)



Nome Comum: Escaravelho-dos-3-pontos

Nome Científico: *Lachnaia tristigma*

Família: *Scarabaeidae* (família de besouros caracterizados por corpos robustos e a presença de antenas largas, frequentemente encontrados em habitats de solo arenoso e vegetação rasteira).

Descrição: Um escaravelho de tamanho médio com marcas distintivas em forma de pontos, frequentemente encontrado em terrenos secos e de vegetação rasteira. O escaravelho-dos-3-pontos tem um corpo alongado e robusto, com cerca de 1,5 cm de comprimento. A sua coloração varia entre o preto e o castanho, e é facilmente reconhecível pelos três pontos pretos em cada um dos seus élitros que adornam o seu exoesqueleto, formando um padrão distinto. Este besouro é predominantemente herbívoro, alimentando-se de plantas, principalmente de espécies de gramíneas e outras plantas rasteiras. Como muitos membros da sua família, é ativo principalmente durante o período noturno.

Curiosidades: O escaravelho-dos-3-pontos é conhecido pela sua resistência a condições adversas e pela sua capacidade de se esconder rapidamente em fendas e sob pedras. A sua dieta de plantas em decomposição contribui para o processo de reciclagem de nutrientes no solo, tornando-o uma espécie importante para a manutenção do equilíbrio ecológico. Além disso, sua coloração e padrão são uma adaptação para a camuflagem, ajudando-o a se esconder de predadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos, que possuíam uma profunda relação com o solo e com os processos naturais de decomposição e renovação, provavelmente reconheciam a importância do escaravelho-dos-3-pontos no ciclo ecológico. A sua função como decompositor de matéria orgânica poderia ser interpretada como uma metáfora para os ciclos de vida e morte, temas que eram essenciais nas crenças espirituais e nos rituais castrejos. A presença deste escaravelho na Citânia de Sanfins poderia também ser vista como uma indicação de um ecossistema saudável e equilibrado.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/215123649>. Última consulta: setembro 2024

Lopes, J. (2011). Invertebrados de Portugal: Guia de campo. Porto: Edições Universidade do Porto.

Pinto, P. (2004). Escaravelhos e outros Besouros de Portugal. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, A. (2005). Fauna de Solo e Invertebrados. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade. Última consulta: dezembro 2024

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lachnaia_tristigma

Escolopendra ou centopeia-amarela
(*Scolopendra cingulata* Latreille, 1829)



Nome Comum: Escolopendra, centopeia-amarela ou escolopendra mediterrânica

Nome Científico: *Scolopendra cingulata*

Família: *Scolopendridae* (família de centopeias predadoras, que se destacam pela sua grande mobilidade, grandes dimensões e pelo uso de veneno para capturar presas).

Descrição: Uma centopeia de grandes dimensões, comumente encontrada em solos secos e húmidos, reconhecida por seu comportamento predador e pelo veneno que utiliza para capturar presas. A escolopendra-amarela é uma centopeia de grandes dimensões, podendo atingir até 20 cm de comprimento. Possui um corpo segmentado, com um tom amarelado a dourado, e é coberta por numerosos segmentos, cada um com um par de pernas longas e finas. A sua capacidade de movimento rápido e ágil permite-lhe caçar insetos e outros pequenos invertebrados, que captura com suas garras e veneno. A sua mordedura pode causar dor intensa, embora raramente seja fatal para os seres humanos.

Curiosidades: A escolopendra-amarela é uma predadora eficiente, usando o veneno que liberta através das mandíbulas para imobilizar suas presas. Embora o veneno seja tóxico para pequenos animais, ele não é letal para os seres humanos, mas pode causar reações fortes e dor local. Este tipo de centopeia é também conhecida pelo seu comportamento agressivo quando se sente ameaçada. A sua presença em ecossistemas saudáveis é um bom indicador da biodiversidade local.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos, conhecidos pela sua relação profunda com os animais e com a natureza, possivelmente viam a escolopendra como um símbolo de defesa e proteção. A sua mordedura venenosa poderia ter sido associada à ideia de força e resistência, algo importante em uma sociedade com tanta dependência do território e da caça. A centopeia poderia também ser considerada uma criatura mística ou de poder, associada a práticas de cura ou rituais de proteção devido à sua natureza predatória e venenosa.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p.

ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 109

Costa, A. (2012). *Artrópodes de Portugal: Identificação e Ecologia*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 113.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/quilopodes/scolopendra-cingulata>. Última consulta: agosto de 2024

Oliveira, M. (2010). *Invertebrados Predadores de Portugal*. Lisboa: Editora de Ciências Naturais.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, L. (2006). *Guia de Fauna de Solo e Invertebrados*. Porto: Universidade do Porto.

Gafanhoto de Jersey (*Euchorthippus elegantulus*
Fourcroy, 1940)



Nome Comum: Gafanhoto de Jersey

Nome Científico: *Euchorthippus elegantulus*

Família: *Acrididae* (família de gafanhotos, caracterizados pela capacidade de saltar grandes distâncias e por suas antenas longas, que são adaptadas ao ambiente terrestre de pastagens e campos abertos).

Descrição: Um gafanhoto de coloração variada, conhecido pela sua habilidade de saltar longas distâncias, muito comum em pastagens e áreas abertas. O gafanhoto de Jersey é um inseto de corpo alongado e esbelto, com coloração variável entre o verde e o marrom, o que lhe proporciona excelente camuflagem nas pastagens e entre a vegetação rasteira. Os adultos podem alcançar até 3 cm de comprimento, e suas antenas longas ajudam na detecção de movimento no ambiente. Como todos os gafanhotos, é herbívoro, alimentando-se principalmente de folhas de plantas herbáceas, e é capaz de saltar grandes distâncias para escapar de predadores ou alcançar fontes de alimentação.

Curiosidades: Este gafanhoto é conhecido pela sua capacidade de saltar até seis vezes a sua própria distância corporal, o que o torna um dos saltadores mais ágeis entre os insetos. A sua coloração variável é uma adaptação que ajuda na camuflagem e na proteção contra predadores. Também é um bom bioindicador, já que sua presença está frequentemente associada a ecossistemas em boas condições de saúde e com uma vegetação diversificada.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: No passado, os gafanhotos eram vistos por diversas culturas como símbolos de renovação e regeneração devido ao seu ciclo de vida rápido e à sua capacidade de surgir em grandes números após períodos de seca. Para os castrejos, a abundância de gafanhotos poderia ser um sinal de uma boa colheita, já que estes insetos poderiam estar associados a áreas de pastagem bem nutridas. Além disso, alguns povos antigos usavam insetos como parte de seus rituais de fertilidade, e o gafanhoto poderia ter sido um desses símbolos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de en.wikipedia.org.

Carvalho, J. (2007). *Insectos de Portugal: Ecologia e Identificação*. Lisboa: Editora da Universidade de Lisboa.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/85651050>. Última consulta: setembro 2024
NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Euchorthippus-elegantulus/39987/0>. Última consulta: setembro 2024

Pereira, F. (2010). *Gafanhotos e Grilos de Portugal*. Porto: Instituto de Investigação Zoológica.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, E. (2015). *Fauna e Biodiversidade de Pastagens*. Lisboa: Instituto Nacional de Ecologia.

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Euchorthippus_elegantulus.

Gafanhoto-atlantis (*Aiolopus strepens* Latreille, 1804)



Nome Comum: Gafanhoto-atlantis

Nome Científico: *Aiolopus strepens*

Família: *Acrididae* (família de gafanhotos, com espécies adaptadas a diversos habitats, desde zonas áridas até áreas mais húmidas, com a característica comum de possuírem grandes pernas traseiras adaptadas ao salto).

Descrição: Um gafanhoto de aparência robusta, conhecido por habitar terrenos secos e arenosos, sendo uma das espécies endémicas da região atlântica. O gafanhoto-atlantis é um inseto de tamanho médio, que pode atingir cerca de 2 a 3 cm de comprimento. O seu corpo é esverdeado ou castanho claro, o que o ajuda a camuflar-se bem no ambiente seco e arenoso onde habita. Possui antenas longas e pernas posteriores fortes, adaptadas para saltar longas distâncias. Alimenta-se principalmente de plantas herbáceas e é mais ativo durante o dia, especialmente em condições de calor. Habita preferencialmente regiões costeiras e áreas com vegetação rasteira.

Curiosidades: Este gafanhoto é uma das espécies de gafanhotos endémicas da região atlântica, sendo encontrado em Portugal e em algumas regiões do sul de Espanha. A sua adaptação a habitats secos e arenosos torna-o um ótimo exemplo de especialização ecológica. Durante os períodos de calor intenso, os gafanhotos-atlantis tendem a esconder-se em buracos ou sob pedras para evitar a desidratação. Embora não seja considerado uma espécie ameaçada, a sua presença é sensível a alterações climáticas e ao uso intensivo do solo.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: No contexto da cultura castreja, o gafanhoto-atlantis poderia ser visto como um símbolo de resistência e adaptação. A sua capacidade de sobreviver em ambientes desafiadores poderia ter sido associada a qualidades apreciadas pelas comunidades castrejas, como a perseverança e a adaptação aos ciclos naturais. Além disso, em algumas culturas antigas, os gafanhotos eram considerados portadores de boas colheitas, devido à abundância que poderiam atingir nas épocas de crescimento das plantas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de en.wikipedia.org.

Almeida, P. (2012). *Insectos e Suas Ameaças: A Vida nas Zonas Secas*. Porto: Editora da Faculdade de Ciências.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 95.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/artropodes/insectos/aiolopus-strepens>. Última consulta: agosto de 2024

Pereira, D. (2009). *Gafanhotos e Saltadores: Características e Hábitos*. Coimbra: Instituto de Zoologia.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, M. (2011). *Fauna Insecta de Portugal: Gafanhotos e Relacionamento Ecológico*. Lisboa: Instituto da Biodiversidade.

Gafanhoto-de-asa-de-faixa-ibérico (*Oedipoda coerulea* Saussure, 1884)



Nome Comum: Gafanhoto-de-asa-de-faixa-ibérico

Nome Científico: *Oedipoda coerulea*

Família: *Acrididae* (família dos gafanhotos, com espécimes adaptados a uma grande variedade de habitats, incluindo campos abertos, áreas rochosas e vegetação rasteira).

Descrição: Gafanhoto notável por suas asas características, que exibem faixas distintas, comum em áreas de vegetação rasteira e campos abertos. O gafanhoto-de-asa-de-faixa-ibérico é um inseto de tamanho médio, com cerca de 3 a 4 cm de comprimento. Suas asas, que podem ser azuis ou verdes com faixas pretas, são uma característica distintiva dessa espécie. O corpo é geralmente de coloração bege a marrom, o que proporciona uma boa camuflagem entre as plantas. As longas antenas e as poderosas patas traseiras permitem que ele realize saltos longos. Esta espécie habita principalmente áreas abertas, como campos de cultivo e pastagens, onde se alimenta de plantas herbáceas.

Curiosidades: O padrão nas asas deste gafanhoto é uma adaptação importante para sua sobrevivência, pois ajuda a confundir predadores, como aves, tornando-o menos visível. Apesar de ser uma espécie comum em várias regiões, sua distribuição é particularmente notável em zonas do sul da Península Ibérica. Sua habilidade de salto também o torna eficiente na fuga de predadores e na procura por novas fontes de alimento.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os gafanhotos eram frequentemente observados pelas comunidades castrejas, que os viam como parte integral da vida nas zonas agrícolas. A presença de gafanhotos-de-asa-de-faixa-ibérico poderia ser interpretada como um indicativo de boas condições ambientais, dado que eles habitam campos bem vegetados. Além disso, a habilidade de saltar distâncias consideráveis poderia ser vista simbolicamente como um atributo de mobilidade e de adaptação rápida a novas condições, refletindo aspetos da vida nômade e agrícola dos castrejos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, A. (2008). *Entomologia e Fauna de Pastagens da Península Ibérica*. Lisboa: Editora Ciências Naturais.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins <https://www.inaturalist.org/observations/130807602>. Última consulta: setembro 2024

Lima, F. (2010). *A Biodiversidade dos Gafanhotos na Península Ibérica*. Coimbra: Universidade de Coimbra Press.

NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Oedipoda-coerulea/40004/0/>. Última consulta: setembro 2024

Pereira, M. (2013). *Insetos e Seus Hábitos: Do Campo às Pastagens*. Porto: Instituto de Estudos Ecológicos.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wikipédia.en: https://en.wikipedia.org/wiki/Oedipoda_coerulea. Última consulta: setembro 2024

Gafanhoto-ocre (*Calliptamus barbarus* Costa 1836)



Nome Comum: Gafanhoto-ocre

Nome Científico: *Calliptamus barbarus*

Família: *Acrididae* (família que engloba uma variedade de gafanhotos adaptados a diferentes ambientes, com destaque para as espécies de maior porte, que habitam áreas abertas e campos).

Descrição: Gafanhoto de tamanho médio, com uma coloração ocre que o ajuda a camuflar-se em ambientes secos e vegetação rasteira. O gafanhoto-ocre é um inseto de tamanho médio, atingindo cerca de 3 a 4 cm de comprimento. A sua coloração varia entre tons de ocre e castanho, o que proporciona uma excelente camuflagem em terrenos secos e vegetação rasteira. Tal como outros gafanhotos, possui antenas longas e potentes pernas traseiras adaptadas ao salto. Este gafanhoto é ativo durante o dia, alimentando-se principalmente de vegetação herbácea, e é encontrado em campos secos, margens de estradas e terrenos não cultivados.

Curiosidades: O gafanhoto-ocre é uma espécie que se adapta bem a condições áridas, sendo uma das espécies típicas de áreas mais secas da Península Ibérica. A sua camuflagem não só o protege de predadores, como também lhe permite passar despercebido pelos humanos durante passeios ou atividades ao ar livre. O som que emite, um ruído característico produzido pelas suas asas, pode ser ouvido em áreas de vegetação densa durante os meses mais quentes.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A presença do gafanhoto-ocre em campos agrícolas e pastagens teria sido bem observada pelas comunidades castrejas. Os gafanhotos, como outros insetos, eram frequentemente vistos como indicadores de saúde do ecossistema. A espécie poderia estar associada a práticas agrícolas, pois a abundância de gafanhotos era muitas vezes interpretada como um reflexo de boa colheita e de campos bem cultivados. A sua adaptação a climas secos poderia também ser vista simbolicamente como uma metáfora para a resiliência e a capacidade de prosperar em ambientes difíceis.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 36

Costa, M. (2012). *A Fauna Artrópode da Região Mediterrânica*. Porto: Associação de Estudos Ecológicos.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/130808730> Última consulta: setembro 2024

NaturData, Biodiversidade On-line: <https://naturdata.com/especie/Calliptamus-barbarus/38327/0> Última consulta: setembro 2024

Pereira, J. (2015). *Gafanhotos e a Fauna dos Campos da Península Ibérica*. Lisboa: Editora Universitária.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, D. (2011). *A Biodiversidade dos Campos Secos e da Vegetação Mediterrânica*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Grilo-comum ou grilo-capa-de-rei (*Gryllus campestris* L. 1758)



Nome Comum: Grilo-comum ou grilo-capa-de-rei

Nome Científico: *Gryllus campestris*

Família: *Gryllidae* (família dos grilos, conhecida pelos sons vibratórios, geralmente para atrair parceiros ou marcar território).

Descrição: Grilo de grande porte, com som característico que é associado à vida nos campos abertos e vegetação rasteira. O grilo-comum é um inseto robusto, com corpo de cor preta ou castanho-escuro e com aproximadamente 2 a 3 cm de comprimento. Os grilos são conhecidos pelo som que produzem ao esfregar as asas, uma característica típica das espécies deste grupo. O som é usado principalmente pelos machos para atrair as fêmeas. Encontrado principalmente em áreas de campos abertos, pastagens e jardins. A sua alimentação é onívora, consumindo desde vegetação até restos de pequenos animais.

Curiosidades: O som característico do grilo-comum, produzido pela fricção das asas, é usado na cultura popular como um sinal de calor e verão. Além disso, os grilos têm sido tradicionalmente usados como iscas em atividades de pesca e, em algumas culturas, são considerados um símbolo de boa sorte. A capacidade de saltar grandes distâncias e o seu comportamento noturno são adaptativos, ajudando a evitar predadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o grilo-comum não seja diretamente mencionado em fontes históricas sobre a cultura castreja, é possível que a sua presença fizesse parte do quotidiano das comunidades castrejas, que viviam em estreita relação com a natureza. O grilo, com o seu som noturno, poderia ter sido associado a aspetos simbólicos da natureza, como a vida rural e os ciclos naturais de abundância e estação. Também poderia ter sido utilizado como parte das práticas alimentares ou até em rituais, dado o seu papel nos ecossistemas agrícolas.

Referências Bibliográficas e WEB:

- Fotografia de João Santos.
Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 43
Ferreira, M. (2011). *A Cultura Castreja e a Fauna de Territórios Naturais*. Porto: Edições Universitárias.
Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 94.
iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/158747780>. Última consulta: setembro 2024
Lima, R. (2010). *Grilos e Criadores de Som: A Fauna dos Campos e Pastagens da Península Ibérica*. Coimbra: Editora Científica.
Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição
Silva, P. (2012). *Insetos e Ecossistemas: O Papel dos Grilos nas Comunidades Agrícolas*. Lisboa: Instituto de Estudos Ecológicos.

Grilo-de-sela-lusitânico (*Neocallicrania selligera*
Pfafu 1825)



Nome Comum: Grilo-de-sela-lusitânico

Nome Científico: *Neocallicrania selligera*

Família: *Gryllidae* (família dos grilos, comumente conhecidos pelo seu som, produzido pela fricção das asas).

Descrição: Grilo pequeno e característico das regiões de vegetação rasteira, com som melódico emitido durante os meses mais quentes. O grilo-de-sela-lusitânico é uma espécie de grilo de tamanho pequeno, com cerca de 1,5 a 2 cm de comprimento. A sua coloração depende de fatores externos, neste caso, geralmente castanha escura com uma tonalidade levemente avermelhada. O corpo é alongado e apresenta uma estrutura robusta. Os grilos desta espécie produzem um som característico, usado para atrair parceiros durante o período reprodutivo. São frequentemente encontrados em campos secos, pastagens e áreas rochosas, onde se alimentam de matéria vegetal e restos de pequenos animais.

Curiosidades: O grilo-de-sela-lusitânico é uma das espécies endémicas da Península Ibérica, o que o torna um símbolo da biodiversidade local. O seu canto melódico é associado a climas quentes e secos, sendo uma presença comum nos campos durante o verão. O som produzido pelo grilo é especialmente notável durante as noites quentes, quando se torna mais intenso.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Para as comunidades castrejas, que estavam imersas na natureza e em constante interação com o ambiente, o grilo-de-sela-lusitânico poderia ter sido visto como um símbolo da chegada do calor e da época das colheitas. O canto noturno do grilo poderia ter sido interpretado como um sinal da vida ativa nos campos, simbolizando a abundância da estação. Além disso, insetos como os grilos eram provavelmente observados e integrados no cotidiano das comunidades, seja como elemento natural de alimentação, ou possivelmente em algumas crenças ou superstições locais.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Pereira, A. (2012). *A Fauna da Península Ibérica: Insetos e a Sua Relação com o Homem*. Porto: Universidade do Porto.

Rodrigues, T. (2014). *Grilos e Outras Espécies do Ecossistema Mediterrânico*. Lisboa: Edições Científicas da Universidade de Lisboa.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, M. (2011). *Vida e Cultura nas Comunidades Castrejas*. Coimbra: Edições Académicas.

Wikipédia en: <https://en.wikipedia.org/wiki/Neocallicrania> Última consulta: setembro 2024

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-grilo-de-sela-5> Última consulta: setembro 2024

Joaninha ou joaninha-de-sete-pintas (*Coccinella septempunctata* L. 1758)



Nome Comum: Joaninha ou Joaninha-de-sete-pintas

Nome Científico: *Coccinella septempunctata*

Família: *Coccinellidae* (família das joaninhas, caracterizada por insetos pequenos, coloridos e predadores de outros insetos).

Descrição: Pequeno inseto inconfundível, valorizado por sua beleza e pelo papel benéfico no controle de pragas. A joaninha-de-sete-pintas é um inseto com cerca de 5 a 8 mm de comprimento, de coloração vermelha vibrante com sete manchas pretas nas asas rígidas. A cabeça e o tórax são pretos com pequenas manchas brancas. Este inseto é amplamente reconhecido por sua eficiência como predador natural de pulgões e outras pragas agrícolas. Habita áreas como campos cultivados, jardins, prados e florestas abertas. Além de seu papel ecológico, a joaninha é frequentemente considerada um indicador de saúde ambiental.

Curiosidades: As joaninhas têm um ciclo de vida que inclui quatro estágios: ovo, larva, pupa e adulto, sendo as larvas também predadoras vorazes. Além disso, a joaninha-de-sete-pintas é associada a sorte em várias culturas europeias. Em algumas tradições, acredita-se que pousar uma joaninha na mão é sinal de boa fortuna.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Nas comunidades castrejas, insetos como a joaninha poderiam ter sido observados como aliados naturais no cultivo de pequenos campos agrícolas. É possível que sua presença nos campos fosse interpretada como um bom presságio para as colheitas. A ligação entre este inseto e a fertilidade da terra pode ter sido uma ideia intuitiva, considerando a utilidade das joaninhas no controle de pragas que afetam as plantas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 96

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág 107.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/coccinella-septempunctata>. Última consulta: setembro 2024

Santos, R. M. (2013). Insetos Benéficos da Agricultura Tradicional. Lisboa: Instituto de Estudos Rurais.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, L. (1997). Flora e Fauna da Península Ibérica. Porto: Universidade do Porto.

Lesma-espanhola ou lesma-assassina (*Arion vulgaris* (Moquin-Tandon, 1855))



Nome Comum: Lesma-espanhola ou lesma-assassina

Nome Científico: *Arion vulgaris*

Família: *Arionidae* (uma família de lesmas caracterizada pela ausência de conchas e pela presença de uma camada de muco que protege o corpo).

Descrição: A lesma-espanhola é uma lesma terrestre de grande porte, com um corpo que pode atingir até 15 cm de comprimento. A sua coloração varia entre o castanho e o laranja, com uma textura rugosa na pele. Esta espécie invasora é encontrada em áreas agrícolas, jardins e zonas húmidas. Alimenta-se de uma ampla gama de plantas e matéria orgânica em decomposição.

Curiosidades: Apelidada de “lesma-assassina” devido à sua agressividade e impacto nos ecossistemas locais, a lesma-espanhola é uma das espécies invasoras mais prejudiciais na Europa. Além de ser uma grande consumidora de plantas cultivadas, pode competir e até deslocar espécies nativas de lesmas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não se saiba se esta espécie já existia na época castreja, as comunidades antigas certamente enfrentavam desafios com moluscos semelhantes, que poderiam impactar as suas práticas agrícolas. A relação entre humanos e estas espécies destaca a adaptação e o conhecimento tradicional para gerir os recursos naturais.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Cunha, M. (2015). Espécies Invasoras em Portugal. Lisboa: ICNF.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, P. & Oliveira, T. (2018). Guia de Moluscos Terrestres. Porto: Universidade do Porto.

Sousa, A. et al. (2017). Biodiversidade e Conservação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arion_vulgaris. Última consulta: dezembro 2024.

Lesma-preta (*Arion ater* L. 1758)



Nome Comum: Lesma-preta

Nome Científico: *Arion ater*

Família: *Arionidae* (família de lesmas, todas sem concha, adaptadas a ambientes húmidos e de vegetação rasteira).

Descrição: A lesma-preta é uma espécie de lesma com um corpo gelatinoso de cor preta, podendo medir até 10 cm de comprimento. Apresenta uma secreção mucosa viscosa que a protege e facilita o seu deslocamento. Habita zonas húmidas como florestas, jardins e áreas agrícolas, alimentando-se principalmente de plantas e matéria orgânica em decomposição.

Curiosidades: Embora seja uma espécie comum, a lesma-preta desempenha um papel importante na decomposição de matéria orgânica, ajudando a enriquecer o solo com nutrientes. No entanto, em grandes quantidades, pode danificar hortas e jardins.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Como espécie presente em habitats naturais e agrícolas, a lesma-preta poderia ter sido observada pelos castrejos como parte do ciclo de decomposição. A sua presença também pode ser vista como uma parte integrante do equilíbrio ecológico, com as comunidades castrejas possivelmente utilizando o seu comportamento de decomposição para enriquecer o solo cultivado.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Almeida, R. (2008). Guia de Biodiversidade de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 110.

Pereira, J. (2012). Moluscos e Invertebrados: Identificação e Conservação. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

Santos, M. (2015). Fauna de Solo e Seus Papéis Ecológicos. Porto: Universidade do Porto.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-lesmas-do-genero-arion>. Última consulta: setembro 2024

Libélula-anelada Libélula anelada (*Cordulegaster boltonii* Donavan. 1807)



Nome Comum: Libélula-anelada

Nome Científico: *Cordulegaster boltonii*

Família: *Cordulegasteridae* (família de libélulas de grandes dimensões, que habitam zonas aquáticas e são predadoras de outros insetos).

Descrição: A libélula-anelada é uma espécie grande e imponente, com uma envergadura de asas que pode atingir os 7 cm. O corpo é de cor amarela e preta, com anéis visíveis ao longo do tronco. Ela é predadora, alimentando-se de outros insetos, como mosquitos e moscas, e é frequentemente encontrada perto de rios e lagos, onde deposita os seus ovos.

Curiosidades: As libélulas-aneladas têm uma visão excepcional e são capazes de voar em todas as direções, incluindo para trás. São extremamente rápidas e precisas ao capturar as suas presas no ar. Além disso, a sua presença em áreas aquáticas indica a boa qualidade da água, tornando-as um bioindicador útil para avaliar a saúde ambiental.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As libélulas, como predadoras aéreas eficientes, podem ter sido vistas pelos castrejos como símbolos de agilidade e destreza. A sua presença nas águas pode também ter sido associada a ambientes propícios à pesca e/ou à caça, atividades fundamentais para os castrejos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 32.

Costa, F. (2013). A Fauna de Águas Dulces de Portugal. Porto: Universidade do Porto.

Maravalhas E., A. Soares (2013). As Libélulas de Portugal – The Dragonflies of Portugal. Booky Publisher. Pág. 228.

Museu da Biodiversidade Virtual, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/cordulegaster-boltonii>. Última consulta: dezembro 2024.

Pereira, A. (2016). Guias de Campo: Libélulas de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, L. (2010). Insetos e Biodiversidade Aquática. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

Libélula-de-nervuras-vermelhas (*Sympetrum fonscolombii*Selys. 1840)



Nome Comum: Libélula-de-nervuras-vermelhas

Nome Científico: *Sympetrum fonscolombii*

Família: *Libellulidae* (família de libélulas com asas amplas e geralmente de cores vibrantes, muito comuns em habitats aquáticos).

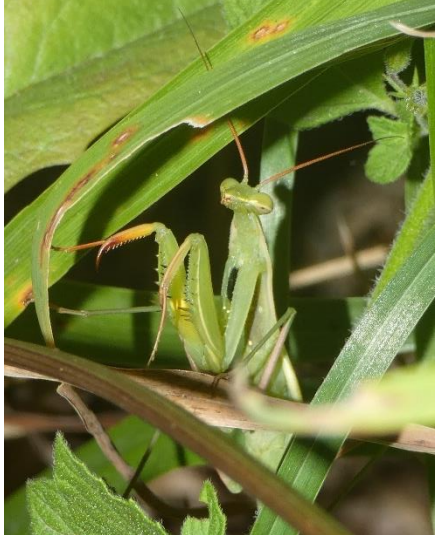
Descrição: A libélula-de-nervuras-vermelhas é uma espécie de tamanho médio, com um corpo esguio e coloração predominantemente vermelha. As suas asas, que possuem nervuras vermelhas características, podem atingir até 5 cm de comprimento. Habita zonas com água estagnada, como lagoas e charcos, onde a sua larva também se desenvolve em ambientes aquáticos.

Curiosidades: A libélula-de-nervuras-vermelhas é uma excelente predadora, capturando os seus alimentos no ar com grande destreza. Sua presença é um bom indicador de ambientes com boa qualidade de água, pois as larvas dessa espécie são sensíveis à poluição. Além disso, é conhecida pelo seu voo ágil e pela habilidade de voar em todas as direções.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As libélulas poderiam ter sido associadas pelos castrejos à harmonia e equilíbrio entre os elementos da natureza, especialmente pela sua relação com a água, essencial para a sobrevivência. Além disso, a sua habilidade de capturar presas com grande precisão pode ter sido vista como uma metáfora para a destreza necessária nas atividades de caça e pesca.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.
iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/130809324> Última consulta: dezembro 2024
Maravalhas E., A. Soares (2013). As Libélulas de Portugal – The Dragonflies of Portugal. Booky Publisher. Pág. 273.
Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/sympetrum-fonscolombii>. Última consulta: dezembro 2024
Oliveira, S. (2009). Libélulas de Portugal: Guia de Identificação. Lisboa: Edições Universitárias.
Pereira, M. (2015). Fauna e Flora Aquáticas: Guia Completo. Coimbra: Universidade de Coimbra.
Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.
Silva, J. (2014). O Mundo das Libélulas. Porto: Ed. da Universidade do Porto.
Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sympetrum_fonscolombii. Última consulta: dezembro 2024.

<p>Louva-a-deus (<i>Mantis religiosa</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Louva-a-deus Nome Científico: <i>Mantis religiosa</i></p>	
<p>Família: <i>Mantidae</i> (família de insetos predadores conhecidos pelas suas características patas dianteiras em forma de gancho, adaptadas para capturar presas).</p>	
<p>Descrição: O louva-a-deus é um inseto de corpo alongado e verde, com uma postura peculiar, com as patas dianteiras erguidas e dobradas, como se estivesse em oração. Pode atingir até 8 cm de comprimento. Este predador é conhecido pela sua habilidade de capturar presas, como moscas e outros insetos, utilizando as suas patas dianteiras em forma de garra. Prefere viver em vegetação alta e arbustos.</p>	
<p>Curiosidades: O louva-a-deus é famoso pelo comportamento de canibalismo sexual, onde a fêmea, após o acasalamento, pode devorar o macho. Esta espécie também é conhecida pelo seu movimento de cabeça, que é capaz de virar até 180°, o que a torna extremamente eficiente na caça, pois pode observar o ambiente ao redor.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, o louva-a-deus poderia ter sido interpretado como um símbolo de paciência e vigilância, qualidades essenciais para a caça e a defesa. A sua habilidade de capturar presas e a sua postura singular poderiam estar relacionadas a rituais de concentração ou até de práticas de meditação, características importantes nas práticas espirituais da época.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Almeida, S. (2013). O Mundo dos Louva-a-Deus. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra. Associação de Municípios Parque das Serras do Porto (2023). Guia de Campo – Invertebrados do Parque das Serras do Porto. 1ª ed. 128 p. ISBN 978-989-99928-7-0. Pág. 46. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/80935161 Última consulta: dezembro 2024 Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/mantis-religiosa Última consulta: dezembro 2024 Pimentel, R. (2012). Insetos de Portugal: Um Guia Completo. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição. Silva, J. (2011). Entomologia em Portugal: Guia de Campo. Porto: Edições Universidade do Porto.</p>	

(*Lythria sanguinária*, Duponchel. 1842)



Nome Comum:

Nome Científico: *Lythria sanguinaria*

Família: *Geometridae* (família de traças caracterizada também pela presença de asas finas e padrões variados, geralmente associadas a habitats ricos em flora herbácea).

Descrição: A *Lythria sanguinaria* é uma traça de pequeno a médio porte, com asas marcadamente coloridas em tons de rosa-avermelhado e amarelo. O padrão vibrante das asas torna-a inconfundível entre as espécies do seu habitat. Esta traça é encontrada em prados, margens de caminhos e terrenos cultivados, onde as larvas se alimentam de plantas do género *Rumex*. Os adultos têm hábitos diurnos e são frequentemente avistados em voo durante os meses mais quentes.

Curiosidades: A coloração distinta da *Lythria sanguinaria* atua como um mecanismo de camuflagem eficaz quando pousada em flores, permitindo-lhe escapar de predadores. Apesar de ser uma traça, o seu voo diurno e as suas cores chamativas fazem com que seja frequentemente confundida com pequenas borboletas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A presença de traças como a *Lythria sanguinaria* nos campos ao redor da Citânia de Sanfins sugere a coexistência de uma fauna entomológica variada com as práticas agrícolas castrejas. As plantas hospedeiras das larvas, como espécies de *Rumex*, podem ter tido utilidade medicinal ou alimentar para as populações antigas, criando uma ligação indireta entre esta traça e as práticas culturais e económicas da Citânia.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Chinery, M. (2007). *Guia de Campo de Insetos de Portugal e da Europa*. Lisboa: Texto Editores.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/taxa/322839-Lythria-sanguinaria>. Última consulta: dezembro 2024

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Wilder.pt – Revista-online: <https://wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-borboleta-lythria-sanguinaria>. Última consulta: dezembro 2024

Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lythria_sanguinaria. Última consulta: dezembro 2024

Percevejo-vermelho (*Horvathiolus superbus*
Pollich. 1779)



Nome Comum: Percevejo-vermelho

Nome Científico: *Horvathiolus superbus*

Família: *Cydnidae* (família de percevejos conhecidos pelas suas carapaças duras, adaptadas para se proteger contra predadores).

Descrição: O percevejo-vermelho é um inseto de tamanho médio, com uma coloração vermelha característica, que varia para tons mais escuros à medida que envelhece. Seu corpo é oval e achatado, com uma carapaça protetora que o torna difícil de capturar por predadores. Este inseto alimenta-se principalmente de seiva de plantas, utilizando o seu aparelho bucal especializado para perfurar as células vegetais.

Curiosidades: O percevejo-vermelho é conhecido pela sua capacidade de se camuflar entre as folhas e troncos, devido à sua cor vibrante. Quando ameaçado, pode liberar substâncias químicas para se defender, causando um odor desagradável para afastar predadores. Além disso, alguns estudiosos consideram-no um bioindicador, ou seja, um organismo que pode fornecer informações sobre o estado de saúde do ecossistema em que vive.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o percevejo-vermelho não tenha uma ligação direta com práticas culturais castrejas, a sua capacidade de se proteger através da camuflagem e da liberação de substâncias defensivas poderia ser vista como uma metáfora para a habilidade de defesa das comunidades castrejas contra invasores ou predadores. A sua resistência e adaptabilidade poderiam ser simbolicamente associadas à resistência dos castrejos à invasão romana e outros perigos externos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Paolo Mazzei by BioDiversity4All

Câmara Municipal de Viana do Castelo, Bioregisto: <https://ambiente.cm-viana-castelo.pt/bioregisto/horvathiolus-superbus>. Última consulta: dezembro 2024

Carvalho, J. (2009). Entomologia Aplicada: Percevejos e outros insetos. Lisboa: Edições Técnicas.

Lima, A. (2014). Insetos e Biodiversidade em Portugal. Porto: Edições Universitárias.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/artropodes/insectos/horvathiolus-superbus>. Última consulta: dezembro 2024

Pereira, F. (2008). Percevejos e Outros Insetos de Portugal. Lisboa: Ed. Científicas.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Pirilampo sp. (género *Lampyrini*)



Nome Comum: Pirilampo sp.

Nome Científico: Género *Lampyrini*

Família: *Lampyridae* (família de insetos conhecidos pelas suas habilidades bioluminescentes, comumente referidos como vaga-lumes).

Descrição: O pirilampo é um inseto noturno, cujo abdómen emite luz visível, fenómeno denominado bioluminescência. Essa luz é produzida por reações químicas em um órgão especializado localizado no abdómen. Os pirilampos adultos são frequentemente encontrados em ambientes de vegetação densa e húmida, onde as fêmeas emitem sinais luminosos para atrair os machos. Eles possuem corpos finos e longos, geralmente de coloração escura, com o abdómen iluminado em tons de verde-amarelo.

Curiosidades: A bioluminescência dos pirilampos não é apenas fascinante do ponto de vista biológico, mas também tem implicações culturais, sendo muitas vezes associada a mitos e lendas sobre espíritos e luzes fantasmagóricas. Em algumas culturas, acreditava-se que os pirilampos eram espíritos de pessoas falecidas. Em termos ecológicos, eles desempenham um papel no controlo de populações de insetos, sendo predadores de larvas de outros insetos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja referências diretas ao pirilampo na cultura castreja, a sua bioluminescência poderia ter sido associada a aspetos espirituais ou de encantamento. É possível que os castrejos vissem esses insetos como sinalizadores da chegada da noite ou como presenças misteriosas na natureza. O seu brilho poderia ser interpretado como um símbolo de guia ou proteção, alinhando-se com as crenças de respeito e adoração à natureza e seus mistérios.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Almeida, R. (2012). O Mundo dos Pirilampos: Bioluminescência e Cultura. Porto: Edições Científicas.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106631883>. Última consulta: dezembro 2024

Santos, F. (2009). Entomologia de Portugal. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, M. (2006). Biodiversidade de Insetos Luminosos. Lisboa: Ed. Ambiente e Natureza.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaga-lume>. Última consulta: dezembro 2024

Tipula sp. (género *Tipula* L.)



Nome Comum: Tipula sp.

Nome Científico: Género *Tipula*

Família: *Tipulidae* (família de moscas, conhecida pela sua grande cabeça, pernas longas e, em algumas espécies, pelo som característico que emitem).

Descrição: As típulas são grandes moscas, frequentemente confundidas com libélulas devido à sua forma alongada. Os adultos possuem corpos finos e longos, com asas estreitas e pernas exageradamente longas. As suas larvas, muitas vezes chamadas de "vermes de raiz", habitam o solo, alimentando-se de matéria orgânica em decomposição e raízes de plantas. São encontradas em habitats de vegetação densa, pântanos, margens de rios e terrenos alagadiços.

Curiosidades: Apesar de serem frequentemente vistas como pragas, as típulas desempenham um papel importante na reciclagem de nutrientes no solo, uma vez que suas larvas se alimentam de matéria em decomposição. As adultas, por sua vez, são inofensivas e não se alimentam, já que vivem apenas para reproduzir. As típulas também são conhecidas pelo seu voo peculiar, que é lento e errático, o que torna fácil sua identificação durante as noites de verão.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não haja registros explícitos da típula na cultura castreja, a sua presença em ecossistemas aquáticos e florestais pode ter sido observada pelas comunidades castrejas. Elas poderiam ter sido vistas como indicadores de um ambiente saudável e fértil, dado seu papel no ciclo de decomposição. Além disso, o seu voo lento e peculiar poderia ter sido integrado em crenças populares sobre o voo das almas ou sobre presenças espirituais no mundo natural.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106631509>. Última consulta: dezembro 2024

Pereira, J. (2008). A Entomologia e a Cultura Popular. Porto: Instituto de Ciências Biológicas.

Rodrigues, M. (2014). Ecologia dos Insetos Aquáticos. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, P. (2010). Insectos de Portugal: Identificação e Ecologia. Lisboa: Edições Universidade de Lisboa.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tipula>. Última consulta: dezembro 2024.

Anfíbios (descrição por espécie)

Os anfíbios apresentados para esta dissertação, aquando da inventariação e registo das espécies, ao longo do vasto período de trabalho de campo, são um grupo de animais que incluem sapos, rãs e salamandras. Eles são caracterizados pela sua capacidade de viver em ambientes húmidos e terrestres, e por possuírem uma pele nua, sensível à qualidade ambiental e que os torna em excelentes bioindicadores da qualidade dos habitats. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas, até ao momento quatro espécies de anfíbios: o sapo-corredor, a rã-verde, a salamandra-de-pintas-amarelas e o sapo-comum.

A presença destas espécies na Citânia de Sanfins é significativa, pois indica que o sítio é um habitat adequado para a sobrevivência destes animais. A nascente de água que existe no local, junto ao balneário castrejo, é fundamental para estes anfíbios, pois fornece-lhes água para a sua sobrevivência e para a sua reprodução.

O sapo-corredor, a rã-verde e a salamandra-de-pintas-amarelas são espécies comuns na região, mas a presença deles na Citânia de Sanfins é um testemunho da riqueza e da diversidade da fauna local. Estas espécies desempenham um papel importante no ecossistema, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de invertebrados.

Neste guia, vamos apresentar mais informações sobre as espécies de anfíbios da Citânia de Sanfins, incluindo suas características, os seus hábitos e a importância para a ecossistema e a cultura local.

Rã-verde (*Pelophylax perezi* López-Seoane, 1885)



Nome Comum: Rã-verde

Nome Científico: *Pelophylax perezi*

Família: *Ranidae* (família de rãs e sapos, caracterizada por animais com corpos comprimidos lateralmente e adaptação ao ambiente aquático durante a fase larval).

Descrição: A rã-verde é uma espécie de anfíbio com corpo compacto e pele verde ou castanha, com manchas mais escuras. Mede entre 6 e 10 cm de comprimento, com membros posteriores bem desenvolvidos, adaptados para a natação. A rã-verde habita zonas aquáticas de água doce, como lagoas, rios e charcos. A sua alimentação é composta principalmente por insetos aquáticos e pequenos invertebrados.

Curiosidades: A rã-verde é conhecida pela sua habilidade de saltar longas distâncias, o que a torna uma excelente nadadora. O seu canto, característico durante a época de reprodução, pode ser ouvido durante a primavera e início do verão. Também é comum a sua presença em jardins e terrenos próximos a massas de água.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: As rãs, enquanto símbolo de regeneração e renovação, poderiam ter tido um significado importante para as comunidades castrejas, que possuíam um profundo respeito pelos ciclos da natureza e pela água. A presença de rãs nas suas tradições poderia ter sido associada à abundância ou à ligação com os rios e pântanos, fontes de vida e recursos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106631027>. Última consulta: dezembro 2024

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal:

<https://www.icnf.pt/api/file/doc/20aa973a0c2d085b>. Última consulta: dezembro 2024

Santos I, Azevedo A, Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 127.

Santos, M. (2009). Ecologia e Conservação dos Anfíbios. Porto: Edições da Universidade do Porto.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Silva, P. (2012). Anfíbios de Portugal: Guia de Identificação. Lisboa: Edições Universidade de Lisboa.

Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo (*Salamandra salamandra* L. 1758)



Nome Comum: Salamandra-de-pintas-amarelas ou salamandra-de-fogo

Nome Científico: *Salamandra salamandra*

Família: *Salamandridae* (família de salamandras, caracterizadas por corpos alongados e com glândulas venenosas que segregam substâncias tóxicas).

Descrição: A salamandra-de-pintas-amarelas tem um corpo robusto, geralmente preto com manchas amarelas. Mede entre 15 e 25 cm e é conhecida por ser uma espécie noturna. Habita zonas húmidas e é encontrada em florestas e áreas montanhosas. A sua dieta consiste principalmente de insetos e pequenos invertebrados.

Curiosidades: O nome "salamandra-de-fogo" vem da crença popular de que ela podia sobreviver ao fogo, devido à sua pele viscosa e ao seu comportamento de se esconder em troncos de árvores queimados. Essa ideia é uma lenda, mas ajudou a consolidar o status misterioso desta espécie na cultura popular.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A salamandra, com as suas cores vibrantes e comportamentos secretos, poderia ser vista pelos castrejos como um símbolo de transformação ou proteção. O seu habitat em ambientes húmidos e escuros podia também associá-la à ligação entre o mundo visível e o invisível, um tema comum nas crenças espirituais castrejas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Luís Cunha.

Costa, F. (2011). Salamandras e Seus Hábitats. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Fundação Serralves: <https://biodiversidade.serralves.pt/pt/especies/salamandra-de-pintas-amarelas> Última consulta: dezembro 2024.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/106630724> Última consulta: dezembro 2024.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal:

<https://www.icnf.pt/api/file/doc/305a7786d3bcc138> Última consulta: dezembro 2024

Pereira, J. (2013). A Biodiversidade e as Lendas de Portugal. Porto: Edições Universitárias.

Santos I, Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 59.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Sapo-comum (*Bufo spinosus* Daudin, 1803)



Nome Comum: Sapo-comum

Nome Científico: *Bufo spinosus*

Família: *Bufo*

Descrição: O sapo-comum é um anfíbio de tamanho médio a grande, com pele rugosa e coloração castanha ou esverdeada que lhe oferece excelente camuflagem. Alimenta-se de invertebrados, como insetos e minhocas, e vive em ambientes variados, desde florestas até áreas rurais e urbanas.

Curiosidades: Este sapo segrega uma substância tóxica pela pele, que o protege contra predadores. Inofensivo para os humanos. Apesar da sua aparência pouco atraente, é um aliado importante na agricultura por consumir insetos que poderiam ser pragas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos provavelmente conheciam o sapo-comum e poderiam associá-lo a rituais ou crenças relacionadas à terra e à fertilidade, dado o seu ciclo de vida dependente da água e do solo. A sua toxicidade poderia também simbolizar proteção e defesa contra ameaças.

Referências Bibliográficas e WEB:


Fotografia de Gewone pad, Saxifraga-Luc Hoogenstein.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/anfibios/bufo-spinosus>. Última consulta: dezembro 2024.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/anfibios/item/sapo-comum>. Última consulta: dezembro 2024.

Santos I, Azevedo A, Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 93.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

<p>Sapo-corredor (<i>Epidalea calamita</i> Laurenti, 1768)</p>	
<p>Nome Comum: Sapo-corredor Nome Científico: <i>Epidalea calamita</i></p>	
<p>Família: <i>Bufo</i> (família dos sapos, caracterizados por corpos robustos e pele rugosa, com glândulas venenosas).</p>	
<p>Descrição: O sapo-corredor é uma espécie de sapo de tamanho médio, com a pele de cor cinza ou castanha e manchas escuras. Mede entre 5 e 9 cm e é conhecido pela sua agilidade ao correr, principalmente durante a época de reprodução. Habita zonas de vegetação rasteira e áreas agrícolas, sendo uma espécie adaptada tanto a ambientes aquáticos quanto terrestres.</p>	
<p>Curiosidades: Embora os sapos sejam conhecidos por sua natureza mais lenta, o sapo-corredor é uma exceção, sendo capaz de correr com grande velocidade quando ameaçado. A sua alimentação é composta por insetos, larvas e outros pequenos invertebrados.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A presença do sapo-corredor em áreas agrícolas poderia ser vista pelos castrejos como um indicador de solos saudáveis e férteis. O seu comportamento ativo e de defesa poderia também ser associado a crenças de proteção e força, tornando-o parte de rituais ligados à fertilidade da terra.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Almeida, R. (2007). Os Sapos e suas Habitações. Lisboa: Instituto de Ciências Biológicas. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/99135156 Última consulta: dezembro 2024. Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/anfibios/epidalea-calamita Última consulta: dezembro 2024. Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/sapo-corredor-epidalea-calamita-2 Última consulta: dezembro 2024. Pinto, J. (2010). Reptéis e Anfíbios de Portugal. Porto: Universidade do Porto. Santos I, Azevedo A, Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 99. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p>	

Répteis (descrição por espécie)

Os répteis são um grupo de animais que incluem serpentes, lagartos e cobras. São caracterizados por possuírem uma pele escamosa, pela sua capacidade de viver em ambientes terrestres e, em alguns casos, em ambientes aquáticos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas várias espécies de répteis, que desempenham um papel importante no ecossistema local.

A presença de répteis na Citânia de Sanfins é significativa, pois indica que o sítio é um habitat adequado para a sobrevivência destes animais. Além disso, os répteis também são importantes componentes da cadeia alimentar, ora servindo como fonte de alimento para outros animais superiores ora como predadores de algumas outras espécies. Os répteis auxiliam e contribuem para o equilíbrio ambiental, devido ao controlo de indivíduos que vão predando em cada território.

Neste guia, vamos apresentar as espécies de répteis da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para o ecossistema local.

Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura* L. 1758)



Nome Comum: Cobra-de-água-viperina

Nome Científico: *Natrix maura*

Família: *Colubridae* (família de cobras não venenosas, com corpos delgados e adaptados a uma grande variedade de habitats).

Descrição: A cobra-de-água-viperina tem uma coloração variada, geralmente com tons de verde e cinza, e é facilmente reconhecível pelo seu corpo esguio e pela cabeça ligeiramente triangular. Mede até 1 metro de comprimento e é frequentemente encontrada em zonas aquáticas, como lagoas e rios. A sua dieta é composta principalmente por peixes e anfíbios.

Curiosidades: Apesar da sua aparência ameaçadora, a cobra-de-água-viperina não é venenosa e é inofensiva para os seres humanos. É uma excelente nadadora e caça principalmente à noite.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A cobra-de-água-viperina, por habitar águas e pântanos, poderia ser considerada pelos castrejos como um animal ligado aos ciclos de renovação e à conexão com a água como fonte de vida e energia.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, F. (2010). Reptéis e seus Habitats. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 128.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99139672>. Última consulta: dezembro 2024.

Marques, A. (2005). Cobras de Portugal. Lisboa: Instituto de Biologia.

Observatório ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/cobra-de-agua-viperina-natrix-maura/>. Última consulta: dezembro 2024

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/repteis/item/cobra-de-agua-viperina>. Última consulta: dezembro 2024

Santos I, Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 189.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*
Hermann. 1804)



Nome Comum: Cobra-rateira

Nome Científico: *Malpolon monspessulanus*

Família: *Colubridae* (família de cobras não venenosas, conhecidas pela sua adaptabilidade a diferentes habitats e pela sua dieta variada).

Descrição: A cobra-rateira é uma espécie de cobra de tamanho grande, podendo atingir até 2,5 metros de comprimento. Sua coloração varia entre o verde-oliva e o castanho, com manchas mais escuras no dorso. É uma serpente de hábitos diurnos, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos, répteis e aves. A cobra-rateira é muito rápida e tem uma excelente capacidade de camuflagem no ambiente.

Curiosidades: Esta cobra é conhecida pelo seu comportamento arisco e pela maneira como se desloca rapidamente entre a vegetação. A sua capacidade de se esconder nas folhas secas e nas rochas faz com que ela passe despercebida na natureza. Além disso, apesar de não ser venenosa, a cobra-rateira é frequentemente confundida com outras espécies venenosas devido à sua aparência intimidante.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A cobra-rateira, com a sua habilidade de se esconder e o seu carácter furtivo, poderia ter sido vista pelos castrejos como um símbolo de astúcia e adaptabilidade. A sua presença nas regiões castrejas poderia ser associada à conexão com a terra e com a habilidade de navegar entre diferentes mundos – o subterrâneo e o visível, algo que poderia ter significado espiritual para os antigos habitantes.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Costa, M. (2007). Reptéis e suas Espécies. Porto: Edições Porto.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 127.


iNaturalist, By Emídio Batista in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/135289036>. Última consulta: dezembro 2024.


Observatório ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/cobra-rateira-malpolon-monspessulanus>. Última consulta: dezembro 2024

Pereira, J. (2014). Cobras e Reptéis de Portugal. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Santos I, Azevedo A, Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 195.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

<p>Fura-pastos ou cobra-de-Pernas-Tridáctila (<i>Chalcides striatus</i> Cuvier. 1829)</p>	
<p>Nome Comum: Fura-pastos ou cobra-de-Pernas-Tridáctila Nome Científico: <i>Chalcides striatus</i></p>	
<p>Família: <i>Scincidae</i> (família de répteis conhecida pela sua forma alongada e pelos corpos cobertos de escamas, com algumas espécies a apresentar membros vestigiais ou ausentes).</p>	
<p>Descrição: O fura-pastos é um réptil de corpo cilíndrico, com escamas lisas e brilhantes, que pode atingir 30 cm de comprimento. Possui uma coloração que varia do castanho ao bege, com algumas faixas escuras ao longo do corpo. A sua característica mais marcante são as pequenas "pernas", vestígios de membros que evoluíram para escamas, tornando-o aparentemente sem patas.</p>	
<p>Curiosidades: Apesar da sua aparência semelhante a uma serpente, o fura-pastos é um lagarto que possui pequenos membros que não são funcionais para locomoção. Ele vive enterrado no solo, alimentando-se de insetos, aracnídeos e pequenos invertebrados. A sua habilidade de se esconder no solo é uma adaptação para evitar predadores.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Com a sua forma peculiar e sua habilidade de viver enterrado, o fura-pastos poderia ser associado aos elementos da terra, simbolizando a ligação dos castrejos com o mundo subterrâneo e a vida oculta. Sua adaptação ao ambiente poderia ser vista como uma metáfora para a resistência e sobrevivência em tempos difíceis.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>iNaturalist, By Emídio Batista in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/158758881. Última consulta: dezembro 2024.</p> <p>Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal: https://www.icnf.pt/api/file/doc/ce27683d272d9d7c Última consulta: dezembro 2024</p> <p>Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/repteis/chalcides-striatus</p> <p>Pinto, F. (2010). A Fauna Subterrânea: Répteis e Invertebrados. Porto: Universidade do Porto.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.</p> <p>Silva, A. (2012). Répteis de Portugal: Guia de Identificação. Lisboa: Instituto de Ciências Biológicas.</p>	

<p>Lagartixa-de-bocage (<i>Podarcis bocagei</i> Lopez-Seroane. 1885)</p>	
<p>Nome Comum: Lagartixa-de-Bocage Nome Científico: <i>Podarcis bocagei</i></p>	
<p>Família: <i>Lacertidae</i> (família de lagartos caracterizados por corpos alongados e com escamas, adaptados a climas quentes e secos).</p>	
<p>Descrição: A lagartixa-de-Bocage é um pequeno lagarto, com comprimento variando entre 15 e 25 cm. A sua coloração é geralmente verde ou cinza, com manchas escuras no dorso. Este lagarto é ativo durante o dia, preferindo ambientes rochosos, áreas abertas e zonas de vegetação rala. A sua alimentação é composta principalmente por insetos e outros pequenos invertebrados.</p>	
<p>Curiosidades: A lagartixa-de-Bocage é um excelente escaladora e pode ser vista frequentemente nas rochas e em muros de pedra, onde caça pequenos insetos. A sua agilidade e capacidade de se esconder rapidamente fazem dela um alvo difícil para os predadores.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Como muitas outras espécies de lagartos, a lagartixa-de-Bocage poderia ter sido associada pelos castrejos à força vital da terra e ao sol, sendo um símbolo de rapidez e adaptabilidade. A sua habilidade em escapar rapidamente de predadores poderia também ser vista como um reflexo de astúcia e esperteza, qualidades valorizadas nas culturas antigas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Costa, J. (2008). Lagartos e Serpentes de Portugal. Lisboa: Edições Universitárias. Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 125. Lopes, M. (2010). Repteis de Portugal: Uma Abordagem Ecológica. Coimbra: Universidade de Coimbra. Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/repteis/podarcis-bocagei/. Última consulta: dezembro de 2024. Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/repteis/item/lagartixa-de-bocage Última consulta: dezembro de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p>	

Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus* L. 1875)



Nome Comum: Lagartixa-do-mato

Nome Científico: *Psammodromus algirus*

Família: *Lacertidae* (família de lagartos que habitam principalmente áreas abertas e rochosas, adaptados a climas quentes e secos).

Descrição: A lagartixa-do-mato é um lagarto pequeno, com uma coloração que varia entre o bege e o marrom claro, com algumas faixas mais escuras ao longo do corpo. Pode atingir cerca de 20 cm de comprimento. É frequentemente encontrada em zonas de mato, em áreas secas e rochosas, onde se alimenta de insetos e pequenos invertebrados. Este lagarto é ágil e muito rápido, utilizando sua destreza para escapar de predadores.

Curiosidades: A lagartixa-do-mato é muito ativa durante o dia e pode ser observada tomando banho de sol para regular sua temperatura corporal. Sua habilidade de se esconder rapidamente entre as rochas e a vegetação rasteira é uma das principais estratégias de defesa contra predadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Com seu comportamento ágil e discreto, a lagartixa-do-mato poderia ser vista pelos castrejos como um símbolo de adaptação e equilíbrio com o ambiente. Sua capacidade de se esconder nas fendas e se mover rapidamente poderia ser associada ao desejo de evitar confrontos diretos e viver em harmonia com a natureza.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal:

<https://www.icnf.pt/api/file/doc/ff3a127b535ec340>. Última consulta: dezembro de 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/repteis/psammodromus-algirus>. Última consulta: dezembro de 2024.

Pereira, J. (2006). Répteis e Anfíbios de Portugal: Guia Ilustrado. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Santos I, Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 153.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Silva, M. (2009). Fauna Ibérica: Répteis e Anfíbios. Porto: Edições Porto.

Lagartixa-lusitânica (*Podarcis lusitanicus* Geniez, Sa-Sousa, Guillaume, Cluchier e Crochê. 1830)



Nome Comum: Lagartixa-lusitânica

Nome Científico: *Podarcis lusitanicus*

Família: *Lacertidae* (família de lagartos, com espécies adaptadas a uma vasta gama de habitats, desde rochas até vegetação rasteira).

Descrição: A lagartixa-lusitânica é uma espécie de lagarto com coloração que varia entre o verde, o castanho e o cinza, frequentemente com manchas ou faixas mais escuras no dorso. Pode medir entre 20 e 25 cm de comprimento. Este lagarto prefere áreas rochosas e abertas, mas também pode ser encontrado em zonas urbanas, onde se alimenta de insetos e pequenos invertebrados.

Curiosidades: A lagartixa-lusitânica é uma das espécies de lagartos mais comuns em Portugal. Ela é conhecida pela sua habilidade de se adaptar tanto a ambientes naturais quanto urbanos, onde pode encontrar alimento e abrigo facilmente.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Nos tempos castrejos, a presença da lagartixa-lusitânica poderia simbolizar a ligação entre a terra e o sol. A sua rapidez e adaptabilidade à vida em diversas condições poderiam ser vistas como qualidades valorizadas na cultura castreja, relacionadas com a resistência e capacidade de prosperar em diferentes ambientes.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos: <https://www.cibio.up.pt/en/media/podarcis-lusitanicus-uma-nova-especie-para-a-herpetofauna-portuguesa>. Última consulta: dezembro 2024.

Costa, F. (2007). Lagartos e Répteis de Portugal. Porto: Universidade do Porto.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/158751372>. Última consulta: dezembro 2024.

Lopes, P. (2010). Vida Selvagem de Portugal. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Licranço (*Anguis fragilis* L. 1758)



Nome Comum: Licranço

Nome Científico: *Anguis fragilis*

Família: Anguillidae

Descrição: O licranço é uma espécie de lagarto sem pernas, com corpo alongado e cilíndrico, que pode alcançar até 60 cm de comprimento. A sua coloração varia entre o castanho e o bege, com algumas linhas escuras ao longo do corpo. Ao contrário das cobras, o licranço tem uma cabeça distinta, mas o corpo serpenteante é uma adaptação evolutiva. Este réptil prefere habitar solos secos, matos e áreas rochosas, alimentando-se principalmente de invertebrados.

Curiosidades: Apesar de ser uma espécie sem pernas, o licranço é um bom escavador e movimentar-se rapidamente pelo solo. Ele tem a capacidade de se regenerar parcialmente em caso de perda da cauda, o que aumenta as suas chances de sobrevivência em situações de perigo.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A forma incomum do licranço poderia ser interpretada pelos castrejos como uma manifestação do mistério e da magia da natureza. A sua habilidade de regenerar partes do corpo poderia ter sido vista como um símbolo de renovação e de força interior, temas presentes em muitas das crenças espirituais castrejas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Hazelworm, Saxifraga-Mark Zekhuis.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 124.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal:

<https://www.icnf.pt/api/file/doc/a4791ce3ce265a6e>. Última consulta: dezembro de 2024.

Oliveira, J. (2007). A Fauna de Portugal: Guia de Campo. Coimbra: Edições da Universidade de Coimbra.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/repteis/item/licranco>. Última consulta: dezembro de 2024.

Pinto, M. (2013). Répteis e Seus Hábitats. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Santos I., Azevedo A., Correia F. e Bandeira V. (2024). Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 171.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Sardão (*Timon lepidus* Daudin, 1802)



Nome Comum: Sardão

Nome Científico: *Timon lepidus*

Família: *Lacertidae* (família de lagartos, que inclui várias espécies de répteis terrestres de corpo alongado, conhecidos pela sua capacidade de adaptação a diferentes habitats e pela sua habilidade de escalar e correr rapidamente).

Descrição: Um réptil de grande porte, facilmente visível na Citânia de Sanfins nos períodos quentes de verão, conhecido pela sua agilidade e por ser uma das maiores espécies de lagarto da Península Ibérica. O sardão é um lagarto de grande tamanho, podendo atingir até 30 cm de comprimento corporal, sem contar com a cauda (80cm a contar com a cauda). Apresenta uma coloração variável, mas normalmente tem um fundo esverdeado ou amarelado com manchas escuras. A sua cauda é longa e pode ser partida em caso de perigo, com a capacidade de regeneração. Habita preferencialmente zonas rochosas, paredes, e clareiras em florestas, onde encontra refúgio nas fendas das rochas. Alimenta-se principalmente de insetos, mas pode também consumir pequenos vertebrados. O sardão é uma espécie territorial, inofensivo para os humanos, ativa durante o dia e com hábitos de escavação.

Curiosidades: O sardão é uma das espécies de lagarto mais notáveis da fauna ibérica devido ao seu tamanho e à sua robustez. Apesar de ser um bom corredor, a sua principal defesa é a camuflagem e a habilidade de se esconder rapidamente em rochas e vegetação densa. A sua cauda regenerável é uma adaptação importante para a sobrevivência, permitindo-lhe escapar de predadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora o sardão não tenha uma relação direta documentada com as práticas culturais castrejas, o seu habitat em zonas rochosas e o comportamento territorial poderiam tê-lo tornado um elemento presente nos ecossistemas que rodeavam as comunidades da Citânia de Sanfins. Espécies como o sardão poderiam ter sido observadas ou até caçadas pelas populações locais para estudo da fauna ou como fonte de alimento. Além disso, o lagarto, pela sua resistência e habilidades adaptativas, poderia ter sido um símbolo de força e sobrevivência nas tradições mitológicas e culturais da época.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Font Quer, P. (1979). *Diccionario de Botánica*. Barcelona: Editorial Labor.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal:

<https://www.icnf.pt/api/file/doc/ebb19e6ffe0b18ec>. Última consulta: dezembro 2024

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/repteis/timon-lepidus>. Última consulta: dezembro 2024

Salvador, A. (2004). *Reptiles of the Iberian Peninsula*. Madrid: Editorial Planeta.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sard%C3%A3o>. Última consulta: dezembro 2024.

Santos I, Azevedo A, Correia F. e Bandeira V. (2024). *Guia de Anfíbios e Répteis do BioRia*. Câmara Municipal de Estarreja. 346 pp. Pág. 165.

Aves (descrição por espécie)

As aves são um grupo de animais que incluem pássaros, que são caracterizados pelos vocalizes, penas e plumas, habilidades de voo e seus comportamentos. Na Citânia de Sanfins, foram inventariadas mais de duas dezenas de espécies de aves, embora para este catálogo foram selecionadas apenas aquelas consideradas mais relevantes.

As aves da Citânia de Sanfins são uma mistura de espécies que vão desde os pequenos passeriformes até os grandes turdídeos, dos corvídeos às aves de rapina. Esta diversidade de espécies é um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema da região.

As aves desempenham um papel importante no ecossistema da Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de invertebrados. Além disso, as aves também são importantes componentes da cultura local, com muitas espécies sendo consideradas símbolos ou representações etnográficas.

Neste guia, vamos apresentar as espécies de aves da Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos, importância para o ecossistema local, épocas de observação e relação com o passado histórico das comunidades locais.

<p>Águia-de-asa-redonda (<i>Buteo buteo</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Águia-de-asa-redonda Nome Científico: <i>Buteo buteo</i></p>	
<p>Família: <i>Accipitridae</i></p>	
<p>Descrição: A águia-de-asa-redonda é uma ave de rapina de médio porte, com envergadura que pode alcançar até 1,3 metros. O seu corpo é robusto, com plumagem castanha escura nas costas e mais clara na barriga. A cauda, característica por ser arredondada, ajuda na sua habilidade de manobra durante o voo. É uma ave predominantemente de caça, alimentando-se de pequenos mamíferos, aves e répteis.</p>	
<p>Curiosidades: Conhecida pela sua grande habilidade de voar a grandes altitudes, a águia-de-asa-redonda usa correntes térmicas para planear longas distâncias sem esforço. É uma espécie monogâmica, formando casais para a vida inteira.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A águia-de-asa-redonda pode ter sido uma figura simbólica de poder e liberdade na cultura castreja, representando a força da natureza e a habilidade de ver e dominar grandes territórios. A sua caça, astúcia e visão aguçada poderiam ser associadas à sabedoria e ao espírito guerreiro dos castrejos.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e web:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 134. Martins, R. (2012). A Fauna de Portugal: Aves. Porto: Edições da Faculdade de Ciências. Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/aguia-de-asa-redonda-buteo-buteo. Última consulta: dezembro de 2024. Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/aves/item/buteo. Última consulta: dezembro de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Silva, A. (2010). Aves de Rapina em Portugal. Lisboa: Edições Universitárias. Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 108-109.</p>	

Andorinhão-preto (*Apus apus* L. 1758)



Nome Comum: Andorinhão-preto

Nome Científico: *Apus apus*

Família: *Apodidae*

Descrição: O andorinhão-preto é uma ave migratória, de plumagem escura, com cerca de 16 cm de comprimento e asas longas em forma de foice. Passa grande parte da vida em voo, alimentando-se de insetos capturados no ar. É comum em áreas urbanas e zonas florestais.

Curiosidades: Esta ave é conhecida pela sua habilidade de dormir em pleno voo e pela capacidade de passar meses sem pousar. A sua presença no verão europeu é um indicador da abundância de insetos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A chegada do andorinhão-preto poderia ser vista pela comunidade castreja como um marcador das mudanças sazonais, algo fundamental para uma sociedade dependente da agricultura e dos ciclos naturais. A sua ligação ao céu e à liberdade poderia também ser interpretada simbolicamente.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gierzwaluw, Saxifraga-Luc Hoogenstein.


Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/apuapu>. Última consulta: dezembro de 2024.


Oliveira, J. (2007). Guia de Aves Urbanas. Porto: Universidade do Porto.


Ramos, T. (2011). Aves Migratórias de Portugal. Lisboa: Edições Universitárias.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 236-237.

<p>Cartaxo ou Cartaxo-comum (<i>Saxicola rubicola</i> L. 1766)</p>	
<p>Nome Comum: Cartaxo ou Cartaxo-comum Nome Científico: <i>Saxicola rubicola</i></p>	
<p>Família: <i>Muscicapidae</i></p>	
<p>Descrição: O cartaxo é uma ave pequena, com plumagem de tons terrosos e um distintivo peito alaranjado. Mede cerca de 13 cm de comprimento e é conhecido pela sua postura ereta e comportamento territorial, especialmente durante a época de reprodução. A sua alimentação é composta por insetos e pequenas sementes.</p>	
<p>Curiosidades: O cartaxo é famoso pelo seu canto melodioso e pela forma como salta de um ponto elevado para caçar insetos no solo. A sua presença é frequentemente associada a áreas de vegetação rasteira e sebes, sendo uma ave típica de campos e pastagens.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, o cartaxo poderia ser visto como um símbolo de proteção territorial e vigilância, características essenciais em sociedades guerreiras. A presença do cartaxo também poderia ter uma conotação de fertilidade, devido ao seu comportamento na época de reprodução.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/saxtor. Última consulta: agosto de 2024.</p> <p>iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/158753253. Última consulta: agosto de 2024.</p> <p>Lima, C. (2008). As Aves de Campo e Pastagens. Lisboa: Edições Científicas.</p> <p>Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/cartaxo-comum-saxicola-rubicola. Última consulta: agosto de 2024.</p> <p>Pereira, J. (2011). A Fauna de Portugal: Aves Raras e Comuns. Porto: Universidade do Porto.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p>Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 292-293.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

<p>Chamariz ou milheirinha (<i>serinus serinus</i> L. 1766)</p>	
<p>Nome Comum: Chamariz ou milheirinha Nome Científico: <i>Serinus serinus</i></p>	
<p>Família: <i>Fringillidae</i></p>	
<p>Descrição: O chamariz é uma ave pequena, com cerca de 12 cm de comprimento. A sua plumagem é predominantemente amarela com algumas manchas verdes nas costas, tornando-o bastante visível durante a época de reprodução. Alimenta-se principalmente de sementes, sendo uma ave comum em áreas agrícolas e jardins.</p>	
<p>Curiosidades: O chamariz é uma ave que se destaca pelo seu canto melodioso e por formar grandes grupos durante a migração. É também uma espécie adaptável, conseguindo prosperar tanto em áreas urbanas como em campos cultivados.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O chamariz, com a sua habilidade de se adaptar a diferentes ambientes, poderia ser interpretado pelos castrejos como uma ave de boa sorte e prosperidade. A sua presença em campos cultivados, onde poderia ajudar a controlar pragas de sementes, poderia ser vista como uma aliada na agricultura, uma atividade fundamental para as comunidades castrejas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/serser. Última consulta: agosto de 2024. Costa, P. (2006). Aves da Agricultura Portuguesa. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/106632196. Última consulta: agosto de 2024. Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/aves/serinus-serinus. Última consulta: agosto de 2024. Rodrigues, M. (2009). Guia de Campo das Aves Comuns. Porto: Edições Universitárias. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 382-383.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

<p>Cia ou Escrevedeira-de-garganta-cinzenta (<i>Emberiza cia</i> Carolus Linnaeus, 1767)</p>	
<p>Nome Comum: Cia ou Escrevedeira-de-garganta-cinzenta Nome Científico: <i>Emberiza cia</i> Carolus</p>	
<p>Família: <i>Emberizidae</i></p>	
<p>Descrição: A cia é uma ave de pequeno porte, com cerca de 14 cm de comprimento. A sua plumagem é castanha e cinza, com uma garganta pálida que é característica da espécie. Alimenta-se principalmente de sementes e pequenos invertebrados. A cia é frequentemente vista em terrenos agrícolas e campos abertos, onde procura alimento no solo.</p>	
<p>Curiosidades: Esta ave é conhecida pelo seu canto simples, mas agradável, que pode ser ouvido nas primeiras horas da manhã. É uma espécie migratória, que se desloca para o sul da Europa durante o inverno.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A cia, por ser uma ave presente em áreas agrícolas, poderia ser associada pelos castrejos à prosperidade da terra e à boa colheita. A sua presença poderia simbolizar a continuidade da vida e a renovação, temas profundamente ligados ao ciclo agrícola.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/embcia Última consulta: agosto de 2024. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/106632983 Última consulta: agosto de 2024. Pereira, J. (2012). A Fauna das Zonas Rurais e Suas Aves. Porto: Edições da Faculdade de Ciências. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Silva, A. (2007). Aves de Campos e Pastagens. Lisboa: Edições Científicas. Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 402–403.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

Coruja-do-mato ou coruja-do-mato-europeia
(*Strix aluco* L. 1758)



Nome Comum: Coruja-do-mato ou coruja-do-mato-europeia

Nome Científico: *Strix aluco*

Família: *Strigidae*

Descrição: A coruja-do-mato é uma ave noturna de médio porte, com cerca de 40 cm de comprimento. Sua plumagem é marrom acinzentada, com manchas brancas e pretas, ideal para camuflagem entre as árvores. Alimenta-se principalmente de roedores e outros pequenos mamíferos, que caça à noite.

Curiosidades: A coruja-do-mato é conhecida pela sua habilidade de voar silenciosamente, o que a torna uma caçadora eficaz. Seu característico "hoo-hoo" pode ser ouvido durante a noite, marcando seu território.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Na cultura castreja, a coruja-do-mato poderia ser vista como um símbolo de sabedoria e de mistério. Sua natureza noturna e sua capacidade de observar e caçar na escuridão poderiam associá-la à ideia de conhecimento oculto, reverenciado por aqueles que compreendiam os ciclos naturais e espirituais.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Bosuil, Saxifraga-Martin Mollet.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/stralu>. Última consulta: agosto de 2024.

Martins, L. (2014). Aves Noturnas e Seus Habitats. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/aves/item/coruja-do-mato>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 230-231.

<p>Cotovia-dos-bosques (<i>Lullula arborea</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Cotovia-dos-bosques Nome Científico: <i>Lullula arborea</i></p>	
<p>Família: <i>Alaudidae</i></p>	
<p>Descrição: A cotovia-dos-bosques é uma pequena ave, com cerca de 15 cm de comprimento. Possui plumagem discreta, de tons acastanhados, o que a torna bem camuflada nos campos e matos. O seu canto é característico, uma série de notas altas e trêmulas, que podem ser ouvidas durante o voo. Alimenta-se principalmente de sementes, insetos e pequenos artrópodes.</p>	
<p>Curiosidades: A cotovia-dos-bosques é uma espécie migratória, conhecida pelo seu voo alto e elaborado, onde exhibe um canto melodioso. Durante a reprodução, o macho sobe até grandes altitudes para cantar e atrair a fêmea.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos, que tinham um vínculo estreito com a natureza e com os sons do campo, poderiam ter associado o canto da cotovia à chegada das estações e ao ciclo agrícola. A presença dessa ave poderia ser vista como um símbolo de fertilidade e renovação da terra.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/lularb. Última consulta: novembro de 2024</p> <p>iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/158754857. Última consulta: novembro de 2024.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p>Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 250-251.</p>	

Falcão-peneireiro (*Falco tinnunculus* L. 1758)



Nome Comum: Falcão-peneireiro

Nome Científico: *Falco tinnunculus*

Família: *Falconidae*

Descrição: O falcão-peneireiro é uma ave de rapina de médio porte, com plumagem castanha e asas longas e estreitas. É conhecido pelo comportamento de "peneirar", isto é, pairar no ar enquanto procura presas no solo, como pequenos roedores e répteis.

Curiosidades: O falcão-peneireiro é uma das aves de rapina mais adaptáveis, sendo encontrado tanto em zonas rurais como urbanas. O seu voo estacionário é uma das características mais fascinantes, permitindo-lhe caçar com grande precisão.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A habilidade de caça do falcão poderia ter inspirado admiração nos castrejos, que poderiam associá-lo a qualidades como a visão aguçada e a agilidade. O seu papel no controlo de populações de pragas também o tornaria num aliado indireto na agricultura.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/faltn> Última consulta: novembro de 2024.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/aves/falco-tinnunculus> Última consulta: novembro de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 116-117.

<p>Gaio (<i>Garrulus glandarius</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Gaio Nome Científico: <i>Garrulus glandarius</i></p>	
<p>Família: <i>Corvidae</i></p>	
<p>Descrição: O gaio é uma ave de tamanho médio, com cerca de 34 cm de comprimento. A sua plumagem é vibrante, com uma mistura de azul, preto e branco nas asas, e a sua cabeça é de cor castanho-avermelhada. Alimenta-se principalmente de frutas, sementes e pequenos insetos, mas também pode ser observador de outros animais para roubar alimentos.</p>	
<p>Curiosidades: O gaio é conhecido pelo seu comportamento de esconder alimentos para o inverno. A sua inteligência é impressionante, sendo capaz de lembrar-se dos locais onde escondeu as suas reservas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O gaio poderia ser um símbolo de inteligência e estratégia na cultura castreja, já que a ave esconde alimentos e usa as suas habilidades para sobreviver em diferentes condições. A sua capacidade de adaptação poderia ser vista como uma característica importante para as comunidades castrejas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/gargla. Última consulta: agosto de 2024. Observatório Ambiental: https://observatorioambiental-pf.pt/gaio-comum-garrulus-glandarius. Última consulta: agosto de 2024. Santos, R. (2010). Aves de Portugal. Porto: Edições da Universidade do Porto. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 362-363.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

Gralha (*Corvus corone* L. 1758)



Nome Comum: Gralha

Nome Científico: *Corvus corone*

Família: *Corvidae*

Descrição: A gralha é uma ave de porte médio, com plumagem preta brilhante e um bico forte e afiado. Mede cerca de 45 cm de comprimento e possui um voo direto e rápido. A gralha é omnívora, alimentando-se de frutas, sementes, insetos e até restos de animais.

Curiosidades: A gralha é uma ave altamente sociável e, muitas vezes, é encontrada em grupos. A sua inteligência é notável, sendo capaz de usar ferramentas e planejar as suas ações de maneira estratégica. É também uma espécie muito barulhenta, com um canto característico.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A gralha, com seu comportamento astuto e capacidade de adaptação, poderia ser considerada uma ave de boa sorte ou de inteligência na cultura castreja. A sua habilidade de sobreviver em vários ambientes poderia ser associada aos conhecimentos práticos e espirituais que os castrejos possuíam sobre a natureza e os seus recursos.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/corcm>. Última consulta: agosto de 2024.

Parque Biológico de Gaia: <https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/aves/item/gralha-preta>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 366-367.

Melro-preto (*Turdus merula* L. 1758)



Nome Comum: Melro-preto

Nome Científico: *Turdus merula*

Família: *Turdidae*

Descrição: O melro-preto é uma ave de porte médio, com cerca de 25 cm de comprimento. Como o nome indica, a sua plumagem é totalmente preta, com um bico amarelo, que se torna laranja nas aves macho adultas. A sua alimentação é composta principalmente por frutos, sementes e insetos.

Curiosidades: O melro-preto é conhecido pelo seu canto melodioso, que é considerado um dos mais bonitos entre as aves urbanas. É também uma ave territorial e pode ser bastante agressivo ao defender seu território.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O melro-preto, com seu canto que marca o território, poderia ser visto como um símbolo de proteção e poder na cultura castreja. A sua presença nas áreas habitadas pelos castrejos poderia ser associada ao conceito de um ambiente harmonioso e equilibrado, onde cada ser tinha seu papel.

Referências Bibliográficas e WEB:

Almeida, J. (2005). *Aves Canto e Comportamento*. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/turner>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/melro-turdus-merula>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). *Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa*. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 296-297.

Fotografia de João Santos.

Mocho-galego ou chio (*Athene noctua* Scopoli, 1769)



Nome Comum: Mocho-galego ou chio

Nome Científico: *Athene noctua*

Família: *Strigidae*

Descrição: O mocho-galego é uma pequena coruja, com cerca de 20 cm de comprimento, e caracteriza-se pela sua plumagem castanha com manchas claras, além de uma face arredondada e um olhar penetrante. É uma ave noturna, alimentando-se principalmente de pequenos mamíferos, répteis e insetos.

Curiosidades: O mocho-galego é conhecido pela sua adaptabilidade ao ambiente humano, frequentemente nidifica em prédios ou edifícios antigos. A sua habilidade de caçar à noite, com uma visão aguçada, torna-o uma predadora eficaz.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A figura do mocho-galego poderia ter sido associada ao mundo espiritual pelos castrejos, visto como um símbolo de sabedoria e mistério. A sua capacidade de enxergar na escuridão poderia ser interpretada como uma ligação com os mistérios do além ou com o conhecimento oculto.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Inês Sequeira by Wilder.pt

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/athnoc>. Última consulta: agosto de 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 136.

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/aves/athene-noctua>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 232-233.

Petinha-dos-prados (*Anthus pratensis* L. 1758)



Nome Comum: Petinha-dos-prados

Nome Científico: *Anthus pratensis*

Família: Motacillidae

Descrição: A petinha-dos-prados é uma pequena ave, com cerca de 15 cm de comprimento. A sua plumagem é predominantemente acastanhada com uma garganta clara. Caracteriza-se pelo seu voo agitado e a sua alimentação, que consiste principalmente de insetos e sementes. Frequentemente, é observada em campos e prados abertos.

Curiosidades: A petinha-dos-prados tem um voo errático e uma canção melódica, sendo uma ave migratória que passa o inverno em regiões mais amenas. A sua presença é muitas vezes um sinal de que a estação de crescimento está em pleno vigor.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A petinha-dos-prados, associada ao ciclo das estações, poderia ter sido vista pelos castrejos como um indicador da fertilidade das terras e do ciclo agrícola. O seu canto e comportamento errático poderiam ser considerados um reflexo da natureza imprevisível da vida.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/antpra> Última consulta: agosto de 2024.

iNaturalist, *By Naturpel in* Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/101210265> Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). *Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa*. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 266-267.

Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Petinha-dos-prados>

Pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopos major*
L. 1758)



Nome Comum: Pica-pau-malhado-grande

Nome Científico: *Dendrocopos major*

Família: *Picidae*

Descrição: O pica-pau-malhado-grande é uma ave florestal, com plumagem preta e branca e manchas vermelhas no abdómen e na parte posterior da cabeça. Mede cerca de 25 cm e é facilmente reconhecido pelo som rítmico que faz ao bater no tronco das árvores com o bico.

Curiosidades: O pica-pau tem um crânio adaptado para suportar os impactos repetitivos e uma língua longa e pegajosa para capturar insetos no interior dos troncos. Também desempenha um papel importante ao criar cavidades nas árvores que são posteriormente usadas por outras aves e pequenos mamíferos.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos poderiam ter interpretado o comportamento do pica-pau como um exemplo de persistência e adaptação. Além disso, a sua ligação com as árvores, símbolo de fertilidade e vida, poderia ter atribuído a esta ave um valor espiritual ou prático.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Grote bonte specht, Saxifraga-Jan Nijendijk.

Fundação Calouste Gulbenkian, Jardins da Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/jardim/garden-avifauna/pica-pau-malhado-grande>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/pica-pau-malhado-dendrocopos-major>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 244-245.

<p>Pica-pau-verde (<i>Picus sharpei</i> H. Saunders, 1872)</p>	
<p>Nome Comum: Pica-pau-verde Nome Científico: <i>Picus sharpei</i></p>	
<p>Família: <i>Picidae</i></p>	
<p>Descrição: O pica-pau-verde é uma ave de porte médio, com cerca de 30 cm de comprimento. A sua plumagem é verde com algumas manchas vermelhas na cabeça e uma longa cauda adaptada para escalar. Alimenta-se principalmente de insetos que extrai das árvores, utilizando a seu bico forte para perfurar a casca.</p>	
<p>Curiosidades: O pica-pau-verde é conhecido pelo seu comportamento de "bicar" as árvores, criando sons ritmados. É um excelente construtor de ninhos e pode ser encontrado em florestas de diversos tipos.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos poderiam ter associado o pica-pau-verde à ideia de construção e renovação, dada a sua habilidade de perfurar árvores e criar abrigos. A ave poderia simbolizar o trabalho árduo e a dedicação à terra, temas centrais nas culturas agrícolas da época.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Aves de Portugal: https://www.avesdeportugal.info/picsha. Última consulta: setembro de 2024.</p> <p>Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 139.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p>Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 242-243.</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula* L.
1758)



Nome Comum: Pisco-de-peito-ruivo

Nome Científico: *Erithacus rubecula*

Família: *Turdidae*

Descrição: O pisco-de-peito-ruivo é uma ave de pequeno porte, com cerca de 12 cm de comprimento. A sua principal característica é o peito vermelho, que contrasta com o restante do corpo acastanhado. Alimenta-se de insetos e frutos, sendo comum em jardins e bosques.

Curiosidades: Este pássaro é conhecido por ser muito territorial, especialmente durante a época de reprodução, quando exibe um comportamento agressivo para defender o seu território. O canto melodioso do pisco-de-peito-ruivo é um dos sons mais emblemáticos das manhãs de primavera.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O pisco-de-peito-ruivo poderia ter sido interpretado pelos castrejos como um símbolo da chegada da primavera, e de renovação. O seu comportamento territorial poderia ser associado à defesa da família e do lar, valores importantes nas sociedades antigas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/eriu>. Última consulta: agosto de 2024.

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 143.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/pisco-de-peito-ruivo-erithacus-rubecula>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 276-277.

Rabirruivo ou Rabirruivo-preto (*Phoenicurus ochruros* Gmelin. 1774)



Nome Comum: Rabirruivo ou Rabirruivo-preto

Nome Científico: *Phoenicurus ochruros*

Família: *Muscicapidae*

Descrição: O rabirruivo-preto é uma ave de médio porte, com cerca de 14 cm de comprimento. A sua plumagem apresenta um contraste entre o corpo escuro e o ventre alaranjado, especialmente evidente na cauda, que é característica. O rabirruivo-preto é uma ave migratória e alimenta-se principalmente de insetos. É comum em áreas rochosas e jardins, onde pode ser avistado caçando no chão ou sobre pedras.

Curiosidades: O rabirruivo-preto é conhecido pelo seu voo ágil e pelo seu canto melodioso. Durante a época de reprodução, o macho realiza exhibições no topo das rochas para atrair a fêmea. A sua presença em áreas urbanas, como muros e edifícios antigos, demonstra sua adaptabilidade ao ambiente humano.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O rabirruivo-preto, com a sua relação com rochas e terrenos mais áridos, pode ter sido uma ave observada pelos castrejos nos seus habitats. A sua cauda vibrante e a sua territorialidade poderiam ser associadas à ideia de proteção e continuidade, aspetos importantes nas crenças castrejas sobre a preservação do território e da família.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/phooch/>. Última consulta: agosto de 2024.

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/85651672>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/rabirruivo-phoenicurus-ochruros>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 280-281.

Tordo-músico ou tordo-comum (*Turdus philomelos* Brehm. 1831)



Nome Comum: Tordo-músico, tordo-pinto ou tordo-comum

Nome Científico: *Turdus philomelos*

Família: *Turdidae*

Descrição: O tordo-músico é uma ave de tamanho médio, com cerca de 25 cm de comprimento. A sua plumagem é acastanhada, com manchas escuras no peito. Possui uma vocalização rica e melodiosa, o que lhe confere o nome de "músico". Alimenta-se de frutos, insetos e vermes, sendo uma ave que habita em bosques e jardins.

Curiosidades: O tordo-músico é famoso pela sua canção, que é uma das mais belas e prolongadas entre as aves europeias. A sua capacidade de imitar outros sons também é notável, o que faz dele um pássaro fascinante para observadores.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A canção do tordo-músico poderia ter sido associada pelos castrejos ao encantamento da natureza e à ligação com o mundo espiritual, representando uma harmonia entre o humano e o divino. O fato de ser uma ave migratória poderia ser simbolicamente ligado à mudança de estações e aos ciclos da vida.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de João Santos.

Almeida, S. (2006). O Canto das Aves. Porto: Edições da Faculdade de Ciências.

Aves de Portugal: <https://www.avesdeportugal.info/turphi>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/tordo-comum-turdus-philomelos>. Última consulta: agosto de 2024.

Pereira, F. (2009). Aves Migratórias e Seus Comportamentos. Lisboa: Edições da Universidade de Lisboa.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Svensson L. (2022). Guia de Aves – O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa. Porto Editora. 4ª Edição. Pág. 294-295.

Mamíferos (descrição por espécie)


Os mamíferos são um grupo de animais que incluem mamíferos terrestres, como roedores, carnívoros e ungulados. Na Citânia de Sanfins, foram identificados mais de uma dezena de espécies de mamíferos, embora para este catálogo foram selecionadas apenas aquelas que são consideradas mais relevantes com o intuito de promover o conhecimento e a salvaguarda e proteção do património natural local.

Os mamíferos da Citânia de Sanfins aqui catalogados, representam a riqueza da biodiversidade de espécies que podem ser facilmente vistos pelas pessoas como um testemunho da riqueza e da complexidade do ecossistema local.

Os mamíferos desempenham, ainda hoje, um papel fundamental na Citânia de Sanfins, servindo como fonte de alimento para outros animais e ajudando a controlar a população de outras espécies inferiores de fauna e flora. Além disso, os mamíferos também são importantes componentes da cultura local, com muitas espécies sendo consideradas símbolos ou representações culturais na região.

Neste guia, vamos apresentar espécies de mamíferos identificadas e registadas na Citânia de Sanfins, incluindo informações sobre suas características, hábitos e importância para a ecossistema, para a cultura e para a história local. Alguns destes animais tiveram um papel importante durante os períodos castrejos, romanos e medievais e, ainda hoje, representam um importante testemunho do património natural local.

<p>Coelho-bravo (<i>Oryctolagus cuniculus</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Coelho-bravo Nome Científico: <i>Oryctolagus cuniculus</i></p>	
<p>Família: <i>Leporidae</i></p>	
<p>Descrição: O coelho-bravo é um mamífero de pequeno porte, com cerca de 40 cm de comprimento e cauda curta. A sua pelagem é geralmente castanha ou cinza, adaptada ao ambiente de arbustos e campos. Habita em tocas, onde constrói complexos sistemas subterrâneos para proteção e reprodução. Alimenta-se principalmente de vegetação, como ervas e arbustos.</p>	
<p>Curiosidades: Os coelhos-bravos são conhecidos pela sua habilidade de cavar e formar tocas, que funcionam como refúgio contra predadores. A sua reprodução é muito eficiente, com as fêmeas podendo gerar várias ninhadas ao longo do ano. A sua presença em grandes quantidades pode influenciar a vegetação local devido ao seu consumo.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O coelho-bravo pode ter sido uma fonte importante de alimento e peles para os castrejos. Além disso, a sua habilidade de escavar tocas pode ter sido vista como uma metáfora para os rituais de proteção e renovação. A relação com a terra e o subterrâneo também poderia refletir crenças sobre o ciclo da vida e da morte, temas recorrentes nas culturas antigas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p> <p>Costa, F. (2007). Pequenos Mamíferos e suas Estratégias de Sobrevivência. Porto: Universidade do Porto. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: https://www.icnf.pt/api/file/doc/c3fe48dec2b89824 Última consulta: julho de 2024.</p> <p>Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/oryctolagus-cuniculus. Última consulta: julho de 2024.</p> <p>Pereira, R. (2003). Fauna Selvagem de Portugal. Lisboa: Edições Universitárias.</p> <p>Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p>	

<p>Doninha-pequena (<i>Mustela nivalis</i> L. 1766)</p>	
<p>Nome Comum: Doninha-pequena Nome Científico: <i>Mustela nivalis</i></p>	
<p>Família: <i>Mustelidae</i></p>	
<p>Descrição: A doninha-pequena é um mamífero carnívoro de pequeno porte, com cerca de 20 a 30 cm de comprimento. A sua pelagem é de cor castanha clara, com um ventre branco. A sua cauda é curta, e é conhecida pela sua agilidade e habilidade de caçar pequenos roedores e aves. Habita em terrenos florestais e agrícolas.</p>	
<p>Curiosidades: A doninha-pequena é extremamente ágil e possui uma grande capacidade de caça, especialmente a pequenos roedores. A sua dieta varia de acordo com a disponibilidade de presas, mas é conhecida por caçar rapidamente e em espaços apertados.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A doninha-pequena, com as suas habilidades de caça, poderia ter sido associada à destreza e à vigilância pelos castrejos. O seu comportamento ágil e furtivo talvez fosse relacionado a características de astúcia e eficiência, virtudes valorizadas nas sociedades antigas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Wezel, Saxifraga-Piet Munsterman.</p> <p>Almeida, P. (2008). A Vida dos Pequenos Carnívoros. Porto: Edições Universidade do Porto. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/99139340. Última consulta: agosto de 2024. Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/mustela-nivalis. Última consulta: agosto de 2024. Observatório Ambiental – PF: https://observatorioambiental-pf.pt/doninha-mustela-nivalis. Última consulta: agosto de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição Silva, R. (2005). Mamíferos de Portugal: Uma Visão Geral. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.</p>	

Javali (*Sus scrofa* L. 1758)



Nome Comum: Javali

Nome Científico: *Sus scrofa*

Família: *Suidae*

Descrição: O javali é um mamífero de grande porte, com cerca de 1,5 metros de comprimento e pode pesar até 100 kg. Possui uma pelagem espessa e escura, com grandes presas que se destacam no focinho. Habita florestas e terrenos de vegetação densa, alimentando-se principalmente de raízes, frutos e pequenos animais.

Curiosidades: Os javalis são conhecidos pela sua força e agressividade. A sua capacidade de se adaptar a diferentes ambientes, inclusive áreas agrícolas, fez com que aumentassem a sua população em várias partes do mundo. Eles são também conhecidos por escavar o solo à procura de alimentos (fossadas).

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O javali era uma importante fonte de alimento e recursos para os castrejos, sendo a sua carne apreciada e as suas presas utilizadas. Em algumas culturas antigas, o javali poderia simbolizar a força e resistência, sendo possível que os castrejos o associassem a características de poder e sobrevivência.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Wild zwijn, Saxifraga-Mark Zekhuis.

Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto

Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/sus-scrofa>. Última consulta: agosto de 2024.

Observatório Ambiental – PF: <https://observatorioambiental-pf.pt/javali-sus-scrofa>. Última consulta: agosto de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus* Schreber, 1774)



Nome Comum: Morcego-anão

Nome Científico: *Pipistrellus pipistrellus*

Família: *Vespertilionidae*

Descrição: O morcego-anão é uma das menores espécies de morcegos, com uma envergadura de asas de cerca de 20 cm e um corpo que pode atingir 4 cm de comprimento. A sua coloração é geralmente castanha escura, e é uma espécie insetívora, alimentando-se principalmente de mosquitos e outros insetos noturnos.

Curiosidades: Os morcegos-anões têm uma habilidade impressionante de ecolocalização, utilizando ultrassons para localizar as suas presas no escuro. São essenciais no controlo de populações de insetos, especialmente em áreas agrícolas. A sua presença nas construções humanas é comum, onde frequentemente utilizam sótãos e outros espaços para se abrigar.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: O morcego-anão, como outros morcegos, poderia ter sido visto pelos castrejos como uma criatura mística, associada à noite e ao mundo dos espíritos. A sua habilidade de voar silenciosamente e a sua ligação com a escuridão poderiam ser simbolicamente relacionadas à ideia de transição e transformação, conceitos presentes nas crenças espirituais castrejas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Gewone dwergvleermuis, Saxifraga-Jeroen Willemsen.
Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto
Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/sus-scrofa>. Última consulta: agosto de 2024.
Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

<p>Ouriço-cacheiro (<i>Erinaceus europaeus</i> L. 1758)</p>	
<p>Nome Comum: Ouriço-cacheiro Nome Científico: <i>Erinaceus europaeus</i></p>	
<p>Família: <i>Erinaceidae</i></p>	
<p>Descrição: O ouriço-cacheiro é um pequeno mamífero de hábitos noturnos, com cerca de 20 a 30 cm de comprimento. É facilmente reconhecido pelas suas cerdas rígidas, que formam uma armadura de proteção contra predadores. Alimenta-se principalmente de insetos, mas também de minhocas, pequenos vertebrados e frutos.</p>	
<p>Curiosidades: Quando ameaçado, enrola-se numa bola, expondo apenas os espinhos para se proteger. O ouriço é um animal de grande valor ecológico, por ser um controlador natural de pragas em jardins e campos agrícolas.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Os castrejos podiam observar o ouriço-cacheiro como um símbolo de proteção e autossuficiência. A sua presença em áreas habitadas sugeria um ecossistema equilibrado, e é provável que fosse considerado um aliado na manutenção das culturas agrícolas.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de Egel, Saxifraga-Mark Zekhuis.</p> <p>Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/erinaceus-europaeus. Última consulta: agosto de 2024. Parque Biológico de Gaia: https://parquebiologico.pt/animais-plantas/fauna/mamiferos/item/ourico-cacheiro. Última consulta: agosto de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p>	

Raposa-vermelha (*Vulpes vulpes* L. 1758)



Nome Comum: Raposa-vermelha

Nome Científico: *Vulpes vulpes*

Família: *Canidae*

Descrição: A raposa-vermelha é um mamífero carnívoro de médio porte, com pelagem avermelhada e cauda longa e espessa. É uma espécie muito adaptável, habitando desde florestas até áreas urbanas. A sua dieta é variada, incluindo pequenos mamíferos, aves e até frutas.

Curiosidades: A raposa-vermelha é conhecida pela sua inteligência e astúcia. A sua capacidade de se adaptar a diferentes ambientes e estratégias de caça a tornam uma das espécies mais bem-sucedidas em termos de sobrevivência.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: A raposa-vermelha poderia ter sido vista pelos castrejos como um símbolo de astúcia e adaptabilidade. A sua habilidade de sobreviver em diferentes ambientes e as suas estratégias de caça poderiam ser associadas à sabedoria e resistência, valores importantes nas culturas antigas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Fotografia de Vos, Saxifraga-Jan Nijendijk.

Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto
Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/vulpes-vulpes>. Última consulta: julho de 2024.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus* L. 1758)



Nome Comum: Rato-do-campo

Nome Científico: *Apodemus sylvaticus*

Família: *Muridae*

Descrição: O rato-do-campo é um pequeno roedor com cerca de 10 cm de comprimento. A sua pelagem é geralmente castanha, com um ventre mais claro. É uma espécie noturna que se alimenta principalmente de sementes, frutos e insetos.

Curiosidades: O rato-do-campo é uma espécie comum em campos, florestas e jardins. A sua habilidade de se reproduzir rapidamente e de construir ninhos subterrâneos permite-lhe sobreviver numa variedade de habitats.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Embora não fosse uma fonte primária de alimento para os castrejos, o rato-do-campo poderia ter sido visto como uma presença constante no ecossistema, sendo talvez utilizado como indicador de saúde ambiental e do equilíbrio ecológico.

Referências Bibliográficas e WEB:

Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 165.
iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/99134370> Última consulta: agosto de 2024.
Macdonald D. e P. Barret (1993). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. FAPAS e Câmara Municipal do Porto. Porto
Museu Virtual da Biodiversidade, Universidade de Évora: <https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/elenco-de-especies/biodiversidade-actual/animais/cordados/mamiferos/apodemus-sylvaticus>. Última consulta: julho de 2024.
Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

Macrofungos (descrição por espécie)

Os macrofungos (cogumelos) são, também um complemento essencial à biodiversidade da Citânia de Sanfins, um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural assente no território de Paços de Ferreira.

Estes organismos, pertencentes ao grupo dos fungos (*Fungi*), são conhecidos pelas suas características únicas, como fonte de alimento para animais e humanos, e a sua capacidade de decomposição de matéria orgânica, tendo como umas das principais funções a devolução do carbono ao solo. A investigação dos macrofungos na Citânia de Sanfins surge com a preocupação de dar a conhecer estes espécimes para compreender melhor a sua importância nos ecossistemas locais, e para desenvolver estratégias de conservação mais eficazes. Além disso, a presença de macrofungos na Citânia de Sanfins pode também ser uma atração turística importante, permitindo que os visitantes apreciem a beleza natural e a riqueza deste reino no local.



FAUNA DA CITÂNIA DE SANFINS
2025



FOTOGRAFIA: LUÍS CUNHA E ERNESTO GONÇALVES

Figura 25. Mosaico dos macrofungos inventariados na Citânia de Sanfins.

Chifre-fedorento-comum (*Phallus impudicus* L.
1753)



Nome Comum: Chifre-fedorento-comum

Nome Científico: *Phallus impudicus*

Família: *Phallaceae*

Descrição: O chifre-fedorento-comum é um cogumelo caracterizado pela sua forma que lembra um falo, de coloração amarelada a esbranquiçada. Emite um odor fétido que atrai insetos para ajudar na dispersão das suas esporas.

Curiosidades: O cogumelo tem um ciclo de vida peculiar, sendo inicialmente uma estrutura globosa que cresce para formar um "chifre". O odor fétido é uma estratégia para atrair insetos, que ao pousarem na superfície do cogumelo, espalham as esporas.

Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Este cogumelo poderia ter sido observado pelos castrejos devido ao seu aroma peculiar. Considerando que o conceito de fertilidade e os ciclos naturais eram essenciais na cultura castreja, é possível que este cogumelo estivesse ligado a essas ideias simbólicas.

Referências Bibliográficas e WEB:

Ferreira, A. (2007). Cogumelos de Portugal: Variedades e Usos. Lisboa: Edições Científicas.


Guia de Campo da Mata de Vilar (2022). Mata de Vilar Pulmão de Lousada. Câmara Municipal de Lousada. Pág. 181

iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: <https://www.inaturalist.org/observations/102901941> Última consulta: agosto de 2024.

Oliveira, T. (2009). O Mundo dos Fungos. Porto: Universidade do Porto.

Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição

Fotografia de João Santos.

<p>Cogumelo-de-funil-castanho (<i>Coltricia perennis</i> (L.) Murril. 1903)</p>	
<p>Nome Comum: Cogumelo-de-funil-castanho Nome Científico: <i>Coltricia perennis</i></p>	
<p>Família: <i>Polyporaceae</i></p>	
<p>Descrição: Este cogumelo tem uma forma de funil, com uma tonalidade castanha a avermelhada e uma consistência coriácea. Cresce em troncos de árvores em decomposição e é um decompositor essencial para a saúde do ecossistema.</p>	
<p>Curiosidades: O cogumelo-de-funil-castanho desempenha um papel crucial na decomposição de madeira, ajudando a retornar os nutrientes ao solo. A sua resistência a condições adversas faz dele um cogumelo persistente, aparecendo durante todo o ano em habitats florestais.</p>	
<p>Relação com o Passado e a Cultura Castreja: Como decompositor, o cogumelo poderia ser associado pelos castrejos ao ciclo de renovação e regeneração da natureza. A sua função ecológica seria vista como uma representação dos processos naturais que eram essenciais para a vida e a espiritualidade castreja.</p>	
<p>Referências Bibliográficas e WEB:</p> <p>Ribeiro, F. (2006). Cogumelos e seu Papel no Ecossistema. Lisboa: Edições Universitárias. Sousa, D. (2008). Fungos: Aspectos Ecológicos e Históricos. Porto: Universidade do Porto. iNaturalist, By João Santos in Citânia de Sanfins: https://www.inaturalist.org/observations/99135382 Última consulta: agosto de 2024. Silva A.C.F. (2007). A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. 2ª Edição</p> <p style="text-align: right;">Fotografia de João Santos.</p>	

Períodos de Observação e Floração das espécies inventariadas

Durante o período de investigação, foi realizada uma inventariação sistemática da biodiversidade presente na Citânia de Sanfins, com base em observações diretas, registos fotográficos e cruzamento de dados com bibliografia especializada. Esta recolha permitiu identificar um total de 126 espécies, distribuídas por diferentes grupos biológicos, tanto de flora e macrofungos como de fauna. Esta diversidade demonstra a riqueza ecológica e funcional do território, confirmando a presença de habitats bem preservados e de espécies com interesse ecológico, educativo e patrimonial.

Grupos de Plantas e Macrofungos	Quantidade de Espécies
Musgos e Líquenes	3
Fetos	5
Plantas Herbáceas	27
Arbustos	8
Árvores	6
Macrofungos (cogumelos)	2

Tabela 4: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Flora e Macrofungos.

Grupos de animais	Quantidade de Espécies
Invertebrados	38
Anfíbios	4
Répteis	8
Aves	18
Mamíferos	7

Tabela 5: Resultados da inventariação de espécies por grupo biológico. Fauna.

Estes números atestam a complexidade e vitalidade dos ecossistemas da Citânia de Sanfins, e sustentam a hipótese de que o património natural teve um papel crucial no assentamento e na sobrevivência das comunidades humanas que ali viveram.

Mais do que registos estatísticos, os dados obtidos através da inventariação oferecem hoje uma perspetiva holística de leitura do território, permitindo compreender como a biodiversidade, (mas também a geologia e a água), e a paisagem influenciaram profundamente o quotidiano das populações. Ao mesmo tempo, estes dados assumem-se como um recurso atual de elevado valor para o desenvolvimento de estratégias de turismo de natureza, educação patrimonial e valorização ambiental. A possibilidade de integrar a observação da fauna e flora num percurso interpretativo pelas ruínas da Citânia de Sanfins abre espaço a experiências imersivas, sustentáveis e cientificamente fundamentadas, onde o visitante não apenas observa vestígios do passado, mas compreende como a vida – natural e humana – se organizava de forma interdependente no território. Esta visão integrada reforça o potencial da Citânia de Sanfins como um modelo de interpretação e promoção do património natural e cultural em simultâneo, ao serviço da sensibilização, da fruição pública e da construção de um futuro mais informado e sustentável.

BIODIVERSIDADE - CITÂNIA DE SANFINS

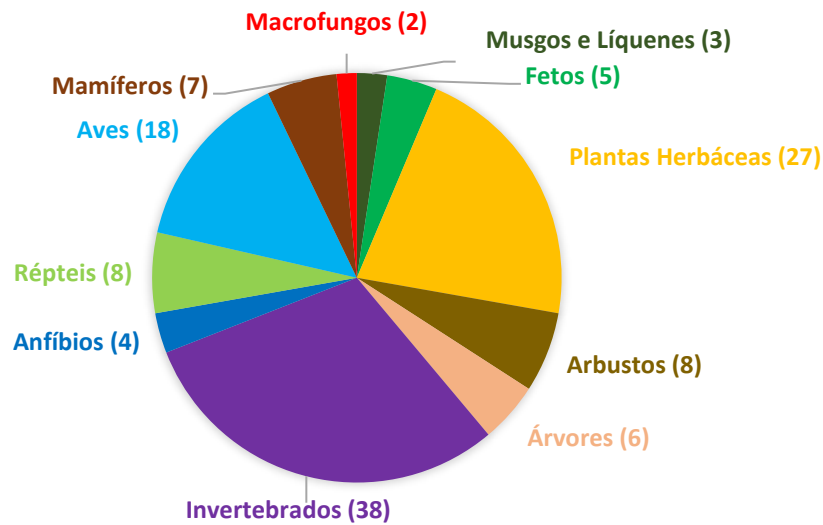


Gráfico 7: Quantidade de espécies identificadas na Citânia de Sanfins

O Gráfico 1, representa a biodiversidade inventariada na Citânia de Sanfins para a dissertação da tese, e compila 126 espécies identificadas, com destaque para os invertebrados (38), seguidos das plantas herbáceas (27), aves (18), répteis (8), arbustos (8), mamíferos (7), fetos (5), musgos e líquenes (3), macrofungos (2) e árvores (6). Esta diversidade prova a existência de um ecossistema complexo, funcional e resiliente, que pode sustentar diferentes formas de vida ao longo do ano. A distribuição equilibrada entre fauna e flora, e a presença de espécies com interesse alimentar, medicinal, simbólico e educativo, validam a hipótese de que o patrimônio natural da Citânia de Sanfins foi um elemento estruturante para o desenvolvimento da comunidade castreja. Este gráfico é a prova empírica de que este sítio arqueológico não é apenas um espaço histórico, mas um sistema ecológico vivo.

FASE DE INTERESSE DE OBSERVAÇÃO DE ESPÉCIES (relativamente)

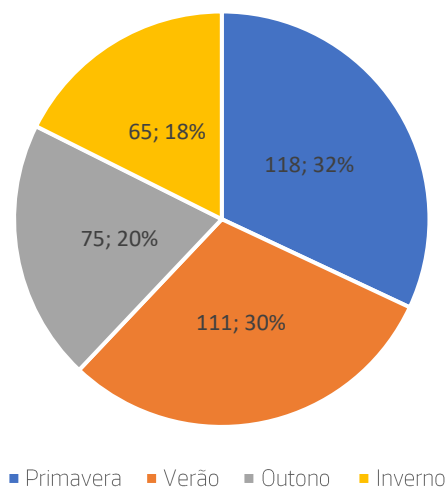


Gráfico 8: Fase de floração e de observação das espécies, por período.

O gráfico referente à Fase de Interesse de Observação das Espécies (*Gráfico 2*), evidencia que a primavera (32%) e o verão (30%) são os momentos mais ricos em termos de diversidade visível, seguidos do outono (20%) e do inverno (18%). Esta informação torna-se, deste modo, essencial para o planeamento de atividades de turismo de natureza e educação ambiental, pois permite ajustar os períodos de visitação às fases de maior riqueza biológica. Além disso, demonstra que o território da Citânia de Sanfins tem potencial de observação e estudo durante todo o ano, com diferentes destaques em cada estação, reforçando o seu valor como espaço de aprendizagem ao ar livre, coerente com os princípios do ODS 4 – Educação de Qualidade e ODS 15 – Proteger a Vida Terrestre.

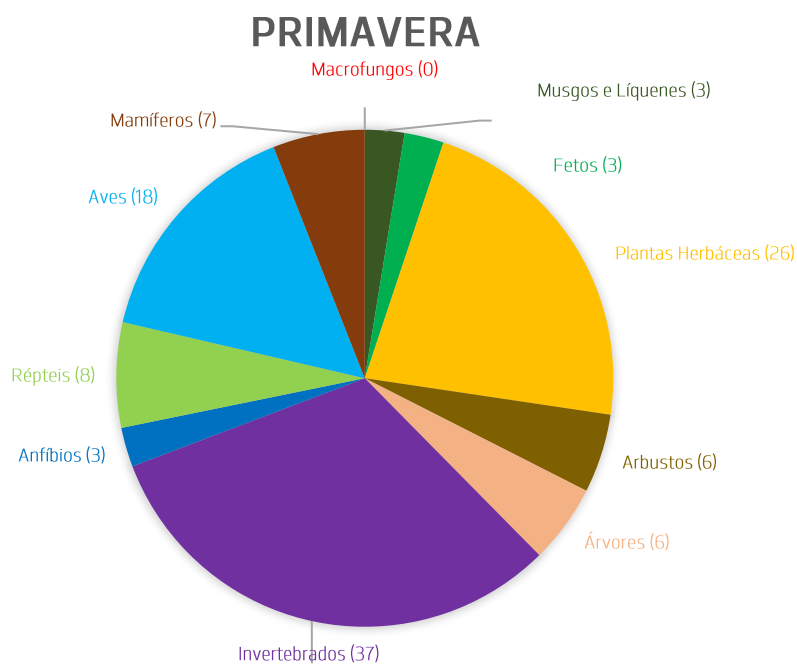


Gráfico 9 Período de observação por grupo de espécies durante a primavera.

O gráfico referente à Primavera (*Gráfico 3*), confirma a importância desta estação como o pico da expressão biológica na Citânia de Sanfins. Com 27 plantas herbáceas, 18 aves, 8 répteis, 7 mamíferos, 4 anfíbios e 38 invertebrados, observa-se uma diversidade significativa, especialmente nos grupos vegetais e nos polinizadores. Esta fase é marcada pela floração intensa da maioria das espécies botânicas, como as urzes, tojos, giestas, dente-de-leão ou calêndula, além do aumento da atividade faunística. A flora em floração e a elevada mobilidade da fauna tornam esta estação a mais indicada para a observação ecológica, recolha de alimentos silvestres e práticas culturais ou espirituais ligadas ao renascimento cíclico da natureza. Para os povos castrejos, a primavera representava, provavelmente, um tempo de abundância, de fertilidade agrícola e de rituais de renovação, reforçando a sua relação com a paisagem.

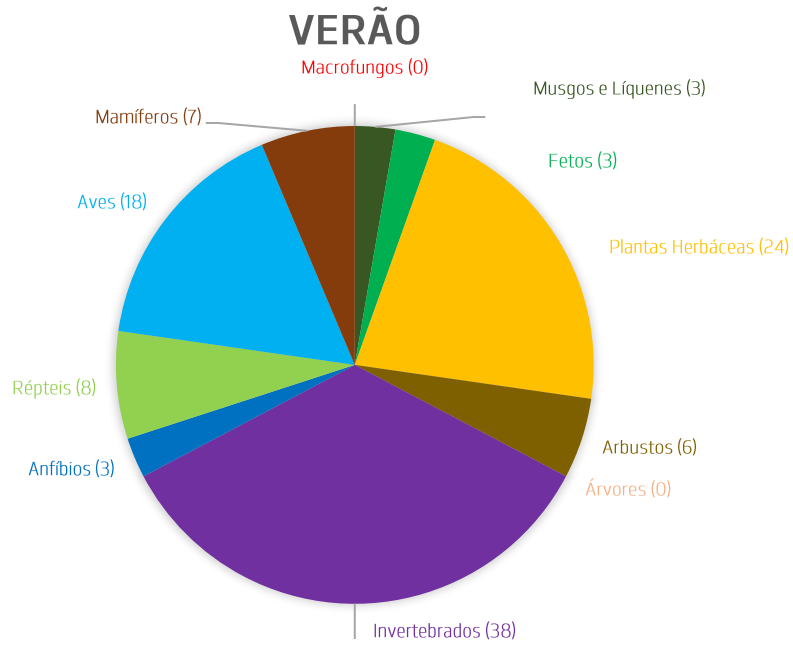


Gráfico 10 Período de observação por grupo de espécies durante o verão.

No Verão (*Gráfico 4*), os dados confirmam uma manutenção da biodiversidade, com particular destaque para os 38 invertebrados e as 24 plantas herbáceas, sugerindo a persistência de polinizadores e a maturação de muitas espécies vegetais. Observam-se ainda 18 aves, 8 répteis, 7 mamíferos e 3 anfíbios, acompanhados por 6 arbustos, 3 musgos e líquenes, e 3 fetos, embora sem árvores floridas. Esta é uma época rica em recursos comestíveis e práticas económicas, como a recolha de frutos (amoras, pinhões), caça de espécies mais ativas e manutenção de áreas agrícolas. A elevada visibilidade da fauna torna esta estação propícia à atividade educativa e científica, sendo ainda coerente com a hipótese de que o verão era uma estação de forte mobilidade e exploração territorial entre os povos da Citânia.

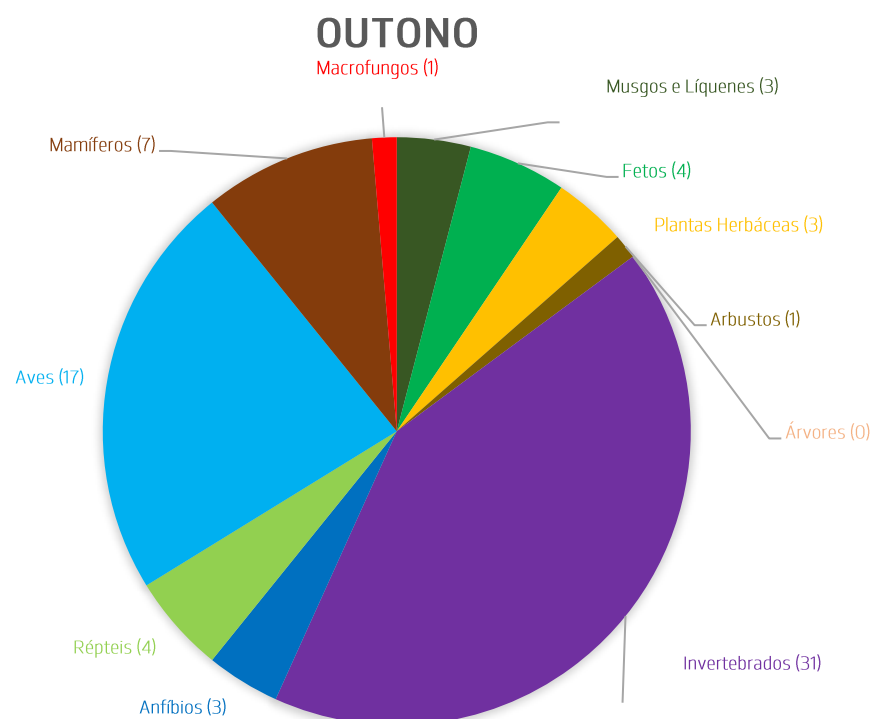


Gráfico 11: Período de observação por grupo de espécies durante o outono.

O gráfico do Outono (*Gráfico 5*), apresenta uma quebra significativa na flora em floração, com apenas 3 herbáceas, 1 arbusto, 4 fetos e 3 musgos e líquenes, mas o aparecimento de 1 macrofungo e a manutenção da atividade faunística (31 invertebrados, 17 aves, 7 mamíferos, 4 répteis e 3 anfíbios) mostram que a natureza da Citânia continua a oferecer recursos mesmo em época de transição. O outono marca o tempo das colheitas finais – castanhas, bolotas – e a preparação para o inverno, podendo corresponder, no contexto castrejo, a um tempo de ritual de fecho de ciclo, conservação de alimentos e celebrações sazonais. A presença de macrofungos reforça o valor simbólico da regeneração, muito presente nas culturas antigas.

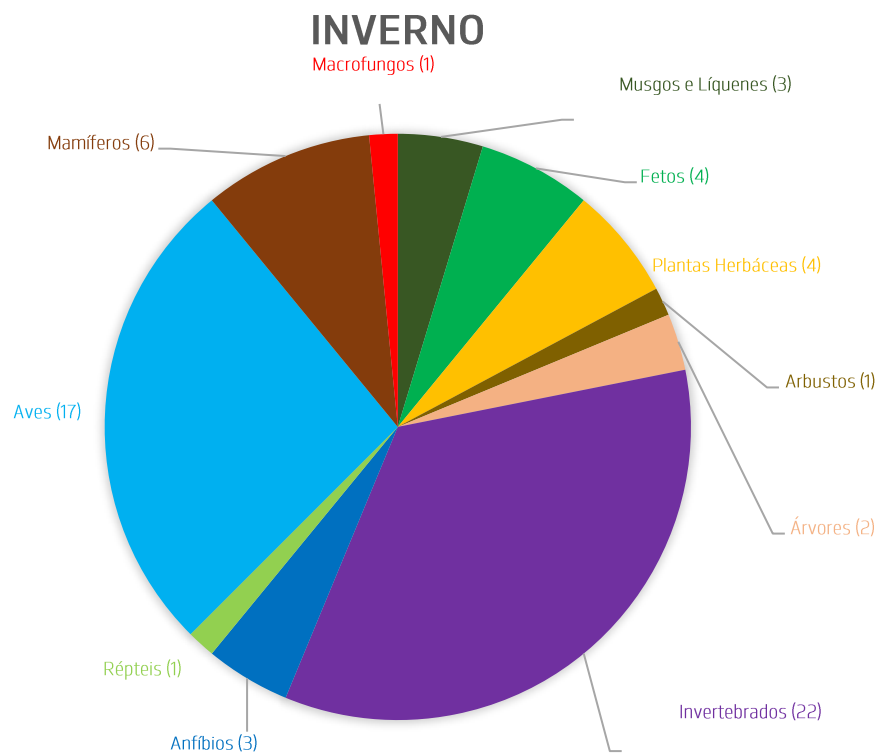
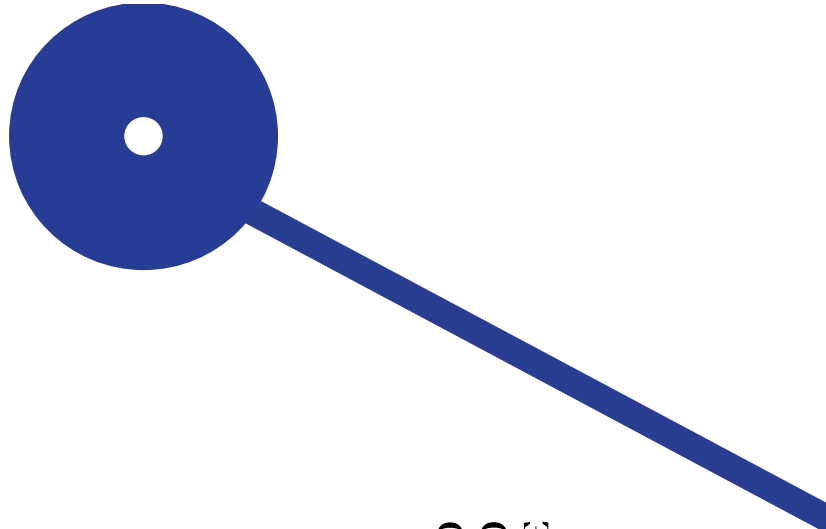


Gráfico 12 Período de observação por grupo de espécies durante o inverno.

Durante o Inverno, a biodiversidade reduz-se, como esperado, mas não desaparece (*Gráfico 6*). A presença de 4 plantas herbáceas, 1 arbusto, 4 fetos, 3 musgos e líquenes, 2 árvores em floração, e 1 macrofungo mantém a estrutura ecológica ativa, ainda que de forma menos visível. A fauna apresenta 22 invertebrados, 17 aves, 6 mamíferos, 3 anfíbios e apenas 1 réptil, revelando uma resiliência notável do ecossistema, mesmo nas condições mais adversas. A manutenção da avifauna e dos invertebrados, bem como a presença de macrofungos, indica a importância destes grupos para a continuidade do ciclo biológico. Para os povos antigos, o inverno seria o tempo do abrigo, da introspeção e da dependência dos recursos armazenados – um verdadeiro teste à autossuficiência e ao planeamento comunitário, sustentado pelo território.

Síntese interpretativa final dos gráficos acima apresentados

A leitura conjunta dos gráficos revela uma dinâmica ecológica contínua e adaptada ao ritmo natural das estações, o que sustenta a hipótese desta dissertação: a biodiversidade, a geologia e os recursos naturais da Citânia de Sanfins foram fatores determinantes para a escolha e sustentação do povoado castrejo durante vários séculos. A diversidade observada – tanto em flora como em fauna – demonstra que este território fornecia, sazonalmente, os recursos necessários à sobrevivência, proteção e organização de uma comunidade numerosa e complexa. Ao mesmo tempo, estes dados mostram o enorme potencial da Citânia como destino de turismo de natureza e lugar de educação patrimonial integrada, onde o visitante pode experimentar não só a memória das pedras, mas também a vitalidade dos ecossistemas que permanecem. A observação da biodiversidade torna-se, assim, uma ferramenta complementar à leitura histórica e arqueológica, contribuindo para uma visão holística do património, como propõe a Agenda 2030 da UNESCO. Este território vivo, com memória, natureza e identidade, pode (e deve) ser promovido como um exemplo de sustentabilidade cultural e ecológica, à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.



**A INFLUENCIA DO PATRIMÓNIO
NATURAL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA DE
SANFINS: Uma proposta e contributos**
Ernesto dos Santos Gonçalves